



Universidade de Brasília
Faculdade de Ciência da Informação
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

CARLOS HENRIQUE JUVÊNCIO

**MANOEL CÍCERO PEREGRINO DA SILVA, A BIBLIOTECA NACIONAL E AS
ORIGENS DA DOCUMENTAÇÃO NO BRASIL**

VOLUME 1

**Brasília, DF
2016**

CARLOS HENRIQUE JUVÊNIO

**MANOEL CÍCERO PEREGRINO DA SILVA, A BIBLIOTECA NACIONAL E AS
ORIGENS DA DOCUMENTAÇÃO NO BRASIL**

Tese apresentada ao curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Faculdade Ciência da Informação da Universidade de Brasília, como requisito à obtenção do título de Doutor em Ciência da Informação.
Brasília, DF, 30 de setembro de 2016.

Área de Concentração: Gestão da Informação.

Linha de Pesquisa: Organização da Informação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Georgete Medleg Rodrigues.

VOLUME 1

Brasília, DF
2016

J97m Juvêncio, Carlos Henrique.

Manoel Cícero Peregrino da Silva, a Biblioteca Nacional e as origens da Documentação no Brasil / Carlos Henrique Juvêncio. – 2016.
2 v., 341 f.; 30 cm.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Georgete Medleg Rodrigues.

Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília, Faculdade de Ciência da Informação, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Brasília, 2016.

1. Documentação. 2. Biblioteconomia. 3. Ciência da Informação. 4. Paul Otlet. 5. Henri La Fontaine. 6. Biblioteca Nacional. 7. Instituto Internacional de Bibliografia. 8. Manoel Cícero Peregrino da Silva. I. Rodrigues, Georgete Medleg. II. Título.

CDU 002:02



FOLHA DE APROVAÇÃO

Título: "Manoel Cícero Peregrino da Silva, a Biblioteca Nacional e as origens da Documentação no Brasil".

Autor (a): Carlos Henrique Juvêncio da Silva
Área de concentração: Gestão da Informação
Linha de pesquisa: Organização da Informação

Tese submetida à Comissão Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de **Doutor em Ciência da Informação**.

Tese aprovada em: 30 de setembro de 2016.

Profª Drª Georgete Medleg Rodrigues
Presidente (UnB/PPGCINF)

Prof. Dr. Gustavo da Silva Saldanha
Membro Externo (IBICT/UFRJ)

Profª Drª Tereza Cristina Kirschner
Membro Externo (UnB/PPGHIS)

Profª Drª Eliane Braga de Oliveira
Membro Interno (UnB/PPGCINF)

Prof. Dr. Rodrigo da Silva Rabello
Membro Interno (UnB/FCI)

Profª Drª Dulce Maria Baptista
Suplente (UnB/PPGCINF)

À Bárbara que me fez entender que a vida também é feita para amar, sentir, se dedicar e, sobretudo, sorrir ao lado de alguém dizendo sim a cada dia.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à Deus, essa energia que move o universo.

Gostaria de agradecer ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCINF) por confiar na realização do trabalho e à CAPES, pela bolsa que me ofereceu condições para o desenvolvimento desta tese.

Agradeço aos amigos da Biblioteca Nacional e ao *Mundaneum* (Bélgica), na figura da senhora Stéphanie Manfroid, responsável pelo Centre d'Archives, sempre tão solícitos e gentis. Não poderia, esquecer, ainda, dos funcionários dos Arquivos Históricos do Itamaraty, que muito me ajudaram na descoberta dos documentos.

Assim como na dissertação, reitero meus agradecimentos à minha orientadora, Georgete Medleg Rodrigues, a quem muito admiro e agradeço todo o apoio e confiança – desejando que o futuro nos reserve muito mais parcerias – agradeço o grande incentivo de sempre, as leituras atentas e cuidadosas ao longo do trabalho, além de todos os ensinamentos, que ultrapassaram a simples orientação e chegam às vias da educação maternal.

Agradeço aos membros da banca, professores Gustavo da Silva Saldanha, Teresa Cristina Kirschner, Eliane Braga de Oliveira, Rodrigo Rabello da Silva e Dulce Maria Baptista pelas contribuições ao longo desses anos, pelos ouvidos quando falava sobre o projeto (e pela paciência!), aos conselhos e, sobretudo, pela amizade. Me coloco dentre aqueles que têm a sorte de contar com olhares tão especializados na Banca, por isso, agradeço a vocês! Agradeço ainda aos membros do grupo de pesquisa Estado Informação e Sociedade, que muito contribuíram com suas discussões e interesse sobre o tema.

Minha gratidão aos meus ex-alunos, que tão bem me acolheram, que me fizeram ser um profissional melhor e que se tornaram parceiros para a vida! Muito obrigado!

Agradeço ainda, por mais que seja diferente, à Brasília, essa cidade que para uns é sem graça, mas onde encontrei a realização e a felicidade, obrigado candangos e brasilienses por me receberem tão bem e me ajudar a fazer desta, também, a minha cidade! Agradeço, ainda, aos muitos amigos que aqui fiz: Alessandra, Cris, Dirlene, Jorge, Marthinha, Vini, Vivian e tantos outros.

À minha família, minha base e meu suporte, nas horas difíceis, mas, sobretudo, nas horas de muitas alegrias, quando o riso preenche qualquer espaço, com muito amor agradeço à minha mãe, Branca, ao meu pai, Henrique, aos meus irmãos, Isabella e Wilians, à minha nova família, Andréa e Karina, e ao meu amor, Bárbara. Vocês são demais!

“E o que dizer dos encantos da pesquisa bibliographica, em que o corpo não sente cansaço, porque a tensão do espirito o-sustenta; do affan com que se-corre atraz de uma informação preciosa ou de um documento ignorado, - labor em que se não sente o passar das horas; dos veios preciosos que se-descobrem em caminho a cada passo, indemnizando a pequena mágua d'um insuccesso; o que dizer afinal do achado feliz dos thesouros que se-buscavam, ou da decifração de um enigma que até então se-julgára insolúvel? Que momentos de prazer indizível não proporciona, que victorias sem sombra, que alegrias serenas, que doce consolação do tempo consumido!”
(RAMIZ GALVÃO, 1884-1885, p. 109).

“Não havendo, na República Velha, posições intelectuais autônomas em relação ao poder político, o recrutamento, as trajetórias possíveis, os mecanismos de consagração, bem como as demais condições necessárias à produção intelectual sob suas diferentes modalidades, vão depender, quase que por completo das instituições e dos grupos que exercem o trabalho de dominação”
(MICELI, 2001, p. 17).

RESUMO

Os belgas Paul Otlet e Henri La Fontaine, em finais do século XIX, criam o Instituto Internacional de Bibliografia que, para além de criar uma grande fonte de informação universal, foi pioneiro na adoção de novos modos de tratamento dos acervos documentais, sobretudo na Europa e nas Américas, inaugurando a concepção de Documentação. Manoel Cícero Peregrino da Silva, diretor da Biblioteca Nacional brasileira entre os anos de 1900 e 1924, adotou várias mudanças na instituição, como a inauguração de um novo prédio, reorganização de seu acervo, criação de novos serviços e, em certa medida, segue a trilha aberta por Otlet e La Fontaine. Esta tese faz um inventário das ações de Peregrino da Silva buscando entender em que medida essas ações contribuíram para a Documentação no Brasil e seu engajamento nos ideais de Paul Otlet e La Fontaine por meio da análise de sua trajetória como intelectual e de sua atuação na direção da Biblioteca, bem como uma descrição do contexto político nacional. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, histórico-documental, baseada na documentação de diferentes arquivos brasileiros e no arquivo do *Mundaneum*, na Bélgica. Como referencial teórico, adotou-se a concepção de alguns autores sobre o papel dos intelectuais na sociedade, sobre o desenvolvimento da ciência no Brasil e a sociedade brasileira à época. Para compreender os ideais de Paul Otlet e Henri La Fontaine e o contexto em que eles se desenvolveram utiliza-se os escritos do próprio Otlet, e estudiosos do tema como Mattelart, Rayward, Fayet-Scribe e Blanquet. Com relação às origens da Documentação no Brasil foram utilizados textos de Oddone, Ortega, Sambaquy e Fonseca. Conclui que o papel intelectual de Peregrino da Silva frente à Biblioteca Nacional fez da instituição um polo para onde confluíam as discussões intelectuais no período; que várias das ideias de Paul Otlet e Henri La Fontaine foram postas em prática na Biblioteca Nacional e que esta foi a primeira instituição a adotar as práticas documentalistas no tratamento de seu acervo e no desenvolvimento de seus produtos e serviços; e que Peregrino da Silva foi pioneiro no entendimento e aplicação das técnicas da Documentação no País.

Palavras-chave: Biblioteca Nacional. Documentação. Instituto Internacional de Bibliografia. Henri La Fontaine. Manoel Cícero Peregrino da Silva. Paul Otlet.

ABSTRACT

The Belgians Paul Otlet and Henri La Fontaine, in the end of the nineteenth century, created the International Institute of Bibliography that, in addition to creating a great source of universal information, pioneered the adoption of new ways of processing of documentary collections, especially in Europe and America, ushering in the design Documentation. Manoel Cicero Peregrino da Silva was director of the Brazilian National Library between the years 1900 and 1924, adopting several changes in the institution as the inauguration of a new building, the reorganization of its collection, creation of new services and, to some extent, like following track Otlet and La Fontaine. This thesis aims to make an inventory of stocks of Manoel Cicero Peregrino da Silva and to what extent these actions contributed to the Documentation in Brazil and its engagement in the ideals of Paul Otlet and La Fontaine, by analyzing its history as an intellectual and of its activities in the direction of the Library, and the national political context. This is a qualitative and quantitative research, historical-documentary, based on documentation from different Brazilian archives and *Mundaneum* archive, from Belgium. As a theoretical framework, we adopted the design of some authors on the role of intellectuals in society, on the development of science in Brazil and the Brazilian society at the time. To understand the ideals of Paul Otlet and Henri La Fontaine appealed to the writings of Otlet himself to Mattelart, Rayward, Fayet-Scribe, Blanquet and Wright. Regarding the origins of Documentation in Brazil were selected Oddone texts, Ortega, Sambaquy and Fonseca. It concludes that the intellectual role of Peregrino da Silva front of the National Library made the institution a center where converged intellectual discussions in the period; several of Paul Otlet and Henri La Fontaine ideas were put in place at the National Library and that this was the first institution to adopt the documentalists practices in the treatment of its collection and the development of its products and services; and Peregrino da Silva was a pioneer in understanding and application of technical documentation in the country.

Keywords: National Library (Brazil). Documentation. International Institute of Bibliography. Henri La Fontaine. Manoel Cícero Peregrino da Silva. Paul Otlet.

RÉSUMÉ

Les belges Paul Otlet et Henri La Fontaine, à la fin du XIXe siècle, ont créé l'Institut international de Bibliographie qui, outre la création d'une grande source d'information universel, cet Institut a été le pionnier dans l'adoption de nouvelles méthodes de traitement des collections documentaires, en particulier en Europe et aux Amériques inaugurant la conception de Documentation. Manoel Cicero Peregrino da Silva, directeur de la Bibliothèque Nationale brésilienne entre les années 1900 et 1924, a adopté plusieurs changements dans l'institution comme l'inauguration d'un nouveau bâtiment, la réorganisation de sa collection, la création de nouveaux services et, dans une certaine mesure, semblait suivre les démarches d'Otlet et La Fontaine. Cette thèse vise à faire l'inventaire des actions de Peregrino da Silva et dans quelle mesure ces actions ont contribué à la Documentation au Brésil et son engagement dans les idéaux de paix de Paul Otlet et La Fontaine, à travers l'analyse de son parcours comme un intellectuel et de ses activités dans la direction de la Bibliothèque, et aussi celle du contexte politique national à l'époque. Il s'agit d'abord d'une recherche qualitative et quantitative, historico-documentaire, basée sur la documentation provenant de différentes archives brésiliennes et sur l'archive *Mundaneum*, en Belgique. Comme référentiel théorique, on a adopté la conception de certains auteurs sur le rôle des intellectuels dans la société, sur le développement de la science au Brésil et la société brésilienne à l'époque. Pour comprendre les idéaux de Paul Otlet et Henri La Fontaine on a fait appel aux écrits de Otlet lui-même à Mattelart, Rayward, Fayet-Scribe, Blanquet et Wright. En ce qui concerne les origines de la documentation au Brésil, pour cela on a sélectionné des textes d'Oddone, Ortega, Sambaquy et Fonseca. Il conclut que le rôle intellectuel de Peregrino da Silva devant la Bibliothèque nationale a fait l'institution un centre où convergeaient discussions intellectuelles dans la période; plusieurs de Paul Otlet et Henri La Fontaine idées ont été mises en place à la Bibliothèque nationale et que cela a été la première institution à adopter les pratiques documentalistes dans le traitement de sa collection et le développement de ses produits et services; et Peregrino da Silva a été un pionnier dans la compréhension et l'application de la documentation technique dans le pays.

Mots-clés: Bibliothèque Nationale. Documentation. Institut International de Bibliographie. Henri La Fontaine. Manoel Cícero Peregrino da Silva. Paul Otlet.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Cité Mondiale	36
Figura 2 – Paul Otlet	43
Figura 3 – Henri La Fontaine	45
Figura 4 – Incipit da Bibliotheca Universalis de Conrad Gesner	49
Figura 5 – Exemplo de ficha adotada no Repertório Bibliográfico Universal	53
Figura 6 – Fluxo da informação segundo Paul Otlet	72
Figura 7 – Modelo de organização e cooperação internacional para Paul Otlet	73
Figura 8 – Folha de rosto do Catalogo Geral da Bibliotheca da Faculdade de Direito do Recife	86
Figura 9 – Manoel Cícero Peregrino da Silva	90
Figura 10 – Manoel Cícero Peregrino da Silva	90
Figura 11 – Detalhe da folha de rosto do número 1 da Revista do IHGB	102
Figura 12 – Localização das Bibliotecas do Rio de Janeiro franqueadas ao público (1910)	119
Figura 13 – Nota publicada pela Biblioteca Nacional no Almanak Laemmert de 1893	120
Figura 14 – Trecho do texto de Otlet e La Fontaine publicado no v. 1 do <i>Bulletin de L'Institut International de Bibliographie</i>	125
Figura 15 – Mapa das primeiras instituições brasileiras a aderirem aos ideais do IIB	132
Figura 16 – Projecto de Regulamento para a Bibliotheca Nacional	133
Figura 17 – Fachada do antigo prédio da Biblioteca Nacional (Rua do Passeio)	138
Figura 18 – Lançamento da pedra fundamental no edifício destinado à Biblioteca Nacional	140
Figura 19 – Novo Edifício da Biblioteca Nacional (1910)	141
Figura 20 – Evolução do número de instituições internacionais com as quais a BN mantinha contato	146
Figura 21 – Ficha do Repertório Bibliográfico Universal enviada à Biblioteca Nacional	163
Figura 22 – Página do periódico <i>Ilustração Portuguesa</i>	173
Figura 23 – Revista <i>Sul-Americana</i>	176
Figura 24 – Detalhe da primeira página do Boletim Bibliographico da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro	181
Figura 25 – Primeira página do Boletim Bibliographico da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro	182
Figura 26 – Mecanismo do <i>book-carrier</i>	184

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Fundos e instituições pesquisadas	27
Quadro 2 – Projetos de Sociedades Universais (Século XVII-XX)	34
Quadro 3 – Ações de Paul Otlet ao longo do tempo	43
Quadro 4 – Marcos históricos da Bibliografia	51
Quadro 5 – Produção intelectual de Paul Otlet	58
Quadro 6 – Bibliografias Nacionais: recomendações para sua construção	70
Quadro 7 – Cronologia da vida de Manoel Cícero Peregrino da Silva	85
Quadro 8 – Relação das conferências proferidas na Biblioteca Nacional	92
Quadro 9 – Instituições de Ensino criadas no Brasil no século XIX	107
Quadro 10 – Instituições de Pesquisa criadas no século XIX	108
Quadro 11 – Marcos da Gestão Peregrino da Silva (1900-1924)	134
Quadro 12 – Diretores da Biblioteca Nacional entre 1810 e 1924	137
Quadro 13 – Correspondentes por estado	147
Quadro 14 – Correspondentes por tipo de instituição	147

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AN	Arquivo Nacional
BN	Biblioteca Nacional
CI	Ciência da Informação
DASP	Departamento Administrativo do Serviço Público
DL	Depósito Legal
IBBD	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
IHGB	Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
LDL	Lei de Depósito Legal
ONU	Organização das Nações Unidas
RBU	Repertório Bibliográfico Universal
SDN	Sociedade das Nações
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UAI	Union des Associations Internationales
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura
UNIRIO	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

Volume 1	1	INTRODUÇÃO	15	
	2	A UNIVERSALIZAÇÃO DO SABER: DAS PINAKES ALEXANDRINAS À DOCUMENTAÇÃO DE PAUL OTLET	33	
	2.1	<i>DA BIBLIOGRAFIA AO MOVIMENTO BIBLIOGRÁFICO INTERNACIONAL</i>	47	
	2.2	<i>TRAITÉ DE DOCUMENTATION</i>	58	
	3	DA ESCOLA DO RECIFE À BIBLIOTECA NACIONAL: MANOEL CÍCERO PEREGRINO DA SILVA NO CONTEXTO DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO, CIÊNCIA E CULTURA NA PRIMEIRA REPÚBLICA	78	
	3.1	<i>INTELECTUAL OU FUNCIONÁRIO EXEMPLAR?: A DUALIDADE DE PEREGRINO DA SILVA</i>	78	
	3.2	<i>O ENSINO E A CIÊNCIA NO BRASIL: MUDAR PARA O VELHO MUNDO OU LUTAR CONTRA VELHAS IDEIAS?</i>	106	
	3.3	<i>BIBLIOTECAS: "PONTOS DE PARAGEM" NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO</i>	116	
	4	A DOCUMENTAÇÃO NO BRASIL: DIÁLOGOS E EXPERIÊNCIAS ENTRE A BIBLIOTECA NACIONAL DE PEREGRINO DA SILVA E O MUNDANEUM	122	
	4.1	<i>A BIBLIOTECA NACIONAL COMO O BERÇO DA DOCUMENTAÇÃO NO BRASIL</i>	133	
	4.2	<i>O MOVIMENTO BIBLIOGRÁFICO BRASILEIRO</i>	174	
	5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	183	
	6	RECOMENDAÇÕES DE PESQUISA	191	
		REFERÊNCIAS	193	
		REFERÊNCIAS DA PESQUISA DOCUMENTAL	206	
	Volume 2		APÊNDICE A – Relação de biografias de personagens apresentados ao longo do texto	219
			APÊNDICE B – Lista de instituições pesquisadas	238
		ANEXO AA – Extrato do Decreto nº 1.159, de 3 de Dezembro de 1892	239	
		ANEXO AB – Anotações diversas de Manoel Cícero Peregrino da Silva sobre a Biblioteca Nacional. S. d.	243	
		ANEXO AC – Ofício de Manoel Cícero Peregrino da Silva ao ministro da Justiça e Negócios Interiores, Augusto Tavares de Lyra. Rio de Janeiro, 29 mar. 1909	248	
		ANEXO AD – Ofício de Manoel Cícero Peregrino da Silva ao ministro da Justiça e Negócios Interiores, Augusto Tavares Lyra. Rio de Janeiro, 19 abr. 1909	250	
		ANEXO AE – Cartão Postal do Instituto Internacional de Bibliografia à Biblioteca Nacional. Bruxelas, [12 jan.] 1910	252	
		ANEXO AF – Ofício do embaixador brasileiro em Bruxelas, Oliveira Lima, ao ministro das Relações Exteriores, Barão do Rio Branco. Bruxelas, 23 ago. 1910	253	
		ANEXO AG – Carta de Manoel Cícero Peregrino da Silva ao secretário do Instituto Internacional de Bibliografia. Rio de Janeiro, 21 mar. 1911	258	

ANEXO AH – Carta da Commission Royale Belge des Echanges Internationaux ao diretor da Biblioteca Nacional. Bruxelas, 04 abr. 1911	259
ANEXO AI – Carta do secretário, Louis Masure, ao diretor da Biblioteca Nacional. Bruxelas, 9 maio 1911	260
ANEXO AJ – Ofício de Manoel Cícero Peregrino da Silva ao ministro da Justiça e Negócios Interiores, Rivadávia Corrêa. Rio de Janeiro, 10 jun. 1911.	262
ANEXO AK – Carta de Manoel Cícero Peregrino da Silva ao secretário do Instituto Internacional de Bibliografia. Rio de Janeiro, 04 jul. 1911	264
ANEXO AL – Carta de Manoel Cícero Peregrino da Silva ao secretário do Instituto Internacional de Bibliografia. Rio de Janeiro, 12 ago. 1911	265
ANEXO AM – Carta de Louis Masure ao diretor da Biblioteca Nacional. Bruxelas, 19 set. 1911	266
ANEXO AN – Carta de Manoel Cícero Peregrino da Silva ao secretário do Instituto Internacional de Bibliografia. Rio de Janeiro, 28 nov. 1911	268
ANEXO AO – Carta enviada aos embaixadores em Bruxelas convidando-as para a cerimônia de entrega das fichas do RBU ao embaixador brasileiro, Oliveira Lima. Bruxelas, 29 nov. 1911.	269
ANEXO AP – Carta de Louis Masure ao diretor da Biblioteca Nacional. Bruxelas, 29 dez. 1911	271
ANEXO AQ – Carta de Manoel Cícero Peregrino da Silva ao secretário do Instituto Internacional de Bibliografia. Rio de Janeiro, 11 jun. 1912	273
ANEXO AR – Carta de Louis Masure ao diretor da Biblioteca Nacional. Bruxelas, 10 jul. 1912	274
ANEXO AS – Carta de Manoel Cícero Peregrino da Silva ao secretário do Instituto Internacional de Bibliografia. Rio de Janeiro, 29 jul. 1912	275
ANEXO AT – Carta de Louis Masure ao diretor da Biblioteca Nacional. Bruxelas, 2 set. 1912	276
ANEXO AU – Ofício de Manoel Cícero Peregrino da Silva ao ministro da Justiça e Negócios Interiores, Rivadávia Côrrea. Rio de Janeiro, 17 jul. 1913	277
ANEXO AV – Ofício do ministro da Justiça e Negócios Interiores, Rivadávia Corrêa a Manoel Cícero Peregrino da Silva. Rio de Janeiro, 25 jul. 1913	278
ANEXO AW – Ofício de Manoel Cícero Peregrino da Silva ao ministro da Justiça e Negócios Interiores, Rivadávia Corrêa. Rio de Janeiro, 30 jul. 1913	279
ANEXO AX – Carta de Manoel Cícero Peregrino da Silva a Louis Masure, secretário do Instituto Internacional de Bibliografia. Rio de Janeiro, 4 ago. 1913	280
ANEXO AY – Carta do Service Belge des Échanges Internationaux ao diretor da Biblioteca Nacional. Bruxelas, 08 ago. 1913	281

ANEXO AZ	– Ofício do ministro da Justiça e Negócios Interiores, Rivadávia Corrêa, ao ministro das Relações Exteriores. Rio de Janeiro, 9 ago. 1913	282
ANEXO BA	– Ofício do ministro das Relações Exteriores, Lauro Müller, ao Ministro da Justiça e Negócios Interiores, Herculano de Freitas. Rio de Janeiro, 29 ago. 1913.	283
ANEXO BB	– Carta do Service Belge des Échanges Internationaux ao diretor da Biblioteca Nacional. Bruxelas, 14 out. 1913	284
ANEXO BC	– Ofício do ministro da Justiça e Negócios Interiores, Herculano de Freitas, ao diretor da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro, 4 nov. 1913	285
ANEXO BD	– Carta de Manoel Cícero Peregrino da Silva ao chefe do Service Belge des Échanges Internationaux. Rio de Janeiro, 12 nov. 1913	286
ANEXO BE	– Carta de Louis Masure ao diretor da Biblioteca Nacional. Bruxelas, 27 jul. 1914	293
ANEXO BF	– Ofício de Oliveira Lima ao ministro das Relações Exteriores, Lauro Müller. Bruxelas, 15 out. 1913	294
ANEXO BG	– Projecto de Regulamento para a Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, 1902.	308

1 INTRODUÇÃO

Manoel Cícero Peregrino da Silva nasceu em 7 de setembro de 1866, na cidade de Recife (PE), e faleceu em 3 de outubro de 1956 na então capital do país, o Rio de Janeiro. Formado em Direito, durante seus mais de 50 anos de atividade profissional atuou em campos diversos a este, sendo, por exemplo, prefeito interino e diretor geral da Instrução Pública do então Distrito Federal; diretor da Biblioteca da Faculdade de Direito de Recife e Reitor da Universidade do Rio de Janeiro. Contudo, seu papel de maior destaque foi como diretor da Biblioteca Nacional brasileira (BN), instituição à qual esteve à frente durante 24 anos, entre 1900 e 1924 (BITTENCOURT, 1955).

Bittencourt (1955) destaca que Peregrino da Silva era um “servidor público exemplar”, sempre compromissado com a missão que lhe era delegada por seus superiores. Também enfatiza o seu esforço para promover melhorias nas instituições que dirigiu, fazendo-as cumprir o papel à qual estavam designadas perante a sociedade.

Formado pela Faculdade de Direito de Recife, berço da elite intelectual e política brasileira do final do século XIX e início do XX, onde se formaram, por exemplo, Capistrano de Abreu, Tobias Barreto, Clóvis Bevilacqua, Graça Aranha e Nilo Peçanha (Apêndice A), Peregrino da Silva usufruía de boas relações no governo e de um pensamento baseado, em grande parte, nos preceitos da chamada “Escola do Recife”, como destaca Bittencourt (1955) e Paim (1999). Sua formação como jurista explica, por exemplo, o seu envolvimento na Sociedade Brasileira de Direito Internacional, cujos objetivos eram, dentre outros, discutir a União Pan-americana¹, bem como a solução dos problemas continentais visando à paz e o livre relacionamento entre os estados (BITTENCOURT, 1955). O que de certa forma já o aproximava dos ideais em voga à época na Europa (MATTELART, 2009).

Dessa forma, em maio de 1900, enquanto ainda era diretor da biblioteca da Faculdade de Direito do Recife, convidado por Epiácio Pessoa, então ministro da Justiça e Negócios Interiores e futuro presidente da República, Peregrino da Silva aceita dirigir a Biblioteca Nacional, assumindo o cargo em julho do mesmo ano. Na BN põe em prática uma verdadeira revolução. É em sua gestão que a instituição constrói, inaugura e passa a ocupar um novo prédio, tem seu regulamento totalmente refeito e implanta novas técnicas de tratamento do acervo, além de novos serviços (BITTENCOURT, 1955; SILVA, 1902; 1913b). Assim, na condição de

¹ A ideia era seguir, segundo Neves (2003), a Doutrina Monroe, formulada pelo ex-presidente norte-americano James Monroe de que o continente americano era para os americanos.

diretor da instituição, para além de cumprir o que estava previsto nos estatutos da BN, buscou ultrapassar esses limites burocráticos.

Dentre tais inovações, podemos destacar: a criação do *Serviço de Bibliographia e Documentação* em correspondência com o Instituto Internacional de Bibliografia (IIB); a centralização do intercâmbio de instituições nacionais com instituições estrangeiras por meio do *Serviço de Permutas Internacionais*; a edição da bibliografia brasileira, chamada de *Boletim Bibliographico da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*; a aprovação da Lei de Depósito Legal (LDL) de alcance nacional; a criação do curso de Biblioteconomia na instituição; e a criação do *Serviço de Informações*, visando melhor atender os usuários da Biblioteca.

Bittencourt (1955) observa que as mudanças implementadas por Peregrino na BN surgem da dedicação deste ao seu cargo, sendo resultado de muitos estudos e vários anos dedicados ao entendimento da Biblioteconomia, Bibliografia e Documentação, disciplina esta que emerge no alvorecer do século XX, baseada nos ideais de acesso global às informações produzidas pelo ser humano. Sob este prisma, esse mesmo autor destaca as visitas do ex-diretor, em 1907, a instituições norte-americanas e europeias com o intuito de nelas aprender técnicas e concepções que pudessem ajudar na reformulação pela qual passava a Biblioteca².

No bojo de tais viagens e visitas e de seu interesse pelo que de novo se fazia em termos Biblioteconômicos, Peregrino da Silva visita, segundo Bittencourt (1955), o Instituto Internacional de Bibliografia. Tal instituição, situada, à época, na cidade de Bruxelas, Bélgica, foi fundada em 1895 pela dupla de juristas belgas Paul Otlet e Henri La Fontaine, visando a construção de um grande repositório do saber humano – o Repertório Bibliográfico Universal (RBU) – que objetivava disseminar, por meio da cooperação internacional, toda a representação dos conhecimentos humanos produzidos ao longo dos séculos, utilizando técnicas da Biblioteconomia e da Bibliografia. Aliada a essas disciplinas, a dupla de juristas belga se utiliza das tecnologias mais avançadas à época para auxiliar na disseminação do conhecimento humano e de seus ideais, o que culmina no lançamento das bases da Documentação, uma nova disciplina (ou ramo do saber) que buscava inventariar, tratar e disseminar todas as informações produzidas pelo espírito humano (OTLET, 1934), contribuindo, inclusive, para a ampliação do conceito de “documento³”.

² No período, a Biblioteca Nacional estava em meio ao processo de construção do seu novo prédio, cuja pedra fundamental havia sido lançada em 1905. Tal edificação, sede da BN até hoje, foi inaugurada em 1910.

³ Curioso notar que até o século XIX, quando Otlet amplia seu conceito, o termo “documento” denotava basicamente os registros escritos, sobretudo os livros e/ou códices

Em Bruxelas, Peregrino inicia o diálogo com o IIB visando, ao que nos parece, estreitar o relacionamento entre a BN e aquela instituição. Não que as ideias do Instituto fossem novas para o diretor da Biblioteca, conforme veremos mais à frente, contudo, conhecer a instituição belga parece-nos um divisor de águas para seus ideais na Nacional.

Fonseca (1957, p. 98), ao revisitar as origens da Documentação no Brasil, nos fala, incisivamente, que Peregrino da Silva era um visionário da estirpe de seus confrades do IIB, Otlet e La Fontaine, pois implementou as maiores modificações já sofridas pela Biblioteca com retoques modernos que perduraram durante anos.

Sambaquy (1956) destaca que a gestão de Manoel Cícero Peregrino da Silva à frente da BN foi muito fecunda para a Bibliografia, Biblioteconomia e Documentação brasileira. Afirma, ainda, que boa parte do que Peregrino da Silva idealizou com o *Serviço de Bibliographia e Documentação* materializou-se novamente na fundação do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD)⁴, em 1954, uma vez que tal instituição visava, dentre outras coisas, estimular o intercâmbio entre bibliotecas e centros de documentação no âmbito nacional e internacional (BRASIL, 1954).

Nesse sentido, durante nossa pesquisa de mestrado sobre a criação do *Serviço de Bibliographia e Documentação* na Biblioteca Nacional e como os ideais de Paul Otlet e Henri La Fontaine para o *Mundaneum* serviram de base para esse projeto, também pudemos perceber traços bastante significativos do espírito pioneiro de Peregrino da Silva com relação à Biblioteconomia, à Bibliografia e à Documentação, já que, cerca de 40 anos antes da criação do IBBD, ele já demonstrava vontade de criar um Instituto Nacional de Bibliografia, fato corroborado por Sambaquy (1956).

Oddone (2004, p. 93) em sua tese de doutorado constatou a contribuição de Peregrino da Silva para a Documentação, observando a ligação entre os conceitos de Documentação e Biblioteconomia em suas iniciativas à frente da BN, o que demonstraria a participação do Brasil na empreitada proposta por Otlet e La Fontaine.

Sob este prisma, podemos destacar o que parece ser o papel pioneiro exercido por Peregrino da Silva no início do século XX, sobretudo a partir da implantação das técnicas de Documentação na Biblioteca Nacional e, segundo indicam as fontes arquivísticas por nós consultadas, a sua visão moderna da Biblioteconomia à época.

Nesse sentido, os textos do próprio Peregrino da Silva, em sua maioria publicados nos *Anais da Biblioteca Nacional* e onde este tece reflexões sobre suas ações à frente da instituição,

⁴ Renomeado Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) a partir de 1975.

explicando boa parte delas foram um mote promissor para nossa pesquisa. Um bom exemplo é a justificativa de Peregrino da Silva para a adesão da BN ao ideal do IIB, quando observa que a cooperação internacional (base do projeto belga) e a Documentação, no sentido atribuído à ela pelo Instituto, são capazes de inserir a Biblioteca Nacional num contexto internacional, objetivando o tratamento e difusão de toda a produção intelectual humana (SILVA, 1910, p. 773).

Aparentemente, Manoel Cícero Peregrino da Silva (1910) parece refletir em sua fala seu ideal modernizador, sua busca pelo melhor meio de tratar e disponibilizar ao público os mais diversos tipos de suportes documentais custodiados pela BN, além de parecer indicar a sua afinidade com o pensamento de Paul Otlet e Henri La Fontaine. E nos traz a ideia de universalidade do conhecimento, ampliação da aceção de organização do conhecimento.

Com base no que foi descrito e nos resultados de nossa dissertação de mestrado, os problemas de pesquisa desta tese são formulados da seguinte maneira: As ações de Manoel Cícero Peregrino da Silva à frente da Biblioteca Nacional produziram um legado para a Documentação no Brasil? Esse legado teria ultrapassado a criação do *Serviço de Bibliographia e Documentação*? Em que medida a conjuntura acadêmica nacional e internacional influenciaram a gestão de Peregrino da Silva na BN?

Como pressuposto de pesquisa considera-se que as ações de Manoel Cícero Peregrino da Silva deixaram um legado para a Documentação no Brasil e que este é maior do que se tem pensado já que várias de suas ideias implantadas ao longo de sua trajetória na BN e as pesquisas sobre o tema apontam iam ao encontro dos ideais apregoados pelo IIB. Contudo, parece claro que o momento político vivido pelo Brasil à época também favoreceu a implementação de diversas destas ações, já que tanto a ideia de Nação, bem como o Estado brasileiro buscavam se consolidar e modernizar, além de que o contexto acadêmico/científico nacional, do qual falaremos no desenvolvimento desta tese, era terreno fértil para implementação dos ideais do Instituto.

Isso posto, nosso objetivo geral é demonstrar a contribuição de Manoel Cícero Peregrino da Silva para a Documentação no Brasil e seu engajamento nos ideais de Paul Otlet e La Fontaine, por meio da análise dos seus escritos referentes ao tema Documentação e de sua trajetória como intelectual, além de sua atuação na direção da Biblioteca Nacional (1900-1924).

Os objetivos específicos compreendem: a) Contextualizar o período em que florescem os ideais de Paul Otlet e Henri La Fontaine de universalização do conhecimento; b) Contextualizar o período histórico nacional e internacional em que ocorre a atuação de

Peregrino da Silva à frente da Biblioteca Nacional com relação a aspectos políticos e científicos; c) Identificar as ações reformistas implementadas por Manoel Cícero Peregrino da Silva na Biblioteca Nacional à luz da noção de intelectual, relacionando-as à visão moderna, à época, de Biblioteconomia e de Documentação; d) Analisar as ideias de Peregrino da Silva à luz dos ideais propagados por Paul Otlet e Henri La Fontaine.

Convém ressaltar que no curso de nossa dissertação várias dessas questões nos foram apresentadas e não puderam ser estudadas em razão do curto prazo de que dispúnhamos e por ultrapassarem nossos objetivos à época. Tais questões, no entanto, permaneceram em nosso espírito e esperávamos estudá-las em pesquisa futura, o que se realizou nessa tese.

Dentre as inquietações podemos destacar o fato de que apesar de a bibliografia consultada destacar as iniciativas de Peregrino da Silva como diretor da BN, exaltando o seu aspecto pioneiro com relação à Documentação, tais como Oddone (2004, 2005, 2006, 2010), Ortega (2004, 2009a, 2009b), Sambaquy (1956), Fonseca (1957, 1963, 1973a, 1973b) e Castro (2000), a abordagem desses autores com relação ao personagem não responderam às nossas indagações e eram constituídas, em sua maioria, apenas por pistas ou rastros de sua ação. O que, de certa forma, parecia relegar Peregrino da Silva a uma posição opaca no que concerne aos estudos biblioteconômicos e/ou documentalistas. De fato, a importância do personagem é sempre destacada por aqueles autores, mas sem o aprofundamento de suas ações, seja como bibliotecário ou intelectual.

Parecem-nos, também, que a influência das concepções do *Mundaneum* no Brasil foi maior do que se tem estudado. Tal influência seria consequência, essencialmente, da atuação de Peregrino da Silva à frente da Biblioteca Nacional, o que nos levou à ideia de aprofundarmos os estudos sobre o papel do ex-diretor da instituição para a Documentação no Brasil e seu engajamento nos ideais de paz da dupla belga.

Nesse sentido, nossas observações nas “Recomendações de Pesquisa” da dissertação (JUVÊNCIO, 2014) apontam para o fato de que os documentos produzidos por Paul Otlet, Henri La Fontaine e o IIB ainda são pouco lidos e debatidos academicamente, sobretudo no Brasil. Apesar de muito citados, parece-nos que o conhecimento sobre os personagens e o(s) seu(s) projeto(s) ainda é incipiente no país, sendo baseado mais em interpretações ou citações de terceiros do que na leitura dos originais. Também é importante frisar o papel de destaque, ainda hoje, da iniciativa da dupla de juristas belga no campo da Ciência da Informação, da Biblioteconomia e disciplinas congêneres.

Na trilha da pesquisa da dissertação, pareceu-nos que o acervo do *Mundaneum* ainda é um nicho muito rico a ser explorado, particularmente, pela ausência de estudos sobre a participação brasileira no ideal da dupla de modo geral. Desta forma, consideramos que os resultados dessa pesquisa poderão contrinuir para elucidar alguns dos hiatos relativos à participação brasileira no projeto, bem como para entender melhor o que Otlet e La Fontaine propunham.

Sublinhamos, então, a importância da pesquisa em arquivos como procedimento promissor e desafiador. Os arquivos brasileiros ainda são uma grande e farta fonte de documentos de interesse histórico para as mais variadas ciências e, sob este prisma, explorá-los pode render bons frutos à investigação, bem como trazer à luz novos fatos⁵.

Devemos levar em conta, ainda, no âmbito desta pesquisa, a nomeação⁶, em 2013, do RBU como Memória do Mundo⁷ pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO). Esse fato destaca a importância que tal registro do espírito humano, na acepção de Otlet, teve e tem para o mundo. Dessa forma, o carro chefe do ideal de cooperação internacional da dupla de juristas é circunscrito como um dos grandes patrimônios da humanidade, devendo ser preservado para as futuras gerações.

Decerto, é importante ressaltar que um conjunto de fichas – aproximadamente mil – que compunham o Repertório fazem parte hoje do acervo da Divisão de Manuscritos da Biblioteca Nacional, tendo sido adquiridas como parte do ideal de cooperação entre a instituição brasileira e o Instituto belga (JUVÊNCIO, 2014).

Assim, para a realização da pesquisa que ora apresentamos, recorreremos a diversos autores cujas obras versam sobre temas de interesse à pesquisa ou que sirvam de apoio e/ou contexto para melhor entendimento de nosso tema. Buscamos compreender o ideal do IIB, posteriormente *Mundaneum*, por meio dos trabalhos de seus fundadores, Paul Otlet e Henri La

⁵ Sob esses aspectos, ver algumas reflexões em: JUVÊNCIO, C. H.; RODRIGUES, G. M. Os arquivos da Biblioteca Nacional: contribuições para o desenvolvimento de um projeto de pesquisa sobre a construção de uma rede de informações científicas. In: MATOS, Maria Tereza Navarro de Britto et al. (Org.). **Perfil, evolução e perspectivas do ensino e da pesquisa em Arquivologia no Brasil**. Salvador: EDUFBA, 2015. p. 541-554.

⁶ Optamos pelo uso do vocábulo “nominado” ao invés de “nomeado” por ser essa a designação utilizada pelo Comitê Nacional do Brasil do Programa Memória do Mundo da Unesco.

⁷ A visão do Programa Memória do Mundo é de que toda a herança documental do mundo pertence a todos, devendo ser completamente preservada e protegida por todos e, com o devido reconhecimento dos costumes e práticas culturais, estar permanentemente acessível a todos sem obstáculos. A missão do Programa Memória do Mundo é: [...] facilitar a preservação, com as técnicas mais apropriadas, da herança documental do mundo; [...] facilitar o acesso universal ao patrimônio documental; [...] aumentar em todo o mundo a consciência da existência e importância do patrimônio documental (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA, c2015, tradução nossa).

Fontaine, e sob esse prisma, destacamos o *Traité de Documentation* (OTLET, 1934)⁸, considerado o marco fundador da Documentação, enquanto disciplina; *Cité Mondiale* (OTLET, 1929), que busca evidenciar de forma mais clara o alcance do projeto belga; bem como artigos publicados no *Bulletin de L'Institut International de Bibliographie*, que traz em seu escopo textos que esclarecem os objetivos por detrás da construção do Repertório Bibliográfico Universal, além de servir de local de reflexão de Paul Otlet para a construção dos conceitos (ou ideais) que culminam em seu Tratado (FAYET-SCRIBE, 2000).

De fato, Paul Otlet (1908) declara que a cooperação mundial seria o melhor meio para a construção do RBU e seu sucesso. Assim, conclama editores, bibliotecário, governos e instituições de ensino a cultura a agir em prol da construção deste imenso repositório do saber humano. Mais do que criar um fonte de informação em escala mundial, os métodos criados por Paul Otlet e Henri La Fontaine alteram os modos de tratamento da informação, unindo técnicas biblioteconômicas e bibliográficas.

Logo, a Biblioteconomia, cuja tradição milenar era de reunir e conservar os registros escritos da humanidade, sendo os bibliotecários os guardiões dos acervos das bibliotecas, tendo sua missão atrelada ao desejo de guarda e perpetuação dos registros escritos, alia-se à Bibliografia, cuja prática existia desde a Antiguidade e visa controlar a produção de determinado registro humano, como os livros, por exemplo (OTLET, 1908; BLANQUET, 2014).

O Repertório proposto por Paul Otlet e Henri La Fontaine visava disseminar o conteúdo dos acervos de diversas instituições do mundo, facilitando o acesso a esses e dando publicidade à sua existência. Aliando técnicas de representação utilizadas pela Bibliografia e Biblioteconomia, como a organização por título ou assunto, a atribuição de autoria etc, Otlet e La Fontaine organizam sua fonte de informação utilizando como suporte as fichas catalográficas padrão 7,5cm X 12,5cm, já de uso corrente nos Estados Unidos (RAYWARD, 1975).

A diferença de tal instrumento de recuperação da informação residia nas informações arroladas e em como o catálogo se apresentava, assim o RBU possuía entradas por título, autor e classificação. Este último era uma inovação das mais consideráveis, uma vez que permitia a

⁸ Embora o *Traité de Documentation* tenha sido lançado após o período de Peregrino da Silva à frente da Biblioteca Nacional, aquela obra é o resultado de anos de reflexão de Paul Otlet, o que nos permite tê-la em nosso referencial teórico, sobretudo por esta ser o mais importante trabalho do jurista belga, sendo isso analisado na seção 2.

reunião, mesmo que apenas no mobiliário do catálogo, de todas as publicações sobre determinado assunto.

Cabe-nos ressaltar que Otlet chama de “frutos do espírito humano” todas os produtos derivados da mente humana, seja um livro, um filme, uma escultura. Daí advém outra inovação na proposta belga, a ampliação do conceito de documento. Se antes, então, documento era o registro escrito preservado para as próximas gerações, a partir de Otlet documento é tudo produzido pelo ser humano em suas múltiplas representações e formatos (LE GOFF, 2003; BUCKLAND, 1991; BLANQUET, 2014). Assim, o IIB nasceu com a perspectiva de tornar acessível todo o registro de conhecimento produzido pela humanidade sob os preceitos da cooperação internacional. As técnicas empregadas por Otlet e que culminam com a criação da Documentação visam a organizar, tornar disponíveis e disseminar a informação ao redor do mundo (OTLET, 1934, p. 6).

Nesse sentido, Otlet (1934, p. 373, tradução nossa⁹) ainda declara que para a efetivação dos seus ideais a “[...] solução depende de bons métodos, de um trabalho cooperativo, de organização de esforços¹⁰”. O intento de Otlet ao cunhar as técnicas documentalistas e disseminá-las ao redor do mundo era a criação de um grande livro do saber humano, que se constitui no RBU. De fato, era o Repertório o responsável por arrolar todas as obras, de todos os tempos, em todos os tipos de materiais e formato (OTLET, 1908).

Com relação à biografia dos juristas belgas, um nome se sobressai e nos parece mais caro à proposta do nosso trabalho: Boyd W. Rayward, autor da primeira biografia de Paul Otlet na década de 1970, quando os arquivos do *Mundaneum*, abandonados em Bruxelas foram redescobertos, dando margem à publicação de trabalhos como *The universe of information: the work of Paul Otlet for Documentation and International Organisation* (1975). Rayward (1975) esmiúça a vida e obra de Paul Otlet, tendo como pano de fundo a relação com Henri La Fontaine e ainda escreve *International Organisation and Dissemination of Knowledge: Selected Essays of Paul Otlet* (1990), coletânea de textos de Paul Otlet sobre assuntos relacionados à Bibliografia, à vida internacional e à classificação, dentre outros; e, ainda, *Mundaneum: Archives of Knowledge* (2010), obra na qual recupera a história do *Mundaneum* e de seus arquivos.

Rayward (1975), refaz a trajetória do ideal de Otlet e La Fontaine por detrás da fundação do IIB desde o seu surgimento até a morte do primeiro, em 1944, perpassando o ideal de

⁹ A fim de evitar repetições, deve-se observar que todas as traduções apresentadas ao longo desta tese foram realizadas pelo autor.

¹⁰ [...] solution dépend de bonnes méthodes, de coopération dans le travail, d'organisation dans les efforts.

construção da Cidade Mundial – uma cidade às portas de Bruxelas, que reuniria todas as instituições de cunho universalista do mundo (OTLET, 1908, 1929). Bem como a transformação do IIB em *Mundaneum*¹¹, um espaço voltado para ser o centro de saber universal, estando munido dos aspectos mundialistas que Otlet professava, segundo Mattellart (2009), e onde se reuniriam toda a representação dos frutos do espírito humano, bem como buscaria reunir documentos de todos os lugares do Globo.

Mattellart (2009) destaca, ainda, como a ideia dos juristas belgas ganha terreno no mundo, sobretudo, na Europa, destacando a adoção das técnicas documentalista e bibliográficas pela *Royal Society* de Londres e outras academias europeias, bem como os incentivos recebidos, como, por exemplo, de Andrew Carnegie¹² – magnata norte-americano do aço. O mesmo autor ainda nos é caro para compreender o contexto em que emerge o projeto dos juristas, traçando o histórico dos planos de cunho universalista ao longo do tempo e do pensamento em voga na Europa do final do século XIX.

Sob outra perspectiva, Fayet-Scribe (2000) na obra *Histoire de la documentaion en France: Culture, Science et technologie de l'information: 1895-1937* escreve sobre o projeto de Paul Otlet e a adesão francesa a tais ideais. É curioso observar que, mesmo resguardadas as diferenças culturais, geográficas e nacionais, os projetos brasileiro e francês em muito se assemelham. Num nível mais específico, obras como as de Reyes Gomez (2010) e Balsamo ([200-]) nos ajudam a compreender a utilização da Bibliografia, enquanto disciplina, no projeto belga e sua história desde a Idade Média até os dias atuais, servindo de aparato ao levantamento realizado por Matellart (2009) de projetos universalistas no mesmo período. De fato, podemos perceber que os ideais de uma sociedade universal perpassam aspectos políticos, sociais, econômicos e refletem nos modos de organização e produção do conhecimento humano.

Já sobre o Brasil, Edson Nery da Fonseca nos parece o autor com maior afinidade à nossa proposta, pois vários de seus textos trazem pistas sobre a interação entre brasileiros e o IIB, além de suas obras servirem de orientação para a pesquisa documental realizada em diferentes arquivos e bibliotecas. Desse autor, utilizaremos os seguintes textos: *Bibliografia Brasileira Corrente: Evolução e Estado Atual do Problema* (1972); *Desenvolvimento da Biblioteconomia e da Bibliografia no Brasil* (1957); *Origem, evolução e estado atual dos serviços de Documentação no Brasil* (1973a). Apesar de não se aprofundar nos estudos desta

¹¹ *Mundaneum* é considerado um conjunto de projetos de Paul Otlet que visavam a reunião, a disseminação e o acesso à informação. Nesse sentido, estarão aqui incluídas algumas das acepções para o Palácio Mundial (*Palais Mondial*), o Centro Mundial (*Centre Mondial*), entre outras.

¹² Neste link é possível assistir ao vídeo da visita de Carnegie ao *Mundaneum* e aspectos de sua interação com Paul Otlet e Henri La Fontaine: <https://www.youtube.com/watch?v=5sCai-fZVKA>

relação, o autor traz as mais interessantes contribuições para a pesquisa em seus textos, descrevendo o contato mantido entre a Biblioteca Nacional do Brasil, destacando a figura de Peregrino da Silva, e o Instituto Internacional de Bibliografia.

Fonseca (1957) vai além ao fazer uma retrospectiva sobre o contato de outros brasileiros com os ideais modernizadores da época nas bibliotecas europeias e norte-americanas. Ele, comenta a atuação de Ramiz Galvão, diretor da BN entre 1870 e 1882 e primeiro bibliotecário brasileiro, que se tem conhecimento, a visitar instituições estrangeiras com a finalidade de estudar e extrair delas processos e procedimentos referentes à organização e à administração de bibliotecas, para que estes fossem aplicados na BN.

Nesta mesma direção seguem os textos de Ortega (2004, 2009a, 2009b), que nos remetem à origem da Documentação no Brasil, oferecendo-nos pistas complementares àquelas dadas por Fonseca (1957, 1972, 1973a, 1973b). Para ela, várias iniciativas brasileiras convergem para os ideais de Otlet e La Fontaine, como as de Juliano Moreira, em 1899 (ORTEGA, 2009b), e a de Victor da Silva Freire, em 1900.

Nesse sentido, Oddone (2004, 2005, 2006, 2010) recupera as origens de Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), resgatando o nome de Lydia Sambaquy como uma das precursoras da Documentação no Brasil. Essa tese de Oddone nos é cara, pois reforça os pressupostos de nossa pesquisa, que busca recuar as fronteiras das origens da Documentação no País de meados dos anos 1950, precisamente 1954 – ano de fundação do IBBB – para os primeiros anos do século XX, época da gestão de Peregrino da Silva à frente da Biblioteca Nacional.

Com relação ao diretor da Biblioteca, a obra que nos parece ser mais cara é a sua biografia escrita por Feijó Bittencourt (1955) e publicada na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. De certo modo, o fato de que a conclusão da referida biografia ocorreu antes da morte de Peregrino da Silva em 1956, parece indicar que boa parte das informações ali presentes originou-se de entrevistas e conversas realizadas com o biografado. Contudo, convém ter cautela com essa obra, uma vez que ela deriva da tradição do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) de escrever a história do país por meio de personagens de relevo para a política ou instituições nacionais sob o prisma do homem público, não trazendo informações sobre a vida particular dos personagens, e sendo ele apresentado como um exemplo aos demais, sobretudo no exercício de suas funções (SANTOS, 2016), linha esta seguida por Bittencourt (1955). As observações de Bourdieu (2006, p. 188) reforçam a necessidade dessa precaução, pois “Tudo leva a crer que o relato de vida tende a aproximar-se do modelo oficial da

apresentação oficial de si, carteira de identidade, ficha de estado civil, *curriculum vitae*, biografia oficial, bem como filosofia da identidade que o sustenta [...]”. Para esse autor é necessário, ainda, observar que:

[...] O sentido dos movimentos que conduzem de uma posição a outra (de um posto profissional a outro, de uma editora a outra, de uma diocese a outra etc.) evidentemente se define na relação objetiva entre o sentido e o valor, no momento considerado, dessas posições num espaço orientado. O que equivale a dizer que não podemos compreender uma trajetória (isto é, o *envelhecimento social* que, embora acompanhe o biológico) sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou e, logo, o conjunto das relações objetivas que uniram o agente considerado – pelo menos em certo número de estados pertinentes – ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço dos possíveis (BOURDIEU, 2006, p. 190).

Bourdieu (2006) observa, desta forma, o quão o contexto tem influência no que ele chama de “envelhecimento social” do sujeito, ou seja, nos percursos trilhados ao longo da vida, por exemplo, nas mudanças de cargo, atribuindo, também, ao seu capital social (BOURDIEU, 1980) as mudanças e transformações que acontecem.

De modo a enriquecer o perfil de Peregrino da Silva e compreender suas ações diante do contexto do período, recorreremos aos textos de Carvalho (1987, 2011), Fausto (1985), Martins (1996) nos quais buscamos depreender aspectos sobre a política e a sociedade brasileira no final do século XIX, início do século XX.

Como forma complementar, Reale (1956, 1994) e Paim (1999) nos oferecem informações sobre a formação intelectual de Peregrino da Silva a partir dos ideais da chamada “Escola de Recife”. Tal movimento político/filosófico, fundado em meados da década de 1860, teve forte influência no nordeste e no Rio de Janeiro. Partindo dos preceitos Positivistas, culmina na crítica a este no início do século XX e no que Paim (1999) e Reale (1956, 1994) chamam de *Culturalismo*.

Por sua vez, Bobbio (1997), Miceli (2001), Pécaut (1990) e Gramsci (1979) nos oferecem subsídios para compreender o papel intelectual desenvolvido por Peregrino da Silva à frente das instituições que dirigiu. Sobretudo, a partir da concepção de intelectual a serviço de um propósito, o chamado intelectual orgânico para Gramsci (1979) e experto para Bobbio (1997). De fato, ambas as definições nos remetem à figura de um intelectual comprometido com um ideal; com o estar a serviço do Estado (PÉCAUT, 1990).

Recorremos ainda a Schwartzman (2001), Fernandes (2000) e Zarur (1994) buscando compreender o Estado d’Arte sobre a ciência e a Academia no Brasil do final do século XIX, início do XX, bem como a situação das instituições científicas brasileiras no mesmo período,

buscando entender o porquê de a Biblioteca Nacional ter sido o local de gênese da Documentação no país em detrimento do ambiente universitário. De fato, podemos pressupor que a ausência de universidades no país favoreceu e fortaleceu o papel da Biblioteca como espaço de discussão e construção da ciência nacional¹³.

Os textos de Sá (2013), Costa (2003) e Bessone (1999) também nos são caros, uma vez que nos ajudam a compreender a adoção do ideal europeu, sobretudo o francês, de erudição nas instituições de ensino e pesquisa do país, bem como a relação entre brasileiros e europeus no que tange a trocas culturais, além do papel exercido pelas bibliotecas nesse cenário, sendo estas últimas, polo de confluência do pensamento intelectual em voga à época.

Do ponto de vista metodológico, essa é uma pesquisa qualitativa histórico-documental na qual grande parte da documentação necessária foi levantada, como já observado, por ocasião da construção da dissertação, tendo por base os arquivos institucionais da Biblioteca Nacional e o arquivo pessoal de Manoel Cícero Peregrino da Silva, ambos custodiados pela Divisão de Manuscritos daquela instituição.

De forma a complementar ou até mesmo compreender/contextualizar a documentação recuperada na BN, recorreremos ao arquivo histórico do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), – órgão do qual Peregrino da Silva foi presidente e que contém informações relevantes para a pesquisa, sobretudo nas publicações de sua revista. Bem como ao *Centre d'Archives do Mundaneum*, situado em Mons, Bélgica. O *Centre d'Archives do Mundaneum* é, hoje, responsável por preservar e salvaguardar o que restou da documentação do projeto da dupla belga, sobretudo seus arquivos e o próprio Repertório Bibliográfico Universal, ainda conservado em seus fichários originais. Mediante contato eletrônico estabelecido com a senhora Stéphanie Manfroid (Chefe do Arquivo), no decorrer da nossa pesquisa de mestrado, tivemos acesso a documentos relacionados ao Brasil pertencentes ao acervo daquela instituição. Apesar de nossa intenção de realizar pesquisa *in loco*¹⁴ na instituição, ela não foi concretizada porque, apesar de nossos esforços, não conseguimos obter financiamento para a viagem a Mons.

¹³ A professora Eliane Braga de Oliveira nos chamou a atenção para o fato da ausência de espaços científicos no país desde a sua participação em nossa banca de mestrado, sendo boa parte de tais reflexões uma tentativa de responder as questões por ela levantadas.

¹⁴ No dia 25 de novembro de 2013 a professora Georgete Medleg Rodrigues, orientadora desta tese, fez uma visita técnica ao arquivo do *Mundaneum*. A visita foi guiada pela senhora Stéphanie Manfroid, responsável pelo *Centre d'Archives*. Contudo, a consulta ao acervo não foi possível por conta do prédio principal da instituição estar passando por reforma, ao passo que o local onde o acervo está alocado não favorecia o seu manejo. Da mesma maneira, a senhora Stéphanie Manfroid veio ao Brasil em dezembro de 2014 para participar do evento “A Arte da Bibliografia”, no Rio de Janeiro, mas, antes, fez uma palestra na Faculdade de Ciência da Informação (FCI) da Universidade de Brasília (UnB) sob o título “Les réalités d’une Aventure Documentaire” (As realidades de uma aventura Documentária), Desta forma, pudemos estreitar o contato

Destacamos, ainda, o Arquivo Histórico do Itamaraty, sobretudo os fundos relacionados à Legação¹⁵ Brasileira em Bruxelas, tendo em vista o caráter internacionalista da iniciativa belga. Nosso foco foi a interação entre o IIB e órgãos brasileiros por meio do Ministério das Relações Exteriores, bem como as negociações para que Cícero de Britto Galvão – funcionário da Biblioteca – fosse enviado, em 1913, a Bruxelas com a finalidade de estudar a organização do RBU, bem como compreender o projeto dos juristas belgas.

Buscamos, ainda, recuperar alguma informação no Arquivo Nacional (AN), onde estão custodiados os arquivos do então Ministério da Justiça e Negócios Interiores (1808-1959) e, conseqüentemente, documentos sobre e da Biblioteca Nacional, já que esta se subordinava a tal pasta. Entretanto, devido a problemas de agenda e às mudanças de políticas institucionais tal pesquisa tornou-se inviável, estando incompleta e contando com dados apenas da consulta realizada em 2013, na época da redação de nossa dissertação. Porém, visando sanar tal problema, consultamos os Relatórios do Ministério da Justiça e Negócios Interiores entre os anos de 1905 e 1924 na Biblioteca do Palácio da Justiça, em Brasília.

Decerto, dos arquivos por nós consultados durante as pesquisas de mestrado e doutorado recuperamos diversos documentos, detalhando alguns de seus aspectos no quadro 1.

Quadro 1 – Fundos e instituições pesquisadas¹⁶

INSTITUIÇÃO	LOCAL	FUNDOS CONSULTADOS	DOCUMENTOS PERTINENTES À PESQUISA/DOCUMENTOS CONSULTADOS (QUANTIDADE)	PERÍODO COBERTO
Arquivo Nacional	Rio de Janeiro	✓ Ministério da Justiça e Negócios Interiores	0/2000	1900-1924
Biblioteca Nacional	Rio de Janeiro	✓ Biblioteca Nacional	26/14.500	1902-1924

com o *Mundaneum*, sendo de suma importância para a efetivação desta pesquisa. A palestra proferida em Brasília e no Rio de Janeiro deu origem à seguinte publicação: MANFROID, Stephanie. As realidades de uma aventura documentária. **Informação & Informação**, v. 20, n. 2, p. 1-19, ago. 2015. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/23123>>. Acesso em: 13 Jun. 2016. Há a intenção de construção de um projeto conjunto entre o grupo de pesquisa Estado, Informação e Sociedade (EIS) e o *Mundaneum*, cujo objetivo é recuperar documentos que tratem da relação entre instituições brasileiras e o projeto de Paul Otlet e Henri La Fontaine, a previsão para sua realização é meados de 2017.

¹⁵ Segundo o Dicionário Aulete ([2013]), Legação é a: “1. Missão composta de funcionários diplomáticos, responsáveis por negócios, ou representantes extraordinários, encarregada por um governo ou chefe de Estado de representá-lo num país estrangeiro. [...] 3. Dipl. Missão diplomática de caráter permanente, de nível hierárquico inferior à embaixada, dirigida por um ministro”.

¹⁶ Ressaltamos que estão arrolados em “documentos consultados” todos os conjuntos documentais por nós pesquisados, logo, como grande parte da documentação não havia sido tratada, havia um grande volume de informações que não nos interessava, mas que foram alvo de nossa consulta. Informações sobre as instituições pesquisadas estão arroladas no Apêndice B.

		✓ Marília Velloso Pinto		
Arquivos Histórico do Itamaraty (Ministério das Relações Exteriores)	Rio de Janeiro	✓ Missões Diplomáticas Brasileiras (Bruxelas)	4/7.000	1896-1918
		✓ Repartições Consulares (Bruxelas)		
		✓ Ministérios e Repartições Federais (Biblioteca Nacional; Ministério da Justiça e Negócios Interiores)		
		✓ Legação do Brasil em Bruxelas		
<i>Mundaneum</i>	Mons, Bélgica	✓ Les archives organiques du <i>Mundaneum</i>	2/60	1896-1920

Fonte: Elaboração do autor.

Na Biblioteca Nacional, o foco da nossa pesquisa foi a chamada Coleção Biblioteca Nacional¹⁷, que nada mais é do que o arquivo institucional do órgão, e a Coleção Marília Velloso Pinto¹⁸ que possui documentos sobre a vida de Manoel Cícero Peregrino da Silva. Do primeiro arquivo recuperamos correspondências oficiais entre a Biblioteca e o IIB, bem como com outras instituições visando à efetivação das reformas na Biblioteca. Também recuperamos os programas das disciplinas ministradas no Curso de Biblioteconomia como subsídio ao entendimento da institucionalização dos ideais Otletianos na BN.

Assim, num primeiro momento, buscamos pelas correspondências recebidas e enviadas pela Biblioteca no período. Desta forma, foram consultados aproximadamente 14.000 documentos divididos nos seguintes códigos, organizados por série documental¹⁹:

¹⁷ A Coleção Biblioteca Nacional arrola “Correspondência, documentação contábil e de pessoal, inventários patrimoniais, registro de usuários e eventos, relatórios e livros de registro de entrada de acervo” (BIBLIOTECA NACIONAL, c2013).

¹⁸ A Coleção Marília Velloso Pinto arrola “Correspondência recebida por Manuel Cícero Peregrino da Silva, passaporte, poemas, recortes de revistas com solenidades a que compareceu Manuel Cícero, recortes de jornais com dados biográficos do mesmo, decretos de nomeação, curriculum vitae, discursos, recibos, descrições de viagens, indicações para academias, diplomas, recortes de revistas com fotos do prédio da Biblioteca Nacional, requerimentos, homenagens a Manuel Cícero, anotações sobre linguística, fotos” (BIBLIOTECA NACIONAL, c2013).

¹⁹ Série documental, ou apenas série, é a “unidade de arquivamento, ou seja, documentos ordenados de acordo com o quadro de arranjo, ou conservados como uma unidade porque se relacionam às mesmas atividades e funções ou ao mesmo tipo documental” (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 332). Logo, a

- **Correspondência recebida** entre os anos de 1898 e 1915, com códices ocupando da localização 68,1,002 até a localização 68,3,005, totalizando 21 volumes com em média 500 cartas, em cada.
- **Correspondência expedida** entre os anos de 1906 e 1915, com códices ocupando da localização 69,4,006 até a localização 69,4,013, totalizando 8 volumes com em média 500 cartas, em cada.

Para a recuperação dos documentos foi necessária a consulta ao catálogo *on line* da BN e ao catálogo interno da Divisão de Manuscritos no sistema MicroIstis²⁰. Cabe ressaltar que, apesar da existência dos códices de correspondências expedidas entre os anos de 1903 e 1905, a consulta a esses itens tornou-se inviável devido ao seu frágil estado de conservação.

Os códices acima citados são fruto da reunião de cartas recebidas ou expedidas em determinado período (geralmente ano), sendo arrolados em volumes de capa dura e organizados por ordem cronológica. Apesar de bem organizada, tal fonte não conta com uma descrição minuciosa, estando todo o volume documental regido pelo título *Correspondência Recebida* ou *Expedida*. Tal fato demandou a necessidade de uma rápida consulta a cada item dos volumes, sendo o local de expedição ou o destinatário elementos que nos permitiram filtrar melhor as informações contidas em cada correspondência.

Na Coleção Marília Velloso Pinto buscamos escritos de Peregrino da Silva e traços de sua biografia. Nesse conjunto, recuperamos um texto do ex-diretor sobre a Documentação, Bibliografia e Biblioteconomia – que, de certa forma, nos guiou no tema central dessa pesquisa (Anexo AB).

De fato, o universo documental- recuperado em nossa pesquisa é bastante variado: correspondências oficiais, notícias de jornais, escritos avulsos e relatórios; grande parte esclarecendo dúvidas e questões. Contudo, outros nos suscitaram mais indagações e nenhuma resposta. Caso exemplar é o do relatório da viagem de Peregrino da Silva à Europa e aos Estados Unidos em 1907, cuja redação é prometida ao ministro Tavares Lyra (Apêndice A) em correspondência oficial e reafirmada em relatório da Biblioteca (SILVA, 1908), mas cuja existência efetiva não foi possível confirmar. Peça importante no contexto da nossa pesquisa, a ausência desse relato nos remete a Bessone (1999, p. 20) para quem “[...] Mesmo em seu silêncio, as fontes primárias permitem algumas leituras, e nelas encontrei alternativa”. Desse

Correspondência Recebida ou Expedida se constitui uma série, por seus documentos terem a mesma função e o mesmo tipo documental.

²⁰ Trata-se de um software, desenvolvido e mantido pela UNESCO para o tratamento genérico de informações (INFOISIS, c2004).

modo, pistas, restos, rastros e vestígios, na acepção de Ginzburg (2011), nos oferecem novos meios de compreender tais fontes, mesmo em suas ausências.

A exemplo de nossa dissertação, utilizamos a noção de ramificação, enunciada por Carvalhêdo (2012), como forma de justificar as variadas instituições que foram alvo de nossa pesquisa. Nesse sentido, diz a autora que:

A ramificação se trata da ocorrência de documentos de um fundo em outro fundo distinto como consequência de uma rede trans e intrainstitucional de produção, recepção e compartilhamento documental para o cumprimento de uma missão ulterior e comum a toda essa rede, mesmo de maneira temporária e muitas vezes não publicada oficialmente, num determinado contexto político e não apenas documental (CARVALHÊDO, 2012, p. 53-54).

Assim, a pesquisa não se fez completa pela informações coletadas em apenas um fundo ou acervo, mas se ramifica, possuindo vestígios em vários outros locais de guarda e preservação de documentos, sejam eles no Brasil ou no exterior. Nesse sentido, ainda seguindo procedimentos estabelecidos em nossa dissertação, optamos por disponibilizar como anexos, todos os documentos levantados durante a pesquisa, seja por meio de reprodução fotográfica ou transcrição de seu conteúdo²¹.

Com relação ao levantamento bibliográfico de textos de Peregrino da Silva, grande parte deles está publicado nos *Anais da Biblioteca Nacional*, seja em seus relatórios institucionais ou na apresentação daquela publicação. Merece destaque o fato de que todos os volumes dos Anais estão digitalizados e disponíveis para consulta no *site* da BN²².

A partir das informações já levantadas para a construção da dissertação de mestrado, realizamos novas buscas na *internet* por obras que versassem sobre a origem da Documentação no Brasil, bem como sobre os reflexos dos ideais de Otlet e La Fontaine no País. Para isso utilizamos os seguintes descritores isoladamente ou combinados: a) Biblioteca Nacional; b) Henri La Fontaine; c) História da Biblioteconomia no século XIX e XX; d) História da Ciência da Informação; e) História da Documentação; f) Instituto Internacional de Bibliografia; g) Manoel Cícero Peregrino da Silva; h) *Mundaneum*; i) Paul Otlet; j) Serviço de Bibliografia e Documentação.

A escolha dessas palavras-chave deve-se, no caso dos nomes pessoais e institucionais, ao papel de destaque que lhes foram atribuídos pelas fontes de informação. Já os termos mais genéricos foram escolhidos por sua relação intrínseca com a temática dessa pesquisa. Assim, pudemos recuperar artigos de periódicos científicos, teses, dissertações e trabalhos de conclusão

²¹ A reprodução fotográfica foi realizada quando as condições físicas dos documentos era satisfatória e não acarretaria danos ao item, caso contrário, optamos pela sua transcrição.

²² Acessível por meio do seguinte link: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/anais/anais.htm

de curso que versavam sobre os assuntos acima relacionados em português, inglês, francês e espanhol.

A presente pesquisa pretende convergir o trabalho de pesquisa empírica nas mais variadas instituições de memória à reflexão teórica acerca do pensamento de Manoel Cícero Peregrino da Silva no início do século XX à luz dos ideais em voga no Brasil do período. Sobremaneira tal contexto parece evidenciar a busca da consolidação do regime republicano, as disputas políticas e filosóficas entre diferentes correntes, e as transformações advindas das reformas que o governo republicano implementou.

Cabe-nos ainda destacar que ao longo do trabalho diversas resenhas biográficas foram elaboradas com o objetivo de destacar personagens considerados importantes por nós e que estas se encontram no Apêndice A, evidenciando a rede de relações de Peregrino da Silva. Para criação de tal apêndice, quando possível, recorreremos à obra de Sacramento Blake – *Diccionario Bibliographico Brasileiro* (editada em sete volumes entre os anos de 1883 e 1902) –, uma vez que por ter sido editada à época nos parece transmitir uma visão mais fidedigna do papel exercido pelo personagem no período.

Visando, ainda, atingir nossos objetivos de pesquisa e as questões propostas, estruturamos esse trabalho em três seções. A primeira, intitulada *A universalização do saber: das Pinakes alexandrinas à Documentação de Paul Otlet*, visa contextualizar o momento vivido pela Europa e as várias ações internacionalistas do período; compreender a história da Bibliografia até sua utilização por Paul Otlet e a releitura dos ideais Otletianos de organização do mundo, detalhando o *Traité de Documentation* (1934), obra considerada fundadora da disciplina no mundo.

Já a seção subsequente – *Manoel Cícero Peregrino da Silva: o intelectual a serviço do Estado* – busca traçar o perfil intelectual de Peregrino, remontando à sua formação na Faculdade de Direito do Recife e, posteriormente, à sua vida na Capital Federal, tendo como pano de fundo o contexto histórico da Primeira República. Também visa entender o papel da Biblioteca Nacional, local onde ele coloca em prática suas ações com relação à Documentação, bem como compreender o contexto das relações internacionais no Brasil com relação ao contato com instituições internacionais e as consequentes trocas, além de traçar um panorama das instituições científicas brasileiras.

Por fim, a seção 4, *A Documentação no Brasil: diálogos e experiências entre a Biblioteca Nacional e o Mundaneum*, busca compreender o surgimento de uma área do saber e

recuperar o histórico das iniciativas bibliográficas no País, recuperando as ações da Biblioteca para a institucionalização e fomento da Documentação como disciplina no país.

2 A UNIVERSALIZAÇÃO DO SABER: DAS PINAKES ALEXANDRINAS À DOCUMENTAÇÃO DE PAUL OTLET

Neste capítulo buscaremos compreender os ideais de Paul Otlet à luz dos ideais em voga no período, retomando o surgimento histórico da bibliografia como base para o seu projeto universal, traçando, de forma genérica, as tentativas de organização total do conhecimento humano. Teceremos, ainda, considerações sobre a corrente política seguida por Otlet e La Fontaine, articulando as ideias por eles propostas à atuação como promotores da paz. Por fim, esmiuçaremos as ideias propagadas a respeito da Documentação.

Reunir num único local todo o conhecimento produzido pelo ser humano parece ter sido sempre um dos grandes objetivos da humanidade. Desde os tempos mais remotos, com a biblioteca de Alexandria, esse ideal ou utopia²³ é buscado, e ainda hoje podemos perceber esse esforço na nossa sociedade, sendo a *internet* o “local” escolhido para reunir os produtos da mente, ou espírito, como nos fala Otlet (1908). Nessa direção, várias bibliotecas são fundadas, obras são editadas, e a ideia de uma fonte universal de conhecimento ganha forma, materializando-se, sobretudo, nos ideais do Instituto Internacional de Bibliografia, fundado pelos juristas belgas Paul Otlet e Henri La Fontaine.

Contudo, aquele ideal não se encerra em si mesmo, geralmente faz parte de algo maior, da utopia de cidades ou sociedades universais. Durante toda a Idade Média e o Renascimento projetos de cunho universalistas povoaram o ideal e as ideias de diversas pessoas, motivadas, sobretudo, pela ampliação do mundo graças às descobertas de novos continentes e territórios. De fato, Newton (1687 apud MATTELART, 2009) e Victor Hugo (1848 apud MATTELART, 2009) já alertavam sobre a necessidade de se inventariar o mundo, seja por meio da cartografia, dos estudos de botânica ou da astronomia – o que importava era conhecer as novas fronteiras, e até mesmo as velhas, como Edme Mentelle (1795 apud MATTELART, 2009, p. 70-71) já advertia:

[...] A própria Europa contém vastos países, como a Turquia, dos quais temos apenas uma pálida ideia. Nós sabemos muito mais sobre a geografia da Grécia antiga do que a do império turco que ocupa, hoje, esta bela região. O Mar

²³ Utilizaremos a noção de utopia citada por Bobbio, Matteucci e Pasquino (1998, p. 1285) segundo a qual: “[...] para o estudioso Karl Mannheim, [...] a mentalidade utópica pressupõe não somente estar em contradição com a realidade presente, mas também romper os liames da ordem existente. Não é somente pensamento, e ainda menos fantasia, ou sonho para sonhar-se acordado; é uma ideologia que se realiza na ação de grupos sociais. Transcende a situação histórica enquanto orienta a conduta para elementos que a realidade presente não contém; portanto, não é ideologia na medida em que consegue transformar a ordem existente numa forma mais de acordo com as próprias concepções. Utopia é, isto sim, inatual somente do ponto de vista de uma determinada ordem social já sedimentada”.

Mediterrâneo é também, de todos os mares da Europa, o mais popular de todos os tempos, é apenas um pouco mais conhecido: e é impossível, por meio dos comentários e materiais coletados até o momento, a elaboração de um mapa de forma ligeiramente satisfatória²⁴.

O quadro 2 sintetiza alguns desses projetos ou ideias.

Quadro 2 – Projetos de Sociedades Universais (Séculos XVII-XX)

AUTOR	NOME DO PROJETO	ANO
Tommaso Campanella	La Città del Sole	1602
Francis Bacon	The New Atlantis	1623-1626
Cyrano de Bergerac	Empires de la Lune	1657
William Penn e John Bellers	Commonwealth	1693
Saint-Pierre	Mémoire sur la réparation des chemins	1708
Jonathan Swift	Laputa	1726
Louis Sébastien Mercier	L'na 2440	1771
Adam Smith	Inquiry into the Nature and Causes of the Wealth of Nations	1776
Jérôme Lalande	Académie des Sciences	1792
Anacharsis Cloots	La République Universelle ou Adresse aux Tyrannicides	1792
Marie Jean Antoine Nicolas de Caritat, marquês de Condorcet	République Fédérative, Universelle et Fraternelle	1793
Immanuel Kant	Vers la paix Perpétuelle et Doutrine du droit	1795-1796
Charles Fourier	Théorie des quatre mouvements ets des destinées générales	1808
Pierre Simon Ballanche	Essais de palingénésie	1827-1829
Auguste Comte	Système d'industrie positive ou Traité de l'action totale de l'Humanité sur la planète	1857
Paul Otlet	Cité Universel	1910

Fonte: elaboração do autor com base em Mattelart (2009).

Frutos de aspirações majoritariamente políticas, essas sociedades visavam ser uma nova Babel²⁵, cujas diferenças que levaram à ruína da sociedade mítica seriam a fortaleza destas e seu trunfo para o sucesso. Mattelart (2009) observa, por exemplo, que:

No início do século XVII, um plano de instauração da paz perpétua guia a futura organização política da Europa e do mundo a partir de um espaço compartilhado por todas as nações. Às vésperas da Revolução de 1789, o romance utópico coloca em cena esse projeto de reconciliação universal fazendo da imprensa o vetor da

²⁴ [...] l'Europe même renferme de vastes contrées, telles que la Turquie, dont nous n'avons qu'une faible idée. Nous connaissons beaucoup mieux la géographie de l'ancienne Grèce que celle de l'empire turc qui occupe aujourd'hui cette belle contrée. La mer Méditerranée qui est aussi, de toutes les mers de l'Europe, la plus fréquentée de tous les temps, n'est rien moins que bien connue : et il est impossible, avec les observations et les matériaux recueillis jusqu'à ce jour, d'en dresser une carte tant soit peu satisfaisante.

²⁵ A lendária construção bíblica que, por visar alcançar o céu, despertou a ira de Deus, que, como de vingança ou punição, fez com que cada trabalhador falasse uma língua diferente, levando, neste caso, ao desentendimento e ao caos, o que gerou a ruína do empreendimento. Borges (1999) também nos fala de uma biblioteca total, que não tinha fim e continha tudo o que a humanidade havia produzido.

fraternidade entre os povos. A diferença continua grande entre o ideal de universalidade e o estado dos conhecimentos geográficos e os contornos do universo²⁶ (MATTELART, 2009, p. 39).

Convém ressaltar que as bases, por exemplo, do socialismo foram lançadas por tais pensamentos ditos utópicos, ao mesmo tempo em que estavam impregnados por ideais mercantis. Logo, se o local onde se fixaria a cidade universal estava condicionado à visão de cada autor, diversos aspectos confluem, como a ideia de uma sociedade igualitária onde o respeito mútuo seria o cerne. De fato, não podemos ignorar a influência dos interesses de mercado por trás de tais ideais, pois, o capitalismo experimentava seus primeiros passos e a supressão de barreiras físicas, tais como fronteiras, ou barreiras alfandegárias, como impostos, seriam uma forma de alavancar o novo sistema, de compor aquilo que Mattelart (2009) chama de República Mercantil Universal²⁷; “[...] Ora divergentes, ora cúmplices, esses dois ideais de um espaço sem fronteiras vão doravante amparar as tentativas de construção do novo lugar social universal²⁸” (MATTELART, 2009, p. 73).

Logo, a visão de um centro de poder, seja ele político, financeiro e/ou intelectual, também perpassa os projetos universalistas. O que nos parece notório, de fato, é que as aspirações universais são – e não poderia ser diferente – projetos personalistas, cujas aspirações derivam da vontade política e social de cada personagem envolvido; contudo, nos ateremos a detalhar mais essa característica quando abordarmos o projeto Otletiano.

A criação de uma sociedade universal parece fazer cada vez mais sentido durante o século XVII e XVIII, tendo, conforme já visualizamos no quadro 2, vários adeptos e o ideal de instituições de cunho mundialista povoam os planos. Entretanto, ainda é curioso notar o quão os Estados europeus, berços de tais projetos, ainda estavam imbricados em conflitos bélicos ou diplomáticos, o quanto a estabilidade tão sonhada ainda parecia distante e essas ideias eram relegadas a segundo plano, sem conquistar a simpatia de muitos e sendo consideradas loucura pela maioria (MATTELART, 2009).

²⁶ Au début du XVIII^e siècle, un plan d’instauration de la paix perpétuelle esquisse la future organisation politique de l’Europe et du monde à partir d’un espace admis comme commun à toutes les nations. À la veille de la Révolution de 1789, le roman utopique met en scène ce projet de réconciliation universelle en faisant de la presse le vecteur de la fraternité entre les peuples. L’écart est toujours grand entre l’ideal d’universalité et l’état des connaissances géographiques sur les contours de l’univers.

²⁷ Em francês, République Mercantile Universelle.

²⁸ [...] Tantôt divergentes, tantôt complices, ces deux idéaux d’un espace sans frontières vont désormais soutenir les tentatives de construction du nouveau lien social universel.

Mas a partir de meados do século XIX²⁹ a situação parece mudar quando o ambiente de concórdia e tranquilidade entre as nações da Europa passa a ser a regra e não a exceção, permitindo que novas ideias surjam (MATTELART, 2009). Assim, na década final do século XIX, florescem os ideais de Paul Otlet para construção de sua Cidade Mundial³⁰ (Figura 1), contando com a visão de universalização do conhecimento produzido ao redor do mundo e maior interação entre as nações, pois, para ele, o acesso à informação contida nos documentos, levaria ao mútuo entendimento entre as mais variadas culturas do globo (RAYWARD, 1975).

Otlet (1929), mais do que um polo de conhecimento, busca construir uma cidade que abrigue todas as instituições internacionalistas do mundo, um local para onde todas as pessoas poderiam voltar-se em busca do conhecimento e reconhecimento mútuo, ou seja, em busca da paz perpétua à qual Mattelart (2009) se refere. Tal cidade seria a sede da Sociedade das Nações³¹ – projeto o qual ajudou a conceber –, e estaria dotada de museus, bibliotecas, arquivos, universidades, bancos e outras instituições financeiras, tribunais arbitrais e outras instâncias jurídicas, todas com caráter mundialista visando o mútuo auxílio e entendimento (OTLET, 1929).

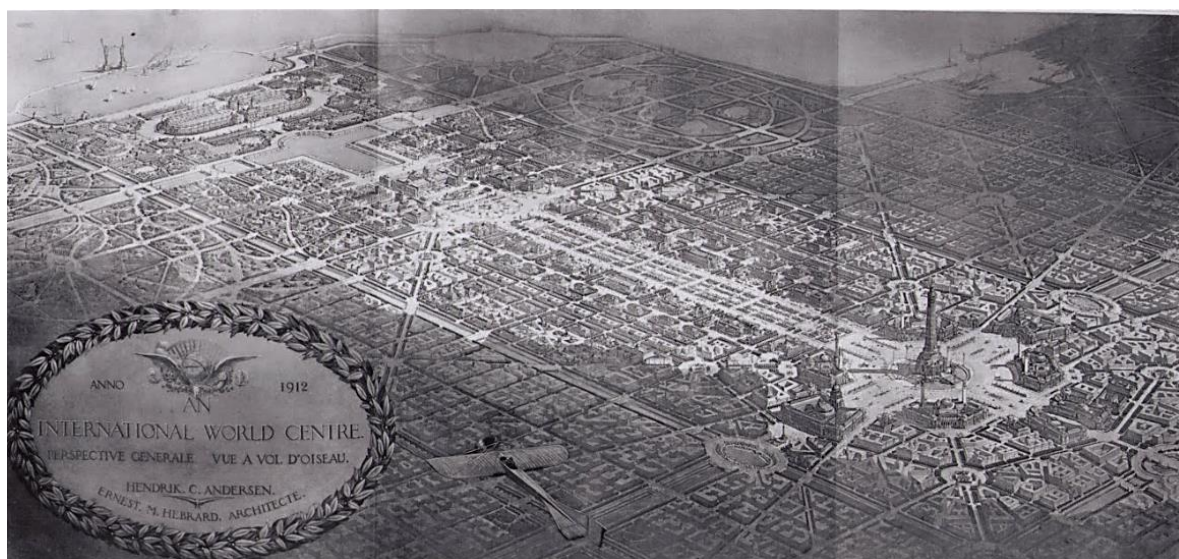


Figura 1: Cité Mondiale.

Fonte: Andersen (1912).

²⁹ La Fontaine e Otlet (1912) marcam a década de 1840 como o momento da guinada com relação aos projetos internacionalistas.

³⁰ Em francês, *Cité Mondiale*, e em inglês, segundo Mattelart (2009), *World Civic Center*.

³¹ A Sociedade das Nações foi fundada em 1919 em resposta à Primeira Grande Guerra e sua extinção se deu em 1939 por ocasião do início da Segunda Grande Guerra. Ela é o protótipo do que veio a se constituir na Organização das Nações Unidas (ONU), fundada em 1945, após o fim deste segundo conflito bélico e está em funcionamento até hoje (FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS, c2015).

Dessa forma, o *Mundaneum* (parte dessa grande cidade universal) aparece como consequência do pensamento em voga no final do século XIX, quando os ideais positivistas de paz e progresso caminhavam juntos. A noção de que o desenvolvimento das sociedades humanas levaria a um tempo de paz era o pensamento essencial dessa corrente.

[Otlet] entende [o *Mundaneum*] como uma instituição que seja o quartel general para as associações, congressos e movimentos internacionais, e um centro científico, documentário e educativo que combina, em um só lugar, e em nível mundial, as cinco grandes instituições tradicionais do trabalho intelectual: a biblioteca, o museu, a associação científica, a universidade, instituições de pesquisa³² (OTLET, 1929, p. 14).

Várias pessoas e comunidades científicas da época discutiam e faziam propaganda do ideal de uma sociedade universal pacifista. Nesse sentido, a criação de congressos e instituições que visavam reunir num mesmo espaço de discussão as diferentes nações do mundo aumentou exponencialmente, bem como a sua frequência³³. A lógica nos parece ser a de preparação do terreno e o lançamento das bases de uma futura sociedade universal (MATTELART, 2009).

Nesse bojo foi criado, em 1891-1892³⁴, o *International Peace Bureau*, instituição que pregava um mundo sem guerras ou armas. Sua fundação se deve a uma série de congressos intitulados *Universal Peace Congress*, realizados em várias cidades, principalmente da Europa, a partir de 1889 até a década de 1930 (MATTELART, 2009; INTERNATIONAL PEACE BUREAU, c2012). Mattelart (2009, p. 203) observa que:

Em 1889, as sociedades de paz decidem organizar cada uma um “congresso universal”. [...] Entre cada evento, as associações nacionais como o Bureau de Berna encarregam-se das campanhas de “propaganda da paz”, dirigidas à opinião pública. Às publicações nacionais, como a *Revue de la paix*, o *Almanach de la paix* e os livros da “Biblioteca da Paz” rebatizada significativamente no início do século XX “Biblioteca pacifista internacional”, lançados a partir dos anos de 1870 pela Sociedade dos Amigos da paz, acrescenta-se, em 1910, uma coleção inteira de obras históricas de referências multilíngües, próprias a sedimentar uma “ciência da paz”³⁵.

³² [...] Il entend par là une institution qui suit un Quartier général pour les Associations, Congrès et libres mouvements internationaux, et un centre scientifique, documentaire et éducatif qui combine, en une seule unité, et au degré mondial, les cinq grandes institutions traditionnelles du travail intellectuel: la Bibliothèque, le Musée, l'Association scientifique, l'Université, l'Institut des Recherches.

³³ A título de exemplo, é nesse período que as Olimpíadas voltaram a ser disputadas, por iniciativa do Barão de Coubertin e sob a égide da cooperação internacional, com vistas à paz (MATTELART, 2009).

³⁴ Mattelart (2009) cita como data de fundação do Bureau o ano de 1889, mas optamos por nos guiar pelo que diz o *website* oficial da instituição (<http://www.ipb.org/web/>. Acesso em: 20 jun. 2016).

³⁵ En 1889, les sociétés de la paix décident d'organiser chaque année un « congrès universel ». [...] Entre chaque événement, les associations nationales comme le Bureau de Berne se chargent des campagnes de « propagande de la paix » en direction de l'opinion publique. Aux publications nationales, comme la *Revue de la paix*, l'*Almanach de la paix* et les livres de la « Bibliothèque de la paix », rebaptisée significativement au début du XX^e siècle « Bibliothèque pacifiste internationale », lancés à partir des années 1870 par la Société des amis de la paix, vient s'ajouter vers 1910 toute une collection d'ouvrages historiques de référence multilingues, propres à cimenter une « science de la paix ».

Dessa forma, a “ciência da paz” – expressão cunhada por Otlet e citada por Mattelart (2009) – teria relação com a criação de instituições que propagassem o conhecimento científico e os ideais de desenvolvimento pacifista. Onde o mundo seria um só, independente de nações ou fronteiras: o ideal de algumas correntes de pensamento neste período era de que a desterritorialização³⁶ seria um processo natural de evolução da humanidade; assim, as fronteiras entre as nações não seriam mais impedimento para o livre fluxo de pessoas e a troca entre diferentes culturas. Seja com objetivos intelectuais ou mercantis, essas barreiras, criadas por convenções políticas, não seriam mais obstáculos ao desenvolvimento social humano, pois, se a paz mundial fosse alcançada, as delimitações fronteiriças, inclusive, se tornariam desnecessárias (MATTELART, 2009).

Sob esses ideais, Otlet e La Fontaine fundam, em 1907, com o auxílio de outros militantes da causa pacifista, o *Office Central des Institutions Internationales*, hoje *Union des Associations Internationales* (UAI), que visa fortalecer os relacionamentos entre as mais variadas instituições internacionais existentes no mundo, ou seja, ser um centro de estudos e pesquisas sobre as iniciativas de interação mundial e um repositório de informações sobre as associações de cunho internacional (UNION OF INTERNATIONAL ASSOCIATIONS, 2015a, 2015b).

Dentre as muitas ações da dupla de juristas no comando da UAI, a que nos é mais cara é o lançamento, em 1912, da revista *La Vie Internationale*, publicação periódica que tinha por objetivo “Contribuir para desenvolver as relações além das fronteiras, ampliar a solidariedade humana e para assegurar a paz entre as nações [...] Fazer do mundo inteiro uma só cidade e de todos os povos uma só família³⁷” (LA FONTAINE; OTLET, 1912). Os juristas belgas argumentam que:

O desenvolvimento das relações entre os povos é o traço mais característico da civilização atual. O internacionalismo da nossa época não é apenas uma concepção do espírito; ele é baseado em um conjunto de realidades. São elas: a expansão do homem por toda a terra; a rede de comunicação que ele estabeleceu para o transporte de pessoas, de mercadorias e de ideias; a economia tornou-se mundial em todos os ramos de trabalho, da indústria, do comércio e das finanças; as ciências, a literatura e as artes constituindo gradualmente, de todos os pensamentos nacionais e étnicos, um pensamento mundial, graças às viagens, às publicações, aos congressos, às exposições; finalmente, a formação de unidades

³⁶ Guattari e Rolnik (1986, p. 323 apud HAESBAERT; BRUCE, 2002, p. 1) observam que: “O território pode se desterritorializar, isto é, abrir-se, engajar-se em linhas de fuga e até sair do seu curso e se destruir. A espécie humana está mergulhada num imenso movimento de desterritorialização, no sentido de que seus territórios “originais” se desfazem ininterruptamente com a divisão social do trabalho, com a ação dos deuses universais que ultrapassam os quadros da tribo e da etnia, com os sistemas maquímicos que a levam a atravessar cada vez mais rapidamente, as estratificações materiais e mentais”.

³⁷ Contribuer à développer les relations par-delà les frontières, à accroître la solidarité humaine et à assurer la paix entre les nations. [...] Faire du monde entier une seule cité et de tous les peuples une seule famille.

políticas mais e mais consideráveis, substituindo um governo unificado por uma infinidade de soberanias secundárias ou federações de povos, por acordos cada vez mais numerosos e abrangentes³⁸ (LA FONTAINE; OTLET, 1912, p. 9).

Assim “[...] pessoas, produtos, ideias chegaram a um extraordinário grau de civilização universal. Toda a Terra está descoberta e ocupada; todos os homens se relacionam, direta ou indiretamente, uns com os outros³⁹” (LA FONTAINE; OTLET, 1912, p. 12).

Logo, com toda a superfície do globo ocupada e/ou mapeada, seria a hora de construir uma única nação, em escala global e que comportasse a todos. A dupla belga vai além, pois determina a função de cada setor da sociedade e seu papel na vida internacional, diz que os três poderes do Estado devem apoiar a causa internacionalista, bem como suas instituições; que serviços tais como correios e telégrafos devem ser internacionais e facilitar a comunicação entre as pessoas; que assuntos de interesse supranacionais devem ser discutidos globalmente; e que haja equilíbrio nas transações comerciais e melhor distribuição dos produtos manufaturados (LA FONTAINE; OTLET, 1912). Já com relação à organização do conhecimento produzido nesse novo modelo de organização global, eles observam que:

A conservação dos resultados científicos se faz por intermédio do Livro. No entanto, este último tem sido objeto de acordos importantes que têm como objetivo criar uma organização internacional de documentação. O Instituto Internacional de Bibliografia, o International Catalog of Scientific Litteratur, as Comissões Internacionais de Intercâmbio presidem essa organização. Todos os escritos publicados são inventariados, classificados e, mediante vastos repertórios, levados ao conhecimento dos interessados. Eles são conservados em bibliotecas nacionais, internacionais ou especiais, sendo intercambiáveis entre si; todos os organismos publicadores, administrações públicas, instituições científicas e sociedades científicas mantêm relações de trocas para todas as suas publicações. Regras são aprovadas para a impressão de textos, tratados, periódicos, anuários, corpus, a fim de centralizar todas as informações, de torná-las comparáveis, de realizar conjuntos sistemáticos de publicações e de atingir, no futuro, todas as publicações científicas particulares e que possam ser consideradas como elementos, as partes, os capítulos, os parágrafos de uma vasta enciclopédia documentária que constitui o Livro Universal do conhecimento, contando de dia

³⁸ Le développement des relations entre les peuples est le trait le plus caractéristique de la civilisation actuelle. L'internationalisme de notre époque n'est pas seulement une conception de l'esprit; il repose sur un ensemble de réalités. Ce sont : l'expansion de l'homme à travers toute la terre; le réseau de communications qu'il a établi pour le transport des personnes, des marchandises et des idées; l'économie devenue mondiale dans toutes les branches du travail, dans l'industrie, le commerce et la finance; les sciences, les lettres et les arts constituant graduellement, de toutes les pensées nationales et ethniques, une pensée mondiale, grâce aux voyages, aux publications, aux congrès, aux expositions; enfin, la formation d'unités politiques de plus en plus considérables, substituant un gouvernement unifié à une infinité de souverainetés secondaires ou fédérant les peuples par des ententes de plus en plus nombreuses et étendues.

³⁹ [...] personnes, produits, idées en sont arrivés à un extraordinaire degré de civilisation universelle. Toute la terre est découverte et occupée; tous les hommes sont en relations, directe ou indirecte, les uns avec les autres

para dia, com todo o trabalho intelectual dos dois Mundos⁴⁰ (LA FONTAINE; OTLET, 1912, p. 26).

Sendo assim “A difusão da Ciência é obtida pelas facilidades de acesso ao Livro dadas aos estudiosos, aos estudantes, aos autodidatas e também pela organização do ensino⁴¹” (LA FONTAINE; OTLET, 1912, p. 26).

No âmbito de tais relações, algumas palavras e conceitos se tornaram frequentes, como mundialismo⁴², internacionalismo, universalismo e pacifismo, todas denotando o ideal de cooperação internacional, mas com diferentes visões. Nesse sentido, Bobbio, Matteucci e Pasquino, (1998, p. 792) definem mundialismo como:

[...] o movimento que tem como objetivo a construção da unidade política mundial. Nele confluem aspirações cosmopolitas e pacifistas, qualificadas pela indicação dos instrumentos institucionais necessários para garantir suas realizações.

Ele afirma o princípio da unidade (pluralista) do gênero humano acima das divisões nacionais e a necessidade de um seu ordenamento pacífico capaz de garantir a unidade do planeta e, ao mesmo tempo, a autonomia de todos os Estados.

Quanto ao internacionalismo, os autores citados acima afirmam que:

O termo [...] começou a fazer parte do vocabulário político na segunda metade do século XIX e foi inicialmente usado para designar movimentos de idéias e fenômenos políticos assaz diversos, mas todos eles caracterizados, de uma maneira geral, pela preponderância atribuída à comunidade de interesses das nações, à solidariedade política e econômica de todos os povos e ao seu desejo de cooperação mútua, sobre os interesses e móveis nacional-estaduais. [...] compreende tendências tão diversas como a genérica aspiração humanitária a uma comunidade de idéias e de ideais capaz de unir todos os povos numa só sociedade civil, o esforço por fazer avançar a causa da paz por meio de um sistema de instituições e normas supranacionais, como a arbitragem obrigatória e as cortes internacionais de justiça, ou a utopia da completa liberalização das trocas comerciais, visando a ajustar as relações mundiais a uma suposta harmonia de

⁴⁰ La conservation des résultats scientifiques se fait à l'intermédiaire du Livre. Or, celui-ci a fait l'objet d'ententes remarquables qui ont pour but d'établir une organisation internationale de la documentation. L'Institut International de Bibliographie, l'International Catalog of Scientific Litteratur, les Commissions Internationales des Échanges président aux services de cette organisation. Tous les écrits publiés sont inventoriés, classés et, à l'intermédiaire de vastes répertoires, portés à la connaissance des intéressés. Ils sont conservés dans des Bibliothèques nationales, spéciales ou internationales, entretenant entr'elles des relations de prêt; tous les organismes publicateurs, administrations publiques, établissements scientifiques et sociétés savante sont mis en relations d'échanges pour toutes leurs publications. Des règles sont arrêtées pour l'impression des textes, des traités, des périodiques, des annuaires, des corpus, afin de centraliser toutes les informations, de les rendre comparables, de réaliser des ensembles systématiques de publications et d'aboutir à ce qu'à l'avenir, toutes les publications scientifiques particulières puissent être considérées comme des éléments, les parties, les chapitres, les paragraphes d'une vaste encyclopédie documentaire constituant le Livre Universel du savoir, comptabilisant au jour le jour, tout le travail intellectuel des deux Mondes.

⁴¹ La diffusion de la Science est obtenue par les facilités d'accès du Livre données aux savants, aux studieux, aux autodidactes et aussi par l'organisation de l'Enseignement.

⁴² Mattelart (2009) atribui a criação da expressão mundialismo (*Mondialisme* em francês) a Paul Otlet.

interesses de todos os povos (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1998, p. 642).

Sobre o o pacifismo, os autores observam que ele seria:

[...] uma doutrina, ou até mesmo só um conjunto de idéias ou de atitudes, bem como o movimento correspondente, marcados por estas duas características: a) condenação da guerra como meio apto para resolver as contendas internacionais; b) consideração da paz permanente ou perpétua entre os Estados como um objetivo possível e desejável. [...] O Pacifismo distingue-se, por sua vez, tanto do cosmopolitismo, que é a afirmação de universalismo, mais no campo das idéias que das instituições, e reivindica a superação de todas as barreiras nacionais quanto aos indivíduos, não quanto aos Estados, como também do internacionalismo, que proclama a união supranacional das pessoas pertencentes ao mesmo grupo, classe ou partido, com o objetivo de reforçar sua coesão e influência, não necessariamente com fins pacíficos (BOBBIO; MATTEUCCI E PASQUINO, 1998, p. 875).

O termo “universalismo”, em sentido ético, o qual, acreditamos, é mais próximo do sentido buscado por Otlet e La Fontaine, é definido por Abbagnano (1999, p. 984), como “[...] qualquer doutrina contrária ao individualismo que afirme a subordinação do indivíduo a uma comunidade qualquer (estado, povo, nação, humanidade, etc.)”.

Em suma, todos esses termos destacam o papel de relevo das instituições supranacionais e a necessidade do mútuo entendimento entre as nações de forma que se alcance a paz perpétua. Todas as bases de uma sociedade dita universal estão lançadas e confluem para a articulação entre vários setores e as mais variadas instituições e pessoas.

Quanto a esse aspecto, Mattelart (2009, p. 221-222) declara que o pensamento, no início do século XX, era de que:

A organização da nova vida internacional é fundada na plena liberdade das trocas, e conseqüentemente, sobre a supressão das alfândegas, temperada por uma regulação internacional dos monopólios, cartéis e trustes de produção, de distribuição e de transporte, e da circulação fiduciária, e, enfim, em um “serviço universal de comunicação”. Uma das prioridades dos grandes trabalhos é a construção de uma “transmundial⁴³”, outro termo forjado por Otlet, uma rede que estende suas ramificações a todo o globo; um sistema coordenado de transporte terrestres, marítimos, aéreos, de comunicações postais, telegráficas, e radiotelegráficas⁴⁴.

⁴³ Para mais informações sobre a “Transmundial”, consultar: RAYWARD, W. Boyd. Visions of Xanadu: Paul Otlet (1868-1944) and hipertext. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 45, n. 4, p. 235-259, maio 1994a.

⁴⁴ L’organisation de la nouvelle vie internationale est fondée sur la pleine liberté des échanges, donc sur la suppression des douanes, tempérée par une régulation internationale des monopoles, cartels et trusts de production, de distribution et de transport, et de la circulation fiduciaire, et, enfin, sur un « service universel de communication ». Une des priorités des grands travaux est la construction d’un « transmondial », autre terme forgé par Otlet, un réseau qui étende ses ramifications à tout le globe, un système coordonné de transports terrestres, maritimes, aériens, de communications postales, télégraphiques et radiotélégraphiques.

Nesse sentido, o meio no qual o Instituto Internacional de Bibliografia, posteriormente, *Mundaneum*, é concebido está cercado por aspirações de intercâmbio internacional e de conceitos de paz, onde propunha-se que o entendimento entre as nações faria a humanidade evoluir. Os antecedentes desse ideal residem no final do século XIX, mais precisamente em 1895, quando Otlet e La Fontaine fundam o Instituto Internacional de Bibliografia (IIB), com o objetivo de criar um instrumento de acesso e disseminação de informações em nível mundial (BULLETIN DE L'INSTITUT INTERNATIONAL DE BIBLIOGRAPHIE, 1895; ROBREDO, 2003; PINHEIRO, 2002; PEREIRA, 1995).

O instrumento proposto pela dupla belga para representação, acumulação e disseminação do conhecimento produzido ao redor do mundo era a Bibliografia – disciplina secular, ligada à Biblioteconomia, que pode ser entendida, modernamente, como a “[...] produção sistemática de listas descritivas de registros do conhecimento, principalmente livros, artigos de periódicos e capítulos de livros, bem como itens similares” (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 46). Com o uso da Bibliografia, Otlet e La Fontaine sugeriram a criação do Repertório Bibliográfico Universal, fonte de pesquisa que visava reunir toda a representação do conhecimento humano em um mesmo lugar e que detalharemos mais à frente. Essa representação era feita por meio de fichas padrão 7,5cm por 12,5cm⁴⁵, com princípios da catalogação e da classificação⁴⁶ (RAYWARD, 1975). Silva e Freire (2012, p. 9) declaram que “A pretensão do RBU era conceber uma síntese dos assuntos, desde a invenção da imprensa, por meio de fichar [sic], de modo a promover uma rede conceitual que facilitasse e ampliasse o acesso à informação”.

Assim, o ideal internacionalista de Paul Otlet e Henri La Fontaine amparavam-se no contato com diversas instituições que pudessem servir ao propósito de universalização do acesso e disseminação da informação ao redor do mundo.

Paul Marie Gislain Otlet (Figura 2) nasceu em Bruxelas em 1866 e graduou-se em Direito pela *Université Libre de Bruxelles*. Porém, seu destaque se deve a outro ramo do conhecimento: a Documentação, área do saber do qual é considerado o pai⁴⁷. Suas ideias acerca desta então nova área do saber, oriunda da Biblioteconomia e da Bibliografia, floresceram no

⁴⁵ No padrão americano essas medidas equivalem a 3 x 5 polegadas.

⁴⁶ A Classificação Decimal de Dewey (CDD), criada em 1876 por Melvil Dewey, bibliotecário americano, fora utilizada por Otlet e La Fontaine como base para a criação da Classificação Decimal Universal (CDU). Lançada entre os anos de 1904 e 1907, a CDU é até hoje utilizada e permite maior especificidade no momento da classificação de documentos (RAYWARD, 1975), sendo esta utilizada na representação do RBU.

⁴⁷ Para mais informações sobre a vida e a obra de Paul Otlet recomenda-se a leitura de Rayward (1975).

final do século XIX e ganharam mais vida no alvorecer século XX. O ano de 1934 é considerado um marco na divulgação dos seus ideais, pois foi quando se lançou o seu *Traité de Documentation*, obra que discorre sobre os princípios da Documentação e sua importância para a organização da informação produzida pela humanidade, mas que é fruto de anos de reflexão acerca da organização e disseminação das informações produzidas pela humanidade (RAYWARD, 1975; RIEUSSET-LEMARIÉ, 1997).



Figura 2: Paul Otlet.
Fonte: Paul... ([188-]).

Otlet também foi um dos responsáveis pela mudança de paradigma do documento, ao pensá-lo como um registro do conhecimento humano, tirando o formato livro do foco e colocando outros objetos sob tal perspectiva, como os objetos tridimensionais (RIEUSSET-LEMARIÉ, 1997; FAYET-SCRIBE, 2000). No quadro a seguir podemos ver como se desenvolve sua ação ao longo do tempo:

Quadro 3 – Ações de Paul Otlet ao longo do tempo

ANO	AÇÃO
1868	Nasce em Bruxelas.
1890	Conhece Henri La Fontaine.
1892	Publicam a Bibliografia Sociológica Belga.
1895	Funda o Instituto Internacional de Bibliografia.

1900	O Repertório Bibliográfico Universal é apresentado e recebe um prêmio na Exposição Universal de Paris.
1905	Lança a Classificação Decimal Universal (CDU). Início do pensamento sobre a concepção de Documentação.
1906	Ajuda na invenção do microfilme.
1910	Tece as primeiras considerações acerca do <i>Mundaneum</i> e da <i>Cité Mondiale</i> .
1914	Início da Primeira Guerra Mundial.
1930	O IIB transforma-se no Instituto Internacional de Documentação.
1934	Publica o <i>Traité de Documentation</i> .
1939	Início da Segunda Guerra Mundial.
1943	Falecimento de Henri La Fontaine.
1944	Falece em Bruxelas.

Fonte: elaboração do autor com base em Mundaneum (c2016).

Henri Marie La Fontaine (1854-1943) (Figura 3) bem como Otlet nasceu em Bruxelas e se formou em Direito pela *Université Libre de Bruxelles*⁴⁸, sendo, também, considerado o pai da Documentação, além de ter advogado pela causa da paz, fazendo dela a sua bandeira ao longo da vida. Justamente pelo seu espírito pacifista, foi agraciado com o Prêmio Nobel⁴⁹ da Paz em 1913 (RAYWARD, 1975). Na ocasião, sua apresentação foi feita da seguinte forma:

Henri La Fontaine é o verdadeiro líder do movimento popular da paz na Europa. Desde 1907 ele preside o International Peace Bureau, em Berna. [...] Ele é um dos homens mais bem informados no trabalho pela paz, e sua iniciativa e energia têm feito muito para promover o movimento internacional pela paz, especialmente nas conferências interparlamentares e de paz dos últimos anos, onde ele tem contribuído para a organização prática do movimento e para a elaboração do direito internacional. [...] Não há ninguém que tenha contribuído mais para a organização do internacionalismo pacífico, e seu talento excepcional para a administração tem sido inestimável para o movimento pela paz. La Fontaine pertence à ala moderada do Partido Socialista, ele é o primeiro socialdemocrata a receber o Prêmio Nobel da Paz⁵⁰ (THE NOBEL Peace Prize, [2013]).

⁴⁸ Para mais informações sobre a vida e a obra de Henri La Fontaine recomenda-se a consulta à Rayward (1975).

⁴⁹ O Prêmio Nobel foi idealizado pelo inventor da dinamite, Alfred Bernhard Nobel (1833-1896), que pediu em testamento que a renda de sua fortuna fosse usada para premiar aqueles que no ano anterior tivessem contribuído por meio de sua ação ou estudos para o avanço da sociedade. Cinco anos após a sua morte seu desejo se realiza e o prêmio passou a ser dado àqueles indicados por comissões de intelectuais nas áreas de Literatura, Paz, Física, Química e Medicina e Fisiologia (ZABOLOTNY, 2007).

⁵⁰ Henri La Fontaine is the true leader of the popular peace movement in Europe. Since 1907 he has been president of the International Peace Bureau in Bern. [...] He is one of the best informed men working for peace, and his initiative and energy have done much to promote the international peace movement, particularly in the interparliamentary and peace conferences of recent years, where he has contributed to the practical organization of the movement and to the framing of international law. [...] There is no one who has contributed more to the organization of peaceful internationalism, and his outstanding talent for administration has been invaluable to the peace movement. La Fontaine belongs to the moderate wing of the Socialist Party; he is the first Social Democrat to receive the Nobel Peace Prize.



Figura 3: Henri La Fontaine.

Fonte: Henri... ([191-]).

Podemos perceber que os interesses de Otlet e La Fontaine parecem convergir para o ideal de intercâmbio internacional. Nessa perspectiva, para eles, a erudição, a cultura e a educação possibilitam o reconhecimento de culturas alheias como semelhantes, sendo a difusão do conhecimento o instrumento capaz de permitir o alcance de um mundo pacífico (FONSECA, 1957; RIEUSSET-LEMARIÉ, 1997).

O ano de 1890 parece ser chave nessa relação, pois é quando os dois juristas se conhecem, durante a organização da bibliografia sociológica belga. Naquele espaço, ao que tudo indica, os ideais de Otlet e La Fontaine de criação de uma rede de comunicação em escala mundial parecem começar a se desenhar (RAYWARD, 1975). Assim, surge, segundo Mattelart (2009) um protótipo de rede entre membros da comunidade científica acerca da troca documental e da normalização das classificações bibliográficas; nascendo pelas mãos de Otlet e La Fontaine, em 1895, o Instituto Internacional de Bibliografia.

O IIB tem por missão principal ser uma instituição de cunho científico que se propõe a inventariar, organizar e classificar o conhecimento produzido pela humanidade, contribuindo para a uniformização dos métodos empregados em tais tarefas (BULLETIN DE L'INSTITUT INTERNATIONAL DE BIBLIOGRAPHIE, 1895).

Estando em consonância com seus objetivos, o contato com várias instituições no mundo foi iniciado pela dupla tendo por meta a criação de um repositório internacional dos saberes humanos; assim propôs-se a criação do Repertório Bibliográfico Universal (RBU), instrumento no qual os produtos do intelecto de todos os lugares do mundo poderiam ser facilmente acessados. Neste catálogo universal estaria presente a descrição bibliográfica (catalogação) de diversos itens, bem como sua reunião por meio da classificação, onde assuntos correlatos estariam próximos na organização desse imenso fichário (RIEUSSET-LEMARIÉ, 1997). Com essa finalidade, Otlet e La Fontaine propuseram um novo instrumento de classificação, a Classificação Decimal Universal. A CDU, como ficou conhecida, é uma adaptação da Classificação Decimal de Dewey (CDD) aos ideais do IIB; nela estão arroladas tabelas auxiliares que permitem a utilização de diversos sinais gráficos, além de números, para a classificação e a representação de um documento.

Todavia, por trás do ideal de cooperação internacional, podemos visualizar também o ideal de paz apregoado pelos belgas. De fato, como evolução natural de tal projeto, surge a Documentação, tal disciplina revoluciona os métodos de tratamento dos documentos e surge no bojo do acesso universal às fontes de informação, sejam elas tradicionais, como o livro, ou recentes àquela altura, como o cinema. Otlet (1934), ainda observa que a cooperação entre as mais variadas nações e instituições agilizaria o processo de tratamento e difusão da informação, logo, a coordenação era ponto chave em tal empreitada.

A Documentação, segundo Otlet (1934), visava, assim, ditar novos meios de organização dos frutos do espírito humano, bem como para sua representação, catalogação, descrição, classificação, tornando disponíveis para consulta todos os documentos – usado aqui, conforme já referenciamos, em seu sentido mais amplo – ao público interessado.

Para além disso, Otlet (1934) professa que organismos tais como bibliotecas, arquivos, museus, universidades e institutos de pesquisa são de suma importância para a realização do tratamento global da informação, sendo os primeiros locais a serem buscados por estudiosos, pesquisadores, estudantes e interessados em informação em geral. Contudo, teceremos maiores considerações sobre a Documentação na seção 2.3.

Em relação à organização do conhecimento em escala global, o projeto de Otlet e La Fontaine não se mostra tão original quanto parece pois, nos séculos anteriores, várias pessoas tentaram organizar os frutos do espírito humano como o próprio Otlet (1908) mostra, seja em maior ou em menor escala, como veremos na seção a seguir.

2.1 DA BIBLIOGRAFIA AO MOVIMENTO BIBLIOGRÁFICO INTERNACIONAL

Presente na alcunha da primeira empreitada universalista de Paul Otlet e Henri La Fontaine, a Bibliografia, àquela época, era uma disciplina secular cuja tradição advém da Antiguidade, quando, segundo Reyes Gómez (2010), Calímaco, bibliotecário de Alexandria, cria as “Pinakes”, ou a lista de obras que a instituição continha. Sob este prisma, as bibliografias se constituem em fonte de informação para pesquisadores, estudantes, curiosos etc.

Seus tipos são variados, podendo ser sinaléticas – quando é realizada somente a descrição da obra –, ou analíticas – quando a obra é analisada sob múltiplos aspectos, incluindo os bibliológicos⁵¹, mais voltados à materialidade do livro. Uma bibliografia pode ser, ainda, geral ou especializada em alguma área do conhecimento; ou de cunho nacional/regional (BALSAMO, [200-]; REYES GÓMEZ, 2010). Araújo (2015, p. 119) menciona que:

A Bibliografia é uma disciplina constituída por interfaces teóricas e práticas que, desde sua origem, tem fundamentado o tratamento documental, seja do ponto de vista de sua descrição, classificação, circulação e mediação. Paralelamente, a Bibliografia se ocupa do mapeamento e da representação dos saberes e do conhecimento.

Complementarmente, o autor ainda nos elucida que “A palavra bibliografia indica a disciplina (Bibliografia), seu objeto de estudo (ligado às teorias e aos métodos de produção de repertórios, aspectos da fisicalidade dos documentos, etc.) e o resultado dos processos documentários (as listas)” (ARAÚJO, 2015, p. 121). Ou seja, Bibliografia denota uma área do conhecimento/saber interessada nos métodos e técnicas de descrição de documentos visando a construção de fontes de informação que, dependendo de seu caráter e objetivo, serão generalistas e/ou especializadas.

Com efeito, se hoje o papel reservado à Bibliografia é secundário e até mesmo ignorado, deve-se à essa disciplina os processos e técnicas de descrição documental utilizados cotidianamente. Derivadas da evolução e aperfeiçoamento no decorrer dos séculos, as técnicas bibliográficas nos ajudaram, e ajudam, na organização do conhecimento produzido pela humanidade, seja pela padronização de descrições, utilização de classificações, pela elaboração de simples listas até a análise minuciosa obra a obra. De fato, corroboramos com Araújo (2015, p. 124), que:

⁵¹ “1. Conjunto das ciências e técnicas que se ocupam do livro e da escrita. 2. Parte da documentologia que estuda o livro sob seus aspectos. Compreende a biblioteconomia, a bibliografia e a biblioteconomia, 3. Parte da bibliografia que estuda em geral o livro em seu aspecto histórico e técnico” (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 48).

[...] é inegável, do ponto de vista da história das disciplinas que lidam com a informação e com o documento, que a Bibliografia fundamentou as práticas e técnicas desenvolvidas posteriormente pela Documentação, Biblioteconomia e CI [Ciência da Informação], sobretudo na sua dimensão documental para concepção e desenvolvimento de listas e repertórios bibliográficos.

Tendo o avanço de tal área no decorrer dos séculos como pano de fundo, outro nome pioneiro na criação de bibliografias aparece, o médico grego Galeno, que no século II a.C. cria uma lista das obras da qual era autor visando eliminar dúvidas sobre a autenticidade de alguns de seus escritos, bem como negar a autoria de tantos outros. Já o pai das biobibliografias⁵² foi São Jerônimo, que no século V arrola em sua obra *De viris illustribus* a biografia de vários autores eclesiásticos, bem como as obras por eles escritas (REYES GÓMEZ, 2010).

De fato, é durante o Medievo que as bibliografias se desenvolvem de forma mais acentuada, onde passam a “[...] contar com um princípio diretor constante em suas descrições: nome do autor, dignidade eclesiástica e lugar onde exerce, suas obras, valorização do conteúdo, atendendo à sua qualidade intelectual, e dados cronológicos⁵³” (REYES GÓMEZ, 2010, p. 101). Outro fato destacado por Reyes Gómez (2010, p. 102) é de que:

Se até o século XII a cultura ocidental se conservava, fundamentalmente, nos mosteiros, a partir do início do século XIII, com o nascimento das universidades, o acesso à leitura alcançou uma parte mais ampla da sociedade e a produção de livros aumentou de tal forma que gerou a necessidade de outro sistema mais rápido de organização⁵⁴.

Logo, é a reboque do desenvolvimento científico e tecnológico experimentado a partir do século XIII que as bibliografias se desenvolvem; se antes eram listas de obras de algumas personalidades e, sobretudo, de livros eclesiásticos, a partir de então as obras passam a ser de referência para as áreas de conhecimento em voga, servindo de referencial para se saber o que se construía em termos científicos, bem como verificar o estado d’arte das ciências (BALSAMO, [200-]; REYES GÓMEZ, 2010).

Assim, se a abertura das universidades ajuda na difusão das bibliografias, é com o advento da imprensa, no século XV, que elas se difundem ainda mais na Europa e de forma muito mais rápida, visando ser um verdadeiro extrato dos documentos produzidos sobre os mais

⁵² Modalidade de bibliografia onde, além de relacionar as obras escritas pelos personagens, traz sua biografia. Segundo Cunha e Cavalcanti (2008, p. 56) é o “estudo da vida e das obras de um autor [...]; em geral, inclui a referência a textos críticos sobre o autor e suas obras”.

⁵³ [...] cuenta con un principio diretor constante en sus descripciones: nombre del autor, dignidade eclesiástica y lugar donde ejerce, sus obras, valoración del contenido, atendiendo a su calidad intelectual, y datos cronológicos.

⁵⁴ Si hasta el siglo XII la cultura occidental se conservaba, fundamentalmente, em los mosteiros, a partir dos comienzos del XIII, com el nacimiento de las universidades el acceso a la lectura se abrió a una parte más amplia de la sociedade y la producción de libros aumento hasta llevar a la necesidad de outro sistema más rápido de elaboración.

variados temas e assuntos, experimentando as facilidades que a prensa de tipos móveis oferece. É nesse período, por exemplo, que as bibliografias comerciais começam a ser lançadas; o objetivo, segundo os editores, era difundir os livros por eles impressos e facilitar as vendas, servindo como meio de propaganda e, ao mesmo tempo, de controle do que era produzido (BALSAMO, [200-]). Nesse contexto, Araújo (2015, p. 127) observa que:

A primeira bibliografia sistemática publicada, *Liber de scriptoribus ecclesiasticis* (1494), é de autoria de Johannes Trithemius⁵⁵ (1462-1516). Foi o primeiro repertório biobibliográfico da Idade Moderna que, embora tenha esse título, não se limita às obras de escritores eclesiásticos no sentido estrito mas, no âmbito da civilização cristã, incorpora escritos filosóficos, científicos e literários.

Sendo assim, Trithemius é considerado o pai da bibliografia moderna que, para além de uma lista de livros, representa uma fonte de informação que segue padrões bem estabelecidos e é um produto da prática bibliográfica.

Cabe-nos aqui fazer uma ressalva à função das bibliografias pois, apesar de enaltecermos seu lado de difusora da informação, ela também possui um lado atrelado à privação do acesso à informação, ou seja, censura. Seu maior expoente é o *Index Librorum Prohibitorum*⁵⁶. Editada desde o século XVI, essa bibliografia reúne as obras proibidas pela Igreja Católica, sendo os motivos para entrar na lista os mais diversos: iam desde serem textos que contextavam o Papa, até tratados astronômicos. Sendo proibidos, os livros eram retirados do mercado ou censurados manualmente com a rasura de partes consideradas indevidas (ALTMAN, 2010.).

Porém, se Trithemius é o pai da bibliografia moderna, seu maior expoente é Conrad Gesner que, em 1545, lança o primeiro volume de sua *Bibliotheca Universalis* (Figura 4). Tal obra é a primeira voltada à organização universal do conhecimento bibliográfico humano, visando arrolar todos os autores da época, bem como suas obras. Editada em quatro partes⁵⁷, nela:

Gesner organiza cada obra a partir das categorias previamente definidas e coloca em prática seu pensamento esquemático: na medida em que foi naturalista, ao trabalhar com a classificação dos seres, foi também bibliógrafo, ao trabalhar com a classificação dos saberes. Estava interessado em classificar tanto livros quanto os animais. Assim, promoveu uma espécie de “anatomização” da biblioteca e do conhecimento, sugerindo que o próprio ato de anatomizar dava bases para o ato de classificar (ARAÚJO, 2015, p. 134).

⁵⁵ A grafia do nome do personagem varia podendo se apresentar como Johann Tritheim.

⁵⁶ O Índice de Livros Proibidos, em tradução livre, teve sua primeira edição em 1558 e a última de 1948, tendo ao todo, 32 edições (ALTMAN, 2010).

⁵⁷ “A obra foi publicada em quatro partes, entre 1545-1555: 1) *Bibliotheca Universalis, sive Catalogus omnium scriptorum locupletissimus, in tribus linguis, Latina, Graeca, et Hebraica* [...]; 2) *Pandectarum sive partitionum universalium* [...] (1548); 3) *Partitiones theologicae* (1549) e 4) *Appendix bibliothecae* (1555) (p. 129-130)” (ARAÚJO, 2015, p. 129-130).

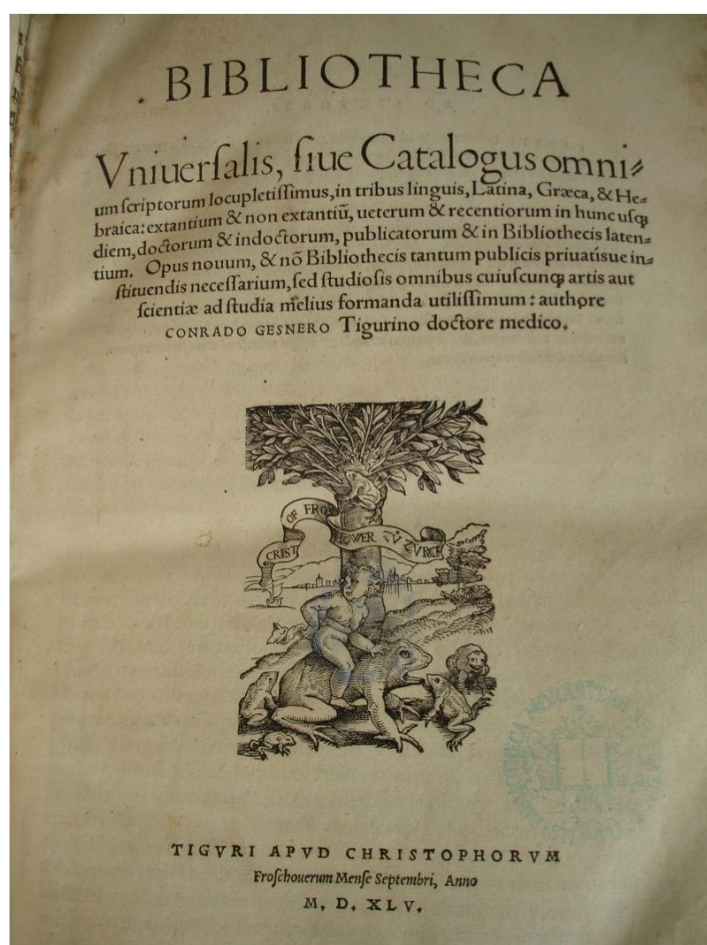


Figura 4: Incipt⁵⁸ da Bibliotheca Universalis de Conrad Gesner
Fonte: Araújo (2015).

Assim, Gesner, mais do que fazer um inventário de toda a produção bibliográfica de seu tempo, acaba por categorizar o conhecimento, facilitando a recuperação das obras. Por certo, Araújo (2015) observa outra motivação na construção da *Bibliotheca*, pois, além de ser uma fonte de informação/inventário, ela busca preservar a memória contida nos registros documentais, pois, se não podemos salvar a materialidade do registro, podemos ao menos ter noção de sua existência no curso da história da humanidade⁵⁹. Tal fato é ilustrado pela constatação de Gesner de que durante a invasão turca à Buda⁶⁰, em 1527, a biblioteca de Matias Corvino, rei da Hungria, além dos danos causados pelo saque e incêndio, sofreu prejuízo

⁵⁸ “Palavra ou frase, que, geralmente, iniciava um manuscrito medieval ou um livro nos primórdios da imprensa. Na verdade, o *incipit* fazia as vezes do título, que somente começou a ser usado entre 1476 e 1478” (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 193).

⁵⁹ Não pretendemos esboçar tal tema profundamente, mas pensamos o quão seria interessante inventariar cada obra contida no *Bibliotheca Universalis* a fim de verificar quais obras ainda existem hoje e quais são somente um registro de uma época passada.

⁶⁰ Buda se torna, após a fusão com Peste, Budapeste, atual capital da Hungria.

irreversível, uma vez que se perdeu todo o conhecimento sobre o que havia na instituição, além das próprias obras, incluindo títulos únicos (ARAÚJO, 2015).

Com efeito, até hoje a obra de Gesner continua a ser singular, pois, como nos elucidava Araújo (2015), foi e é a única a realizar por completo o intento universal de representação do conhecimento humano. Desta forma, abaixo seguem alguns marcos da Bibliografia (Quadro 4) com a finalidade de melhor explicitar a sua história e evolução.

Quadro 4 – Marcos Históricos da Bibliografia

ANO	PERSONAGEM	OBRA/HISTÓRICO	DESCRIÇÃO
Séc. III a.C.	Calímaco	Pinakes	Lista de livros da Biblioteca de Alexandria
Séc. II a.C.	Galeno	De ordine librorum suorum liber	Lista de obras do médico grego, Galeno.
Séc. V	São Jerônimo	De viris illustribus	Bibliografia de 135 autores eclesiásticos.
1410	John Boston de Bury	Catalogus Scriptorum Ecclesias	Bibliografia de 195 obras existentes em mosteiros ingleses.
1494	Johannes Trithemius	Liber de scriptoribus ecclesiasticis	Bibliografia de mais de mil autores europeus e sete mil obras.
1506	Symphorien Champier	De medicinae claris scriptoribus	Primeira bibliografia especializada.
1545	Conrad Gesner	Bibliotheca Universalis	Primeira Bibliografia Universal.
1549	John Bale	Scriptorum illustrium majoris Britanniae Catalogus	Bibliografia que reúne obras de autores ingleses. É considerada a primeira bibliografia nacional.
1633	Gabriel Naudé	Bibliographia Politica	Bibliografia especializada em política.
1664	Philippe Labbé's	Bibliotheca Bibliothecarum	Primeira bibliografia de bibliografia.
1727	Jean-Pierre Nicerón	Mémoires pour servir à l'histoire des hommes illustres, de la république des lettres, avec un catalogue raisonné de leurs ouvrages	Bibliografia voltada para bibliófilos ⁶¹ e estudiosos do livro.

Fonte: Elaboração do autor com base em Reyes Gómez (2010).

Contudo, é curioso notar o que ápice das bibliografias acontece no século XIX, quando, segundo Reyes Gómez (2010), ela alcança sua maturidade, proporcionando uma série de reflexões teórico-metodológicas. Tal século ainda imerso nos ideais tão em voga de nacionalismo, faz explodir o número de bibliografias nacionais, buscando tecer um inventário da produção bibliográfica de cada país ou território. Assim, é no final desta centúria que Paul Otlet e Henri La Fontaine criam o Instituto Internacional de Bibliografia.

⁶¹ “O que tem amor a livros; colecionador de livros [...]. 2. Colecionador de documentos antigos ou raros” (CUNHA; CAVALCANTI, 2008).

Tal Instituto foi fundado no ano de 1895, em Bruxelas, por ocasião do I Congresso Internacional de Bibliografia – primeiro evento internacional com o objetivo de tratar temas relacionados à organização da disciplina bibliográfica e seus métodos. Seus pais intelectuais, conforme já mencionado, foram a dupla de juristas belgas Paul Otlet e Henri La Fontaine (OTLET, 1908).

Segundo Otlet e La Fontaine (1895, p. 38), o Congresso decidiu pela

1º Criação de um **Instituto Bibliográfico internacional**, que tem por objetivo os estudos das questões relativas à bibliografia em geral e, mais especificamente à elaboração do Repertório Universal. Este instituto decidirá sobre as unidades bibliográficas e tomará todas as medidas para a sua adoção por todas os interessados: cientistas, bibliotecários, editores e autores.

[...]

3º **União Bibliográfica Internacional** entre os governos que se comprometeria a tomar todas as medidas indispensáveis ao registro regular dos livros e favoreceriam a elaboração do Repertório [Universal], assinando cópias na proporção de suas respectivas populações e de sua produção literária anual^{62,63}.

Assim, no primeiro número do *Bulletin de L'Institut International de Bibliographie* está publicado o estatuto do IIB, do qual podemos destacar os seguintes trechos:

I. - O Instituto internacional de Bibliografia é uma associação exclusivamente científica.

Ele tem como objetivo:

1º Favorecer o progresso do inventário, da classificação e da descrição dos produtos do espírito humano.

[...]

3º dar assistência a qualquer tentativa séria de classificações internacionais.

[...]

5º Contribuir, por meio de publicações e por quaisquer outros meios, para que aqueles que publicam, colecionam, analisam ou consultam livros ou outros produtos do espírito humano, adotem um sistema de classificação uniforme e internacional.

[...]

IV. - O Instituto escolherá seus membros efetivos dentre aquelas pessoas, instituições e associações que se ocupam verdadeiramente da bibliografia e da biblioteconomia [...] (BULLETIN DE L'INSTITUT INTERNATIONAL DE BIBLIOGRAPHIE, 1895, p. 12-14)⁶⁴.

⁶² 1º Création d'un **Institut Bibliographique international**, ayant pour objet l'étude de toutes les questions se rattachant à la bibliographie en général et plus spécialement à l'élaboration du Répertoire universel. Cet institut aurait à décider des unités bibliographiques et à prendre toutes mesures en vue de leur adoption par tous les intéressés: savants, bibliothécaires, éditeurs et auteurs.

[...]

3º **Union bibliographique internationale** entre les gouvernements qui s'engageraient à prendre toutes mesures indispensables à l'enregistrement régulier des livres et favoriseraient l'élaboration du Répertoire en souscrivant des exemplaires au prorata de leur population respective et du montant de leur production littéraire annuelle.

⁶³ A BN adere a esse ideal conforme menciona carta, datada de 19 de abril de 1909, recuperada em nossa pesquisa. Contudo, o assunto será mais bem explorado no capítulo 4.

⁶⁴ I. - L'Institut international de Bibliographie est une association exclusivement scientifique.

Il pour but :

Com a perspectiva de tornar acessível todo o registro de conhecimento produzido pela humanidade, o Instituto nasce sob os preceitos da cooperação internacional. Para este fim utilizava a representação documental dos itens em fichas catalográficas (formato de grande difusão até a criação dos OPACs⁶⁵). Cada ficha arrolava, conforme podemos ver na Figura 5, informações relativas à autoria da obra (*Chauvin, Victor*), título (*Bibliographie des ouvrages arabes ou relatifs aux Arabes publiés dans l'Europe chrétienne de 1810 à 1815, IV: Les Mille et une nuits*), imprenta⁶⁶ (*Liège, H. Vaillant-Carmanne e 1900*), número de páginas (228), número de classificação pela CDU (*016 : 398.2*) dentre outras coisas (OTLET, 1908).

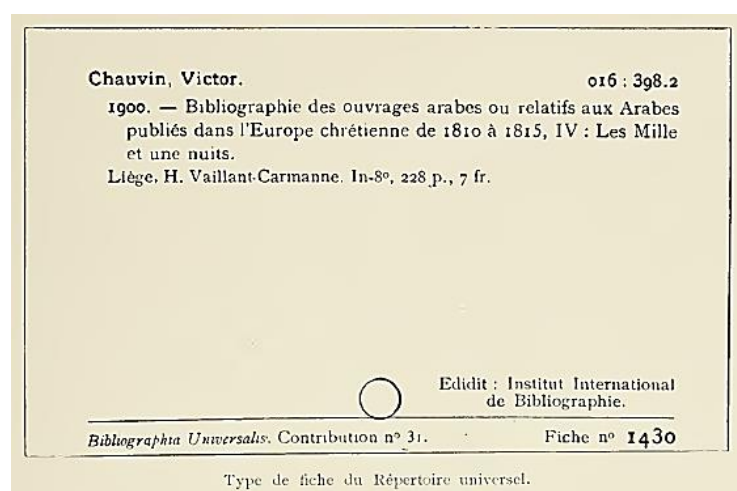


Figura 5: Exemplo de ficha adotada no Repertório Bibliográfico Universal.

Fonte: Otlet (1908, p. 373).

Tais fichas, por proposta do IIB, formavam o Repertório Bibliográfico Universal (RBU). Otlet (1908, p. 363-364) observa que:

1º De favoriser les progrès de l'inventaire, du classement et de la description des productions de l'esprit humain;

[...]

3º De donner son concours à toute tentative sérieuse de classement international;

[...]

5º De contribuer, par des publications et par tous autres moyens, à faire adopter par ceux qui publient, collectionnent, consultent ou analysent des livres ou des productions de l'esprit humain, un système de classement uniforme et international;

[...]

IV. - L'Institut choisit ses membres effectifs parmi les personnes, institutions et associations qui s'occupent effectivement de bibliographie et de bibliothéconomie.

⁶⁵ O catálogo em linha de acesso público (*Online Public Access Catalog – OPAC*) é um “[...] catálogo automatizado no qual o usuário faz acesso direto, sem necessidade de intermediário, utilizando interface amigável” (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 73).

⁶⁶ “[...] denominação atribuída na catalogação tradicional, às indicações de local de publicação, editor e data [de uma obra]” (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 191).

O objetivo deste repertório é reunir e manter constantemente atualizados os elementos de um primeiro protótipo do repertório geral, reunindo registros bibliográficos relacionados com os escritos de qualquer natureza, cobrindo todos os assuntos publicados em todos os tempos e em todos os países.

Para cada escrito (livros, artigos, memórias de sociedades científicas, publicações periódicas oficiais), uma descrição sinalética ou registro bibliográfico é feito. Esses registros são gravados em fichas móveis de formato uniforme, 7,5cm X 12,5cm, cada um dos quais representa um único documento. Esses registros são armazenados em fichários⁶⁷.

O RBU, conforme descrito por Otlet (1908), buscava reunir em um único catálogo, através da representação documental, não só toda a produção intelectual humana já produzida, como também a que ainda seria realizada, por meio de sua constante atualização. Dessa forma, a construção do Repertório seria um trabalho contínuo e sem fim, resultante do progresso das ciências; ele contaria com a criação de Bibliografias Nacionais, por exemplo, outro instrumento de controle bibliográfico, que reúne toda a produção intelectual de determinado período (geralmente um ano) em determinada nação. Por controle bibliográfico acompanhamos Reitz (c2013) que o define como:

[...] todas as atividades envolvidas na criação, organização, gestão e manutenção de registros bibliográficos que representem os itens de uma biblioteca ou uma coleção de arquivos, ou as fontes enumeradas em um índice ou banco de dados, para facilitar o acesso à informação neles contida⁶⁸.

Apesar de a missão proposta para o RBU parecer hercúlea e irrealizável, ela diferia de outras tentativas de reunião de todo o conhecimento humano em um único local, como a Biblioteca de Alexandria, o maior exemplo a que podemos nos referir. Essa biblioteca fora criada na Antiguidade com o objetivo de reunir toda a produção intelectual humana em apenas um espaço; apesar de alguns pesquisadores apontarem que seu acervo contava com milhares, ou até milhões de documentos, é muito pouco provável que seu objetivo tenha se concretizado (CANFORA, 1996). Contudo, diferentemente de Alexandria, a missão do RBU ou do IIB não consistia em reunir num único espaço toda a produção documental da humanidade, mas sim a **sua representação**.

⁶⁷ L'objet de ce Répertoire est de rassembler et de tenir constamment à jour les éléments d'un premier répertoire général prototype, réunissant les notices bibliographiques relatives aux écrits de toute nature, traitant de toutes les matières, publiées dans tous les temps et dans tous les pays.

De chaque écrit (livres, articles, mémoires de sociétés savantes, publications officielles périodiques), il est fait une description signalétique, ou notice bibliographique. Ces notices sont relevées sur fiches mobiles, de format uniforme, 125m/m X 75m/m, dont chacune est consacrée à l'indication d'un seul écrit. Ces notices sont rangées dans des meubles classeurs.

⁶⁸ [...] all the activities involved in creating, organizing, managing, and maintaining the file of bibliographic records representing the items held in a library or archival collection, or the sources listed in an index or database, to facilitate access to the information contained in them.

Otlet e La Fontaine (1895) dizem que ao longo do século XIX, a importância da bibliografia cresceu, tendo em vista os direitos conquistados pelo autor, a maior abertura das bibliotecas ao grande público⁶⁹ e a necessidade de mecanismos de busca e recuperação da informação desejada, bem como de controle da produção intelectual por parte das editoras. Nesse sentido, os ideais do RBU têm por base os autores, os editores, as bibliotecas e seus usuários, os bibliotecários e os Estados.

Os autores, resguardados pela Convenção de Berna, que lhes assegura o direito intelectual sobre suas criações, são posicionados como os espíritos por trás das grandes obras intelectuais humanas, passando a ser as figuras de destaque nos catálogos então organizados, também, onomasticamente. Já os editores, tradicionais criadores e difusores de bibliografias por causa de seus catálogos de venda, passaram a ser mais uma peça na intrincada rede que Otlet e La Fontaine (1895) visavam criar.

As bibliotecas e seus usuários, como consumidores de bibliografias, ganharam uma posição de destaque nos ideais dos fundadores do IIB; a biblioteca, como local de consulta das mais variadas fontes de informação, era a instituição para a qual os esforços de cooperação na construção do RBU estavam voltados, buscando oferecer aos mais variados tipos de usuários uma espécie de enciclopédia mundial, na figura do Repertório. Desta forma, seus usuários poderiam ter acesso a toda produção intelectual mundial, seja ela do passado ou do presente (OTLET; LA FONTAINE, 1895).

Já os bibliotecários são vistos por Otlet e La Fontaine sob dois aspectos: os responsáveis por tornar públicos os “tesouros e preciosidades” presentes nos acervos das bibliotecas, fazendo-os, por meio de catálogos, acessíveis a todos (OTLET; LA FONTAINE, 1895); por outro lado, aos bibliotecários é confiada a construção das bibliografias, de modo a enriquecer o RBU.

Por fim, os Estados são descritos no projeto do RBU como os articuladores na criação de uma grande rede internacional para reunir a representação de todo o conhecimento humano, disponibilizando-a. Otlet e La Fontaine (1895) citam como exemplo as iniciativas da França e da Alemanha, bem como a dos Estados Unidos, na construção de bibliografias nacionais em áreas específicas do conhecimento, bem como fomentava a criação de oficinas bibliográficas, como veremos mais à frente.

⁶⁹ Os ecos da Revolução Francesa, bem como a ascensão da burguesia, parecem ter influenciado uma abertura maior das bibliotecas ao grande público, e não mais somente às elites dominantes (BARATIN; JACOB, 2006).

Sob estes pilares, as diretrizes do RBU são formulados da seguinte maneira: 1º) O RBU deve ser completo, compreendendo a bibliografia do passado e do presente; 2º) A ordem do repertório deve ser tanto ideológica como onomástica, ou seja, tanto por assunto, quanto por autor; 3º) Como instrumento de pesquisa, o RBU deve estar disponível em todos os centros intelectuais; 4º) O RBU deve ser exato e preciso, mas deve também permitir a sua correção de modo simples e rápido; 5º) O repertório deve estar totalmente disponível ao público; 6º) O RBU deve estar associado a uma rede de catálogos de bibliotecas, permitindo o acesso rápido às obras; 7º) A iniciativa deve servir de estatística intelectual acerca das obras produzidas pelo espírito humano; 8º) O repertório deve assegurar aos autores a proteção legal de suas obras intelectuais (OTLET; LA FONTAINE, 1895, p. 16-17).

Objetivando cumprir a sua missão, o IIB adotou uma série de procedimentos para o tratamento dos itens que compõem o RBU; tal iniciativa visava a padronização universal de técnicas, bem como a coerência das representações. Com essa finalidade, o padrão americano de ficha, citado anteriormente, foi adotado, assim como a Classificação Decimal de Dewey (CDD), instrumento de descrição temática dos itens no início do projeto.

Contudo, com o avanço dos trabalhos, Otlet e La Fontaine perceberam que a adoção da CDD não resolvia alguns problemas de classificação, muitos deles ficando sem solução. Nesse sentido, eles pedem autorização a Melvil Dewey, para que a sua classificação seja adaptada aos ideais do Instituto e desta iniciativa surge a Classificação Decimal Universal (CDU), que tem por propósito aperfeiçoar as formas de representação do conhecimento (RAYWARD, 1975).

Talvez a maior crítica de Otlet e La Fontaine à CDD tenha sido quanto ao seu caráter restritivo, pois, como aponta Rayward (1975), esta classificação traz em seu escopo o modelo americano de ciência, privilegiando os Estados Unidos e seus aspectos no momento da classificação, resguardando várias classes ou assuntos apenas para esse país. Dessa forma, o resto do mundo, ou grande parte dele, é forçado a se adaptar em subclasses com números cada vez mais extensos e difíceis de serem localizados. Assim, a CDU explora todo o caráter que carrega em seu nome, buscando realmente ser uma classificação universal que permite a representação de todas as nações ou povos de forma quase igualitária, ou requerendo pequenas modificações⁷⁰ (RAYWARD, 1975).

A CDU foi publicada por Otlet e La Fontaine entre os anos de 1904 e 1907 (RAYWARD, 1975). Hoje, após sofrer pequenas modificações, ela ainda se organiza

⁷⁰ Não iremos nos ater à essa questão, mas tal visão realmente se concretiza? Como é classificação de países africanos e seus aspectos culturais? São questões pertinentes e que podem nos fazer questionar o “Universal” presente na alcunha do sistema de classificação.

objetivando a descrição universal dos documentos, e em comparação à CDD, as classes principais da CDU são praticamente idênticas, porém, a Classificação de Dewey é organizada de forma decimal, com uso de ponto após a primeira sequência de três números, além de possuir a Classe 400 (Línguas). A maior diferença entre os dois sistemas de classificação parece residir no uso das tabelas auxiliares: a CDU é mais flexível quanto a isso, permitindo maior variedade de combinações e uso de símbolos, o que torna a descrição do item mais específica do que na CDD.

Aliada às técnicas de catalogação e descrição bibliográfica, a CDU passou a ser um instrumento pelo qual documentos que abordam o mesmo assunto ou assuntos correlatos podem ser encontrados mais facilmente, devido à aproximação forjada por catálogos sistemáticos.

Logo, Otlet e La Fontaine ajudam a alavancar a bibliografia ao papel principal de fonte de informação universal e um instrumento de trocas intelectuais e culturais. De fato, é graças a dupla belga que hoje, a Bibliografia pode ser definida como:

Ramo da bibliologia – ou ciência do livro – que consiste na pesquisa de textos impressos ou multigrafados para indica-los, descrevê-los e classifica-los com a finalidade de estabelecer instrumentos (de busca) e organizar serviços apropriados a facilitar o trabalho intelectual. Quatro operações se destacam em uma ordem lógica: pesquisa, indicação, descrição e classificação; elas dão origem ao repertório bibliográfico ou bibliografia. O mesmo termo designa a preparação e o objeto resultante (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 46).

Contudo, atualmente, a Bibliografia é mais conhecida como uma área dentro dos estudos Biblioteconômicos do que um ramo do saber, ou até mesmo ciência. Talvez – e permitimo-nos aqui essa reflexão – a mudança de paradigma da Biblioteconomia ao longo do século XIX, bem como o surgimento da Documentação parecem ter contribuído para tal cenário. Quando a Biblioteconomia supera a ideia de preservação material e passa a enxergar o conteúdo documental como sua missão, a relação entre bibliotecas e usuários se transforma, passando de um espaço que cristalizava o livro, tornando-o sagrado, para um espaço onde o interesse maior é a construção científica e do saber por meio de seu acervo e frente à novas demandas.

Já a Documentação, em nossa visão, tem grande influência na mudança do paradigma biblioteconômico, pois ambas superam o tratamento documental realizado pela Bibliografia e passam a explorar a relação usuário/espaço, por exemplo. Partem, além disso, para iniciativas de cunho internacionalistas, proposição de novos sistemas de tratamento, organização, busca e recuperação da informação etc. De fato, parece-nos que Otlet opta pelo termo Documentação por compreender que essa disciplina, surgida no alvorecer do século XX, seja uma evolução natural da Bibliografia e dela se aproprie para ir além, mas detalharemos tal ideia de forma mais aprofundada na próxima subseção.

2.2 TRAITÉ DE DOCUMENTATION

O *Traité de Documentación: le livre sur le livre* começou a ser escrito por Paul Otlet no início da década de 1930 sendo publicado em 1934⁷¹, nele podemos visualizar o pensamento construído e divulgado desde 1895 no *Bulletin de L'Institut International de Bibliographie* e em outras publicações das quais Otlet foi autor ou ajudou na edição. Em tais escritos estão refletidos os ideais apregoados pelo jurista belga, por seu parceiro intelectual, Henri La Fontaine, e por pessoas de todo o mundo, sendo ao mesmo tempo um manual de construção de fontes de informação e um meio de propaganda dos ideais internacionalistas do IIB e do *Mundaneum*, fato corroborado por Fayet-Scribe (2000) e Lopez Yepes (1995). O quadro 5 busca ilustrar essa circunstância, evidenciando os eixos temáticos aos quais Otlet se atém em seus escritos e sua evolução temporal.

Quadro 5 – Produção intelectual de Paul Otlet

EIXO TEMÁTICO	ANO DE PUBLICAÇÃO	TÍTULOS DOS TEXTOS
Bibliotecas	1894	Les bibliothèques publiques à l'étranger : fait à retenir à medier par la Commission de la Bibliothèque Royale.
	1895-1896	Les bibliothèques publiques en Belgique.
	1928	Manuel de la bibliothèque publique (co-autoria de Léon Wouters).
Classificação Decimal Universal	1896	Sur la structure des nombres classificateurs.
	1906	De quelques applications non bibliographiques de la Classification Décimale.
	1908	La concordance entre les classifications bibliographiques.
	1932	Classification Décimale Universelle: Etudes et projects.
	1933	Sur le développement ulterieur de la Classification Décimale.
Conceito e evolução do documento	1898	Nos livres et leurs amis les bibliographes.
	1906	Les aspects du livre.
	1906	Sur le livre e l'illustration : avant-lire de catalogue.
	1907	Les nouveaux tipos de revue: la revue documentaire, la revue internationale.
	1908	La fonction et les transformations du livre.
	1911	L'avenir du livre et de la bibliographie.
	1918	The book in worldwide.
	1925	Les recentes transformations et ses formes futures.
	1932	L'établissement des documents: l'édition mondiale.
	1932	Les documents et la documentation: historique, conception, espèces, parties, fonctions, opérations.
	1892	Um peu de bibliographie.

⁷¹ Em 2015, o *Mundaneum* lançou uma edição fac-similar do *Traité* e foi esta que utilizamos na construção de nossa tese.

Conceitos de Bibliologia, Bibliografia e Documentação	1903	Les sciences bibliographiques et la documentation.
	1931	La Bibliologie em Russie soviétique.
	1932	La systématique de la documentation.
	1932	Pour l'organisation de la documentation: les règles des publications, le système général des publications, l'édition coopérative mondial.
	1934	Traité de Documentation: Le livre sur le livre: théorie et pratique.
Documentação administrativa	1908	La documentation em matière administrative.
	1914	L'organisation de la documentation administrative.
	1923	Manuel de la Documentation administrative.
Documentação agrícola	1921	La documentation en agriculture.
Documentação científica	1902	Le catalogue international de la littérature scientifique.
	1918	Transformation dans l'appareil bibliographique des sciences.
	1918	Le traitement de la littérature scientifique.
Documentação jornalística	1904	Sur la création d'un répertoire des articles de la presse quotidienne.
Ensino da Documentação	1922	Resumé du cours préparatoire aux xamens de bibliothécaire : Syllbus du cours de l'Ecole Centrale de Service Social (co-autoria de Léon Wouters).
Estatística e bibliometria	1895-1896	La statistique des imprimés: quelques sondages.
	1900	La statistique internationale des imprimés.
Meios de Documentação	1918	Les moyens de documentation em France: bibliothèques, catalogues et bibliographies.
Metodologia do trabalho científico	1919	L'organisation des travaux scientifiques.
Museologia	1913	L'Organisation internationale et les musées.
Oficina Internacional de Bibliografia/Instituto Internacional de Bibliografia/Instituto Internacional de Documentação/ <i>Mundaneum</i>	1895-1896	Le programme de l'Institut International de Bibliographie: Objections et explications.
	1906	L'Office International de Bibliographie: Le mouvement scientifique em Belgique.
	1928	Institut International de Bibliographie.
	1928	<i>Mundaneum</i> (co-autoria de Le Corbusier).
	1929	Rapport sur l'Institut International de Bibliographie: Documents presentes au Congrès International de Bibliothèques et de la Bibliographie.
Organização internacional da ciência e da Documentação	1906	La reforme des bibliographies nationales et leur utilisation pour la bibliographie universelle (co-autoria de Ernest Vandeveld).
	1906	L'état actuel de l'organisation bibliographie internationale.
	1909	L'organisation internationale et les associations internationales.
	1914	L'organisation internationale de la science.
	1919	L'organisation de la documentation internationale et le role des associeations de Chemie.
	1920	L'organisation internationale de la bibliographie et de la documentation.
	1925	L'organisation du livre, de la bibliographie et de la documentation: extrait du procès-verbaux des Mémoires du Congrès International des Bibliothécaires et des Bibliophiles.
	1926	L'état actuel de l'organisation mondiale de la documentation.
	1928	Sur la Bibliothèque Mondiale.

	1937	Les associations internationales et la documentation.
	1937	Réseau universelle de documentation: Documentatio Universalis.
Publicações periódicas	1901	La technique et l'avenir du périodique.
	1923	La presse périodique.
Repertórios Bibliográficos	1895-1896	La création d'un Répertoire Bibliographique Universel: note préliminaire.
	1899	Le Répertoire Bibliographique Universelle: sa formation, sa publication, son classement, sa consultation, ses organes (co-autoria de Henri La Fontaine).
	1927	Le Répertoire Bibliographique Universelle et l'oeuvre coopérative de l'Institut International de Bibliographie.
Tecnologias da informação	1906	Sur une forme nouvelle du livre: le livre microphotographique (co-autoria de Robert Goldschmidt).
	1934	Le livre microphotographique.

Fonte: Elaboração do autor com base em Lopez Yepes (1995, p. 72-76).

É importante observar que vários dos aspectos citados no *Tratado de Documentação* já haviam sido tema de estudo para Otlet, a organização de associações universalistas, o pensamento sobre a Bibliografia e a criação de repertório, os documentos em seus múltiplos aspectos dentre outros. No *Traité*, Otlet expressa ao longo de cerca de 450 páginas suas idéias e reflete sobre os meios de organização dos frutos do espírito humano, desta forma, destaca que tal obra destina-se a ser “[...] uma visão geral dos conceitos relativos ao Livro e ao Documento, com o uso racional dos elementos que constituem a Documentação” além da :

[...] organização e racionalização de métodos e processos, mecanização, cooperação, internacionalização, desenvolvimento considerável das ciências e das técnicas, a preocupação de aplicar os dados para o progresso das sociedades, difusão da educação em todos os níveis, aspiração e vontade latente de dar para toda a civilização fundamento intelectual mais amplo orientado por planos⁷² (OTLET, 1934, p. 3).

Desta forma, a obra se organiza em 4 capítulos⁷³: “A Bibliologia ou Documentologia”; “O Livro e o Documento”; “Os Livros e os Documentos”; “Organização racional do Livro e dos Documentos”. Tais partes são precedidas por uma seção chamada *Fundamenta*, que

⁷² [...] un exposé général des notions relatives au Livre et au Document, à l'emploi raisonné des éléments qui constituent la Documentation.

[...]

organisation et rationalisation des méthodes et procédés, machinisme, coopération, internationalisation, développement considérable des sciences et des techniques, préoccupation d'en appliquer les données au progrès des sociétés, extension de l'instruction à tous les degrés, aspiration et volonté latente de donner à toute la civilisation de plus larges assises intellectuelles, de l'orienter par des plans

⁷³ “La Bibliologie ou Documentologie”; “Le Livre et le Document”; “Les Livres e les Documents”; “Organisation rationnelle du Livre et du Document”.

funciona como uma espécie de introdução, e são sucedidas por uma conclusão nomeada de Síntese Bibliotecológica (*Synthèse bibliologique*).

De fato, Paul Otlet e Henri La Fontaine, mais do que criar uma fonte de informação em escala mundial, alteram os modos de tratamento da informação com a criação do RBU, unindo, àquela altura, técnicas biblioteconômicas e bibliográficas. A Biblioteconomia, de tradição milenar, visava reunir e conservar os registros escritos da humanidade, sendo os bibliotecários os guardiões dos acervos das bibliotecas, desta forma, tal instituição tinha sua missão atrelada ao desejo de guarda e perpetuação dos registros escritos (OTLET, 1908; BLANQUET, 2014).

Já a Bibliografia, cuja prática existia desde a Antiguidade, conforme vimos anteriormente, mas cuja definição só foi formulada em meados do século XVI, arrola a noção de repertórios que visam controlar a produção de determinado registro humano, como os livros, por exemplo (OTLET, 1908; BLANQUET, 2014).

O Repertório proposto por Paul Otlet e Henri La Fontaine visava disseminar o conteúdo dos acervos de diversas instituições do mundo facilitando o acesso a esses e dando publicidade à sua existência. Utilizando técnicas de representação utilizadas pela Bibliografia e Biblioteconomia, como a organização por título ou assunto, a atribuição de autoria etc, os juristas belgas organizam sua fonte de informação empregando como suporte as fichas catalográficas, por nós já citadas (RAYWARD, 1975).

A diferença de tal instrumento de recuperação da informação residia nas informações arroladas e como o catálogo se apresentava, assim o RBU possui entradas por autor e classificação. Desta forma, o Repertório intentava ser o instrumento capaz de representar todos os frutos do espírito humano de forma que eles pudessem ser acessados mais rapidamente.

Outrossim, as técnicas empregadas por Otlet e que culminam com a criação da Documentação, visam organizar, tornar disponíveis e disseminar a informação ao redor do mundo, diz ele que:

Para tornar acessível a quantidade de informações e de artigos publicados a cada dia nos jornais, nas revistas, para conservar as brochuras, os relatórios, os folhetos, os documentos oficiais, para recuperar os materiais esparsos nos livros, para fazer um todo homogêneo destas massas incoerentes, **exigem-se novos processos, muito diferentes da antiga Biblioteconomia**, tal como são aplicados⁷⁴ (OTLET, 1934, p. 6, grifo nosso).

Nesse sentido, ainda declara que:

⁷⁴ Pour rendre accessible la quantité d'information et d'articles donnés chaque jour dans la presse quotidienne, dans les revues, pour conserver les brochures, comptes rendus, prospectus, les documents officiels, pour retrouver les matières éparses dans les livres, pour faire un tout homogène de ces masses incohérentes, il faut des procédés nouveaux, très distincts de ceux de l'ancienne bibliothéconomie, tels qu'ils sont appliqués

Há um problema central na Documentação como a todas as disciplinas. Devido ao documento não ser um dado natural, mas sim uma obra dependente da vontade humana, esse problema é de ordem da ação e seu progresso. Como todos os problemas práticos, ele só pode ser resolvido de forma gradual e por aproximação sucessiva. A solução depende de bons métodos, de cooperação no trabalho, de organização dos esforços. O problema se apresenta em duas partes: quanto à criação do livro e do documento; quanto à sua utilização⁷⁵ (OTLET, 1934, p. 373).

O intento de Otlet ao cunhar as técnicas documentalistas e disseminá-las ao redor do mundo era a criação de um “grande livro” do saber humano, que tem como seu maior expoente o RBU⁷⁶. De fato, era o Repertório o responsável por arrolar todas as obras, de todos os tempos, em todos os tipos de materiais e formato (OTLET, 1908). Mas não somente isso, a materialidade do livro não era mais o foco das atenções, sim o seu conteúdo, logo as informações contidas nos capítulos e seções eram tão importantes quanto a obra no todo e deveriam deixar a invisibilidade dos catálogos biblioteconômicos para ser alvo, também, do tratamento proposto pela Documentação. Se, até Otlet, o livro era tratado no todo, com as técnicas documentalistas, o livro se desdobra em partes, em capítulos representados em fichas islodadas. O mesmo fenômeno ocorre com as coleções de publicações periódicas, cujos artigos são agora desdobrados, sendo possível a sua representação e recuperação.

Logo, a Documentação deriva do esforço para tratar os mais diferentes tipos de suportes de informação e seus diferentes meios de apresentação, tornando-os disponíveis para uso. Assim, Reitz (c2013) declara que Documentação é:

O processo de coleta sistemática, organização, armazenamento, recuperação e disseminação de documentos especializados, especialmente de natureza científica, técnica ou legal, geralmente para facilitar a pesquisa ou a preservação da memória institucional. Também refere-se a um conjunto de documentos relativos a um assunto específico, especialmente quando utilizados para justificar um ponto de vista⁷⁷.

De fato, a fala de Reitz (c2013) nos revela a visão simplista sobre o que se constituiria a disciplina Documentação, fazendo-se a ressalva de não a compreendemos como uma

⁷⁵ Il y a un problème central à la Documentation comme à toutes les disciplines. Par le fait que le Document est non pas une donnée naturelle mais bien une œuvre dépendante de la volonté humaine, ce problème est de l'ordre de l'action et son progrès. Comme tous les problèmes d'ordre pratique il ne peut être résolu que progressivement et par approximation successive. La solution dépend de bonnes méthodes, de coopération dans le travail, d'organisation dans les efforts. Le problème se pose en deux parties: quant à l'établissement du livre et du document; quant à leur utilisation

⁷⁶ Otlet inicia seu projeto com o RBU para a representação de livros e periódicos, sendo a Enciclipédia Universal a responsável por arrolar todos os registros humanos, incluindo aqueles que estavam no RBU, mas com o passar dos anos, o RBU passa a ser utilizado com esse propósito, exercendo seu caráter universalista.

⁷⁷ The process of systematically collecting, organizing, storing, retrieving, and disseminating specialized documents, especially of a scientific, technical, or legal nature, usually to facilitate research or preserve institutional memory. Also refers to a collection of documents pertaining to a specific subject, especially when used to substantiate a point of fact.

“Biblioteconomia Especializada” ou algo do gênero; a Documentação tem significação ampla. A título de exemplo, Rolland-Thomas, Coulombe e Chabot (1969, p. 65-66, grifado no original) a definem como:

[...] 1. Ação de buscar documentos para apoiar uma assertiva, uma história, um estudo, uma tese; todos os documentos recolhidos. 2. O trabalho especializado de pesquisar, selecionar, organizar, divulgar e preservar todos os **documentos** sobre uma variedade de assuntos ou um assunto específico. 3. A reunião, classificação e a difusão do conhecimento fixado em um suporte, constituindo uma atividade homogênea ou integrada. 4. Todos os documentos de qualquer tipo e qualquer forma armazenados numa biblioteca. [...] Espera-se que num futuro não muito distante, um novo termo irá substituir o termo ‘biblioteca’, que poderá incluir todos os tipos de documentos que nela estão sendo introduzidos cada vez mais: o de ‘centro de documentação’ (que não deve ser confundido com ‘centro de processamento de informação’, tal como existe na Universidade Laval), a palavra **biblioteca** podendo continuar a designar o que ele realmente significa, uma **coleção** de livros⁷⁸.

De fato, como nos elucida Blanquet (2014):

[...] A palavra documentação, nascida por volta de 1870, tem sua raiz no documento. O sufixo nominal do Latim *ation* significa ação. A documentação é, portanto, uma ação concernente ao documento. O termo aparece no *Dictionnaire de la langue française* (1872-1877) de Émile Littré com a menção de ‘neologismo’. A definição é a seguinte: ‘Trabalho pelo qual o documento irá dar suporte à uma história, uma citação, um debate [...]’. O *Petit Larousse illustré* de 1905 introduz esse termo como sendo a ‘ação de apoiar uma assertiva sobre os documentos [...]’⁷⁹ (BLANQUET, 2014, p. 140).

Sob este prisma, a Documentação não pode ser entendida como mais uma técnica de organização de acervos, mas sim como um conjunto de ações que visam organizar e disseminar a informação ao redor do Globo. Mais do que um método, a Documentação surge no contexto da cooperação internacional e interinstitucional; seu fim é auxiliar no desenvolvimento científico, tecnológico e social das diferentes nações. Carregada do ideal pacifista e mundialista

⁷⁸ [...] 1. Action de rechercher des documents pour appuyer une assertion, un récit, une étude, une thèse ; ensemble des documents recueillis. 2. Travail spécialisé consistant à rechercher, sélectionner, classer, diffuser et conserver tous **documents** pourtant sur un ensemble de sujets ou un **sujet** particulier. 3. La réunion, le classement et la diffusion de connaissances fixées à un support, en tant que constituant une activité homogène ou intégrée. 4. L’ensemble des documents de toute nature et de toute forme conservés dans une bibliothèque. [...] Il est à prévoir que, dans un avenir pas trop éloigné, un nouveau terme remplacera celui de ‘bibliothèque’, qui pourra inclure tous les genres de documents qui s’y introduisent de plus en plus : celui de ‘centre de documentation’ (qu’il ne faut pas confondre avec ‘centre de traitement de l’information’, comme il en existe un à l’Université Laval), le mot **bibliothèque** pouvant continuer à désigner ce qu’il signifie vraiment, une **collection** de livre

⁷⁹ [...] Le mot documentation, né vers 1870, prend racine sur celui de document. Le suffixe nominal issu du latin *ation* signifie l’action. La documentation est donc une action concernant le document. Le terme apparaît dans le *Dictionnaire de la langue française* (1872-1877) d’Émile Littré avec la mention « néologisme ». La définition est la suivante : « Travail par lequel on appuie de documents une histoire, un récit, un débat. La documentation de cette histoire est insuffisante. » [...] Le *Petit Larousse illustré* de 1905 introduit ce terme comme étant l’« action d’appuyer une assertion sur des documents [...]»

de seu(s) criador(es), seu mote de ação é de que o conhecimento apazigua disputas, levando ao mútuo entendimento entre as diferentes culturas.

Seguindo esta perspectiva, detalharemos a seguir os múltiplos aspectos envolvidos na construção da Documentação Otletiana, pois ele a define como um conjunto de técnicas que, aliadas, ajudam no tratamento, difusão e recuperação da informação contida nos diversos tipos de suporte do pensamento humano. Consiste, assim, num campo voltado à organização da informação para uso⁸⁰, entendendo que a informação organizada dinamiza os processos de pesquisa e favorece o desenvolvimento científico e tecnológico. Otlet (1934, p. 374) entende que:

[...] Há uma economia e uma técnica da Documentação e [que] ela engloba as quatro funções de produção, distribuição, repartição e consumo [da informação] [...]

Um certo número de ideias e de invenções aportaram um progresso considerável à Documentação: a publicidade reconhecida como necessária aos trabalhos científicos; a colaboração; a concepção de um ciclo ligando todas as operações, todos os trabalhos; a classificação; a ficha e o repertório; o serviço de documentação, a enciclopédia, a ideia de regras, normas, unidades se aplicando tanto ao trabalho e às produções intelectuais como às produções industriais⁸¹ (OTLET, 1934, p. 374).

Desta forma:

Os objetivos da Documentação consistem em poder oferecer sobre toda a sorte de fatos e conhecimentos as informações documentadas: 1º universais quanto ao objeto; 2º confiáveis e verdadeiras; 3º completas; 4º rápidas; 5º atualizadas; 6º fáceis de obter; 7º reunidas previamente e prontas para serem comunicadas; 8º disponibilizadas a um grande público.

A Documentação se estabelece nos dias de hoje sob a base da racionalização e da organização dos vários elementos apoiando-se sobre os dados mais avançados da ciência e da técnica por um lado, do trabalho intelectual e da industrialização por outro.

Estabelecer o contato 'entre a elaboração do pensamento e o registro dos conhecimentos'⁸² (OTLET, 1934, p. 373bis).

⁸⁰ Curioso notar que ao se ler o *Traité* tem-se a clara impressão de que Ranganathan (1931), bibliotecário que elaborou as cinco leis da Biblioteconomia, teve forte inspiração Otletiana.

⁸¹ [...] Il y a une Economie et une Technique de la Documentation et elle embrasse les quatre fonctions de production, distribution, répartition, consommation.

[...]

Un certain nombre d'idées et d'inventions ont apporté un progrès considérable à la documentation: la publicité reconnue nécessaire des travaux scientifiques; la collaboration; la conception d'un cycle reliant toutes les opérations, tous les travaux; la classification; la fiche et le répertoire; l'office de documentation, l'encyclopédie, l'idée de règles, normes, unités s'appliquant au travail et aux productions intellectuelles comme au travail et aux productions industrielles

⁸² Les buts de la Documentation organisée consistent à pouvoir offrir sur tout ordre de fait et de connaissance des informations documentées: 1º universelles quant à leur objet; 2º sûres et vraies; 3º complètes; 4º rapides; 5º à jour; 6º faciles à obtenir; 7º réunies d'avance et prêtes à être communiquées; 8º mises à la disposition du plus grand nombre.

La documentation s'établit de nos jours sur la base d'une reationalisation et d'une organisation des ensembles des éléments en s'appuyant sur les données les plus avancées de la science et de la technique d'une part, du travail intellectuel et de l'industriatialisatión d'autre part.

Logo, são partes da Documentação os documentos privados⁸³, as bibliotecas, a bibliografia, os arquivos, sejam administrativos ou históricos, documentos gráficos e não-bibliográficos, as coleções museológicas e a enciclopédia (OTLET, 1934). Todos esses são representantes das idéias, sejam na concepção, organização, armazenamento ou difusão das informações contidas nos mais variados suportes. Estão presentes aí os arquivos, bibliotecas e museus, bem como as pessoas interessadas na organização dos frutos do espírito humano. Já a enciclopédia seria o expoente máximo da organização do intelecto humano, ao qual todos recorreriam buscando se informar melhor sobre determinado assunto, mesmo que de forma genérica. Curioso notar como os objetivos da Documentação se assemelham aos do RBU, onde o acesso rápido e fácil é o ideal buscado, bem como sua ampla divulgação.

Por este ângulo, para que a Documentação se realize efetivamente é necessário que:

Ela compreenda: 1º o colecionamento sistemático dos documentos; 2º uma classificação que ofereça um quadro comum a todos as divisões das organizações e onde figure todos os assuntos suscetíveis de interesse; 3º o sistema de redação monográfica e o sistema de fichas que serão classificados de forma vertical; 4º o sistema de dossiês depositados em classes verticais formando um sistema organizado; 5º a adoção de fichas catalográficas múltiplas e bem detalhadas de modo a mencionar os documentos nas diversas séries fundamentais da classificação às quais se referem; 6º as ferramentas mecânicas e os processos químicos para cobrir, estabelecer, reproduzir, multiplicar, selecionar, classificar, transportar os documentos⁸⁴ (OTLET, 1934, p. 7).

Assim, Otlet, na companhia de La Fontaine, desde 1895 conclamava parceiros para tal empreitada e suas ações refletem bem o seu ideal documentalista. Assim, estimula, como veremos mais à frente, a construção de Leis de Depósito Legal e de uma rede internacional de intercâmbio; a organização de redes regionais/nacionais de bibliotecas que troquem entre si informações, priorizando a uniformização de catálogos (ou até mesmo a criação de um catálogo único coletivo) e a idéia de que uma fonte de informação seja catalogado apenas uma vez; a adoção de uma classificação única e universal que, conforme já discutimos, era, em fins do século XIX, a CDD e, em 1904, passa a ser a CDU; bem como a adoção de processos de

Établir le contact « entre l'élaboration de la pensée et l'enregistrement des connaissances ».

⁸³ Arquivo [documento] de entidade coletiva de direito privado, família ou pessoa. Também chamado arquivo particular (ARQUIVO NACIONAL, 2005).

⁸⁴ Elles comprennent: 1º les collectionnement systémat que des documents euc-mêmes ; 2º la classification offrant un cadre commun à toutes les divisions de l'organisme et sous les numéros desquels figure tout sujet susceptible de l'intéresser ; 3º le système de rédaction monographique et le système des fiches et feuilles à classement vertical ; 4º le système des dossiers déposés dans les classeurs verticaux fomant des ensembles organisés ; 5º l'établissement des fiches catalographiques, multipliées et très détaillées de manière à mentionner les documents dans les diverses séries fondamentales de la classification auxquelles ils se réfèrent ; 6º l'outillage mécanique et les processus chimiques pour couvrir, établir, reproduire, multiplier, sélectionner, classer, transporter les documents

reprodução das informações de forma rápida, como é o caso do microfilme que, em 1906, é criado pelas mãos de Otlet e do engenheiro belga Robert Goldschmidt (OTLET, 1934).

Em suma, Otlet (1934, p. 43) observa que o livro, aqui entendido, também, como qualquer documento, “[...] se tornou o organismo por excelência da conservação, da concentração e da difusão do pensamento, sendo necessário considerá-lo um instrumento de pesquisa, de cultura, ensino, informação e lazer. Eles, os livros, são, assim, o receptáculo e o meio de transporte das idéias⁸⁵”, logo, facilitar o acesso ao livro é contribuir para o progresso científico e tecnológico da humanidade. Ele vai além e declara que “[...] o livro é um capital de idéias, que se recolhe e conserva. O homem acumula as idéias e fatos como acumula os produtos. [Assim,] o livro é uma arma, uma ferramenta⁸⁶” (OTLET, 1934, p. 45).

Não deixa de ser curioso o fato de que mesmo sob forte influência da doutrina socialista⁸⁷, Otlet, em diversos momentos do *Traité* coloca a Documentação a serviço de uma economia de mercado; se organizar desperta o interesse, informa, também agiliza processos, coloca-se o livro e o documento como mercadoria desejada e, não por menos, os editores, casas editoriais e mercadores do livro sempre foram conclamados a fazer parte do intento belga de organização universal da informação. Bem como as mais variadas organizações são convidadas a organizar seus arquivos (sobretudo, os administrativos), elaborando fontes de informações sobre eles a fim de dinamizar processos da administração e/ou burocráticos.

Desta forma, o documento será a unidade mínima na intrincada rede de tratamento e troca de informações que Paul Otlet e Henri La Fontaine se propõe a liderar:

Existe agora um termo genérico (Biblion ou Bibliogramme ou Documento) que cobre ao mesmo tempo todas as espécies: livros, folhetos, revistas, artigos, mapas, diagramas, fotografias, gravuras, patentes, estatísticas e até mesmo discos fonográficos, vidros ou filmes cinematográficos.

O ‘Biblion’ será para nós a unidade intelectual e abstrata, mas que se pode encontrar concretamente e de forma real, mas em modalidades diversas. O biblion é concebido da mesma maneira que o átomo (íon) na física, a célula na Biologia, o espírito na psicologia, a agregação humana (o socion) na sociologia. O átomo dá lugar a uma representação mais e mais precisa e sob a base da qual são feitas todas as pesquisas e discussões⁸⁸ (OTLET, 1934, p. 43).

⁸⁵ [...] sont devenus les organes par excellence de la conservation, de la concentration et de la diffusion de la Pensée, et il faut les considérer comme des instruments de recherche, de culture, d’enseignement, d’information et de récréation. Ils sont à la fois le réceptacle et le moyen de transport des idées.

⁸⁶ [...] Le livre est un capital d’idées qui s’amasse et se tient en réserve. L’homme accumule les idées et les faits comme il accumule les produits.

Le livre est une arme, un outil.

⁸⁷ La Fontaine pertencia, conforme já mencionamos, à ala moderada do partido socialista belga (THE NOBEL Peace Prize, [2013]).

⁸⁸ Il y a désormais un terme générique (Biblion ou Bibliogramme ou Document) qui couvre à la fois toutes les espèces: volumes, brochures, revues, articles, cartes, diagrammes, photographies, estampes, brevets, statistiques, voire même disques phonographiques, verres ou films cinématographiques.

Logo, o *Biblion* será a unidade documental, o “átomo” que irá dar forma ao corpo do projeto *Mundaneum*, da grande rede de informação universal da qual todos os frutos do espírito humano serão partes complementares na construção dos novos saberes, no desenvolvimento científico e tecnológico da sociedade. Importante notar, nessa passagem, a ancoragem do pensamento de Otlet também nas ciências naturais, fruto da época.

De todo modo, a organização da Documentação surge desse “átomo”, da parte mínima do conhecimento e avança rumo à sua organização e desenvolvimento, onde a representação da informação contida nos documentos será o pilar da construção da rede de informações idealizada pela dupla belga.

A premissa utilizada para se organizar o conhecimento é a criação de uma fonte universal de informação – o RBU. A base de tal princípio repousa sobre a Bibliografia, cuja história e evolução já nos atemos, mas que é compreendida por Otlet e La Fontaine, ainda em idos da década de 1890, no âmbito de construção da bibliografia sociológica belga, como a técnica, produto e disciplina ideal ao projeto mundialista do que virá a se constituir no IIB e no *Mundaneum*.

Por certo, é possível considerar a Bibliografia a raiz da Documentação, onde a base da organização e disseminação da informação em nível mundial está assentada. Otlet (1934, p. 286-287) a define como:

[...] a reunião e apresentação de registos bibliográficos reunidos em coleção limitada que descrevem certas condições materiais, forma ou autor, determinadas pelo objeto da bibliografia e cujos registos tenham recebido alguma uniformidade de modo a apresentar-se como unidades de um conjunto⁸⁹.

Assim, a Bibliografia busca:

[...] saber sobre a existência das obras e seu valor. Ela é o inventário, a descrição das obras publicadas independentemente do campo do saber, da coleção ou biblioteca em que estão. Ela se constitui, portanto, na fonte de informações com relação aos livros existentes e a base de toda a Documentação. Ela é a intermediária entre os livros e os leitores.

[... Bem como serve para:] 1º registrar a produção intelectual e, dadas as condições científicas de trabalho, estabelecer um inventário dessa produção. – 2º Estabelecer um catálogo e um guia para as pesquisas sobre essa produção. – 3º Permitir a verificação rápida de como é gerido o estudo de qualquer assunto para

Le « Biblion » sera pour nous l'unité intellectuelle et abstraite mais que l'on peut retrouver concrètement et réellement mais revêtue des modalités diverses. Le biblion est conçu à la manière de l'atome (ion) en physique, de la cellule en Biologie, de l'esprit en psychologie, de l'agrégation humaine (le socion) en sociologie. L'atome a donné lieu à une représentation de plus en plus précise et sur la base de laquelle se sont engagées toutes les recherches et discussions.

⁸⁹ [...] est la réunion et la présentation des notices bibliographiques en recueil limité aux écrits répondant à certaines conditions de fond, de forme ou d'auteur, déterminé par l'objet de la bibliographie et dont les notices ont reçu une certaine uniformité de manière à se présenter comme des unités d'un ensemble.

esclarecer a si mesmo e evitar a repetição: aproveitar o que já foi feito e fazer a sua contribuição pessoal. – 4º Permitir acompanhar o histórico de um problema. A história das ideias, da ciência, das diversas teorias científicas se confunde com a história dos livros e da Bibliografia [...]. – 5º Facilitar o estabelecimento retrospectivo de qualquer natureza [...]. – 6º Notificar aos interessados as novas obras logo que elas aparecem. – 7º Permitir comparar as obras. – 8º Desenvolver as coleções atuais de livros, jornais e revistas. Sem a bibliografia, eles não seriam, como tantas outras coleções, mais do que imensas necrópoles^{90,91} (OTLET, 1934, p. 286).

Consequentemente, podemos depreender que as bibliografias desempenham o papel de portadoras de memórias e disseminadoras de informações, uma porta-voz entre a informação registrada em múltiplos suportes e aqueles que à ela anseiam. Por conseguinte, ela atua como um espelho da produção intelectual humana, permitindo, conforme o trecho acima nos elucida, acompanhar uma teoria científica desde a sua gênese até a sua provável superação, bem como refazer a história das ciências no curso da civilização humana. É a Bibliografia que impedirá que o livro descanse em paz, como anseiam os habitantes da necrópole, ela o colocará no ciclo informacional.

Logo, os ideais para a construção de uma “boa bibliografia”, segundo as premissas Otletianas são “1º precisão; 2º completude; 3º ausência de repetições ; 4º disposição harmônica; 5º com valor crítico; 6º de publicação rápida⁹²” (OTLET, 1934, p. 287), traços já delimitados, em boa parte, nas diretrizes do RBU, quando ele elucida seus oito pontos, conforme vimos anteriormente. Assim, as bibliografias podem ser classificadas quanto ao assunto que aborda (geral ou específico); o seu local de produção (se uma região específica ou em âmbito mais abrangente); o período de cobertura (se retrospectivo ou corrente); formas dos documentos arrolados em suas páginas; língua e completude de seu conteúdo.

⁹⁰ “1. Em cidades antigas, local em que se sepultavam os mortos. 2. Qualquer local destinado ao sepultamento dos mortos; CEMITÉRIO” (AULETE, [2013]).

⁹¹ [...] doit renseigner sur l’existence des ouvrages et sur leurs valeur. Elle est l’inventaire, la description des ouvrages publiés, indépendamment du point de savoir dans quelles collections ou bibliothèques ils se trouvent. Elle constitue donc la source de nos informations concernant les livres existants et la base de toute documentation. Elle est l’intermédiaire entre les livres et les lecteurs.

[...] 1º Enregistrer la production intellectuelle à toute fin et dans des conditions de travail scientifique, établir l’inventaire de cette production. – 2º Etablir le catalogue et le guide pour les recherches à travers cette production. – 3º Premettre de vérifier rapidement à quel point en est parvenu l’étude d’une question quelconque pour s’éclairer soi-même et éviter les redites : bénéficier de ce qui a déjà été fait et y apporter sa contribution personnelle. – 4º Permettre de suivre l’historique d’une question. L’histoire des idées, de la science, des diverses théories scientifiques se confond largement avec l’histoire des livres, la Bibliographie [...]. – 5º Faciliter l’établissement des antériorités de toute nature [...]. – 6º Notifier aux intéressés les ouvrages nouveaux dès qu’ils paraissent. – 7º Permettre de comparer les ouvrages. – 8º Mettre en valeur les collections actuelles de livres, de journaux et de revues. Sans bibliographie, elles ne seraient, comme tant de collections d’autrefois, que d’immenses nécropoles

⁹² 1º précision ; 2º complétude ; 3º absence de répétition ; 4º forme bien disposée ; 5º valeur critique ; 6º publication rapide.

Por conseguinte, Otlet (1934, p. 287-289) observa que:

[...] O trabalho bibliográfico é contínuo. [...] A bibliografia jamais estará terminada: ele deve ser contínuo. 1º Por conta da produção incessante de novos livros e documentos. 2º Porque o trabalho não é realizado em condições satisfatórias. 3º Porque estamos constantemente preocupados em refazer bibliografias diferenciando-as em razão do campo coberto, destino, do entendimento, da espécie de classificação [...].

[... Logo], a concepção seguinte tende a prevalecer: 1º elaborar, recolher ou depositar serão as bases do plano, da cooperação; 2º construir os repertórios com fichas manuscritas; 3º confiar sua guarda a uma biblioteca ou serviço de bibliografia; 4º encarregar-se de organizar um serviço de informação (no local de consulta) ou comutação de cópias por correio⁹³.

Sublinhamos aqui o papel atribuído às bibliografias de serem a fonte de atualização constante sobre os mais variados temas. Desta forma, é latente a insistência de Otlet para que elas fossem facilmente atualizadas e seguissem um padrão único. Sob este prisma, a construção dos mais variados tipos de bibliografia são estimuladas, mas a base de todas, segundo ele, é a bibliografia nacional:

a) bibliografias nacionais tornaram-se bibliografias fundamentais porque é a divisão por local de produção que dá a base mais segura e mais rápida para um primeiro registro dos livros. Obras posteriores são incluídas em outras bibliografias. Mas ainda há o interesse para usá-las quando ainda não existem bibliografias especiais, quando se quer fontes mais gerais do que as do passado, quando é necessário verificar as referências, para completar as bibliografias especiais que muitas vezes negligenciam os livros antigos, para conhecer as publicações mais recentes, para completar informações sobre obras já conhecidas, mas que bibliografias especiais não descrevem, nem complementam⁹⁴ (OTLET, 2015, p. 291).

Assim, determina que:

a) As bibliotecas nacionais de cada país devem aceitar a responsabilidade do catálogo de obras nacionais. Elas são qualificados, nesse sentido, como as instituições que recolhem toda a produção bibliográfica de seus respectivos

⁹³ [...] Le travail bibliographique est continu. [...] La bibliographie n'est jamais remisée : elle doit continuer. 1º A raison de la parution incessante de nouveaux livres e documents. 2º Parce que le travail accompli n'est pas réalisé dans des conditions satisfaisantes. 3º Parce que l'on est sans cesse préoccupé de refaire des bibliographies se différenciant à raison du champ couvert, de la destination, de l'étendue, de l'espèce de classement [...].

[...] la conception suivante tend à prévaloir : 1º élaborer, recueillir ou dépouiller selon des bases de plan, de coopération ; 2º constituer les répertoires sur fiches manuscrites ; 3º en confier la garde à une bibliothèque ou office bibliographique ; 4º les charger d'organiser un service de renseignements (consultation sur place) ou communication de copies par correspondance.

⁹⁴ a) Les Bibliographies nationales sont devenues les bibliographies fondamentales, car c'est la division par lieu de production qui donne la base la plus sûre et la plus rapide pour un premier enregistrement des livres. Ultérieurement les ouvrages sont repris dans les autres bibliographies. Mais il y a toujours intérêt à y recourir lorsqu'il n'existe pas encore de bibliographies spéciales, lorsqu'on veut des sources plus générales que celles contenues dans ces dernières, quand il y a lieu de vérifier les références, pour compléter les bibliographies spéciales qui souvent négligent les ouvrages anciens, pour connaître les tout derniers ouvrages parus, pour compléter les renseignements concernant les ouvrages déjà connus, mais que les bibliographies spéciales ne décrivent ni complètent.

países. Elas necessariamente catalogam suas coleções e muitas receberam a missão de elaborar a Bibliografia Nacional⁹⁵ (OTLET, 1934, p. 404).

As bibliografias nacionais devem, deste modo, se constituir num sistema total e que englobe todos os documentos editados no país e/ou sobre o país e/ou escritos por nativos daquele país. A descrição das obras deve ser completa refletindo os conteúdos arrolados nos documentos. Em geral, são editadas pela bibliotecas nacionais por serem estas as responsáveis pelo recebimento das obras por depósito legal, devendo arrolar livros, publicações periódicas e seus artigos, estampas e publicações musicais. O quadro 6, a seguir, traz mais dados sobre tal panorama:

Quadro 6 – Bibliografias Nacionais: recomendações para sua construção

Recomendações	Descrição
Princípio	Deverá consistir em um sistema completo sob todos os pontos de vista: autores, editores, materiais, lugares, tempo etc.
Extensão	Deverá compreender a descrição bibliográfica, classificação, análise do conteúdo (quando possível), local onde está acondicionada.
Forma	Deverá conter: livros, periódicos ⁹⁶ e jornais, conteúdos dos periódicos, gravuras e estampas, cartas geográficas e planos, música.
Tempo	Retrospectiva ou corrente.
Modo de publicação	Publicação única, mas sob diferentes formas: volumes ou fascículos; ou utilizando apenas o anverso da folha de modo a facilitar o seu recorte para criação de fichas.
Redação das notas bibliográficas	Notas completas, regidas por regras catalográficas internacionais, que permitam pertencer, também, a um catálogo.
Classificação	Classificação sistemática (decimal) ou por palavras que representem o assunto do documento.
Língua	Deve ser escrita na língua nacional.
Partes	Partes distintas para os livros: periódicos e jornais, para os artigos, para as estampas e música.
Meios de estabelecimento	Por meio do Depósito Legal, à qual a Biblioteca Nacional é a responsável. Por meio de parcerias com impressores, editores, instituições governamentais etc.
Coordenação	Deverá ser um instrumento único, um extrato de toda a produção da sociedade.

Fonte: elaboração do autor com base em Otlet (1934).

⁹⁵ a) Les bibliothèques nationales de chaque pays doivent accepter la responsabilité du catalogue des ouvrages nationaux. Elles sont qualifiées à cet effet étant instituées pour recueillir toute la production bibliographique de leurs pays respectifs. Elles cataloguent nécessairement leurs collections et beaucoup d'entr'elles ont reçu déjà la mission d'élaborer la Bibliographie nationale.

⁹⁶ Otlet (1934) considera periódicos as publicações científicas, ele nos alerta que o desdobramento dos artigos dos jornais só devem ser feitos para jornais de grande circulação.

Podemos verificar neste quadro o quão Otlet pregava a padronização das ações em escala mundial e insistia no fazer sempre regido por normas e regras. Desta forma, como ele explicita, a obra teria seu conteúdo compreendido em qualquer lugar, graças ao padrão estabelecido.

Outrossim, nos parece que há uma aproximação muito grande entre o significado de catálogo e bibliografia e, para evitar a confusão entre as duas fontes de informação, Otlet (1934, p. 287) nos esclarece que:

[...] 1º A bibliografia descreve o livro em geral, o protótipo de cada livro ou documento. O catálogo descreve exemplares determinados, pertencentes à uma coleção, à um dado fundo. A bibliografia não é o catálogo detalhado de uma biblioteca que se pretende completo. 2º A bibliografia é uma obra que fornece um registro que servirá de apoio a pesquisa de um livro, enquanto o catálogo está estabelecido como ajuda para recuperar o livro⁹⁷.

Logo, a diferença substancial entre uma bibliografia e catálogo diz respeito ao local; a bibliografia descreve o livro em sua essência, sem ligá-lo a coleções físicas, mas sim, a obras que tratem do mesmo tema, que sejam do mesmo autor, enquanto que o catálogo remete às obras de um certo espaço físico, a um determinado exemplar localizado em uma estante da instituição.

Mesmo observando que a síntese do ideal de Otlet é simples e um documento só deveria ser descrito apenas uma vez, evitando-se o trabalho duplicado e desnecessário, essa norma estaria sujeita à qualidades específicas de exemplares específicos de uma determinada instituição. De fato, mais uma vez o projeto Otletiano se apoia na cooperação e na troca de informações entre as instituições, logo a obra uma vez tratada, por meio das bibliografias, alcançaria o mundo todo enquanto que nos catálogo das bibliotecas, elas estariam confinadas à quem lá fosse consultá-las. Acreditamos que a lógica seja de que uma bibliografia instiga a curiosidade, enquanto o catálogo inerte e isolado nada faz a não ser se constituir num repositório passivo de informações potenciais.

A lógica Otletiana, nesse sentido, é de que todo documento deve ser utilizado pois só assim estará contribuindo para o desenvolvimento da sociedade. Sob este prisma, elaboramos a figura 6, onde buscamos evidenciar o modelo de construção do conhecimento segundo os preceitos de Otlet arrolados no *Traité*.

⁹⁷ [...] 1º La bibliographie décrit le livre en général, le prototype de chaque livre ou document. Le catalogue décrit des exemplaires déterminés, ceux d'une collection, d'un fond donné. La bibliographie n'est que le catalogue détaillé d'une bibliothèque qui serait complète. 2º La bibliographie est un ouvrage fournissant un renseignement qui souvent épargera d'avoir à chercher le livre même, tandis qu'un catalogue est établir d'abord comme une aide pour trouver les livres.

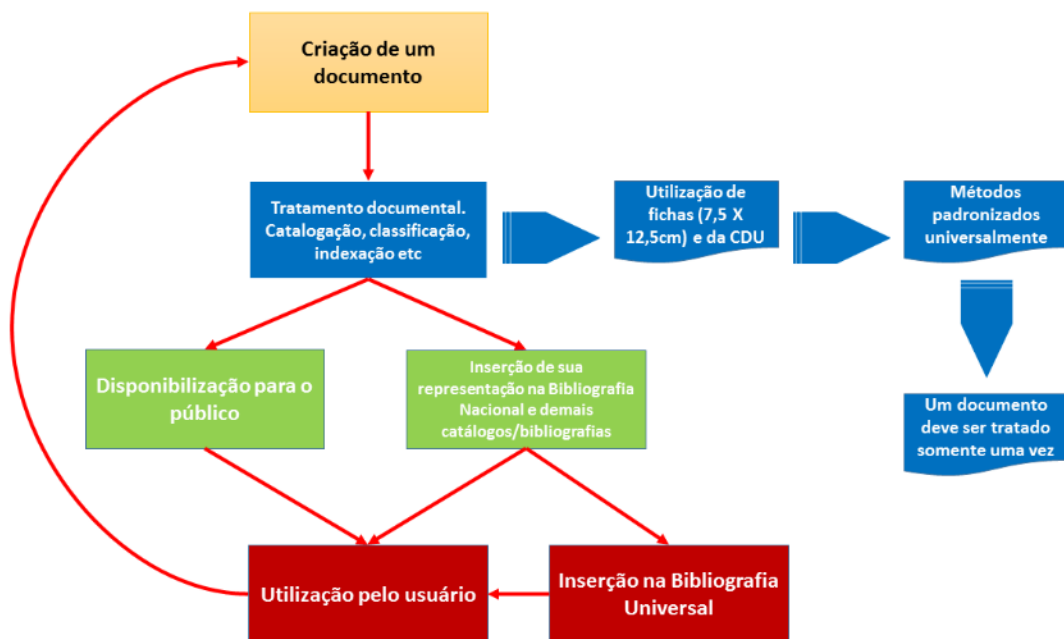


Figura 6: Fluxo da informação segundo Paul Otlet.
Fonte: elaboração do autor.

Alguns trechos do fluxo merecem destaque, como o fato da uniformização dos métodos de catalogação o que acarreta o tratamento uniforme de documentos semelhantes e uma única descrição dos registros que se compõem de exemplares, tais como os livros, o que economiza tempo e recursos. A bem da verdade, o ciclo informacional proposto por Otlet deriva e perpassa pela ideia de construção da Bibliografia Universal ou, como já mencionamos anteriormente, na proposta do Instituto de criação do do Repertório Bibliográfico Universal. Otlet (1934, p. 291) entende que:

[...] Em princípio, uma bibliografia universal deve incluir todos os livros existentes. Não existe, atualmente, nenhuma bibliografia do gênero, mas os esforços para compreendê-la e fazê-la funcionar têm o seu lugar nas outras espécies de bibliografias⁹⁸ (OTLET, 1934, p. 291).

Logo:

d) A Bibliografia, primeiramente, colocou ao livro o problema do total, superior a Biblioteca que, numa fase anterior, tinha levantado a questão da coleção. A Bibliografia trouxe toda a documentação e o espírito enciclopédico universal que impulsiona e se transforma agora. Este espírito ultrapassa a documentação e penetra, por sua vez, em toda a organização do trabalho⁹⁹ (OTLET, 1934, p. 289).

⁹⁸ [...] En principe une bibliographie universelle doit comprendre tous les livres existants. Il n'y a donc pas actuellement une telle bibliographie, mais des efforts pour y tendre et des œuvres si générales et si étendues qu'elles n'ont pas leur place dans les autres espèces de bibliographies.

⁹⁹ d) La Bibliographie a, la première, posé dans le livre le problème du Total, dépassant ainsi la Bibliothèque qui, à un stade précédent, avait posé le problème de la Collection. La Bibliographie ainsi a introduit dans

De fato, conforme já citamos, o projeto de uma fonte universal de informação não é novo, contudo, os meios por ele utilizados sim, a *Bibliotheca Universalis* de Gesner ou as *Pinakes* de Ptolomeu não seriam mais uma atividade solitária, fruto de um projeto personalista, mas sim, resultado do trabalho mundial, dos esforços de cooperação entre as mais variadas instituições e pessoas sob a coordenação do *Mundaneum*. E, novamente, buscamos nos recordar que a Documentação não é somente uma técnica, mas uma política de tratamento, disponibilização, difusão e acesso dos mais variados tipos de produção do espírito humano à quem por eles se interessar. Assim, a bibliografia universal “[...] é chamada a oferecer um todo completo da grande obra da humanidade desde os tempos mais antigos do mundo civilizado para nós. Todas estas divisões são verdadeira histórias do espírito humano, monumentos do seu pensamento¹⁰⁰” (OTLET, 1934, p. 291).

Visando a realização de seu intento universal, Otlet (1934) busca fazer com que os atores mais efetivos de seu ideal, ou seja, editores, bibliotecas, universidades, arquivos e museus, utilizem suas idéias, editando diretrizes para a construção de serviços e produtos. Contudo, no âmbito deste trabalho, nos ateremos às instruções relativas à bibliotecas, começando pela ideia de que “a) É desejável o estabelecimento de um sistema nacional de bibliotecas, cada uma delas sendo considerada como uma das estações de distribuição da rede geral para os propósitos da vida intelectual¹⁰¹” (OTLET, 1934, p. 407).

Assim, os mais variados tipos de bibliotecas e instituições congêneres estariam distribuídos no modelo de cooperação internacional proposto por Paul Otlet (Figura 7). O Centro Mundial pode ser entendido como *Mundaneum*, em seus múltiplos aspectos relativos à organização e disseminação da informação; os organismos internacionais se referem basicamente àqueles que compõem a *Union des Associations Internationales* (já citada por nós), tais como o Instituto Internacional de Bibliografia; os organismos nacionais se referem aos Serviços de Bibliografia e Documentação – sobre o qual trataremos mais à frente –, e/ou às Bibliotecas Nacionais (responsáveis pela coordenação dentro dos países); descendo mais na escala encontramos os organismos regionais e locais, que são a base da cadeia; logo, se o livro

toute la documentation l'esprit universel et encyclopédique qui l'entraîne et la transforme en ce moment. Cet esprit dépassant même la documentation pénètre à son tour l'organisation du travail tout entier.

¹⁰⁰ [...] est appelée à offrir un tout complet du grand travail de l'Humanité depuis les premiers temps du monde civilisé jusqu'à nous. L'ensemble de ces divisions est une véritable histoire de l'esprit humain par les monuments mêmes de la pensée

¹⁰¹ Il est désirable que soit établi un système national de Bibliothèques, chacune de celles-ci étant considérées comme l'une des stations d'un réseau général de distribution pour les besoins de la vie intellectuelle.

é átomo da organização do conhecimento, tais instituições são as moléculas que compõem o sistema.

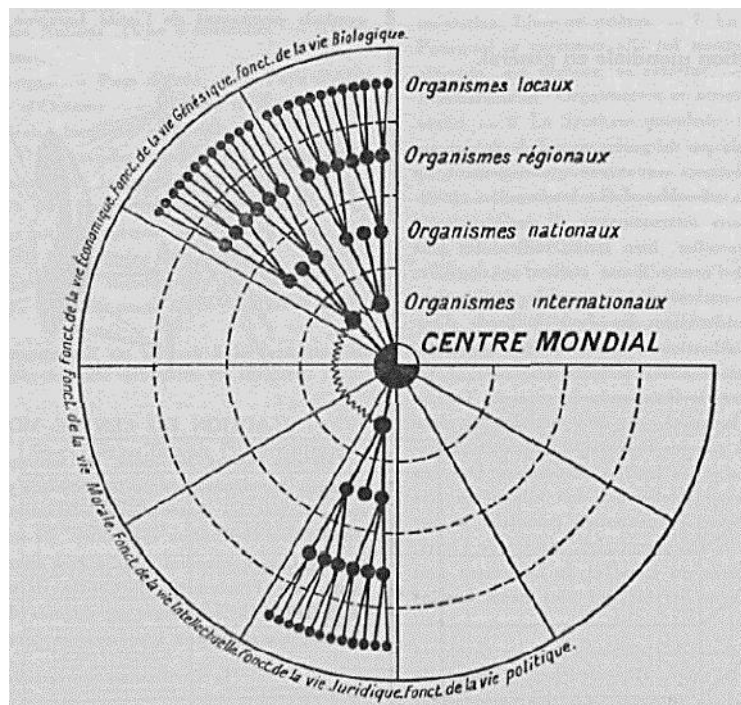


Figura 7: Modelo de organização e cooperação internacional para Paul Otlet.

Fonte: Otlet (1934, p. 420).

Sob este prisma, a criação de uma espécie de “embaixada documentalista” é disseminada, pois os escritórios ou serviços de bibliografia e documentação funcionariam como laboratório para a implementação dos ideais de Otlet, La Fontaine e do IIB, se constituindo na estação intermediária entre o nacional e o internacional, contribuindo para a construção de uma rede mundial de troca de informações:

- a) A importância que tomou a Bibliografia [...] levou à criação de serviços distintos que têm lugar dentro de grandes Instituições, principalmente bibliotecas, são instituições autônomas: os Escritórios de Bibliografia.
- b) Os Escritórios nascem de duas necessidades: 1ª Dar mais espaço para o trabalho bibliográfico, confiando pessoal especializado que pode garantir-lhe a velocidade, regularidade e continuação que falta no trabalho realizado por autores individuais e voluntários. A organização mais eficiente da bibliografia tornou-se realmente uma função do mundo científico no que diz respeito à continuidade e à eficiência da própria pesquisa científica¹⁰² (OTLET, 1934, p. 334-335).

¹⁰² a) L'importance qu'a pris la Bibliographie (catalographie) a conduit à la création doit des services distincts qui ont cet objet au sein des grandes institutions, principalement les bibliothèques, soit des institutions autonomes : les Offices de Bibliographie.

b) Les Offices sont nés de deux nécessités : 1° Celle de donner plus d'ampleur au travail bibliographique en le confiant à un personnel spécialisé qui puisse lui assurer la rapidité, la régularité et la continuité qui font défaut aux travaux entrepris par des auteurs individuels et volontaires. L'organisation la plus

A ideia era que esses centros funcionassem como difusores dos ideais apregoados pelos juristas belgas, mas, sobretudo, como oficinas onde a Bibliografia Universal seria construída e disseminada pela construção de bibliografias nacionais e/ou especializadas. De fato, formar pessoal afeito às propostas do Instituto Internacional de Bibliografia e do *Mundaneum* parece, também, ser uma das premissas de tal serviço. Se a bibliografia nacional era o seu objetivo, dentre suas tarefas estava, também, a coordenação nacional, a liderança na construção de um catálogo único e na adoção de diretrizes internacionais para o tratamento de acervos, afinal, o papel reservado aos escritórios e serviços de bibliografia e documentação era o de replicar as normas estabelecidas por Otlet, La Fontaine e seus congêneres. Fato exemplar ocorre na Argetina, onde Federico Birabén (Apêndice A) cria, no escopo do escritório argentino de bibliografia e documentação, um curso de bibliografia que objetivava disseminar os preceitos documentalistas (JOSÉ SUÁREZ, 1970; ROMANOS DE TIRATEL, 2004), situação não muito diferente da que ocorre no Brasil, mas que detalharemos na seção 4.1.

Outra ação defendida é o estabelecimento do Depósito legal (DL):

- a) O depósito legal consiste na entrega obrigatória pelo editor, impressor ou autor, de cópias de qualquer livro ou periódico publicado.
- b) A razão para o depósito legal variou conforme o tempo. Foi destinado a censura primeiro (*Zensurexemplar*), depois à proteção contra a reprodução (*Schutexemplar*), em seguida no interesse de coleções e, finalmente, no interesse da bibliografia, ou seja, o interesse científico (*Studienexemplar*), o depósito legal é a base da bibliografia nacional. É desejável que seja completo e rápido, estenda-se a todas as publicações, livros e periódicos, que as sanções da lei entrem em vigor¹⁰³ (OTLET, 1934, p. 284).

O Depósito Legal deriva da tradição do Privilégio Real, vigente até meados do século XVIII, sendo uma espécie de protótipo de tal lei e que tinha mais relação com o símbolo e poder real do que propriamente com a formação de uma memória nacional, constituindo-se no ato de oferecer ao monarca um exemplar da obra como uma forma de benção por ter permitido a sua escrita e edição. Assim, o *Bulletin de L'Institut International de Bibliographie* diz, no ano de 1908, que a validade do depósito legal está, sobretudo, no seu poder de resguardar os direitos

efficiente de la bibliographie est en effet devenue une fonction du monde scientifique, en égard à la continuité à l'efficiencie de la recherche scientifique elle-même.

¹⁰³ a) Le dépôt legal consiste dans la remise obligatoire par l'éditeur, l'imprimeur ou l'auteur, d'exemplaires de tout ouvrage ou périodique publiés.

b) Le motif du dépôt légal a varié avec les âges. Il était destiné à la censure d'abord (*Zensurexemplar*), puis à la protection contre la reproduction (*Schutexemplar*), puis dans l'intérêt des collections et finalement dans l'intérêt de la bibliographie, c'est-à-dire des intérêts scientifiques (*Studienexemplar*). Le dépôt légal est à la base de la bibliographie nationale. Il est désirable qu'il soit complet e rapide, qu'il s'étende à toutes les publications, livres et périodiques, que les sanctions de la loi soient effectives.

dos autores sobre sua obra, bem como de enriquecer coleções públicas e de fazer o registro bibliográfico das obras (INSTITUTO INTERNACIONAL DE BIBLIOGRAFIA, 1908).

De fato, as modernas leis que regulam o DL têm sua origem na Convenção de Berna¹⁰⁴ que, em 1886, estabeleceu diretrizes internacionais sobre a proteção dos direitos dos autores. Convém ressaltar que Otlet (1934) mais de uma vez ao longo do *Traité* sinaliza aos autores que a presença de suas obras no RBU seria uma forma de proteger os direitos adquiridos. Logo, o Repertório seria, assim, um instrumento confiável que atestaria ou chancelaria sua autoridade sobre aquele fruto do espírito humano.

Otlet (1934) não se pronuncia a respeito, mas acreditamos, também, que outro apelo do Repertório diz respeito à publicidade das obras, uma vez que sendo conhecida, tal criação seria procurada e, por vezes, comprada, o que muito interessaria à editores, impressores e, por quê não, autores. Sob este prisma, outra forma de fazer a obra conhecida e permitir o acesso à ela seria com o empréstimo entre bibliotecas que é defendido da seguinte forma:

[...] 2º Como razão para o empréstimo, deve-se considerar: a) que o trabalho científico pode progredir com a possibilidade de consulta de todas as obras informadas pela literatura e os lugares onde são encontradas, recuperando o que está disperso em bibliotecas ou em locais onde não se encontram os trabalhadores mais qualificados para utilizá-los; b) que é oportuno para um país ver o seu desenvolvimento através da utilização dos seus próprios recursos bibliográficos; c) a noção de uma comunidade intelectual universal e uma coletivização dos instrumentos e produtos do trabalho intelectual está ganhando terreno a cada dia. [...] Os 4ª substitutos do empréstimo são: a) a reedição de livros raros; b) Fotocópia; c) as viagens bibliográficas, como há viagens de estudo para todas as áreas¹⁰⁵ (OTLET, 1934, p. 285).

Além, é claro, do Intercâmbio Internacional que:

[...] assume três formas: 1º intercâmbio com os associados imediatos (o tipo de trocas de livros); 2º trocas sem equivalente imediato ou benefício: tipo de conta corrente com cartas de crédito e débito que são saldadas ao longo do tempo; 3º distribuição gratuita de publicações através do Sistema de Intercâmbio Internacional, no qual a reciprocidade é uma condição. d) A Convenção Internacional de 1884 aborda dois itens: 1º publicações de sociedades científicas; 2º os documentos oficiais, parlamentares e administrativos, bem como trabalhos executados por ordem e à custa dos governos¹⁰⁶ (OTLET, 1934, p. 285).

¹⁰⁴ Nos ateremos de forma mais aprofundada à Convenção de Berna na seção 4.1.

¹⁰⁵ [...] 2º comme raison d'être du prêt, il faut considérer : a) que le travail scientifique ne peut progresser qu'avec la consultation possible de tous les ouvrages renseignés par la bibliographie en des lieux où ne se trouvent dispersés dans les bibliothèques en des lieux où ne se trouvent pas toujours les travailleurs les plus qualifiés pour les utiliser ; b) qu'il y a intérêt pour un pays à voir mettre en valeur par l'usage ses propres richesses bibliographiques ; c) la notion d'une communauté intellectuelle universelle et d'une collectivisation des instruments et des produits du travail intellectuel gagne chaque jour du terrain. [...] 4º Les substituts du prêt sont : a) la réédition des ouvrages rares ; b) la Photocopie ; c) les voyages bibliographiques, comme il y a des voyages d'études en tous domaines.

¹⁰⁶ [...] prennent trois formes : 1º échanges avec équivalence immédiate (sorte de Bourse aux Livres) ; 2º échanges sans équivalence ni prestation immédiates : sorte de compte courant dont le crédit et le débit ne

Intercâmbio e empréstimo entre bibliotecas caminham, apesar de algumas diferenças, sob a mesma premissa: permitir o acesso às informações produzidas no decorrer do tempo e primar pela cooperação interinstitucional. De fato, o intercâmbio internacional é uma forma de publicizar os avanços técnico-científicos e, a partir daí, costurar acordos de cooperação etc, por outro lado, é o empréstimo entre bibliotecas que fará, segundo Otlet (1934), com que tais avanços ocorram, uma vez que toda a produção intelectual estaria acessível ao pesquisador.

Retomando a figura 7 (página 73), podemos perceber que a circulação da informação é de suma importância para a Documentação pois, como já observamos, ela não se constitui somente de uma técnica de organização de acervos, mas, sim, de uma política para o acesso Global às mais variadas informações, independente de seu suporte ou localização física. A ideia, nesse contexto, é de que a circulação da informação favorece o acesso ao que já foi produzido pela humanidade e favorece o surgimento de novas acepções e concepções dos fazeres e saberes da sociedade.

Desta forma, Otlet (1934) elabora um sumário de ações que as instituições afeitas à Documentação poderiam adotar, pois, ao colocá-las em prática estariam contribuindo para o tratamento universal dos registros humanos. Sem dúvida, a Documentação, no sentido que lhe atribui Otlet (1934), só se concretiza a partir do seu entendimento como uma política de tratamento, acesso e uso da informação, mas também de parâmetros que devem ser adotados institucionalmente, se valendo de acordos interinstitucionais e supranacionais.

Nesse bojo, o Brasil se torna consorte da empreitada por meio das ações implementadas pela BN e, sobretudo, pelas iniciativas de Peregrino da Silva à frente da instituição, assim, a próxima seção busca compreender o personagem e o por quê da Nacional ser o berço da Documentação no Brasil.

se soldent qu'au cors du temps ; 3° distribution gratuite de publications par l'intermédiaire du Système des Echanges internationaux et sans que la réciprocité soit une condition.

d) La convention internationale de 1884 porte sur deux objets : 1° les publications des sociétés scientifiques ; 2° les documents officiels, parlementaires et administratifs, ainsi que les ouvrages exécutés par ordre et aux frais des gouvernements.

3 DA ESCOLA DO RECIFE À BIBLIOTECA NACIONAL: MANOEL CÍCERO PEREGRINO DA SILVA NO CONTEXTO DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO, CIÊNCIA E CULTURA NA PRIMEIRA REPÚBLICA

Neste capítulo buscamos desvelar o contexto histórico em que ocorrem as ações de Peregrino da Silva, traçando paralelos entre a sua biografia e sua atuação enquanto intelectual e servidor do Estado. De fato, buscamos compreender o porquê de a BN ter sido o local onde a Documentação surge.

3.1 INTELLECTUAL OU FUNCIONÁRIO EXEMPLAR?: A DUALIDADE DE PEREGRINO DA SILVA

Manoel Cícero Peregrino da Silva recebe, em maio de 1900, convite do então ministro da Justiça e Negócios Interiores¹⁰⁷, Epitácio Pessoa (Apêndice A), para dirigir a Biblioteca Nacional brasileira:

Cícero. Saúde, etc. Vai vagar brevemente o lugar de Diretor da Biblioteca Nacional. Há uma chusma¹⁰⁸ enorme de candidatos e o Presidente já tem manifestado a sua preferência por um dentre eles. Entretanto, é possível até à última hora, que as coisas se modifiquem e venha ser nomeado quem não tenha ainda sido lembrado pelos políticos da terra.

Preciso saber se V. aceita êsse lugar. Não vai nisto uma promessa, pois, há muitos nomes em vista, mas enfim podem as circunstâncias levar-me a intervir no último momento.

O lugar é mal remunerado, dá 600\$ por mês; a posição, porém, é bonita.

Peço-lhe que, logo que receber esta, me telegrafe com uma simples palavra – sim ou não – reservando-se para escrever-me mais tarde.

Col. am.º afs.º

Epitácio Pessoa (apud BITTENCOURT, 1955, p. 34-35)¹⁰⁹.

Pernambucano, tal carta significava mais do que uma mudança de cidade, era a coroação de seus esforços empreendidos no final do século XIX em nome da cultura e erudição (BITTENCOURT, 1955). Aceitando o cargo, Peregrino assume a Biblioteca em julho do mesmo ano e encontra a capital do país no início do processo de uma das suas maiores transformações, a reforma urbana comandada pelo então prefeito Pereira Passos (KOK, 2005; Apêndice A).

¹⁰⁷ À época, as faculdades e escolas técnicas, bem como bibliotecas, arquivos e museus, estavam subordinadas ao Ministério da Justiça e Negócios Interiores.

¹⁰⁸ “Grande quantidade (de coisas ou pessoas)” (AULETE, [2013]).

¹⁰⁹ Optou-se, neste trabalho, por não fazer a atualização dos vocábulos das citações para as normas gramaticais e gráficas atuais. Entendemos que desta forma mantemos a fidedignidade dos textos.

Àquela época, o país, bem como o Rio de Janeiro, então Capital Federal, sofriam grandes mudanças: a República havia sido proclamada há pouco mais de uma década; revoltas assolavam diversas regiões do país; e diferentes grupos políticos disputavam o controle do Estado (MARTINS, 1996). É nesse cenário de transformações que Peregrino da Silva assume a direção da maior biblioteca do país.

Nascido em 7 de setembro de 1866 em Recife, Pernambuco, Manoel Cícero Peregrino da Silva é filho de Cícero Odon Peregrino da Silva e Maria da Conceição Souza Leão Peregrino da Silva. Seu pai teve atuação destacada como político (sendo eleito deputado provincial durante o Império) e educador, sendo responsável por dirigir o Ginásio de Pernambuco, um dos redutos formadores da intelectualidade à época e onde Peregrino da Silva cursou seus estudos primários (BITTENCOURT, 1955).

A respeito do pai de Peregrino da Silva, Sacramento Blake (1893, p. 110) destaca:

Cícero Odon Peregrino da Silva - É natural de Pernambuco, bacharel em ciencias sociaes e juridicas pela faculdade do Recife, professor de arithmetica no gymnasio pernambucano, professor particular de linguas e ciencias, socio effectivo do instituto archeologico e geographico pernambucano e um dos seus fundadores.

Foi deputado á assembléa provincial e escreveu:

- Compendio do systema metrico e redução dos pesos e medidas do antigo para o novo systema. Recife, 18... – [...] Em fevereiro de 1866, o Dr. Cícero foi um dos redactores eleitos da

- Revista do Instituto archeologico e geographico pernambucano que começou a ser publicada no Recife em 1863 [...].

Bittencourt (1955) ressalta que Cícero Odon era um homem íntegro, apegado às tradições morais e, por isso, afeito à doutrina positivista, onde o humanismo era a religião e, por conta disso, sua carreira política foi muito curta, preferindo ele o magistério. “Cícero Odon mostrou inteligência ampla, que ia além do que era trivial na vida local, e que, abrangendo uma notada cultura, fizera lhe chamassem polimata¹¹⁰” (BITTENCOURT, 1955, p. 6).

Contudo, é a família materna de Peregrino da Silva que parece se destacar, tanto no campo político como econômico, os Souza Leão, uma das famílias mais influentes de Pernambuco. Além de ter nomes como os Barões de Caiará, Gurjaú, Jaboatão, Morenos e de Vila Bela, além dos Viscondes de Tabatinga e de Campo Alegre, ícones da política pernambucana no período, a família detinha a posse de elevado número de engenhos (BITTENCOURT, 1955).

Manoel Cícero diz que seu avô era agricultor, ao que Bittencourt (1955, p. 8) observa:

Sim. Os agricultores, os senhores de engenho seguiam as correntes políticas, se não exerciam cargos políticos, não sendo para eles, eleitos nem nomeados.

¹¹⁰ “[...] que ou quem estuda muitas ciências diversas” (AULETE, [2013]).

Elegiam, votavam, embora, sem serem votados, e estavam assim nas formações partidárias. Dessa família famosa que chegou a possuir, em Pernambuco, tantos engenhos tornando-se uma das forças poderosas a sustentarem a monarquia esteiada na aristocracia rural [...].

Desta forma, seu berço familiar estava ancorado na tradição das elites regionais surgida durante o Império e que se perpetuava durante a República. Fausto (1985), Resende (2003) e Martins (1996) nos alertam que grande parte das instabilidades ocorridas nos primeiros anos da República devem-se à insatisfação dos grupos familiares regionais com a perda gradual de sua influência na política e na sociedade local. Tais autores destacam, sobretudo, que, para haver governabilidade, o regime republicano, sob a égide de Floriano Peixoto, foi obrigado a criar o “pacto federativo” (RESENDE, 2003) que visava oferecer aos estados da federação¹¹¹ certa independência e permitir a continuação do controle das elites locais sobre a população. Ademais, o regime republicano ainda era instável e a todo momento era agitado por revoltas e/ou crises políticas, além da situação financeira sempre precária.

Miceli (2001) ressalta que seguir a profissão do pai¹¹² era uma tradição das elites do início do século XX e uma forma de perpetuar seu poder. Desse modo, Peregrino da Silva, assim como o pai, cursa Direito pela Faculdade de Recife – berço da elite intelectual do nordeste –, graduando-se em 1885. Tal Faculdade é o celeiro do pensamento político/filosófico no final do século XIX a que se convencionou chamar de “Escola do Recife¹¹³”, tendo grande influência em várias regiões do país, sobretudo na Bahia, Sergipe, Ceará e Rio de Janeiro (PAIM, 1999).

A Faculdade de Direito da capital pernambucana, por ser à época o único estabelecimento de ensino superior no Nordeste, recebia alunos das diversas províncias daquela região. Essa circunstância permitiu a irradiação das idéias da Escola do Recife, formando-se alguns núcleos de seus partidários no Ceará, em Sergipe e na Bahia (PAIM, 1999, p. 73).

¹¹¹ “Numa federação a sociedade civil tem características unitárias sob certos aspectos e pluralistas sob outros aspectos. A população está unida numa sociedade das mesmas dimensões da federação e está dividida numa pluralidade de sociedades menores, com confins territoriais bem definidos no âmbito da sociedade mais vasta. Daí se segue que o comportamento social típico dessa população tem um caráter bipolar; de um lado há a lealdade para com a sociedade global comum a toda população da federação, de outro lado, a lealdade para com cada uma das comunidades menores, diferenciada pela distribuição territorial da população. E o que é singular é o fato de que o sentimento de apego à união coexiste com o de apego a cada uma de suas partes e nenhum deles prevalece sobre o outro, como acontece num sentido no Estado nacional e no sentido oposto numa confederação de Estados” (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1998, p. 482).

¹¹² Zarur (1994, p. 55) corrobora tal ideia ao observar que “[...] A importância da família emerge quando são consideradas as carreiras, instante em que aparece algo próximo ao conceito de ‘estamento’; filhos de diplomatas, militares, médicos, advogados, e muitas vezes de cientistas, tendem a seguir a carreira paterna.

¹¹³ Doravante denominada apenas Escola.

As ideias disseminadas por tal movimento filosófico-político tinham aspiração nos ideais desenvolvidos na Europa à época, sobretudo na Alemanha. A visão, em seu início, fortemente influenciada pelo Positivismo Comtiano, sofre ao longo do tempo grande transformação (PAIM, 1999).

Paim (1999) define a atuação da Escola de acordo com ciclos desde o surgimento do movimento, na década de 1860, até o início da década de 1920. Desta forma, o 1º ciclo representa a fundação do movimento político/filosófico, onde seus ícones aspiram a “[...] renovação dos terrenos das ideias” (PAIM, 1999, p. 80).

No 2º ciclo o movimento começa a ganhar forma e ter um pensamento mais autônomo sobretudo pela ação de Tobias Barreto (Apêndice A), buscando o distanciamento do Positivismo e a criação de uma doutrina própria. O 3º ciclo, destacado por Paim (1999) como o apogeu do movimento, inicia-se em meados da década de 1880 e vai até o início do século XX, sendo o período de maior desenvolvimento das obras de Tobias Barreto, Clóvis Bevilacqua, Sílvio Romero (Apêndice A), dentre outros intelectuais adeptos a doutrina da Escola. É nesse período que Peregrino da Silva ingressa na Faculdade e conclui seus estudos, tendo como professores vários dos expoentes citados.

Paim (1999, p. 81) observa que:

A terceira fase, que abrange mais de três lustros, de meados da década de 80 aos começos do século, corresponde à época de apogeu. A nova corrente já constituída, que se propunha enfrentar simultaneamente ao positivismo e ao espiritualismo, lograria alcançar uma posição de predomínio nos meios intelectuais do Nordeste, conservando alguns centros de influência no sul do país.

Dessa forma, a terceira fase constitui-se no ápice das ideias da Escola de Recife, é nesse período, sob a liderança de Tobias Barreto, que a Escola lança as bases do que convencionou-se chamar na literatura de *Culturalismo* (PAIM, 1999; REALE, 1956). O *Culturalismo* se constituiria “[...] na doutrina de que a criação humana constitui objeto privilegiado da mediação filosófica, sendo mesmo aquela esfera apta a superar, de uma vez por todas, o positivismo e o cientificismo em geral” (PAIM, 1999, p. 82).

Para Tobias Barreto, segundo Reale (1956, p. 232), cultura seria “[...] tudo aquilo que não é para o homem uma dádiva direta e imediata da natureza, senão um resultado do trabalho espiritual, da produção consciente, do esforço voluntário”. Assim, o *culturalismo* seria antagônico ao que é natural, sendo resultado do esforço do homem em evoluir independente das leis naturais. É quando o homem transforma o que é natural (ou natureza) de acordo com os seus desejos e as suas necessidades (REALE, 1956).

Tobias Barreto refuta a ideia mecanicista de evolução do ser humano, fazendo dele o ator principal de seu destino, afastando-se, de certa maneira, do ideal positivista, do monismo e do evolucionismo, aproximando-se do pensamento alemão em voga no período (REALE, 1956). Sobre tais correntes filosóficas, nos deteremos apenas ao Positivismo, graças a sua forte influência no período.

Em 1870, mais ou menos o mesmo período de ascensão do movimento da Escola de Recife, é lançado, no Rio de Janeiro, o Manifesto Republicano que funda o Partido homônimo. Tal legenda abarca, dentre seus signatários, os positivistas, os republicanos moderados e liberais e, posteriormente, com a abolição da escravatura, fazendeiros e proprietários de escravos, sobretudo do interior paulista¹¹⁴ (NEVES, 2003, p. 29).

Decerto, são os positivistas que ocupam maior espaço nesse terreno. Inspirados na filosofia criada e propagada pelo francês Auguste Comte no início do século XIX, os positivistas buscavam ordenar o mundo de acordo com uma visão mecanicista, sob a noção de evolução natural, inspirando-se no conceito prenunciado por Darwin décadas antes. Os positivistas defendiam a separação entre o Estado e a Igreja, além da valorização dos feitos do homem e seus grandes ícones ao longo dos tempos e que as conquistas da humanidade são reflexo da evolução natural do ser (PAIM, 1999; REALE, 1956, 1994; MARTINS, 1996).

Os positivistas defendem, também, que a Proclamação da República seria resultado da evolução natural da sociedade brasileira, sendo efetivada no momento certo e pelas pessoas corretas, “[...] não era um acidente ligado ao êxito de uma conspiração minoritária e arriscada, e sim o resultado lógico do nível mental alcançado pelo país” (FERREIRA, 1986 apud ENDERS, 2014, p. 248).

A separação entre Estado e Igreja leva, segundo Enders (2014), a um fenômeno interessante no país, a fundação, em 1881, da Igreja Positivista do Brasil. Tal instituição, a primeira do mundo, pregava a religião Humanista, exaltando os feitos humanos¹¹⁵ (IGREJA POSITIVISTA DO BRASIL, 200-b).

Carvalho (2009) destaca que:

Comte copiou quase tudo da Igreja Católica, arquitetura, rituais, sacerdócio, santos. Copiou, sobretudo, o culto à Virgem-Mãe. Mas introduziu uma grande alteração. Eliminou a idéia de transcendência, isto é, rejeitou a existência de um deus separado e distante da humanidade. Trouxe a religião para a Terra. O Deus

¹¹⁴ Por não ser nosso foco de pesquisa, não detalharemos as categorias que compõe o Partido Republicano, contudo, para saber mais, recomenda-se a leitura de Neves (2003).

¹¹⁵ Neves (2003) observa que o Templo da Humanidade, como é chamada a Igreja, ainda está em funcionamento no bairro da Glória, Rio de Janeiro, destaca, ainda, que há uma capela positivista em Porto Alegre e que o Rio Grande do Sul e o Rio de Janeiro são os estados que sofreram as maiores influências positivistas no país.

para ele era a própria humanidade. O Deus era uma deusa, a Deusa Humanidade, palavra que ele grafava sempre com inicial maiúscula.

A religião Humanista pregava, sobretudo, o respeito ao ser humano e seus feitos, buscava posicionar todos como iguais e lutar em prol do todo e não do individual (CARVALHO, 2009).

No campo político podemos destacar que:

Os círculos positivistas brasileiros funcionaram como laboratório de ideias progressistas no contexto do Brasil imperial. Suas pautas principais eram a abolição da escravidão, os direitos trabalhistas do novo proletariado, o Estado laico e a instauração de uma república federativa presidencialista. Os positivistas se posicionaram em diferentes momentos, tendo por exemplo manifestado sua oposição à importação de trabalhadores estrangeiros após a abolição (para proteger o mercado de trabalho dos recém-libertos), combatido à lei de repressão à vadiagem (que tinha por alvo principal essas mesmas populações), ou ainda reivindicado o direito ao repouso dominical para trabalhadores (IGREJA POSITIVISTA DO BRASIL, [200-b]).

Ainda na esfera política, os positivistas defendiam a criação de uma “[...] ditadura positivista republicana” (NEVES, 2003), Carvalho (2009) observa que os positivistas tentaram, em vão, convencer D. Pedro II a proclamar a República e tornar-se seu ditador, perpetuando seus ideais. Inserido em tal contexto, sua filosofia pregava, segundo Enders (2014), que a República deveria estar nas mãos das elites intelectuais, sendo o restante da população – a grande massa – organizada para ser governada, ou seja, controlada.

Laffitte¹¹⁶ faz distinção entre as massas, simplesmente suscetíveis de emoções e desejos, e a elite capaz de emitir opiniões e julgamentos. [...] o positivismo [...] lutava para granjear maior número de adeptos e sensibilizar os “líderes” – qualquer que fosse a classe a que pertencessem –, aqueles que por sua capacidade intelectual e seus dotes especiais foram justamente chamados a governar seus semelhantes (ENDERS, 2014, p. 239).

Curioso notar que a filosofia positivista, apesar de adotar a ideia de massas, entende que a evolução (bem como na acepção da teoria Darwinista, segundo Paim (1999)) poderia levar o mais pobre indivíduo¹¹⁷ ao posto de presidente da república, por exemplo (ENDERS, 2014). Contudo, Neves (2003) nos alerta que a participação popular na Proclamação da República e em seu início era quase nula, pois, mesmo após a Constituição de 1891, os direitos das classes menos abastadas da sociedade eram quase inexistentes. Nesse sentido, a noção de cidadania

¹¹⁶ Pierre Laffitte era discípulo de Auguste Comte e foi um dos maiores divulgadores dos ideais positivistas após a sua morte (PETIT, 1995).

¹¹⁷ Seguindo advertência de Paim (1999) e Reale (1994) não adotaremos o termo cidadão, pois, em estudos baseados na Constituição de 1891, ainda era incipiente a noção de cidadania na República brasileira, sobretudo para os mais pobres.

ainda não se fazia tão presente na política republicana, ainda mais ao observarmos que o cerceamento de direitos às massas favorecia a “ordem”, logo, o seu controle (NEVES, 2003).

De fato, os ideais positivistas obtiveram êxito nas esferas menores da organização da República, mas não deixa de ser curioso que seus maiores feitos tenham acontecido na esfera simbólica do regime (ou seja, no seu imaginário) do que efetivamente no campo político.

Enders (2014) menciona que a transformação de Tiradentes de conspirador para herói nacional deve-se, sobretudo, à ação de Teixeira Mendes (Apêndice A), um dos maiores propagadores da filosofia positivista no país. Também deriva da atuação de Mendes a nomeação de José Bonifácio como o patriarca da independência e responsável pela fundação da “Nação brasileira” e de Benjamin Constant como grande líder dos ideais positivistas e considerado o pai da primeira Constituição republicana (ENDERS, 2014).

Assim, o projeto da nova bandeira nacional é assinado por Teixeira Mendes e nela aparece explícito o ideário positivista sob a inscrição “Ordem e Progresso”, derivada do lema criado por Auguste Comte “O amor por princípio e a ordem por base; o progresso por fim¹¹⁸” afixado no frontão de entrada do Templo da Humanidade. Bem como seu posicionamento em meio ao céu estrelado tem relação com a visão mecanicista de funcionamento de mundo, pois o sistema perfeito seria o celeste (ENDERS, 2014; IGREJA POSITIVISTA DO BRASIL [200-a]; MARTINS, 1996).

De fato, o distanciamento entre a Escola de Recife e o Positivismo se dá pela negação do movimento Pernambucano, sobretudo de Tobias Barreto, em aceitar os preceitos evolucionistas da Humanidade e a explicação mecanicista da vida. Barreto prefere os ideais de cultura e modificação dos espaços pelo homem e à sua maneira, como que se quisesse posicionar o homem com as rédeas de seu destino (REALE, 1956; PAIM, 1999). “Quando, porém, o que é ‘natural’ se afeiçoa de acôrdo com fins humanos; quando ‘o homem inteligente e ativo põe a mão em um objeto para adaptá-lo a um *idéia superior*’, (sic) surge a *cultura*” (REALE, 1956, p. 230, grifos e nota do autor).

Contudo, o *Culturalismo* da Escola de Recife perde força e, segundo Paim (1999), o 4º e último ciclo do movimento pernambucano ocorre entre o fim da primeira década do século XX e o final da I Guerra Mundial e é marcado pelo declínio da Escola após a morte de seus grandes expoentes, como Tobias Barreto, e o abandono progressivo das atividades filosóficas, dedicando-se, somente, à jurisprudência.

¹¹⁸ L'amour pour principe et l'ordre pour base; le progrès pour but (BRAUNSTEIN; BOURDEAU; KREMER-MARIETTI, 2009).

No bojo do ambiente de efervescência de ideias do terceiro ciclo da Escola, Peregrino da Silva assume, por influência de sua família, o posto de bibliotecário da Faculdade de Direito do Recife, substituindo Clóvis Bevilacqua. E é nesse período que suas ações como promotor da erudição começam a se destacar (BITTENCOURT, 1955).

Peregrino da Silva é nomeado diretor da Biblioteca em 9 de julho de 1889 (Quadro 7), poucos meses antes da Proclamação da República, pelo Barão de Loreto, amigo de seu pai nos tempos da Faculdade. “Influi muito, na nomeação a interferência pronta do pai que se empenhou pelo filho logo que se abriu a vaga de bibliotecário” (BITTENCOURT, 1955, p. 10)¹¹⁹.

Proclamada a República, a instabilidade governamental, segundo Bittencourt (1955), leva a nomeação, sem consulta prévia, de Peregrino para o cargo de subsecretário da Faculdade de Direito e secretário do Curso Anexo¹²⁰ em fevereiro de 1891, tendo ele de deixar a Biblioteca. Contudo, a mesma instabilidade o leva a ser exonerado em agosto do mesmo ano, sendo nomeado, novamente sem consulta prévia, para o cargo de Secretário da Estatística Comercial, no Rio de Janeiro, posto este que ele nega.

[...] Recusou a nomeação para que o reconduzisse por decreto de 23 de janeiro de 1892 ao cargo de bibliotecário, como satisfação dada a ele por não terem respeitado a posição que ocupava. Ofereceram-lhe os cargos de Secretário da Faculdade de Direito, ou o de Bibliotecário. Quis voltar a êste por ser da sua preferência, embora vencessem os dois para que os proventos não influíssem na escolha (BITTENCOURT, 1955, p. 12).

Essa foi a primeira chance de Peregrino da Silva mudar-se para a capital do país, mas, provavelmente pela situação instável que o país passava, optou por permanecer em sua terra natal retornando a função que, segundo Bittencourt (1955), lhe agradava: bibliotecário.

Quadro 7 – Cronologia da vida de Manoel Cícero Peregrino da Silva	
1866	Nasce na cidade de Recife (PE).
1885	Gradua-se em Direito pela Faculdade de Recife.
1889	Assume a direção da Biblioteca da Faculdade de Direito de Recife.
1895	Titula-se Doutor pela Faculdade de Direito do Recife.
1900	Assume a Direção da Biblioteca Nacional.
1905	É admitido como sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.
1907	Viagem à Europa e aos Estados Unidos.
1917	Assume a Diretoria Geral da Instrução Pública do Distrito Federal.
1918	É nomeado Prefeito Interino do Distrito Federal.
1924	Despede-se da direção da Biblioteca Nacional e é nomeado para a Diretoria Geral da Propriedade Industrial.
1926	Assume a direção da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro, atual UFRJ, bem como a reitoria da instituição.
1930	Volta à docência após deixar a reitoria da Universidade do Rio de Janeiro.

¹¹⁹ Miceli (2001) observa que outro meio de perpetuação das elites regionais era por meio do serviço público, a carreira pública era uma forma de manter a influência e o status familiar.

¹²⁰ O Curso Anexo representa, segundo Paim (1999), as Humanidades.

1938	Assume a presidência do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.
1939	Retira-se da vida pública.
1956	Falece na cidade do Rio de Janeiro.

Fonte: Elaboração do autor com base em Bittencourt (1955).

Sob sua liderança, a Biblioteca da Faculdade de Direito do Recife sofre diversas mudanças tais como a catalogação de todo o seu acervo, a implementação de catálogos para orientar as pesquisas, ampliação do número de obras disponíveis para consulta (contando em 1898 com mais de 10 mil volumes), mudança de prédio e a edição, em 1896, do “*Catalogo Geral da Bibliotheca da Faculdade de Direito do Recife*” (Figura 8).

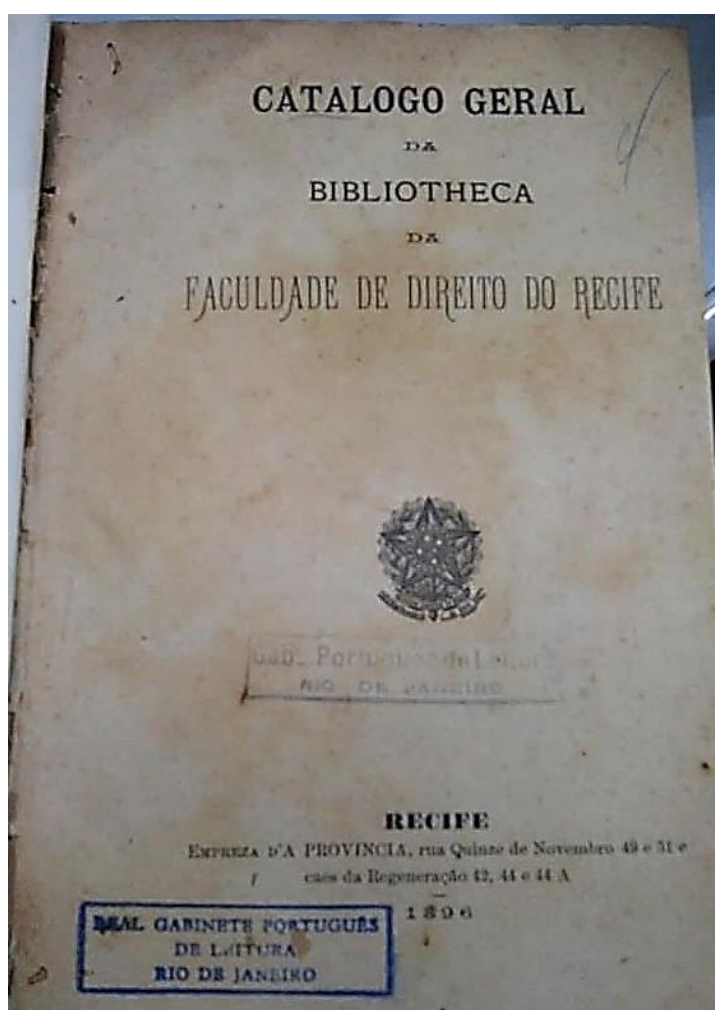


Figura 8: Folha de rosto do Catalogo Geral da Bibliotheca da Faculdade de Direito do Recife

Fonte: Silva (1896).

Tal catálogo é destacado por Bittencourt (1955) como o coroamento dos esforços de Peregrino da Silva na direção da Biblioteca. Sua “Advertencia” (ou prólogo) é aberto por trecho do Decreto nº 1.159, de 3 de Dezembro de 1892, que “Approva o codigo das disposições

communs ás instituições de ensino superior dependentes do Ministerio da Justiça e Negocios Interiores” (BRASIL, 1892; ANEXO AA). Em tal decreto, existem várias normas concernentes aos estabelecimentos de ensino, sobretudo às suas bibliotecas. Peregrino destaca que:

Art. 149. Haverá na Bibliotheca quatro catalogos:
Das obras pelas especialidades que tratarem;
Das obras pelos nomes de seus auctores;
Dos dictionarios;
Das publicações periodicas (SILVA, 1896, p. 4; BRASIL, 1892).

Contudo, o decreto se estende e diz que é dever do bibliotecário:

Art. 159 [...]
3º, organizar os catalogos especificados neste regulamento **segundo o systema que estiver em uso nas bibliothecas mais adeantadas**, de accordo tambem com as instrucções que a congregação, ou o director do estabelecimento, lhe transmittir;
4º, observar e fazer observar este regulamento em tudo que lhe disser respeito;
[...]
14, dar noticia ao director do estabelecimento de todas as novas publicações feitas na Europa e America, para o que se munirá dos catalogos das principaes livrarias.
[...]
Art. 162. Sempre que concluir os catalogos, o bibliothecario os fará imprimir, com prévia autorisação do director, para serem enviados ao Ministerio e aos lentes e empregados graduados de todos os estabelecimentos de ensino superior, ficando sempre archivado um exemplar na secretaria (BRASIL, 1892, grifo nosso).

Manoel Cícero demonstra desde já sua inclinação a sempre cumprir as missões que lhe são impostas, por conseguinte, organiza o catálogo da Biblioteca, colocando-a em pleno funcionamento de acordo com os anseios da Faculdade. Observa ele, ainda na “Advertencia” do Catálogo que:

Quanto á classificação preferida, sabem os que se dão a estudos bibliographicos que na pratica não há absolutamente conveniencia em moldar a classificação de materias de um catalogo de livros pelo quadro de classificação geral das sciencias. Tratando-se do catalogo d’uma bibliotheca especial, onde devem se encontrar de preferencia obras referentes a determinado ramo dos conhecimentos humanos, não se pode adoptar este ou aquelle systema aconselhado pelos bibliographos, mas um plano especial, subordinado á natureza da bibliotheca e á multiplicidade dos assumptos que versam as obras catalogadas.
A pratica virá apontar as alterações que deva soffrer o trabalho apresentado, que não reputo exempto de defeitos (SILVA, 1896, p. 4-5).

Desta forma, Peregrino da Silva parece deixar clara sua intenção de organizar uma biblioteca que atendesse às necessidades de seus usuários, optando por não classificar os livros segundo um modelo específico, mas sim, organizando-a da melhor forma possível para uma biblioteca especializada.

[...] A maneira de classificar os livros, catalogá-los, representa nova orientação, que correspondia a outro sentido dado à cultura. O catálogo seguia pois um plano novo pondo diante dos olhos de todos o que ler e os livros que compulsar. Manuel Cícero realizava o que era a nova orientação. Daria ao catálogo uma orientação que abria caminho à investigação mais ampla. Procurava-se pois que o ensino

despertasse interêsse pela investigação. Seria um ensino que fizesse pensar em bibliografia e que só um catálogo bem organizado poderia orientar. Mas, para isso, êsse catálogo tinha de ser impresso e o foi, a fim de, pôsto na mão do estudante, ser melhor compulsado e examinado (BITTENCOURT, 1955, p. 12-13).

A devoção de Peregrino ao moderno é exaltada, como pudemos observar acima, adjetivos como inteligente, zeloso, culto e sábio são sempre utilizados para descrever sua personalidade. Bittencourt (1955) destaca que sua atuação rendeu-lhe elogios em diversos relatórios institucionais e de personalidades como Clóvis Bevilacqua, seu antecessor na direção da Biblioteca, e de Faelante da Câmara (Apêndice A), dois dos grandes expoentes do movimento da “Escola de Recife”.

‘É louvável o desenvolvimento que vai tendo a biblioteca da nossa faculdade, graças à aptidão e zêlo do Sr. Manuel Cícero. Ela já conta cêrca de 10.000 volumes, em cuja escolha se atendeu aos diversos ramos do ensino, e um catálogo impresso, bem organizado’, – isso dizia em 1898, no relatório apresentado à Congregação, o Professor José Joaquim de Oliveira Fonseca (BITTENCOURT, 1955, p. 16).

Peregrino doutora-se pela Faculdade no ano de 1895, defendendo a tese “A justiça penal entre os romanos”. Curioso notar que aspectos destacados por Bittencourt (1955) vão ao encontro da filosofia do *Culturalismo* propagado pela Escola pois, pondera o autor, que “A escôlha dêsse tema [...] denota um espírito propenso a investigar aspectos gerais da sociedade, as modalidades que ela pode apresentar reconhecendo-lhes as transformações históricas” (BITTENCOURT, 1955, p. 24).

Permanecendo na direção da Biblioteca da Faculdade de Direito do Recife até o início de 1900, quando é interpelado por Epiácio Pessoa se aceita dirigir a Biblioteca Nacional, sua passagem pela instituição ainda é hoje destacada, sendo responsável por fazê-la cumprir a sua missão dentro do contexto da Faculdade e oferecendo subsídios para seu desenvolvimento.

Traço marcante na trajetória de Peregrino, tanto em Recife, quanto no Rio de Janeiro, é a rede de sociabilidade e contatos à qual estava inserido, angariando o que Bourdieu (1980) chama de capital social e sobre o qual teceremos maiores comentários a frente. Se dantes, sua família era, conforme esclarece Bittencourt (1955), a base dos relacionamentos, podendo ele galgar posições na Faculdade de Direito do Recife, sua carreira como bibliotecário e a boa repercussão de suas ações nas esferas superiores, ofereceram ao personagem a opção de ambicionar novos afazeres.

A carta de Epiácio Pessoa inquirindo-o se aceitava o cargo de diretor da Biblioteca Nacional é exemplar nesse sentido. Peregrino da Silva tornara-se amigo do então ministro quando este fora seu professor na Faculdade de Recife, ainda na década de 1880. Segundo

Bittencourt (1955), Pessoa havia recebido, pouco tempo antes de escrever a carta a qual nos referimos, correspondência do confrade pernambucano manifestando seu desejo de mudar-se para a Capital Federal. Nesse sentido, apesar da “chusma” de candidatos, “[...] é possível até a última hora, que as coisas se modifiquem e venha a ser nomeado quem não tenha ainda sido lembrado pelos políticos da Terra” (PESSOA, 1900 apud BITTENCOURT, 1955, p. 34).

A República, nesse momento, ainda buscava se recuperar das revoltas que assolaram o regime na década anterior, Bittencourt (1955, p. 31-32) observa que após as vitórias conquistadas era necessário organizar a administração pública e, “[...] buscando-se então para ela os homens sem política e com grande aptidão e capacidade administrativa”. Segundo ele “[...] é o caso do Prefeito Pereira Passos, de Manuel Cícero e de Osvaldo Cruz”.

Bittencourt (1955, p. 48) também ressalta que:

Duas foram assim as modificações trazidas pela República: uma a modificação política geral com a prática do presidencialismo [...]; a outra está em apontar os nomes de administradores, que de fato representam realizações vantajosas para a sociedade, ao em vez da atenção geral ficar atada à vida política [...].

Peregrino da Silva, desta forma, figura dentre os cérebros por detrás das grandes transformações que o Rio de Janeiro – e o país – passavam. Pereira Passos é o pai da grande reforma urbana pela qual a Capital Federal era submetida, sob sua égide mais de 500 casarões são derrubados e o Morro do Castelo – certidão de nascimento da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro – começa a ser arrasado, abrindo espaço para a Avenida Central, ícone da modernização que o regime republicano almejava (KOK, 2005).

Sob o aspecto político, a reforma urbana de Pereira Passos era uma tentativa de afastar a República da herança colonial representada por Portugal e pelos dois imperadores – descendentes diretos dos lusitanos (KOK, 2005; FAUSTO, 1985; NEVES, 2003). Por outro lado, também:

[...] é preciso lembrar o papel simbólico que o Rio assume como cidade-capital: reformada, iluminada, saneada e modernizada, a capital permitia aos estrangeiros que nela aportavam, aos que circulavam pelas calçadas da grande Avenida vestidos pelo último figurino parisiense e aos líderes da República acreditar que o Brasil – nela metonimizado – havia finalmente ingressado na era do *progresso* e da *civilização*. Para o país como um todo, os *estados* – para utilizar a fórmula de Campos Sales –, a capital modernizada antecipava um futuro que imaginavam que um dia seria o seu (NEVES, 2003, p. 40-41).

Já Osvaldo Cruz é o sanitarista responsável pelo argumento de que a reforma urbana beneficiaria a saúde pública, uma vez que desinfetaria o centro do Rio e o tornaria mais salubre.

Inserido no rol de figuras proeminentes, Peregrino da Silva (Figuras 9 e 10) é nomeado diretor da Biblioteca Nacional em 30 de junho de 1900, tomando posse a 13 de julho do mesmo

ano (BIBLIOTECA NACIONAL, 1960b). A Gazeta da Tarde (07 jul. 1900 apud BITTENCOURT, 1955, p. 35), notícia que a nomeação para diretor da Biblioteca Nacional:

[...] outra coisa não significa senão um ato de perfeita justiça praticado pelo govêrno federal, premiando o mérito incontestável de um funcionário digno por todos os títulos de elevar-se às maiores culminâncias na hierarquia dos servidores da Pátria.

E sobe de ponto a distinção com que o ilustre moço foi atingido, se considerarmos que êle não é um político que milite em nenhuma das nossas agremiações partidárias, sendo a nomeação exclusivamente devida ao grande valor de seus reais serviços.

Contudo, a nomeação de Peregrino não era unânime, Bittencourt (1955) nos alerta que nomes que compunham a “chusma” de candidatos ao cargo ao qual se refere Epiácio Pessoa, se mostraram descontentes com a nomeação de um desconhecido dos círculos da Capital, afinal, a Biblioteca Nacional era um espaço consagrado aos literatos e intelectuais, onde seu diretor gozava de um cargo mal remunerado, porém, simbólico (ou “bonito”, como apresenta Pessoa).

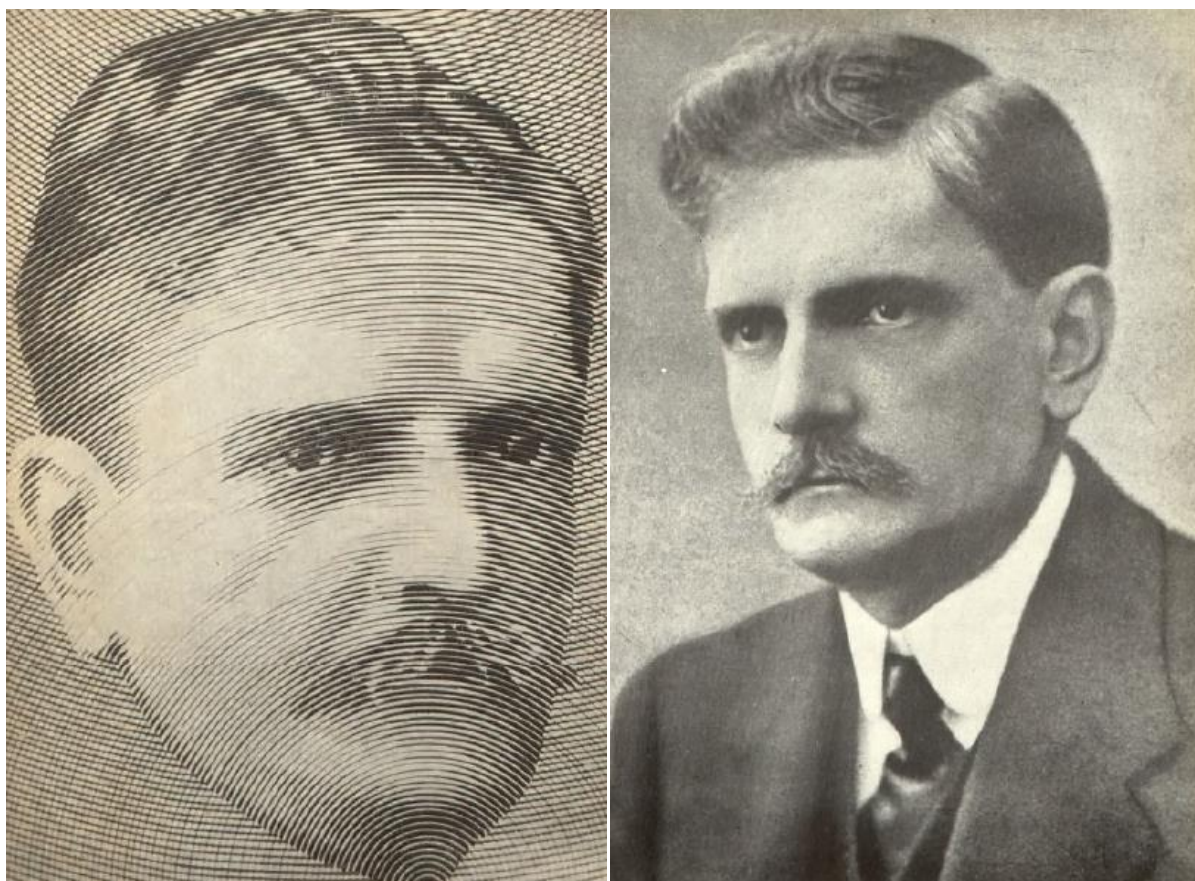


Figura 9 e 10: Manoel Cícero Peregrino da Silva.
Fonte: BIBLIOTECA NACIONAL (1965, 1966).

Peregrino da Silva permanece no comando da Biblioteca Nacional por vinte e quatro anos (1900-1924). Sob sua direção a BN reformula totalmente seu regulamento, constrói e

inaugura um novo prédio, funda o curso de Biblioteconomia visando formar profissionais aptos às atividades realizadas na e pela Biblioteca, cria o *Serviço de Bibliographia e Documentação*, aprimora, com ajuda governamental, a Lei de Depósito Legal, concentra sob responsabilidade da instituição as permutas entre instituições brasileiras e estrangeiras, dentre outras ações (SILVA, 1913b; BITTENCOURT, 1955; FONSECA, 1957).

Em 1905, já tendo o seu trabalho enquanto diretor superado as desconfianças iniciais e se firmado como um dos mais bem quistos administradores da República, Peregrino torna-se sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), a comissão responsável pela aprovação de seu ingresso no Instituto escreve que:

[...] Razões valiosas, sobejos titulos legitimam a admissão do Dr. Manoel Cicero Peregrino da Silva no Instituto Histórico. É uma individualidae [sic] de fino valor, tão modesta quanto operosa, filiada ao grupo escasso dos methodicos, dos perseverantes, dos organizadores cujo meticoloso esforço, desconhecido, não raro, da multidão, grandemente aproveita a altos interesses sociaes.

Depois de haver servido durante mais de 10 annos como bibliothecario da Faculdade de Direito do Recife, foi o Dr. Manoel Cicero chamado a dirigir a Bibliotheca Nacional. Mereceu applausos de quantos com elle haviam tratado. O Dr. Manoel Cicero revelara no recife [sic], a par de fidalgos predicados Moraes, ampla competencia na especialidade que elegera.

Operando em área mais vasta, accentuaram-se, desenvolveram-se suas aptidões. Não é fácil, senão árduo e complexo, o cargo de chefe do denominado maior repertorio de conhecimentos humanos da America do Sul.

[...]

Guarda a Bibliotheca inestimaveis preciosidades em edições esgotadas ou de luxo, manuscriptos, estampas, collecções numismaticas e philatelicas! Administraram-na homens superiores, quaes o Bispo de Anemuria, Januario da Cunha Barbosa (um dos preclaros fundadores do Instituto Historico), Camillo de Montserrat, Ramiz Galvão, Raul Pompeia e Teixeira de Mello.

Manda a justiça affirmar que o Dr. Manoel Cicero mostrou-se digno desse notavel estabelecimento, umas das puras joias do patrimonio brasileiro, continuando as tradições de seus mais brilhantes antecessores. Vai gerindo a Bibliotheca, mais do que zelosamente, com extremado carinho (AFFONSO CELSO; POMBO; FLEIUSS, 1907, p. 578-579).

Nesta citação, podemos vislumbrar o quão os serviços prestados por Peregrino à Biblioteca – “maior repertorio de conhecimentos humanos da America do Sul” – e, conseqüentemente ao país, conquistaram alto apreço nos círculos intelectuais da Capital. Sendo ele sempre lembrado como a inteligência por detrás das grandes transformações sofridas pela Nacional¹²¹ e pela Biblioteca da Faculdade de Direito do Recife.

No Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Peregrino da Silva rapidamente se destaca e, aproveitando-se da posição alcançada na instituição – passa a ocupar o posto de vice-

¹²¹ Cabe ressaltar que à época da admissão de Peregrino como sócio do IHGB, a BN ainda não havia inaugurado seu prédio à Avenida Central e ocupava o prédio para qual fora transferida em 1858 à Rua do Passeio (BIBLIOTECA NACIONAL, 1960b).

presidente em 1912, menos de uma década após a sua admissão como sócio –; começa a pôr em prática suas ideias. Nesse sentido, como faz também na Biblioteca Nacional, passa a promover uma série de conferências no IHGB.

As conferências por ele promovidas, tanto na BN como no Instituto visavam a discussão dos assuntos considerados relevantes no momento (BITTENCOURT, 1955), temas como política, literatura, relações internacionais e cultura são debatidos, conforme podemos visualizar no Quadro 8:

Quadro 8 – Relação das conferências proferidas na Biblioteca Nacional

ANO	TÍTULO DA CONFERÊNCIA	PALESTRANTE¹²²
1911	Nossa evolução Literária	José Veríssimo
	Arte e bom gosto no Brasil	Roberto Gomes
	Brasil e seu desenvolvimento econômico	Pandiá Calógeras
	Meio social brasileiro	Conde de Affonso Celso
	O Brasil no concerto das nações	Hélio Lobo
1912	Da remodelação por que passou a Bibliotheca Nacional e vantagens d'ahi resultantes	Manoel Cícero Peregrino da Silva
	História da Civilização, sua origem, processos e desenvolvimento do mundo antigo; do homem primitivo; de Sumeriano-Akardiano; dos Hiksos, Egito, Assíria (12 conferências em francês)	Padre F. A. Deiber
1913	Os nossos diplomatas	Oliveira Lima
	Aborígenes e etnógrafos	Roquete Pinto
	Os sertões brasileiros	Alberto Rangel
	O culto e a forma na poesia brasileira	Alberto de Oliveira
	Conquista da medicina brasileira	Dias de Barros
	Os nossos financistas	Leopoldo Bulhões
	Folclore, métodos e pesquisa (curso)	João Ribeiro
	Justiça e assistência, novos horizontes	Ataulfo de Paiva
1914	O Direito Positivo e a sociedade internacional (princípios fundamentais do direito internacional privado) (série de cinco conferências)	Rodrigo Otávio
	Da constituição da matérias, os átomos Evolução e transformação da matéria Matéria e energia Energética e suas leis Do radium Dos corpos radioativos Da física dos elétrons Da radioatividade	Oscar de Sousa
	O Direito no Brasil. Sua feição particular. Seus grandes intérpretes	Clóvis Bevilacqua
	Vida econômica e financeira do país	Amaro Cavalcante
	Aspectos do humor na literatura nacional	Afrânio Peixoto
	O purismo e o progresso da língua portuguesa	Said Ali
	A medicina e os clássicos	Aloísio de Castro
	Bergson e a teoria do conhecimento; Bergson e o princípio da liberdade	Esmeraldino Bandeira Miguel Pereira

¹²² A biografia dos palestrantes está arrolada nos Apêndice A.

		José de Mendonça Araújo Viana Farias de Brito
	Amerique L'esprit des republicues latines Le genie latin dans l'art et la literature La solidarietet des nations	Leopold Mabillean ¹²³
1915	Algumas doenças causadas por protozoários	Oswaldo Cruz
	Parlamentarismo e presidencialismo	Aureliano Leal
	O ensino do Direito no Brasil	Castro Rebelo
	Nos catredales au point de vue des idées sociales et democratiques	Charles Cahrnaux
1916	Sobre algumas lendas do Brasil	Olavo Bilac
	O ensino médico no Brasil	Olímpio da Fonseca
	O que foi o Conselho de Estado no Império e o que poderia ser na República	Sousa Bandeira
	Adoção de um padrão monetário no Brasil	Homero Pires

Fonte: Elaboração do autor com base em Bittencourt (1955).

Peregrino nos esclarece que:

A escolha das pessoas encarregadas de explanar e desenvolver esses temas merecerá, certamente, o applauso dos que se dignatem a de honrar com a sua presença as conferencias que a Bibliotheca promove. São nomes feitos no nosso meio intellectual que virão dar brilho e realce às recepções desta casa (SILVA, 1913a, p. 9).

Ao passo que Bittencourt (1955, p. 80-81) sublinha que “Manuel Cícero reuniu em tórno da Biblioteca a elite intelectual mais apurada [...]. Criou um ambiente próprio para a cultura histórica que se intensificava no Brasil”. Desta forma “[...] estreita ou ata relações com quem já conhecia e com quem veio a conhecer. Êle estava pois em contato com o que havia de mais expressivo no meio intelectual brasileiro”.

Em 1915, no Instituto Histórico, Peregrino da Silva busca repetir a série de conferências que realizava na Biblioteca, contudo, com um viés diferente. Enquanto na Biblioteca a série de conferências não possuíam relação específica entre si e abarcavam temas diversos, no IHGB a ideia era transformar as conferências em cursos de longa duração dedicados à formação de diplomatas e administradores públicos. O embrião da ideia vem de Oliveira Lima (Apêndice A), diplomata e um dos personagens de maior relevância concernente às relações internacionais no Brasil, e visava a criação da Academia de Altos Estudos que tinha por objetivo oferecer curso para “[...] habilitar os candidatos à carreira diplomática ou à consular¹²⁴ e outro para preparar os que se destinam à carreira administrativa ou financeira” (BITTENCOURT, 1955,

¹²³ Conferências proferidas a pedido do *Comité Français* (BITTENCOURT, 1955, p. 76).

¹²⁴ Bittencourt (1955) observa que a Academia de Altos Estudos se constitui no embrião do Instituto Rio Branco, em funcionamento ainda nos dias de hoje.

p. 116). Peregrino da Silva é encarregado, conjuntamente com Epiácio Pessoa, de elaborar o regulamento do curso.

Oliveira Lima, citado por Bittencourt (1955), observa em dois momentos distintos a atuação de Peregrino. No primeiro, destaca, com relação às conferências na Biblioteca Nacional, que:

Manuel Cícero nutre a nobre ambição de dotar a sua, a nossa biblioteca, de um maior alcance social, convertendo esse repositório e o passivo de edições raras, de obras monumentais e manuscritos preciosos, num centro ativo de educação do gosto literário e artístico da nossa população (LIMA apud BITTENCOURT, 1955, p. 77).

Nesse sentido, Oliveira Lima destaca a importância da iniciativa de Peregrino da Silva para a conversão da Biblioteca de apenas um repositório do saber para promotora da cultura e erudição. Com relação à atuação de Peregrino na criação da Academia de Altos Estudos, registra ele:

[...] tinha o nosso eminente consócio Sr. Dr. Manuel Cícero pensado em transformar a instituição, que dirige para felicidade dos estudiosos desta terra, numa instituição análoga à Escola de Altos Estudos, melhor dito, dotar com tal caráter ativo o grande repositório de saber passivo a seu cargo. Êle não declarara porventura expressamente o seu intento, mas fizera melhor do que isso, pois o que realizara, levando a efeito na Biblioteca Nacional as notáveis séries de conferências que estão na memória de todos nós (LIMA apud BITTENCOURT, 1955, p. 125).

Decerto, a Academia de Altos Estudos parece ser a evolução do trabalho de Manoel Cícero à frente da série de conferências proferidas na BN, mais do que isso, parece ser um retrato fiel do seu espírito “*Culturalista*” moldado pela “Escola de Recife”, ao passo que Bittencourt (1955, p. 130) chama atenção para que:

Ambos [Peregrino e Epiácio Pessoa] foram incumbidos de elaborar o projeto do regulamento da Academia para formar e divulgar uma cultura superior no Brasil, e que não era mais o positivismo, um pouco “filosófico” demais, abstrato, distante da realidade, praticado pelos republicanos ortodoxos do movimento que proclamou a República. Isto definia um homem que abria as portas para uma nova era. Eis o que torna significativo a Manuel Cícero como precursor de um movimento cultural reformador e é êle a quem Oliveira Lima aponta como a provocar a transformação da cultura com as conferências que organizara na Biblioteca Nacional. Acontece Manuel Cícero tomar parte na Formação [sic] da Academia de Altos Estudos, que tinha significação similar.

Nesse sentido, o espírito inovador de Peregrino da Silva é enaltecido pela sua atuação frente à instituição que dirigia – a “sua” Biblioteca, nas palavras de Oliveira Lima –; e na instituição da qual fazia parte, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, donde participa efetivamente da mudança de perfil institucional, uma vez que tal estabelecimento, àquela altura,

estava ainda muito atrelado aos ideais monarquistas, conforme frisa Bittencourt (1955) e Enders (2014).

As séries de conferências reaparecem na gestão de Peregrino quando este se torna, em 1926, reitor da Universidade do Rio de Janeiro, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor da instituição desde 1914, quando assumiu cadeira na Faculdade de Direito desta, convida diversos intelectuais da França e da Alemanha para realizarem apresentações sobre temas variados, buscando o que se debatia de moderno no exterior – História Natural, Direito Internacional, Linguística, Ciências Médicas e Psiquiátricas etc (BITTENCOURT, 1955).

O contato de Peregrino da Silva com personalidades da cultura e política mundiais pode ser destacado, sobretudo por sua atuação em diferentes associações e institutos internacionais. Desde sua tese, quando estuda o Direito Romano, interessa-se por temas ligados à vida internacional¹²⁵, nesse sentido, em 1914, em conjunto com Amaro Cavalcante, Epitácio Pessoa, Hélio Lobo, Conde de Affonso Celso, Antônio Azeredo, Rodrigo Otávio, Clóvis Bevilacqua, Pires e Albuquerque e Tavares Lyra (Apêndice A) funda a Sociedade Brasileira de Direito Internacional que visava o intercâmbio cultural e “espiritual” entre as nações (BITTENCOURT, 1955).

Conferências e reuniões, acêrca do Direito Internacional, realizadas na Biblioteca Nacional por especialistas quer brasileiros, quer grandes nomes vindos de outras nações para falarem no Brasil, chamam a atenção pública para a identidade de aspirações e isto serve com a melhor garantia de um Direito universal a condicionar a vida das nações (BITTENCOURT, 1955, p. 83).

Peregrino da Silva era um personagem da vida internacional, diversas passagens de sua vida ilustram o seu interesse pelo direito internacional, mas, sobretudo, pela vida e cultura dos outros países, teria assim, a Sociedade idealizada por seus congêneres e ele, a noção de que o mútuo entendimento era o destino de todos os povos, desta forma, estava nas mãos dos intelectuais de cada país intensificar as relações com os demais (BITTENCOURT, 1955, p. 83). Logo, tais personagens posicionam-se como os responsáveis pelo cumprimento de tal missão.

De fato, sua aproximação de nomes de relevo para a política, relações internacionais e direito no país, advém da sua noção apurada das necessidades do Estado àquela época, bem como do reconhecimento dos diversos trabalhos que realizou com sucesso, seja na Biblioteca Nacional, no IHGB, na Universidade do Rio de Janeiro e outras instituições ou repartições. “Era

¹²⁵ Optamos pela utilização de “vida internacional” numa alusão ao periódico homônimo (em francês, *La Vie Internationale*) fundado por Paul Otlet e Henri La Fontaine no início do século XX, ao qual nos referimos na seção 2.1.

um meticoloso em tudo, e que não perdia referência erudita”, observa Bittencourt (1955, p. 194).

Apesar de frequentar e ser promotor dos círculos intelectuais, Peregrino da Silva não se via como um destes – “Fui um escravo do trabalho e não houve tempo para mais...” declara ele à Bittencourt (1955, p. 232).

Pécaut (1990, p. 11) observa, todavia, que “[...] intelectual é aquele que se identifica e é identificado pelos outros como tal”, desta forma, apesar de sua recusa em reconhecer-se como um daqueles à quem sempre se afeiçoou e por quem esteve cercado durante boa parte de sua vida, Manoel Cícero Peregrino da Silva era reconhecido desta forma por seus congêneres.

Com relação aos intelectuais, Bobbio (1997, p. 11) escreve que:

Hoje, chamam-se intelectuais aqueles que em outros tempos foram chamados de sábios, doutos, *philosophes*, literatos, *gens de lettre*, ou mais simplesmente, escritores, e, nas sociedades dominadas por um forte poder religioso, sacerdotes, clérigos. [...]

Embora com nomes diversos, os intelectuais sempre existiram, pois sempre existiu em todas as sociedades, ao lado do poder econômico e do poder político, o poder ideológico, que se exerce não sobre os corpos como o poder político, jamais separado do poder militar, não sobre a posse de bens materiais, dos quais se necessita para viver e sobreviver, como o poder econômico, mas sobre as mentes, pela produção e transmissão de idéias, de símbolos, de visões de mundo, de ensinamentos práticos, mediante o uso da palavra [...].

Decerto, os ideais de Peregrino da Silva nas instituições em que dirige se encaixam nas acepções ideológicas de um intelectual, como referido acima, suas ideias sempre serviram a propósitos bem delimitados, sejam eles legislativos ou institucionais. Sobremaneira, Bobbio (1997) observa que os intelectuais agem em prol da cultura, ou melhor, são agentes (ou homens) desta, sendo interessados em desenvolver os “[...] valores supremos da civilização” (BOBBIO, 1997, p. 32).

Curioso notar que uma das características marcantes dos intelectuais, segundo Bobbio (1997), é o apartidarismo, ou o fato de ser uma “força não-política”, fato este que Bittencourt (1955) também destaca na vida de Peregrino, posicionando-o como um homem não afeito à relação com partidos políticos – “e sempre fora assim”. De certo modo, o apartidarismo é essencial, contudo, não impede o intelectual de agir, pois há “[...] a responsabilidade dos homens de cultura perante os problemas cruciais de seu tempo” (BOBBIO, 1997, p. 92). Desta forma:

Força não-política, quer dizer, para Croce¹²⁶, força moral. Aqui está a missão do -homem de cultura: aqui está, diria, a sua política. Na medida em que defende e alimenta valores morais, ninguém pode acusá-lo de ser escravo das paixões partidárias. Porém, ao mesmo tempo, na medida em que adquire consciência bem

¹²⁶ Bobbio (1997) se refere ao filósofo italiano Benedetto Croce (1866-1952).

clara de que estes valores não podem ser desconsiderados por nenhuma república, sua obra de artista e de poeta, de filósofo e de crítico, torna-se eficaz na sociedade da qual é cidadão. Faça-se pois o homem de cultura, conscientemente, sem reservas nem falsos temores, portador dessa força não-política: não será nem traidor nem inutilizador [sic] (BOBBIO, 1997, p. 23).

Assim, ser uma força não-política é uma característica essencial a um intelectual, tendo em vista se manter íntegro diante das “paixões partidárias”, mas sempre se colocando à disposição para que o Estado cumpra a sua missão, fato este corroborado por Miceli (2001).

Certamente, Peregrino da Silva estava a serviço do Estado, buscando a “Ordem” estampada na bandeira Nacional, tendo por objetivo o “Progresso”, também estampado na flâmula. A esse intelectual, reconhecido como funcionário exemplar e por realizar com perfeição as missões que lhe eram impostas, Bobbio (1997) chama de “experto”, ou seja, um intelectual dedicado a pensar certa matéria, mas que age em prol desta, algo próximo, segundo o autor, ao intelectual orgânico de Gramsci.

[...] Em um discurso sobre os intelectuais, que proferi o [sic] ano passado, distingui dois tipos principais (ou ideais) de intelectuais, que chamei de *ideólogos* e de *expertos*, compreendendo por ideólogos aqueles que fornecem princípios-guia (precisamente as ideologias) aos detentores do poder político atual ou potencial, e, por *expertos*, aqueles que fornecem conhecimentos técnicos. Acredito ter precisado que a diferença entre uns e outros, também com respeito à responsabilidade, depende do fato de que obedecem a duas éticas diversas, os ideólogos à ética da convicção, **os expertos à ética da responsabilidade**. Dizia então: “O dever dos primeiros é o de serem fiéis a certos princípios, custe o que custar; o dever dos segundos é o de propor meios adequados ao fim e, portanto, de levar em conta as conseqüências que podem derivar dos meios propostos”. Com isso não está dito que os primeiros não tenham também eles a sua responsabilidade; mas é uma responsabilidade diversa. É uma responsabilidade com respeito à pureza dos princípios, não às conseqüências que podem derivar dos princípios (BOBBIO, 1997, p. 97, grifo nosso).

Assim, tal intelectual opera com a noção de pensamento e reflexão, mas sua atividade fim é a ação, agindo por aquilo que considera relevante.

Gramsci (1979), ao dissertar sobre o referido intelectual orgânico, é mais incisivo que Bobbio (1997), pois ele enxerga sim, o intelectual orgânico como um técnico a serviço do desenvolvimento de uma atividade, contudo, o autor leva em conta, também, o espaço de onde esse intelectual se pronuncia e o seu comprometimento, sobretudo, com as áreas do conhecimento e sua missão intelectual de desenvolvê-las técnica ou cientificamente. Observa Gramsci (1979, p. 8-9) sobre o intelectual e seu campo de ação que:

Formam-se assim, historicamente, categorias especializadas para o exercício da função intelectual; formam-se em conexão com todos os grupos sociais, mas especialmente em conexão com grupos sociais mais importantes, e sofrem elaborações mais amplas e complexas em ligação com o grupo social dominante. Uma das mais marcantes características de todo grupo social que se desenvolve no sentido do domínio é a sua luta pela assimilação e pela conquista “ideológica”

dos intelectuais tradicionais, assimilação e conquista que são tão mais rápidas e eficazes quanto mais o grupo em questão elaborar simultaneamente seus próprios intelectuais orgânicos.

Desse modo, os intelectuais agem próximos aos grupos sociais mais importantes daquele cenário, senão junto aos grupos dominantes, buscando a assimilação de seus ideais por estes. Ademais, parece-nos que Gramsci (1979) enxerga que cada grupo social possui seus intelectuais (sejam eles orgânicos ou tradicionais), e que estes trabalham em prol da consolidação de tal grupo ou área do conhecimento à qual eles se dedicam.

Curioso notar que o autor faz uma ressalva quanto aos intelectuais da América Latina, observa ele:

[...] na América do Sul e na América Central inexistem uma ampla categoria de intelectuais tradicionais, mas o problema não se apresenta nos mesmos termos que nos Estados Unidos. De fato, encontramos na base do desenvolvimento desses países os quadros da civilização espanhola e portuguesa dos Séculos XVI e XVII, caracterizado pela Contra-Reforma e pelo militarismo parasitário. As cristalizações, ainda hoje resistentes nesses países, são o clero e uma casta militar, duas categorias de intelectuais tradicionais fossilizadas segundo o modelo de mãe-pátria européia. A base industrial é muito restrita não tendo desenvolvido superestruturas complicadas: a maior parte dos intelectuais é do tipo rural e, já que domina o latifúndio, com extensas propriedades eclesiásticas, tais intelectuais são ligados ao clero e aos grandes proprietários. A composição nacional é muito desequilibrada mesmo entre os brancos, mas complica-se ainda mais pela imensa quantidade de índios, que em alguns países formam a maioria da população. Pode-se dizer que, no geral, existe ainda nessas regiões americanas um situação tipo *Kulturkampf*¹²⁷ e tipo processo Dreyfus¹²⁸, isto é, uma situação na qual o elemento laico e burguês ainda não alcançou o estágio da subordinação, à política laica do Estado moderno, dos interesses e da influência clerical e militarista. Assim, ocorre que, na oposição ao jesuitismo, possui ainda grande influência a Maçonaria e o tipo de organização cultural como a “Igreja Positivista” (GRAMSCI, 1979, p. 21-22).

Sob este prisma, a formação social brasileira ainda influenciava nos modos de atuação do intelectual, contudo, as transformações advindas da Proclamação da República parece-nos que mudam um pouco o quadro, tendo em vista a forte influência europeia na formação e nos ideais do regime recém-proclamado e, por consequência, na formação intelectual dos brasileiros. Outra característica que nos chama atenção é, nesse primeiro momento, a derrota

¹²⁷ *Kulturkampf* foi um movimento liderado pelo chanceler alemão Otto von Bismarck (1815-1898) que visava diminuir a influência da Igreja Católica na sociedade alemã (ENCICLOPAEDIA BRITANNICA, c2015b).

¹²⁸ O caso *Dreyfus* refere-se ao julgamento do capitão francês Alfred Dreyfus (1859-1935), considerado um dos maiores erros da justiça francesa, pois o referido capitão, sentenciado à prisão perpétua acusado de alta traição, era, na verdade, inocente. De fato, o caso perpassa questões de cunho nacionalista, de separação entre a Igreja e o Estado e, até mesmo, xenofobia, tendo em vista que Dreyfus era judeu (ENCICLOPAEDIA BRITANNICA, c2015a).

dos positivistas no campo político¹²⁹. Decerto, a inexistência de intelectuais tradicionais, parece-nos favorecer o aparecimento do intelectual orgânico (ou experto), sobretudo ao observarmos o contexto brasileiro à época, onde a organização do Estado e a formação da Nação eram a ordem.

Desta forma, e apesar de aproximar-se muito das concepções de intelectual experto e/ou orgânico, acreditamos que o melhor perfil para Peregrino da Silva seja de um intelectual à serviço do Estado (PÉCAUT, 1990), pois o então diretor da BN opera em prol das missões institucionais que lhe são impostas nos diferentes estabelecimentos pelos quais passou, buscando com que eles cumprissem os objetivos para eles designados no contexto social à época. Para ele, segundo Bittencourt (1955, p. 183), “[...] administrar não era apenas pôr ordem interna no serviço, e era principalmente promover a projeção social que devia ter êsse serviço¹³⁰”.

Peregrino da Silva, além de um intelectual a serviço do Estado e interessado na organização do Estado, estava disposto a fazer com que as instituições que dirigiu cumprissem sua missão frente à sociedade, fato este que nos remete à doutrina da Escola de Recife e ao seu “*Culturalismo*”, donde o ser humano toma a rédea do seu destino e transforma o espaço a seu modo de acordo com seus objetivos.

[...] foi êle o remodelador notável da Biblioteca Nacional e tornou-se um crítico profundo acêrca dos serviços públicos. A sua obra de realização que não pôde executar da noite para o dia, foi entretanto demorada e é de um homem persistente e com uma grande intuição que o levava a idéias muito altas, preocupado com a função em que estava investido. Cioso de firmar aquelas idéias de administrador êle se distinguia sobremaneira, dando uma impressão de si que ficou assinalada (BITTENCOURT, 1955, p. 180).

De fato, ser intelectual é ser um “homem de cultura”, movido por paixões, sejam elas partidárias ou apartidárias, e que busca servir a um propósito, sobretudo o intelectual experto e/ou orgânico, uma vez que atua com finalidades bem delimitadas e com a noção de responsabilidade sobre elas. Contudo, o intelectual a serviço do Estado tem seu compromisso com a formação e organização das instituições nacionais, trabalhando com a noção de um postulado à nação, como observam Duclert e Baruch (2000). Seu trabalho, afinal, é servir a um bem maior, na organização da República, como no caso brasileiro, contribuindo para a sua

¹²⁹ Gramsci (1979) observa que o Positivismo obtém vitórias em diversos países, incluindo o Brasil, mas ele se refere à Revolução de 1930, quando o Castilhismo, uma derivação do Positivismo, articula o golpe comandado por Getúlio Vargas (FERREIRA; DELGADO, 2003).

¹³⁰ Curioso notar que Manoel Cícero Peregrino da Silva permaneceu à frente da Biblioteca Nacional durante o governo de 9 presidentes ao longo da chamada Primeira República (1889-1930).

afirmação perante a monarquia, reforçando a sua imagem de regime moderno e cujos seus representantes, sobretudo em suas instituições, estão engajados no avanço do país.

Bobbio (1997) também destaca que os intelectuais compõem um grupo diminuto nas sociedades, mas que agem, geralmente em conjunto; sob este prisma as redes de sociabilidade construída por Peregrino ao longo de sua trajetória nos é cara pois tem influência direta nos acontecimentos de sua vida pública, pois compõem aquilo que Bourdieu (1980) chama de capital social, que seriam os relacionamentos fixados ao longo da vida de um sujeito, seja nas relações profissionais ou pessoais.

O capital social é o conjunto dos recursos atuais ou potenciais ligados à posse de uma **rede duradoura de relações** mais ou menos institucionalizadas e de interconhecimento; ou, em outras palavras, *ao pertencimento a um grupo*, como um conjunto de agentes que não são apenas dotados de propriedades comuns (susceptíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos), mas também unidos por *laços* permanentes e úteis. Esses laços são irreduzíveis às relações objetivas de proximidade no espaço físico (geográfico) ou mesmo no espaço econômico e social porque se baseiam nas trocas inseparavelmente materiais e simbólicas, cuja instauração e perpetuação supõem o reconhecimento dessa proximidade¹³¹ (BOURDIEU, 1980, p. 2, grifo do autor).

Nesse sentido, Bittencourt (1955) destaca três nomes de relevo para a vida de Peregrino da Silva: Epitácio Pessoa, Amaro Cavalcante e o Conde de Affonso Celso; contudo, nossas observações nos permitem adicionar um quarto nome a esta lista: Ramiz Galvão.

Epitácio Pessoa foi o responsável pela nomeação de Peregrino da Silva para o cargo de Diretor da Biblioteca Nacional, a amizade entre eles remonta ao período de Pessoa como professor da Faculdade de Direito de Recife, fato já citado anteriormente. É de sua responsabilidade, também, a indicação do então diretor da BN para sócio do IHGB, conforme nos esclarece Bittencourt (1955). Contudo, em 1919, Epitácio assume a presidência do país e insiste para que este assumira novamente o comando da Diretoria Geral de Instrução Pública do Distrito Federal, cargo que ocupara por breve período no final de 1918, sendo responsável pela reestruturação de seu regulamento, bem como pela implantação do sistema de escolas mistas. Ademais, enquanto ocupava o cargo, Peregrino visitou todas as instituições de ensino do então Distrito Federal tecendo recomendações (BITTENCOURT, 1955).

¹³¹ Le capital social est l'ensemble des ressources actuelles ou potentielles qui sont liées à la possession d'un *réseau durable de relations* plus ou moins institutionnalisées d'interconnaissance et d'interreconnaissance; ou, en d'autres termes, à *l'appartenance à un groupe*, comme ensemble d'agents qui ne sont pas seulement dotés de propriétés communes (susceptibles d'être perçues par l'observateur, par les autres ou par eux-mêmes) mais sont aussi unis par des *liaisons* permanentes et utiles. Ces liaisons sont irréductibles aux relations objectives de proximité dans l'espace physique (géographique) ou même dans l'espace économique et social parce qu'elles sont fondées sur des échanges inséparablement matériels et symboliques dont l'instauration et la perpétuation supposent la re-connaissance de cette proximité.

Talvez, a maior contribuição de Peregrino à Pessoa no período em que este estava na presidência foi a confecção do regulamento comum dos cursos técnicos ministrados pelo Arquivo, Biblioteca e Museu Histórico Nacional, bem como a construção do regulamento que deu origem à este último. Entretanto, nos ateremos a tal tema na seção 4.1.

Bittencourt (1955, p. 148) constata que a relação entre os dois personagens ultrapassava o mero reconhecimento de qualidades mútuas, sendo amigos íntimos, ele ressalta que Peregrino da Silva pouco frequentava o Palácio do Catete¹³², pois “[...] Aquele seu amigo de tantos anos não fôra um assíduo freqüentador do palácio presidencial, a que ia quando a serviço deixando ver que não quisera nunca a amizade pesasse e parecesse interessada junto a quem governava a nação”.

Da mesma maneira que Epitácio Pessoa, Affonso Celso de Assis Figueiredo, o Conde de Affonso Celso, é personagem emblemático na trajetória de Peregrino na capital do país, sobretudo pela proximidade entre os dois personagens no curso das atividades públicas que exerceram ao longo dos anos. Tal amizade parece ter nascido quando Affonso Celso presidiu a comissão encarregada pelo IHGB de avaliar a candidatura de Peregrino da Silva, por indicação de Epitácio Pessoa, aos quadros da instituição. Convém sublinhar uma observação realizada por Bittencourt (1955) e Enders (2014) sobre o caráter do Instituto Histórico. Fundado em 1838, o Instituto tinha desde então a missão de se ocupar da história e geografia do Brasil sob os auspícios do Imperador D. Pedro II (Figura 11) (INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO, 1838).

Art. 1.º O Instituto Historico e Geographico Brasileiro tem por fim colligir, methodisar, publicar ou archivar os documentos necessarios para a historia e geographia do Imperio do Brazil: e assim tambem promover os conhecimentos destes dous ramos philologicos por meio do ensino publico, logo que o seu cofre proporcione esta despeza (INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO, 1838).

¹³² Residência oficial do presidente da República até a transferência da capital federal para Brasília. Hoje abriga o Museu da República.

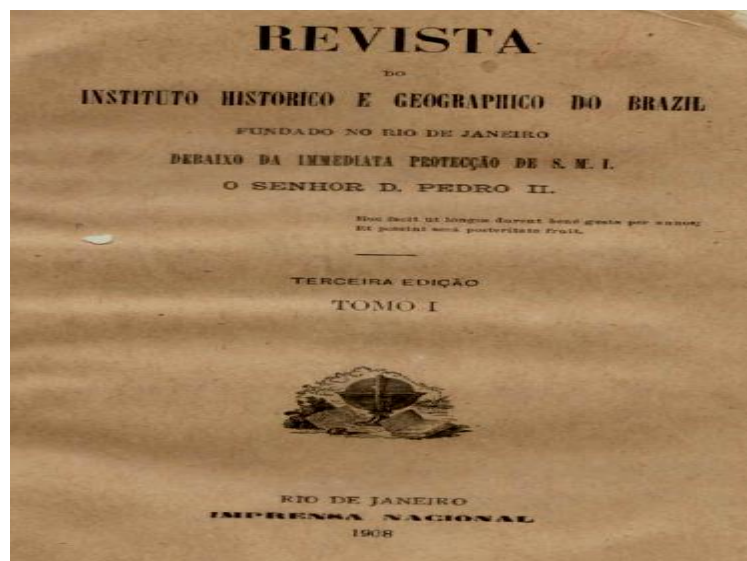


Figura 11: Detalhe da folha de rosto do número 1 da Revista do IHGB.

Fonte: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1839).

Enders (2014) observa que a proximidade do regime deposto fez com que a instituição revisse seus quadros e buscasse se integrar ao novo regime vigente. Curioso notar, também, que o Conde de Affonso Celso era um sobrevivente do antigo sistema de governo, carregando consigo a insígnia nobiliárquica do Império, mas participando da vida da República, sendo, inclusive, reitor da Universidade do Rio de Janeiro entre 1925 e 1926.

Afonso Celso de Assis Figueiredo Júnior, natural de Ouro Preto – Minas Gerais, nasceu em 31 de março de 1860 e veio a falecer no Rio de Janeiro a 11 de julho de 1938. Filho do visconde de Ouro Preto, último presidente do Conselho de Ministros do Império, e de D. Francisca de Paula Martins de Toledo, é um dos membros fundadores da Academia Brasileira de Letras.

[...]

Ingressando nas lides políticas foi eleito quatro vezes deputado geral por Minas Gerais. Na Assembléia Geral exerceu as funções de 1º. Secretário. Com a proclamação da República, em 1889, abandonou a política e acompanhou o pai no exílio, que se seguiu à partida da família imperial para Portugal em novembro do referido ano. Coube-lhe a delicada tarefa de defender o pai no início da implantação do regime republicano.

Dedicou-se ao magistério e ao jornalismo, tendo colaborado durante mais de 30 anos no Jornal do Brasil. Outros órgãos da imprensa – tais como A Tribuna Liberal, A Semana, Renascença, Correio da Manhã e o Almanaque Garnier, divulgaram muitos de seus artigos.

Ingressou no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em 1892, na qualidade de sócio efetivo, tendo posteriormente sido elevado a honorário em 1913 e a grande benemérito em 1917. Com a morte do Barão do Rio Branco, em 1912, foi eleito presidente perpétuo dessa instituição, de 1912 a 1938. [...] (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, [200-a]).

De fato, a comissão presidida por Affonso Celso dá parecer favorável à admissão de Peregrino da Silva como sócio da instituição, enaltecendo seus feitos à frente da Biblioteca Nacional – surpreende-nos o fato de que a partir do encontro dos dois personagens nos salões

do IHGB, a trajetória de vida de ambos se assemelha. Peregrino ocupa a reitoria da Universidade do Rio de Janeiro após a renúncia de Affonso Celso, fato que já havia se sucedido na direção da Faculdade de Direito da instituição, sobremaneira, Peregrino assume a presidência do Instituto Histórico após a morte do confrade (BITTENCOURT, 1955).

Peregrino da Silva e Affonso Celso trabalharam juntos formação da Sociedade Brasileira de Direito Internacional, na comissão de implementação da Academia de Altos Estudos, do Centenário de Independência e, por fim, na de comemoração do centenário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, missão esta que Affonso Celso não concluiu por ter falecido meses antes do período marcado para os festejos.

Já a relação entre Peregrino da Silva e Amaro Cavalcante se dá de modo mais discreto que a com os demais, como, por exemplo, no envolvimento na Sociedade Brasileira de Direito Internacional – a qual nos referimos acima –, e na série de conferências proferidas na Biblioteca Nacional. Mas, em 1918, Amaro Cavalcante assume a prefeitura do Distrito Federal e Peregrino assume a Diretoria de Instrução Geral:

Manuel Cícero, êle próprio afirmou que serviu na Prefeitura do Distrito Federal levado pela mão de Amaro Cavalcanti, nomeado por êste diretor geral da Diretoria Geral da Instrução Pública Municipal. Já vimos como se deu a aproximação entre os dois homens, tornando-se um o melhor colaborador do outro. De fato eles refletiam as qualidades de cada qual apresentava. A sobriedade de Manuel Cícero, o sendo administrativo, a discreção, o afinco nos exercícios das funções, o espírito de minudência com que encaminhava os negócios públicos, fizeram êle fôsse com quem Amaro Cavalcanti melhor se entendia. Êsses dois homens completavam-se (BITTENCOURT, 1955, p. 136).

Amaro Cavalcante nasceu em Caicó (RN), em 15 de agosto de 1849 e faleceu a 28 de janeiro de 1922, no Rio de Janeiro (RJ). Ocupou diversos cargos públicos ao longo de sua vida, sendo os de maior relevo o de Prefeito do Distrito Federal (1917-1918) e Ministro da Fazenda (1918-1919), contudo, participou de várias comissões no exterior que tinham por tema o direito internacional e a economia do país (SUPERIOR TRIBUNAL FEDERAL, [200-]).

Sobremaneira, a atuação de Peregrino da Silva nos diversos estabelecimentos que dirigiu ou atuou teve como diferencial o capital social, prenunciado por Bourdieu (1980). Bittencourt (1955, p. 139) parece ratificar tal fato ao declarar que “Sempre êle [Manoel Cícero Peregrino da Silva] foi um homem ligado a seus amigos, a quem acompanhou, por intermédio de quem chegou às posições, servindo como um dos administradores mais notáveis da história do país” (BITTENCOURT, 1955, p. 139).

Entretanto, um nome não listado por Bittencourt (1955) sempre nos chamou atenção graças a similitude da trajetória com a de Peregrino da Silva: Benjamin Franklin Ramiz Galvão, o Barão de Ramiz Galvão.

Diretor da Biblioteca entre 1870 e 1882, Ramiz Galvão foi, ainda, diretor da Instrução Pública do Distrito Federal, reitor da Universidade do Rio de Janeiro, docente do Colégio Pedro II – até hoje em funcionamento na cidade do Rio de Janeiro –, sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e membro da Academia Brasileira de Letras (FONSECA, 1963):

Gozou da amizade de D. Pedro II desde os anos escolares. De 1882 a 1889, foi preceptor dos príncipes imperiais, netos de D. Pedro II e filhos do Conde d'Eu e da Princesa Isabel. Teve assim ocasião de conviver com o Imperador, que o chamou ao exercício de cargos honrosos. Realmente Ramiz Galvão teve, tanto no Império como na República, ocasião de ocupar vários cargos importantes, graças à sua capacidade de trabalho, valor intelectual e profunda cultura. Por decreto do governo imperial de 18 de junho de 1888, recebeu o título de Barão de Ramiz (com grandeza).

Dirigiu a Biblioteca Nacional e, por duas vezes, foi diretor geral da Instrução Pública do Distrito Federal. Foi também o primeiro reitor da Universidade do Brasil. Nos doze anos em que dirigiu a Biblioteca Nacional, organizou a exposição camoniana de 1880 e a de História do Brasil, no ano seguinte, com os respectivos e preciosos catálogos. Também promoveu a publicação dos Anais daquela repartição. Organizou o Asilo Gonçalves de Araújo, instituição destinada a educar crianças pobres, conforme vontade expressa do seu doador, e foi seu diretor desde 1899 até 1931 (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, [200-b]).

Como podemos perceber, as trajetórias de Peregrino e de Ramiz Galvão se assemelham ainda mais por serem ambos de outros estados e se firmarem no cenário da Capital Federal como intelectuais de relevo. Na Biblioteca, ambos operaram grandes transformações, tais como a construção de um novo regulamento, reorganização de seu espaço e coleções, viagens à Europa, com vistas à fim de, como nos diz Bittencourt (1955) e Fonseca (1963), ver o que de mais moderno se fazia no período nas instituições congêneres do Velho Continente.

Deste modo, podemos dizer, para além de frequentarem as mesmas instituições e serem colegas em diversas delas, que a mentalidade bibliotecária de ambos os personagens convergiam, sendo reconhecidos como grandes reformadores e incentivadores do que de novo se fazia em termos Biblioteconômicos. Se Peregrino da Silva inaugura o primeiro curso de Biblioteconomia do país na BN, Ramiz Galvão fizera o primeiro concurso para bibliotecário. Ambos compreendendo que a instituição necessitava de pessoal qualificado e apto a realização das tarefas que ela demandava (SILVA, 1913b; FONSECA, 1963). Ambos também têm seus projetos de organização dos catálogos e bibliografias nacionais, contudo, nos ateremos na seção 4.2 sobre esse tópico.

De fato, Peregrino da Silva se constitui num dos nomes de destaque do cenário intelectual e cultural do Rio de Janeiro no início do século XX, sendo considerado por seus superiores, amigos e colegas, de inteligência superior e o grande responsável por alçar a Biblioteca, àquela altura, ao “palácio”, na fala do próprio Peregrino, que ela tanto ansiava

(SILVA, 1911). Decerto que os clamores em prol da Biblioteca Nacional não eram novos, Ramiz Galvão já tecia pedidos por um novo espaço e maior valorização da instituição, bem como seus predecessores.

Peregrino da Silva ainda fora prefeito interino da Capital Federal (1918) onde, nos poucos meses em que permaneceu no cargo, realizou reformas na administração e no ensino público. Também foi diretor geral da Propriedade Industrial¹³³ (BITTENCOURT, 1955).

Manoel Cícero Peregrino da Silva retira-se da vida pública após as agitações políticas de 1930, pois era:

[...] um homem fundamentalmente de mentalidade republicana liberal, e isto como administrador que se distinguiu inovando serviços públicos, como internacionalista inclinado à paz a ser mantida entre as nações assim como propensa ao equilíbrio entre os indivíduos, e a assegurar a liberdade e a igualdade. Nêle, nenhuma tendência a administrar a segunda República no Brasil. Manuel Cícero não se inclinou para ela nem comentou o que ela foi. As suas ideias eram de outra época. Não explanou a respeito da tentativa de novas experiências de governo. Confia em seu modo de pensar de liberal e assim é que passaria adiante da revolução de 1930, transformadora do ambiente da República do Brasil, tornando-se Manuel Cícero estranho às novas idéias. Era homem de outra cultura e formação de espírito (BITTENCOURT, 1955, p. 249).

Bittencourt (1955, p. 237) prossegue dizendo que “Com a revolução vitoriosa, Manuel Cícero Peregrino da Silva, ficou sendo um homem que transpôs o seu tempo”. Seu papel de servir ao Estado estava cumprido, retirando-se da reitoria da Universidade do Rio de Janeiro em 1930, Peregrino da Silva não toma parte em mais nenhum cargo público de chefia, retornando à rotina de professor. À partir de então, sua atenção volta-se ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, no qual ainda ajudou na comemoração de seu centenário, em 1938, e presidiu, substituindo o amigo Conde de Affonso Celso, que falecera.

Peregrino da Silva falece no Rio de Janeiro, em 1956, aos 90 anos, segundo Bittencourt (1955) viveu cercado da admiração e do alto apreço dos círculos intelectuais da República que com ele conviveram.

3.2 O ENSINO E A CIÊNCIA NO BRASIL: MUDAR PARA O VELHO MUNDO OU LUTAR CONTRA VELHAS IDEIAS?

¹³³ Não conseguimos recuperar muitas informações sobre o órgão, mas depreendemos que suas funções se assemelham a do atual Instituto Nacional da Propriedade Industrial, que visa o registro “[...] de marcas, desenhos industriais, indicações geográficas, programas de computador e topografias de circuitos, as concessões de patentes e as averbações de contratos de franquia e das distintas modalidades de transferência de tecnologia” (INSTITUTO NACIONAL DE PROPRIEDADE INDUSTRIAL, [200-]).

Miceli (2001) observa que a República no Brasil se mostrava afeita aos ideais europeus de cultura e erudição. Decerto, não havia sido a República a primeira a privilegiar o contato com o Velho Mundo, tal tradição advém ainda do Brasil Colônia, quando Portugal proíbe a criação de universidades em seus domínios ultramar. Desta forma, aqueles que desejassem avançar em seus estudos deveriam se mudar para Coimbra, Lisboa ou Paris – centros intelectuais preferidos à época. De fato, mesmo após a independência e no decorrer do segundo Império apenas faculdades (ou escolas) isoladas foram criadas.

A política lusófona para suas colônias diferia da espanhola, britânica ou holandesa. Schwartzman (2001) observa que diferentemente de seus vizinhos europeus, Portugal sofria forte influência da Igreja não só na vida social de sua população, mas também em seu governo. Nenhuma decisão era tomada sem que se consultasse os Jesuítas¹³⁴, além de serem eles os responsáveis pelo controle da educação no país, logo, eram quem ditava o que deveria ser lido, ensinado ou, até mesmo, publicado em Portugal e em seus domínios.

Tal influência perdurou por cerca de três séculos e resultou, segundo Schwartzman (2001), num atraso considerável de Portugal em relação às demais potências europeias, uma vez que se antes, os portugueses detinham o domínio das técnicas de navegação e engenharia marítima graças, sobretudo, à influência árabe na Península Ibérica, com os jesuítas o que se viu foi a estagnação, ou, até mesmo, o retrocesso dos ofícios navais e não desenvolvimento de uma “ciência portuguesa”, justo no momento em que a Europa vivia seu período de Renascimento, entre os séculos XV e XVIII. “Inicialmente, Portugal desempenhou um papel pioneiro nas transformações que começaram a sacudir a Europa a partir do Renascimento. Mais tarde, porém, teria um papel marginal, com efeitos profundos sobre a herança cultural que o Brasil iria receber” (SCHWARTZMAN, 2001, p. 40).

Assim, se o século XV começa com a organização da Escola de Sagres pelo Infante Dom Henrique, visando o aperfeiçoamento dos navios e instrumentos náuticos, e termina com a descoberta do Brasil, em 1500, a partir de então, o ideário jesuítico passa a estar em voga e a desconstruir os feitos portugueses utilizando como motivo a religião.

[...] Os jesuítas não se opunham a novas informações ou técnicas, mas não toleravam o ponto de vista filosófico mais amplo e as instituições intelectuais inovadoras que haviam surgido em algumas partes da Europa. As questões que os professores deviam levantar e os textos que os estudantes deviam ler estavam

¹³⁴ “Jesuíta é um membro da Companhia de Jesus, ordem religiosa ligada à Igreja Católica Romana fundada por Santo Inácio de Loyola, tendo reconhecimento pelo seu método educacional, missionário, e obras de caridade. Considerada por muitos como o principal agente da Contra-Reforma, e mais tarde uma força de liderança na modernização da igreja, os jesuítas sempre foram um grupo controverso, considerado por alguns como uma sociedade a ser temida e condenada e por outros como a mais louvável e estimada ordem religiosa na Igreja Católica Romana” (ENCICLOPAEDIA BRITANNICA, c2015c).

sujeitos a um controle estrito. A obediência às autoridades religiosas devia ser respeitada em todas as questões relacionadas com a disciplina e o estudo; nas explicações, nenhuma referência era feita a autores ou livros não autorizados; nenhum novo método de ensino ou de discussão devia ser introduzido, e a ninguém se permitia levantar novas questões ou apresentar opinião que não fosse de um autor qualificado, exceto quando devidamente autorizado a fazê-lo.

[...]

Essa doutrina pedagógica não era usada apenas para preservar a integridade e a pureza de uma única ordem religiosa, mas tornou-se uma norma aplicável a toda a nação portuguesa. Os jesuítas assumiram o controle da educação em todos os níveis [...]. Além disso, essa doutrina permeava a administração do Estado português. O resultado foi uma barreira impenetrável estendida em torno de Portugal, isolando-o inteiramente da cultura moderna (SCHWARTZMAN, 2001, p. 44-45).

Este cenário só teve fim em 1759, quando o Marquês de Pombal expulsa os jesuítas da Corte Portuguesa e de seus domínios ultramar e inicia uma grande reforma nas instituições de ensino portuguesas, sobretudo em Coimbra. Contudo, para o Brasil, o panorama só se modifica em 1808, quando a Família Real embarca rumo ao hemisfério sul, buscando se refugiar do ímpeto napoleônico (SCHWARTZMAN, 2001).

Nesse sentido, assim que chega ao Brasil e instala a nova capital do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves no Rio de Janeiro, o Príncipe Regente, D. João VI, ordena a fundação da Academia Real de Marinha, visando a formação militar para a proteção da nova capital do Império, a Escola Médico-Cirúrgica da Bahia e do Rio de Janeiro, que objetiva zelar pela saúde dos membros da Corte. O Príncipe ainda ordena a fundação do Horto Real – atual Jardim Botânico –, objetivando o cultivo de chá e ambientação de plantas; bem como a Biblioteca Real – atual Nacional –, que objetivava preservar o acervo bibliográfico Real¹³⁵ (SCHWARTZMAN, 2001) (Ver Quadros 9 e 10).

Quadro 9 – Instituições de Ensino criadas no Brasil no século XIX

INSTITUIÇÃO	ANO DE CRIAÇÃO
Academia Real de Marinha (RJ)	1808
Colégio Médico-Cirúrgico da Bahia	1808
Escola Médico-Cirúrgica do Rio de Janeiro	1808
Academia Real Militar (RJ)	1810
Escola Central (RJ)	1810
Faculdade de Direito do Recife ¹³⁶	1827
Faculdade de Direito de São Paulo	1827
Escola Politécnica do Rio de Janeiro	1874
Escola de Minas (MG)	1875
Escola Politécnica de São Paulo	1893

¹³⁵ Schwarcz, Costa e Azevedo (2002) falam sobre a tradição de todo Rei possuir uma biblioteca como forma de demonstrar poder e prestígio perante a Corte.

¹³⁶ Inicialmente a Faculdade foi instalada na cidade de Olinda, sendo transferida para Recife em 1854 (UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. Centro de Ciências Jurídicas, c2009.).

Escola de Engenharia Mackenzie (SP)	1896
Escola de Engenharia de Porto Alegre	1896
Escola Livre de Farmácia de São Paulo	1898
Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária do Rio de Janeiro	1898

Fonte: elaboração do autor com base em Schwartzman (2001).

Curioso notar que a primeira universidade brasileira é fundada somente em 1920¹³⁷ – 420 anos após o início da colonização portuguesa e quase 100 anos após a Independência do país. Com relação aos vizinhos sul-americanos, o Brasil cria sua primeira universidade 369 anos após a de San Marco, no Peru, por exemplo¹³⁸ (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, [200-]). De fato, parece-nos que a ausência de universidades favoreceu a propagação de institutos e associações científicas que visavam, sobremaneira, ocupar os espaços que seriam por direito delas. Nesse sentido, a criação do Horto Real, já citado, bem como do Museu Imperial – atual Museu Nacional –, visava ser uma forma de desenvolver técnicas e procedimentos científicos, como a botânica e mineralogia.

Quadro 10 – Instituições de Pesquisa criadas no século XIX¹³⁹

INSTITUIÇÃO	ANO DE CRIAÇÃO
Museu Imperial	1808
Horto Real	1808
Instituto Agrônomo de Campinas	1887
Instituto Vacinogênico	1892
Instituto Bacteriológico	1893
Museu Paulista	1893
Museu Paraense	1894
Instituto Butantã	1899
Instituto de Manguinhos	1900

Fonte: elaboração do autor com base em Schwartzman (2001).

Logo, a ciência no país, no sentido mais amplo da palavra, é quase inexistente, restringindo-se aos institutos supracitados. Nas faculdades e escolas isoladas, o que havia era a continuação da tradição francesa de profissionalização do saber, onde a especialização cada vez

¹³⁷ Apesar de algumas controvérsias, costuma-se atribuir o título de primeira universidade brasileira à Universidade do Rio de Janeiro, fundada em 07 de setembro de 1920. Tal instituição ainda está em funcionamento e hoje denomina-se Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, [200-])

¹³⁸ Sobre tal fato, Schwartzman (2001, p. 55) nos alerta que provavelmente os portugueses não instalaram universidades no Brasil como a Espanha havia feito em seus domínios porque “[...] era tarde demais para as universidades católicas, no sentido tradicional, e cedo demais para as universidades modernas”.

¹³⁹ Em 1772 foi fundada no Rio de Janeiro a Sociedade Científica, cujo objetivo era disseminar conhecimentos científicos na área de Botânica, Zoologia, Química, Física e Mineralogia. Tal sociedade teve suas atividades encerradas em 1794. Contudo, em 1797 foi criado o Jardim Botânico de Belém, que visava a aclimação de plantas ao clima brasileiro (SCHWARTZMAN, 2001, p. 65).

maior das ciências resultou na reordenação dos currículos e a exclusão de boa parte das disciplinas ditas humanísticas e o aceleração da formação de profissionais aptos à executar tarefas, mas não a pensá-las, como aponta Schwartzman (2001).

Convém ressaltar que mesmo na Inglaterra e França, o desenvolvimento das ciências empíricas/experimentais se deu, inicialmente, fora das universidades, sobretudo em associações de cunho científico, como a *Royal Society*. A diferença primordial entre as duas nações ocorre no decorrer do século XIX, quando a Inglaterra desenvolve um grande aparato acadêmico visando o desenvolvimento nacional, já a França opta pelo tecnicismo voltando suas atenções à resolução de problemas imediatos e específicos¹⁴⁰ (SCHWARTZMAN, 2001).

Desta forma, mesmo após a Independência e a Proclamação da República, se a Europa não era mais o local à qual a Colônia deveria se reportar, ela se fazia presente como centro cultural que servia de modelo/inspiração, pois, se o domínio territorial e político não existia mais, esse se fazia presente no modelo social e cultural.

A primeira república pouco se interessa, durante seus primeiros decênios, pela criação de universidades, sonhada ou desejada por um ou outro ideólogo; mas combatida pelos positivistas mais ortodoxos. E os seus dirigentes pretendem, quase todos, ser homens ‘essencialmente práticos’ e alheios a ‘poesias’. Conseguem sê-lo na organização do ensino superior: um ensino quase exclusivamente profissional. Tanto que Bryce, de passagem pelo Brasil, surpreende-se do caráter estritamente prático do nosso ensino superior. Estávamos sendo mais papistas que o papa: mais práticos que o inglês (FREIRE, 1974 apud BESSONE, 1999, p. 112).

Vale ressaltar, ainda, que o número de instituições de ensino e científicas aumenta substancialmente após 1870 e mais ainda após 1889. Schwartzman (2001) atribui esse fenômeno ao Manifesto Republicano, publicado em 1870 e que gerou uma onda de reformas administrativas no Império e mais transformações com o advento da República. Contudo, cabe ressaltar que D. Pedro II foi um dos grandes mecenas da ciência e tecnologia no Brasil, financiando pesquisas e participando de eventos científicos no país e no exterior, porém, seus críticos reclamavam que as subvenções só eram dadas a pesquisas ou eventos de interesse do monarca, sobrepujando os interesses nacionais (SCHWARTZMAN, 2001).

De fato, após o advento Republicano, a primeira nota que temos sobre a educação e o ensino superior no país é o Decreto n. 1.159, de 3 de Dezembro de 1892, que “Approva o código das disposições comuns às instituições de ensino superior dependentes do Ministério da

¹⁴⁰ Rama (1895) observa, também, que o tecnicismo ganha força no Brasil em relação ao academicismo por conta da influência dos grupos positivistas que possuíam forte influência no campo educacional, graças, segundo a Paim (1999), a estes serem, em sua maioria, professores de liceus e escolas politécnicas.

Justiça e Negocios Interiores”, o qual já fizemos referência anteriormente com relação às bibliotecas de tais instituições. Tal disposto professa que:

Art. 1º Para diffusão da instrucção publica superior manterá o Governo duas Faculdades de Direito, uma em S. Paulo e outra em Pernambuco; duas Faculdades de Medicina e Pharmacia, uma na Capital Federal e outra na Bahia; uma Escola Polytechnica na Capital Federal; uma Escola de Minas em Minas Geraes (BRASIL, 1892).

Nesse cenário, o projeto modernizador da Nação implementado pela República parecia mais uma continuidade do modelo Imperial, que favorecia as profissões tradicionais das elites brasileiras – Direito, Medicina e Engenharia –, investindo em faculdades e escolas isoladas (MICELI, 2001; SCHWARTZMAN, 2001).

Esse breve sumário deveria bastar para sugerir que não se poderia esperar que a ciência e a tecnologia despontassem no Brasil em resposta a demandas da economia colonial ou pós-colonial. O que vemos, na verdade, são tentativas reiteradas das autoridades portuguesas, e depois das brasileiras, de criar instituições de natureza prática, seguidas logo pela decadência ou pela transformação dessas instituições em algum tipo imprevisto de entidade de pesquisa ou instituição educacional de caráter genérico. Essas mudanças espontâneas e inesperadas devem ser compreendidas em termos da cultura moderna que começava a se desenvolver na capital do País, em parte devido à europeização intelectual de alguns segmentos da elite brasileira, em parte devido ao número cada vez maior de europeus atraídos pelas oportunidades de emprego ou aventura que esperavam encontrar no Brasil – não só portugueses, mas franceses, alemães e cidadãos de outros países (SCHWARTZMAN, 2001, p. 62-63).

De fato, o ideário da República buscava aproximar diversos aspectos da sociedade brasileira da europeia e norte-americana, nesse bojo inclui-se a cultura, educação, economia, arquitetura, as mais variadas manifestações artísticas, dentre outros. Schwartzman (2001, p. 8-9) disserta que:

Estar situado “ao sul do equador [sic]” significa não ter participado plenamente na tradição cultural e intelectual do Ocidente, a que pertencem a ciência moderna e suas instituições associadas, tais como as modernas universidades e o capitalismo empresarial. No entanto, ser periférico com respeito à tradição ocidental pode significar coisas distintas para diferentes sociedades. O Brasil é o produto de uma modalidade especial da civilização européia – a da Península Ibérica, que não encontrou nos territórios que descobriu e colonizou uma população e uma cultura nativas sobre as quais pudesse aplicar o seu domínio¹⁴¹. No Brasil, o processo de colonização foi conduzido por portugueses de tipo muito diverso (nobres e cortesãos titulares de monopólios e privilégios reais, bandidos, aventureiros em busca de ouro, missionários jesuítas, desertores da Marinha, cristãos novos e escapando da Inquisição), inicialmente com a ajuda de índios escravizados, mais tarde com o trabalho escravo africano, e, a partir do fim do século XIX, com ondas de imigrantes da Itália, da Alemanha, do Japão e de vários países da Europa Central.

¹⁴¹ Schwartzman (2001) alerta que os portugueses não encontraram no Brasil o mesmo grau de organização social encontrada pelos espanhóis no México e no Peru, por exemplo.

O autor acrescenta, ainda, que:

No princípio, a ciência conforme era praticada no Brasil não passava de uma pálida imagem da ciência européia, refletida por Portugal. Faltavam as estruturas, instituições e forças sociais que davam vida à ciência no Velho Mundo, e quaisquer realizações científicas do Brasil no passado devem ser associadas necessariamente às condições européias, não às brasileiras (SCHWARZTMAN, 2001, p. 28).

Assim, seguindo a tradição de ter a Europa como ponto de inspiração, os intelectuais brasileiros durante a Primeira República buscaram observar o que de mais moderno havia no mundo – sobretudo nos Estados Unidos e França, ícones da modernização dos países desenvolvidos – para pôr a serviço da construção da Nação e reestruturação do Estado brasileiro (NEVES, 2003). A ideia é, ao que nos parece, se apropriar das ideias e adequá-las à realidade do país.

Alguns autores caracterizam as últimas décadas do século XIX e as primeiras do século XX como a fase da ‘ilustração brasileira’. Foi uma época de contatos intensos com a Europa, especialmente a França, introduzindo no Brasil os conceitos de evolução, do darwinismo biológico e social, do positivismo e do materialismo filosófico e político. As elites política, cultural e intelectual aceitavam essas idéias, cada grupo adotando o aspecto que mais lhe interessava (SCHWARTZMAN, 2001, p. 95-96).

Nesse sentido, a diplomacia é posta em alerta, sendo esse o período em que atuam no Ministério das Relações Exteriores o Barão do Rio Branco e Joaquim Nabuco (Apêndice A), por exemplo, além de Oliveira Lima. Todos nomes de destaque com relação à vida internacional brasileira. Sob este prisma, inicialmente podemos entender diplomacia:

[...] segundo a célebre definição do Oxford English Dictionary, [como] ‘a condução das relações internacionais através de negociações. O método através do qual estas relações são reguladas e mantidas por embaixadores e encarregados; o ofício ou a arte do diplomata’. O objeto da Diplomacia é, portanto, o método através do qual são conduzidas as negociações e não o conteúdo das negociações. E foi precisamente o conteúdo que variou progressivamente no decorrer dos séculos (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1998, p. 348).

Sobremaneira, Ribeiro (1989, p. 10) ainda observa que:

Houve tempo, parece, em que as diferenças culturais seriam matéria de importância prática apenas quando as relações bilaterais eram dependentes de relações imediatas de fronteiras. Mas muito cedo a limitação geográfica buscou ser superada por relatos de aedos¹⁴² ou autores, como (afinal de contas) são, essencialmente, a *Odisseia*, Heródoto, os grandes viajantes orientais, os Marcos Polos, os Fernãos Mendes Pintos, e o sem-número de viajantes e cronistas [...].

Logo, o engajamento à vida internacional se dá por meio das relações entre as nações objetivando trocas econômicas, culturais, tecnológicas etc. Decerto, no âmbito desta pesquisa

¹⁴² 1. Poeta-cantor, rapsodo da antiga Grécia, que recitava suas composições fazendo-se acompanhar pela lira [...]. 2. P.ext. P.us. O mesmo que poeta (AULETE, [2013]).

e dos conceitos da literatura sobre diferentes aspectos da diplomacia, a que nos é mais caro é o de “relações culturais internacionais”. Sobremaneira, este termo não seria sinônimo de “diplomacia cultural” pois tal termo evocaria a “[...] utilização específica da relação cultural para a *consecução de objetivos nacionais* de natureza não somente cultural, mas também política, comercial ou econômica” (RIBEIRO, 1989, p. 23). Contudo, o mesmo autor observa que “[...] Considera-se que as relações culturais internacionais têm por objetivo desenvolver, ao longo do tempo, maior compreensão e aproximação entre povos e instituições *em proveito mútuo*” (RIBEIRO, 1989, p. 23).

Desta forma, a diplomacia cultural seria uma ação orquestrada pelo governo em prol de um objetivo nacional, já a **relação cultural internacional** seria a troca mútua entre instituições de diferentes países com objetivos definidos visando o enriquecimento recíproco, podendo, ou não, fazer parte de um projeto nacional.

Acreditamos, assim, que para este trabalho, a adoção do termo relações culturais atende de forma mais precisa ao nosso intento de situar a cooperação entre a Biblioteca Nacional e o Instituto Internacional de Bibliografia. Observamos, ainda, que a iniciativa, ao que indicam nossas fontes de pesquisa, tenha sido tomada por Peregrino da Silva enquanto dirigente da instituição. De fato, Ribeiro (1989, p. 7) nos alerta que:

[...] com frequência cada vez maior, as relações culturais incluem, também, as comunicações que os grupos sociais, as comunicações acadêmicas, os artistas, os produtores de cultura espontaneamente estabelecem entre si, independentemente das fronteiras que os separem, com ou sem a ajuda dos Estados a que pertencem, e algumas vezes até contra a vontade desses estados [sic].

Curioso notar que Costa (2003) observa que tal intercâmbio cultural é realizado, principalmente por meio de viagens, como Ribeiro (1989) já destacou, ao declarar que, desde a Antiguidade, um dos meios de trocas entre as culturas era através de longas viagens, a locais distantes. Logo, quando Bittencourt (1955) observa que:

[...] Manuel Cícero viajou. Muito viu e muitos povos conheceu. É preciso ver como se lhe desdobra na mente tudo o que observou. É ver a significação que as viagens tiveram em sua vida. Não foi de modo algum um cosmopolita apenas, mas, um observador arguto. Viajando, tinha sempre um fim. Foi um espírito com o sentido das coisas nacionais, da política internacional que não deixa de ser um interesse de cada nação, do qual ele não descuidava (BITTENCOURT, 1955, p. 91).

A noção depreendida por nós é a de que o personagem se encaixa no perfil de um viajante a serviço da cultura do país, sobretudo, ao notarmos que as trocas culturais entre as nações, intensificadas ao longo do século XIX e no início do século XX, ocorre por meio do contato entre tais pessoas (COSTA, 2003). Nesse sentido:

Claro está que a vida cultural internacional não constitui propriamente um fenômeno recente, nem é uma invenção da era eletrônica. A maior parte das grandes culturas se formou por empréstimo de outras culturas, ou por troca. A influência dos grandes filósofos, artistas e estadistas sempre atravessou fronteiras. A Atenas de Péricles, a Universidade Medieval, as artes, obras literárias e revoluções no campo do pensamento do século XIX constituem alguns dos exemplos desse **universalismo** [...] (RIBEIRO, 1989, p. 13-14, grifo nosso).

Sob este prisma, a viagem de Peregrino da Silva à Europa e sua visita ao IIB, seria uma forma de estreitar os laços com a instituição belga¹⁴³ de acordo com seu projeto de reformulação para a Biblioteca brasileira. Nesse âmbito, Costa (2003) ressalta que a tradição do intelectual viajante (ou peregrino), aperfeiçoa-se no século XIX¹⁴⁴, graças a conquista total do globo, com todos os seus territórios demarcados, e pela necessidade de se “inventariar¹⁴⁵” esse (novo) mundo.

A viagem, assim:

[...] caracterizava-se precisamente pelo novo, pela exploração, pela descoberta, pela possibilidade de suscitar novas experiências e percepções, seja no plano individual, interno, seja no campo da exploração de lugares ou paisagens desconhecidas. Em ambos os casos, o *depaysament*¹⁴⁶, ruptura ainda que temporária com as origens, tem o poder de ampliar o conhecimento, de aprimorar o espírito ou de revelar os segredos do mundo (COSTA, 2003, p. 62).

O viajante, então, é aquele que vai a locais distantes buscando compreender melhor a cultura alheia e trazer aspectos desta para o seu país de origem, logo o “intelectual peregrino” – se pensarmos numa outra característica do intelectual – é aquele que está sempre imbuído de um propósito, um objetivo, que “[...] Mesmo quando fora, [...] leva consigo o seu país, viaja *a serviço do seu país*, para aumentar seu estoque de conhecimento e seu poder político” (COSTA, 2003, p. 65). “[...] A missão é obra coletiva e organizada pelas forças conjuntas da ciência, da empresa e da política governamental” (COSTA, 2003, p. 68), de fato, esse intelectual busca cumprir sua missão perante a sociedade, aquela que lhe é delegada pelo posto que ocupa ou que lhe é investida pelo poder dominante.

A autora nos adverte, ainda, que o intelectual viajante/peregrino, bem como o peregrino de fé, possui seus pontos de peregrinação ou paragem, são eles as academias e universidades,

¹⁴³ Dentre as instituições visitadas por Peregrino, podemos destacar, além do IIB, as bibliotecas do Congresso Americano, de Nova Iorque, de Leipzig, do Vaticano e de Paris, o Arquivo de Marinha e Ultramar da Biblioteca de Lisboa, o Arquivo e Biblioteca de Haia e o Museu de Amsterdã.

¹⁴⁴ Costa (2003) observa que no século XIX a peregrinação dos intelectuais brasileiros à Coimbra e Lisboa diminui, e novas rotas aparecem, levando-os, sobretudo, à interlocução com a cultura francesa.

¹⁴⁵ Curioso notar que a noção de inventário do mundo também é adotada por Otlet (1908, 1934) quando este fala sobre a necessidade de criação de uma grande rede de informações sobre todas as obras produzidas pelo espírito humano, ou seja, a ideia por detrás da construção do Repertório Bibliográfico Universal.

¹⁴⁶ Segundo pudemos apurar, o significado de *depaysament* se aproxima ao de “expatriação”, acreditamos que o termo busque, na frase, evidenciar a distância do viajante de sua terra natal.

bem como as sociedades científicas que naquele tempo se multiplicavam; observa ela que isso contribuiu para a consolidação das redes de produção intelectual (COSTA, 2003). Sob esta ótica, bibliotecas, arquivos e museus podem ser compreendidos como pontos de paragem desses intelectuais, desta forma, justifica-se a viagem de Peregrino da Silva à Europa e aos Estados Unidos, em 1907, buscando ver o que de mais moderno se fazia (BITTENCOURT, 1955).

Doratioto (2012) e Costa (2003) ressaltam que os Estados Unidos dominavam o cenário econômico sul-americano, contudo, o panorama cultural é terreno da hegemonia europeia, sobretudo da França. “O contexto da rivalidade anglo-francesa é, assim, o mais relevante para entender a dinâmica da aproximação entre a França e a América do Sul, dinâmica esta que procurou compensar a menor presença econômica com a busca da hegemonia no campo cultural” (COSTA, 2003).

Voltando a seus países, os peregrinos/viajantes adaptavam aquilo que tinham visto à sua realidade, favorecendo, desta forma, o desenvolvimento do país. Peregrino da Silva viajou aos Estados Unidos, Portugal, Espanha, França, Alemanha, Holanda, Itália, Bélgica, onde viu e se apropriou de diversas ideias para a reforma em curso na Biblioteca Nacional (BITTENCOURT, 1955). Contudo, Ramiz Galvão, já citado, foi o pioneiro neste aspecto, ao ficar na Europa por 13 meses (entre março de 1873 e abril de 1874) estudando os métodos de organização das bibliotecas do continente e suas congêneres (FONSECA, 1963).

Sobremaneira, a inovação de Peregrino talvez resida na ideia de criação de um curso de Biblioteconomia na BN visando a formação de profissionais aptos ao trabalho na instituição e a lidar com seu acervo (SILVA, 1913b). Sua matriz curricular se basearia, segundo Castro (2000) e Sá (2013), na *École de Chartes*, de Paris, que analisaremos na seção 4.1.

Convém ressaltar que o curso de Biblioteconomia, bem como na França, encontra terreno para sua criação fora do ambiente universitário, ou seja, no caso brasileiro, na instituição que visa atender. De fato, a tradição de desenvolvimento científico no Brasil era realizada desta forma, pois, como já mencionamos, a educação superior no Brasil à época era insipiente e se constituía, basicamente, de faculdades isoladas e associações científicas (SÁ, 2013).

De fato, desde o século XVI o Brasil estava inserido na rota de paragem de tais viajantes, estivessem eles ávidos pelas descobertas que o novo mundo oferecia, seja pela curiosidade, podemos, assim, destacar as viagens de botânicos, biólogos, exploradores e desbravadores, sendo seu maior expoente a missão artística francesa, no início do século XIX, cujo intuito era mapear (ou inventariar) o Brasil a pedido do governo Real.

Outra iniciativa, inversa, a bem da verdade, também merece destaque, as diversas missões comandadas pela Biblioteca Nacional com vistas a recuperar a história documental brasileira nos arquivos, bibliotecas, museus e instituições congêneres da Europa¹⁴⁷. A título de exemplo, os relatórios dos anos de 1908 (*Inventario de Documentos do Archivo de Ultramar*), 1911 (*Investigações em Bibliothecas e Archivos*), 1912 (*Investigações em Bibliothecas e Archivos*) e 1913 (*Comissões nos Estados e no estrangeiro*) trazem dados sobre as ações da Biblioteca no sentido de enriquecer seu acervo com a cópia de documentos relativos ao Brasil nos arquivos, museus e bibliotecas do exterior, além de, segundo seu dirigente, servir à Nação, oferecendo provas e testemunhos que ajudassem o país em seus interesses, como nos mostra o relatório de 1911, no qual Silva (1912, p. 679) declara:

Tendo-se proposto o conhecido philologo e americanista, Dr. Rodolpho R. Schuller, proceder durante seis mezes, por conta desta Bibliotheca, a investigações em bibliothecas e archivos da Europa, principalmente em Madrid e Sevilha, tendentes á elucidação do problema cartographico e ethnologico da bacia do Amazonas, assim como reunir elementos para o estudo das linguas indigenas sul-americanas, taes como catecismos, grammaticas e vocabularios ineditos, extrahindo copia daquelles que maior interesse offerecessem, e colher materiaes para a bibliographia ethnologica brasileira [...].

Nesse sentido, a ida do pesquisador aos arquivos e bibliotecas europeias tem por finalidade: ajudar a elucidar um problema na fronteira; recuperar um pouco da história do Brasil, por meio da busca de registros sobre os índios e seu processo de catequização e civilização; e enriquecer o acervo da Biblioteca, por meio da cópia de documentos importantes sobre o país, presentes nestas instituições.

No relatório seguinte, Silva (1913) confirma que Schuller remeteu, ao longo de 1912, cópias de documentos de grande interesse para o país e para a instituição, além de informar que também enviou o “sub-bibliotecário”, João Gomes do Rego, para realizar estudos sobre numismática no Museu Britânico, na Biblioteca Nacional de Paris e na de Lisboa, além da Biblioteca Real de Bruxelas, bem como nos gabinetes que achasse conveniente visitar, tendo por objetivo compreender sistemas de classificação adotados, métodos de tratamento etc. (SILVA, 1913).

No relatório subsequente, Silva (1914) fala sobre o retorno do “sub-bibliotecário”, destacando que este fizera o que lhe fora designado e que os resultados foram apresentados em relatório específico.

¹⁴⁷ Para saber mais sobre tal iniciativa, consultar: JUVÊNCIO, Carlos Henrique; RODRIGUES, Georgete Medleg. A internacionalização da Biblioteca Nacional: Identificação das ações nos relatórios institucionais (1905-1915). **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 18, n. 3, p. 149-159, jul./set. 2013.

Por fim, o relatório de 1908 (SILVA, 1909) informa que o diretor do Archivo de Marinha e Ultramar da Biblioteca Nacional de Lisboa, Eduardo de Castro e Almeida, sugeriu à Biblioteca que organizasse, por conta do governo brasileiro, inventário de documentos relativos ao Brasil existentes naquela seção, extraíndo deles representações ou copiando-os na íntegra. Segundo o relato, a proposta foi submetida ao Ministério da Justiça e Negócios Interiores e fora aprovada, além de declarar que foram extraídos 6.425 verbetes referentes a 6.022 documentos, sem trazer informações sobre cópias.

De fato, as iniciativas de cunho internacionalista da Biblioteca no período são muitas, seguindo os preceitos em voga na sociedade brasileira do início do século XX. Assim, serve-se dos intelectuais peregrinos para o seu desenvolvimento e modernização.

3.3 BIBLIOTECAS: “PONTOS DE PARAGEM” NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

De fato, dentre os espaços de sociabilidade que alcançam um novo patamar no final do Império e início da República podemos destacar as bibliotecas. Em meio a uma população eminentemente analfabeta – cerca de 95% das pessoas não sabiam ler e/ou escrever –, mas em cujo o espírito de mudanças ouriçou a classe intelectual do período, as bibliotecas emergem como espaço de discussão, construção do saber e acesso à informação (BESSONE, 1999).

Se faltavam universidades, instituições de caráter científico, como já fora mencionado, ocupavam esses espaços. Grêmios, Academias e Institutos dos mais diversos, Museus, Arquivos e Bibliotecas (e até mesmo livrarias e confeitarias) firmaram posição como produtores e desenvolvedores da(s) ciência(s) nacional(is); espaços onde intelectuais se reuniam para discutir política, disciplinas em geral, literatura etc (BESSONE, 1999).

Bessone (1999) observa que se num primeiro momento eram as profissões que aproximavam tais grupos (médicos, advogados e engenheiros detinham a supremacia nesse quesito), num instante posterior, os assuntos de interesse passam a ser determinantes para tais uniões. Vale salientar que o período se caracteriza pela supremacia do bacharel, mas que exercia diversas atividades além daquela para qual estudou (MICELI, 2001), um exemplo bem claro é o de Peregrino da Silva que, jurista por formação, é reconhecido por sua atuação como bibliotecário e professor; outro exemplo latente é o de Ramiz Galvão, médico, cujo destaque, bem como Peregrino, se deu enquanto bibliotecário e professor – sendo preceptor das netas de D. Pedro II.

O convívio, aparentemente restrito a locais de lazer, não revelava o intrincado nível de relações de favores existentes. O círculo de leitores do Rio de Janeiro *fin*

de siècle, possuía certa diversidade interna. Na sua aparente homogeneidade, incorporou pessoas com interesses diversos, mas que se aproximavam por gostos semelhantes. Os médicos e advogados, por se integrarem com mais facilidade às estruturas político-sociais vigentes, eram as categorias socioprofissionais que mais se destacavam, sendo geralmente vistas como as que melhor acesso tinham às estruturas de poder e, por consequência, as mais procuradas para favores e concessões (BESSONE, 1999, p. 136).

A essa posição privilegiada de domínio intelectual e/ou cultural Latour (2008) chama de Centro de Cálculo, um espaço central nas redes de sociabilidade, de onde emanam ideias e/ou ideais que influenciam boa parte de outros setores do social. Nesse sentido, é o local onde surgem as discussões, os movimentos que irão influenciar o restante da sociedade. Não por menos, Costa (2003), já citado por nós, nomeia esses locais como pontos de paragem na trajetória do peregrino viajante em busca de inspiração em países longínquos.

Os que se interessam pelas bibliotecas falam freqüentemente dos textos, dos livros, dos escritos, bem como de sua acumulação, de sua conservação, de sua leitura e de sua exegese. Têm certamente razão, mas há um certo risco em limitar a ecologia dos lugares do saber aos signos ou à simples matéria do escrito, um risco que Borges ilustrou bem com sua fábula de uma biblioteca total remetendo apenas a si própria [...].

Em vez de considerar a biblioteca como uma fortaleza isolada ou como um tigre de papel, pretendo pintá-la como o nó de uma vasta rede onde circulam não signos, não matérias, e sim matérias tornando-se signos. A biblioteca não se ergue como um palácio dos ventos, isolado numa paisagem real, excessivamente real, que lhe serviria de moldura. Ela curva o espaço e o tempo ao redor de si, e serve de receptáculo provisório, de *dispatcher*, de transformador e de agulha a fluxos bem concretos que ela movimentava continuamente (LATOUR, 2008, p. 21).

Logo, as bibliotecas têm papel de relevância na construção política, social e científica do país, seu número, atualização do acervo e importância são elementos de destaque. De fato, a intenção da grande reforma sofrida pela Biblioteca Nacional no início do século XX era servir de expoente do processo modernizador pelo qual a Capital do país passava. Muito além de ser a Paris nos Trópicos (BESSONE, 1999), a reforma intentava ser um meio de demonstrar que o país era tão avançado quanto os europeus e que poderia sim, haver um polo cultural e intelectual nas ex-colônias.

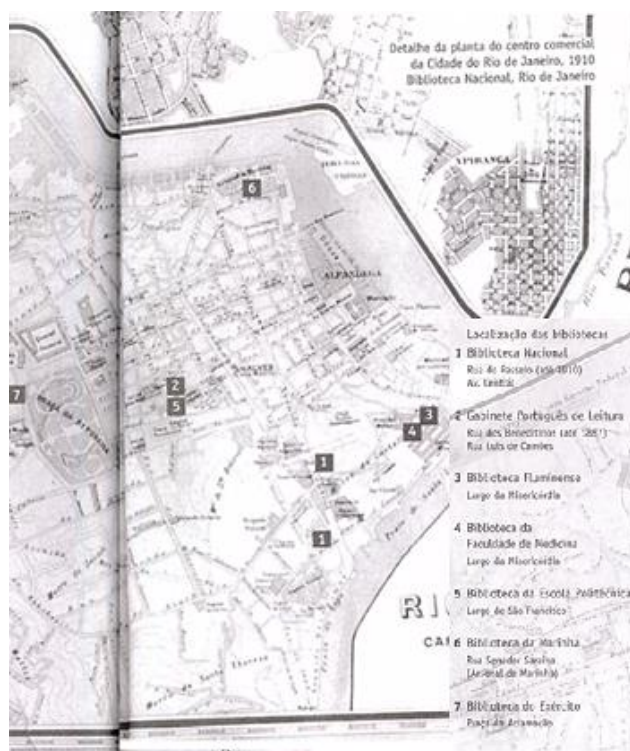
Nas últimas décadas do século XIX e no início do XX, algumas bibliotecas públicas ampliaram suas instalações e acervos. Primeiro, deu-se a construção da sede, em estilo manuelino, do Gabinete Português de Leitura, na rua Luís de Camões, em 1887, com subsídios de toda a colônia portuguesa, principalmente comerciantes enriquecidos. Durante a reforma de Pereira Passos, ocorreu a [...] mudança da Biblioteca Nacional para a nova sede, próxima ao Teatro Municipal e à Escola de Belas Artes, monumentos de inspiração francesa e marcos de renovação da cidade, testemunhos do papel de capital moderna que a ela se pretendia atribuir. O público tinha ao seu alcance novas e bem instaladas bibliotecas [...] (BESSONE, 1999, p. 20).

Desta forma “As bibliotecas de uso público, instaladas no Rio de Janeiro, ampliadas na passagem do século XIX para o XX, tornaram menos árida a existência daqueles que puderam usufruir de seus recursos” (BESSONE, 1999, p. 178).

Bessone (1999, p. 178), contudo, nos alerta que mesmo “Não tão ricas nem sofisticadas quanto suas congêneres européias, eram importantes dentro das limitações a que estavam sujeitas, oferecendo possibilidades de atualização aos seus leitores, discretos, em uma sociedade com tão alto índice de analfabetismo”, mesmo a Nacional, distanciavam-se, e muito, das europeias.

[...] Acrescento, ainda, todas as dificuldades inerentes à ampliação dos seus universos culturais, como a parca renovação de títulos nas mais prestigiadas bibliotecas, em face dos limitados recursos financeiros das instituições, à dependência em relação a doadores e mecenas, e à ausência de uma política eficiente de atualização científica (BESSONE, 1999, p. 117-118).

Porém, graças a vulgarização do jornal e dos livros, experimentada desde a fundação da Imprensa Régia, em 1808, o número de leitores estava em franca ascensão no país e, por conseguinte, o número de usuários das bibliotecas, ao passo que, em 1910, conforme mostra a Figura 12, a Capital contava com sete grandes bibliotecas abertas ao público¹⁴⁸.



¹⁴⁸ Consideramos importante ressaltar que o fato de a biblioteca ser franqueada ao público não implica, necessariamente, que ela seja uma instituição pública, a título de exemplo, a Biblioteca Fluminense e o Gabinete Português de Leitura são/eram instituições privadas, mas que permitiam o acesso do público em geral, mediante a observação de certas normas, tais como de vestuário (BESSONE, 1999; SÁ, 2013).

Figura 12: Localização das Bibliotecas do Rio de Janeiro franqueadas ao público (1910).

Fonte: Bessone (1999).

Assim, as bibliotecas, enquanto centro de cálculo/convivência e de paragem, buscavam ampliar seu horário de funcionamento e oferecer melhores condições para o atendimento de seu público, além de ampliar seu acervo com novas aquisições. Um bom exemplo, segundo Bessone (1999), é a Biblioteca Nacional que, entre 1892 e 1904 tem um índice de crescimento do seu acervo na casa de 500%¹⁴⁹. A autora, afirma ainda que:

Cuidou-se, também, do conforto do leitor para atraí-lo, quando todas as bibliotecas procuravam divulgar as peculiaridades que as tornavam mais cativantes para o longo tempo dedicado à tarefa de ler. A Biblioteca Nacional, por exemplo, avisava através de seus reclames na imprensa que fornecia papel, pena e tinta para se tomarem apontamentos, além da iluminação especial de luz elétrica por lâmpada incandescentes no expediente entre 18 e 21h, conforme o Almanaque Laemmert de 1893 (BESSONE, 1999, p. 98; Figura 13).

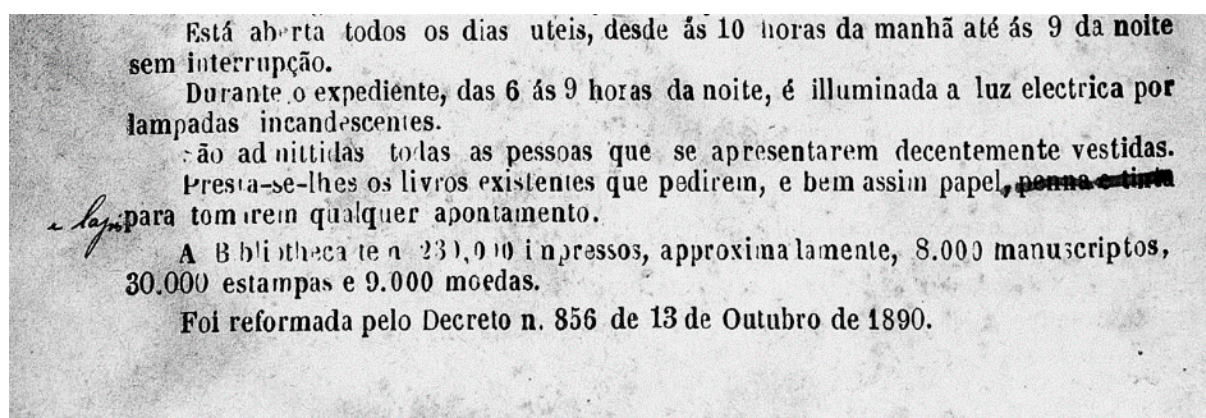


Figura 13: Nota publicada pela Biblioteca Nacional no Almanak Laemmert de 1893.

Fonte: Laemmert (1893).

Gomes (1983) ratifica a fala de Bessone (1999) ao declarar que as bibliotecas influenciam a sociedade e a sociedade é por elas influenciada, logo, uma sociedade encoraja, inibe ou dirige o crescimento/aumento de bibliotecas.

Construída a rede de sociabilidade carioca, o Rio de Janeiro, enquanto Capital Federal, possuía, segundo Bessone (1999), características daquilo que Angel Rama (1985) chama de “cidade das letras”. Na visão da autora:

Parte desses letrados constituía potencialmente [...] o círculo de leitores que se identificavam por interesses afins, ampliando a efervescência cultural da cidade por meio do consumo de livros e jornais, valorizando a bibliofilia, o comércio de livros, constituindo bibliotecas, criando grupos formais e informais de leitores (BESSONE, 1999, p. 113).

¹⁴⁹ O acervo da Biblioteca Nacional salta de pouco mais de 130 mil itens em 1892 para mais de 670 mil em 1904.

Sendo em sua maioria religiosos, administradores, educadores, escritores e servidores, tais homens movimentavam a vida intelectual da capital e não somente as bibliotecas. De fato, Bessone (1999) observa que as faculdades, as escolas, livrarias e, até mesmo, confeitarias¹⁵⁰, serviam de espaço para discussão de problemas concernentes à nação. A diferença de tais espaços para as bibliotecas é que essas buscavam oferecer, além de um acervo variado, espaços para as mais diversas discussões, como o já citado caso da Biblioteca Nacional, onde Peregrino da Silva coloca em funcionamento um salão de Conferências, visando debater assuntos de interesse nacional.

Por isso, as bibliotecas públicas representavam um espaço bastante procurado pelos mais diversos membros do círculo, que o faziam com objetivos diversos: preparação de lições para estudantes das faculdades do Rio, leitura de periódicos, exame de obras raras e de interesse histórico, literatura de viagens, mapas e plantas. O acervo de muitas supria temas que nem sempre eram possíveis encontrar em livrarias. Algumas potencializavam em frequência de leitores através da criação de salas separadas de leitura, salões de conferência e outros tipos de eventos, a fim de ampliar a esfera do convívio de seus associados [...] (BESSONE, 1999, p. 98).

Logo “[...] Uma biblioteca considerada como um laboratório não pode, é evidente, permanecer isolada, como se ela acumulasse, de modo maníaco, erudito e culto, milhões de signos. Ela serve antes de estação de triagem, de banco [...]” (LATOURET, 2008, p. 37). Assim, as bibliotecas podem ser vistas como centros de erudição e cultura para onde convergem os intelectuais.

Em virtude do burburinho das livrarias e da paz encontrada em algumas bibliotecas públicas, o Rio de Janeiro pôde vangloriar-se de ter boas opções de vida cultural, mesmo com as óbvias restrições às mais exageradas pretensões de alguns em transformar a cidade numa espécie de Paris na América (BESSONE, 1999, p. 177).

Contudo, é interessante notar a fala de Gomes (1983, p. 84), de que:

As bibliotecas brasileiras da Primeira República [...] refletiram também a condição de dependência. Reuniram, conservaram e difundiram, limitadamente e de modo reflexo, a cultura estrangeira. Baseavam-se nos mesmos padrões, compostas de livros que eram veículos de uma cultura erudita importada, fundamentada nos ideais humanistas de desenvolver as virtualidades do homem. Eram acanhados repositórios de produtos acabados do corpo ideológico da cultura alheia, consideradas insígnias do homem culto e superior.

A autora prossegue observando que:

¹⁵⁰ Bessone (1999) cita a Confeitaria Colombo, fundada em 1894, como um dos espaços recém-criados na Capital e que reunia a nata intelectual da cidade em acaloradas discussões políticas ou apresentações literárias. A autora ainda inclui, dentro desses espaços recém-inaugurados a Academia Brasileira de Letras, fundada em 1896, e que visava, bem como suas congêneres, suprir a ausência de universidades no país.

Essas bibliotecas, como agências de instituições sociais de uma sociedade subdesenvolvida e dependente, atenderam às necessidades de segmentos dessa sociedade. Com seu caráter elitista, decorrente dessa situação, serviram, assim como a educação, instituição a que estiveram mais ligadas na República Velha, de meio de promoção social e aperfeiçoamento pessoal (GOMES, 1983, p. 85).

Desta forma, se as bibliotecas experimentam um grande crescimento durante a Primeira República, elas na verdade o faziam seguindo o modelo europeu – conforme citamos anteriormente, a Europa e, sobretudo a França, eram o arquétipo de sociedade perfeita a ser seguida pela República, logo, o ideal do Rio de Janeiro de se tornar a Paris nos trópicos. Ademais, buscavam servir apenas a elite letrada, tornando-se, em sua maioria, repositórios passivos do saber, sem participação ativa na promoção da cultura nacional, ou incentivando esta.

Bittencourt (1955), conforme já citamos, observa que Peregrino da Silva reuniu ao redor de si e da BN a nata intelectual da Capital, fazendo com que discussões de interesse nacional fossem realizadas na instituição e essa apoiasse as ações do governo. Um exemplo pode ser encontrado nos diversos processos que envolvem as questões de limites dos territórios brasileiros, donde o acervo da Biblioteca, segundo o autor, serviu de base para que os representantes brasileiros nas cortes arbitrais ganhassem diversas causas em prol do país¹⁵¹.

Assim, as transformações sofridas pela Biblioteca Nacional no início do século XX são um reflexo das políticas nacionais de modernização do Estado e de suas instituições, bem como uma resposta às demandas da elite intelectual do período que buscava espaços alternativos de discussão dada a ausência de universidades.

Os ecos dos feitos de Peregrino da Silva a frente na BN se fazem presentes ainda hoje e na próxima seção esmiuçaremos boa parte deles, sobretudo aqueles de viés documentalistas e que alianharam a instituição aos ideais de Paul Otlet e Henri La Fontaine.

¹⁵¹ Doratioto (2012) observa que o Brasil, dentre todas as arbitragens a qual esteve sujeito em Haia no período, só perdeu uma.

4 A DOCUMENTAÇÃO NO BRASIL: DIÁLOGOS E EXPERIÊNCIAS ENTRE A BIBLIOTECA NACIONAL DE PEREGRINO DA SILVA E O *MUNDANEUM*

No cerne das transformações sofridas pela BN no início do século XX, esse capítulo visa compreender como os preceitos documentalistas se inserem na instituição e em algumas de suas congêneres. Elabora considerações sobre a organização da informação no Brasil, a partir da construção de bibliografias. Por fim, busca desvelar as ações de Manoel Cícero Peregrino da Silva na direção da Biblioteca à luz dos ideais explicitados no *Traité de Documentation*.

No contexto das mudanças e transformações pelos quais o Brasil passava desde a Proclamação da República, novas ideias e ideais eram bem quistos, sobretudo aquelas que tinham grande potencial modernizador para o país e suas instituições, assim as bibliotecas sofreram tal impacto e, nesse cenário, os ideais de Otlet e La Fontaine parecem encontrar terreno fértil para sua propagação e não demoram a chegar ao sul do Equador.

De fato, desde 1892, três anos antes da fundação do IIB, a responsabilidade das bibliotecas havia aumentado com o Decreto nº 1.159, de 3 de Dezembro de 1892, que estabelecia diretrizes para o funcionamento de tais instituições nas faculdades do país. A lei estabelecia que:

Art. 145. Haverá em cada estabelecimento uma bibliotheca destinada especialmente ao uso dos lentes e alumnos, mas que será franqueada a todas as pessoas decentes que alli se apresentarem.

Art. 146. A bibliotheca será de preferencia formada de livros, mappas, memorias e quaesquer impressos ou manuscriptos relativos ás sciencias professadas nos estabelecimentos;

[...]

Art. 152. Haverá na bibliotheca tantas estantes competentemente numeradas quantas forem necessárias para a boa guarda e conservação dos livros, folhetos, impressos e manuscriptos.

Art. 153. Os livros da bibliotheca serão todos encadernados e terão, assim como os folhetos, impressos e manuscriptos, o carimbo do estabelecimento.

Art. 154. Em hypothese alguma sahirão da bibliotheca livros, folhetos, impressos ou manuscriptos.

Art. 155. Haverá na bibliotheca um livro de registro para se lançar o titulo de cada obra que for adquirida, com indicação da época da entrada e do numero dos volumes, afim de conhecerse o total dos volumes obtidos.

Art. 156. Na bibliotheca propriamente dita só é facultado o ingresso aos membros do corpo docente e seus auxiliares e aos empregados da Faculdade; para os estudantes e pessoas que queiram consultar obras haverá uma sala contigua, onde se acharão apenas, em logar apropriado, os catalogos necessarios, e as mesas e cadeiras para accomodação dos leitores (BRASIL, 1892).

Assim, tal dispositivo professa que cada biblioteca deveria desenvolver seus acervos de modo a atender a demanda de estudantes e professores, atendendo ao seu perfil de interesse de

estudos. Ademais, o bibliotecário deveria ser o responsável pela coleção e por ela zelar, desenvolvendo produtos e serviços adequados à proposta da instituição:

Art. 158. O pessoal da bibliotheca constará de um bibliothecario e de um subbibliothecario, um amanuense, um guarda e um servente.

Art. 159. Ao bibliothecario compete:

1º, conservarse na bibliotheca, enquanto estiver aberta;

2º, velar sobre a conservação das obras;

3º, organizar os catalogos especificados neste regulamento segundo o systema que estiver em uso nas bibliothecas mais adeantadas, de accordo tambem com as instrucções que a congregação, ou o director do estabelecimento, lhe transmittir;

4º, observar e fazer observar este regulamento em tudo que lhe disser respeito;

5º, communicar diariamente ao director as occurrencias que se derem na bibliotheca;

6º, apresentar o orçamento mensal das despezas da bibliotheca;

7º, propôr ao director a compra de obras e a assignatura de jornaes, dando preferencia ás publicações periodicas que versarem sobre materias ensinadas no estabelecimento e procurando sempre completar as obras ou collecções existentes;

8º, empregar o maior cuidado para que não haja duplicatas desnecessarias e se conserve a conveniente harmonia na encadernação dos tomos de uma mesma obra;

9º, providenciar para que as obras sejam immediatamente entregues ás pessoas que as pedirem;

10, fazer observar o maior silencio na sala de leitura, providenciando para que se retirem as pessoas que perturbarem a ordem, e recorrendo ao director, quando não for attendido;

11, apresentar mensalmente ao director um mappa dos leitores da bibliotheca, das obras consultadas e das que deixarem de ser ministradas, por não existirem; outrossim uma relação das obras, que mensalmente entrarem para a bibliotheca, acompanhada de noticia, embora perfunctoria, da doutrina de cada uma dellas;

12, organizar e remetter annualmente ao director um relatorio dos trabalhos da bibliotheca e do estado das obras e moveis, indicando as modificações que a pratica lhe tiver suggerido e julgar conveniente;

13, encerrar diariamente o ponto dos empregados da bibliotheca, notando a hora do comparecimento e da retirada dos que o fizerem antes de terminar a hora do expediente;

14, dar noticia ao director do estabelecimento de todas as novas publicações feitas na Europa e America, para o que se munirá dos catalogos das principaes livrarias.

Art. 160. Organizados os catalogos da bibliotheca, serão os livros collocados nas estantes por ordem numerica, tendo cada volume no dorso um rotulo ou cartão indicativo do numero que tem no respectivo catalogo.

Art. 161. O bibliothecario reorganizará, de cinco em cinco annos, os catalogos, afim de nelles contemplar as publicações accrescidas (BRASIL, 1892).

A citação, minuciosa em seus vários artigos, denota a preocupação governamental com a organização e disponibilização dos registros do conhecimento no país. Mesmo se referindo apenas às bibliotecas de faculdades, é curioso notar o quão a preocupação em organizar catálogos vinha ganhando terreno, podemos perceber, ainda, a preocupação com o moderno, tão em voga desde o advento republicano. Logo, sublinhamos o quão é interessante notar a influência norte-americana e européia na construção de uma ciência nacional, afinal, a referência científica estava situada no hemisfério norte do globo e as obras fundamentais para

compor as bibliotecas brasileiras tinham tal origem, bem como os métodos para sua organização. Além disso, o espelho para as bibliotecas deveriam ser as instituições mais “adeantadas”, como descreve o trecho, adotando a classificação que elas julgarem ser a mais adequada. Percebe-se, também, o papel do bibliotecário com relação à organização e utilização do acervo, bem como seu compromisso com a constante atualização das coleções e dos produtos e serviços oferecidos.

Contudo, apesar de não ser uma biblioteca vinculada à instrução pública, o primeiro contato que identificamos de instituições brasileiras com os ideais de Otlet e La Fontaine é a do Senado, em 1898, quando, na organização de suas obras adota a CDD utilizando como justificativa o seguinte:

«Uma bibliotheca sem catalogo é uma caixa cheia de inestimaveis riquezas e da qual perdemos a chave que nos facilitava dispôr dellas devidamente» – é esta a phrase citada, com poucas variantes, por quasi todos os bibliologos em seus compendios, emquanto outros affirmam: – «ser mais util um ruim catalogo do que de todo não existir.»

O CATALOGO GERAL DA BIBLIOTHECA DO SENADO FEDERAL deverá constar de tres partes: 1^a. *Catalogo Alfabético*, ou pelo nome dos auctores ou das obras; 2^a. *Catalogo Systemático*, segundo a classificação decimal de M. Dewey; e 3^a. *Digesto*, ou catalogo dos capítulos de cada obra, organizado alfabeticamente.

Quem conhecer a classificação Dewey julgará, sem duvida, dispensavel o catalogo n. 1, que é o destinado a ser manuseado pelo pessoal, para servir aos consultantes; porém, segundo o plano que havemos imaginado, reservámos para o segundo as notas bibliographicas que havemos colhido durante a classificação, trabalho esse que não se coaduna com a urgencia imperiosa da publicação de um catalogo que satisfizesse desde já as necessidades dos estudiosos.

Quanto ao terceiro, não precisamos encarecer a sua immensa utilidade (VILLA-LOBOS, 1898, p. XVI, grifo nosso).

Sublinhamos duas passagens no trecho acima, a primeira, diz respeito à utilização da CDD como sistema de classificação, pois evidencia que a instituição opta por seguir estritamente o que Otlet já professara desde a fundação do Instituto, de que a Classificação de Dewey era o melhor sistema classificatório e deveria ser adotada em todas as bibliotecas do mundo ou, ao menos, pelos seus congêneres de empreitada.

Contudo, o trecho que nos chama mais atenção é o “Uma bibliotheca sem catalogo é uma caixa cheia de inestimaveis riquezas e da qual perdemos a chave que nos facilitava dispôr dellas devidamente”, tendo em vista que tal fala, mesmo que apresentando pequenas modificações e sem indicação de autoria, é a mesma de Otlet e La Fontaine na página 19 do primeiro número do *Bulletin de L’Institut International de Bibliographie*, onde os juristas

pronunciam que: “[...] sem o catálogo a biblioteca é uma caixa fechada cheia de coisas preciosas, mas inacessível e invisível, sem chave¹⁵²” (Figura 14).

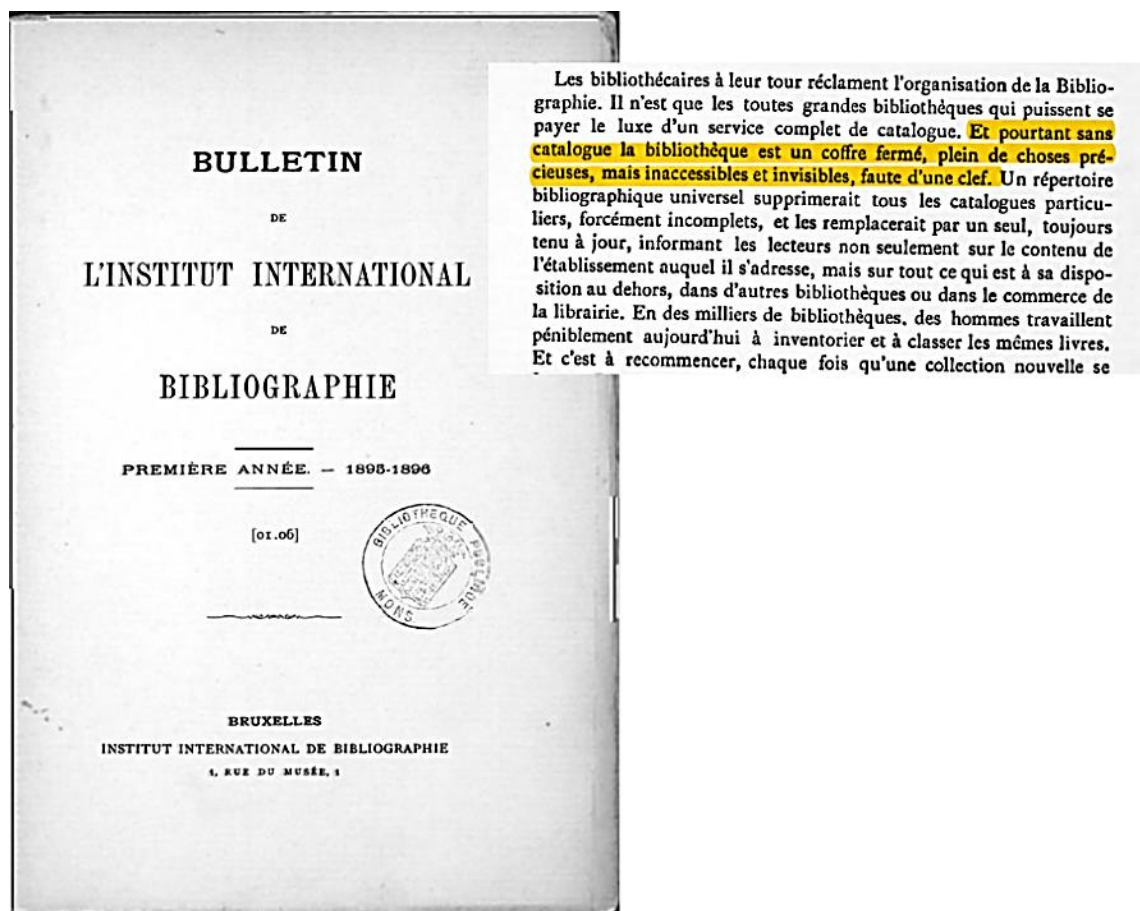


Figura 14: Trecho do texto de Otlet e La Fontaine publicado no v. 1 do Bulletin de L'Institut International de Bibliographie.

Fonte: Bulletin de L'Institut International de Bibliographie (1895).

Amparando-se claramente nos ideais do IIB, Villa-Lobos (1898, p. XV) ainda prevê que “Para os bilhetes de classificação, que devem compôr o Catalogo Permanente, foi tambem adquirido um movel especial, manufacturado de accordo com as indicações mais correntes em bibliothecnia”, o que indica mais uma aproximação com os ideais da dupla belga pois ambos estimulam, conforme já esmiuçamos em diversas passagens da seção 2, a adoção da ficha 12,5cm X 7,5cm como padrão para a construção dos repertórios das instituições que custodiam os frutos do espírito humano.

¹⁵² [...] sans catalogue la bibliotheque est un coffre fermé, plein de choses précieuses, mais inaccessible et invisibles, faute d'une clef.

Passado mais um ano, em 1899, Juliano Moreira também segue as instruções do IIB e adota a Classificação de Dewey¹⁵³ na revista por ele dirigida, os *Annaes da Sociedade de Medicina e Cirurgia da Bahia*¹⁵⁴ (FONSECA, 1973a, p. 40). O autor observa, ainda, que “[...] Em 1900, outro grande cientista brasileiro introduzia o sistema [a CDU] na biblioteca do instituto que organizara e teve depois o seu nome: o Instituto Oswaldo Cruz”. Contudo, tal fato é questionado por Sousa (2006, p. 87) que observa que:

Mesmo sendo impreciso na data – já que sua utilização na Biblioteca do IOC [Instituto Oswaldo Cruz] estava vinculada com a efetivação do Catálogo Analítico de Assunto, que só ocorreu com a chegada de Overmeer¹⁵⁵ em 1909 – o que nos chama atenção nesse relato é o destaque dado para a utilização da CDU por parte da Biblioteca do IOC anos antes da introdução desta pelo “Otlet brasileiro” na Biblioteca Nacional (SOUSA, 2006, p. 87).

E complementa que:

Apesar dos registros bibliográficos atribuírem a Oswaldo Cruz a aprovação na escolha da Classificação Decimal Belga para a Biblioteca, acreditamos que foi Overmeer o responsável pela introdução dessa Classificação no Instituto e pela sua conseqüente metodologia de trabalho. O fato de Overmeer ser de origem flamenga (mesma região europeia de Otlet e da FID¹⁵⁶), ter tido contato com vários países através de seu ofício de livreiro e o lançamento desse sistema de classificação ter ocorrido em um período que Oswaldo Cruz já se encontrava no Brasil nos levam a crer nessa prerrogativa (SOUSA, 2006, p. 87-88).

Desta forma, a Biblioteca do Instituto Oswaldo Cruz, àquela altura ainda Instituto de Manguinhos, foi uma das instituições pioneiras na adoção da CDU, mas discordamos de Sousa (2006) quando este declara que o Instituto foi o primeiro no Brasil a utilizá-la em seu tratamento técnico pois, como aponta o mesmo Fonseca (1973a), mais à frente a Câmara dos Deputados a adota em 1904, cinco anos antes da Biblioteca de Manguinhos:

A Biblioteca da Câmara dos Deputados também está entre as primeiras do País que adotaram o catálogo sistemático segundo a CDU e receberam as publicações do IIB, graças à clarividência de seu diretor, que era, na época, o escritor Mário de Alencar (1872-1925), filho de José de Alencar e amigo íntimo de Machado de Assis (FONSECA, 1973a, p. 40).

Ainda no bojo dos primeiros contatos de brasileiros ou instituições do país com os ideais belgas, surge o nome do engenheiro Victor Alves da Silva Freire, que publica “[...] um artigo

¹⁵³ Talvez por lapso, Fonseca (1973a) diz em seu texto que Juliano Moreira adota a CDU, contudo, o primeiro volume de sua edição número um só é publicado em 1904, portanto, acreditamos que ele queria se referir à CDD.

¹⁵⁴ Tentamos, em vão, consultar tal obra.

¹⁵⁵ Se refere à Assuerus Hyppolitus Overmeer, “[...] um experiente livreiro holandês que trabalhava em Amsterdã [...]. Dotado de grande inteligência e sendo profundo conhecedor de idiomas estrangeiros, era experiente no trabalho com livros e fluente em seis línguas” (SOUSA, 2006, p. 62). Overmeer chefiou a Biblioteca do Instituto entre 1909 e 1944, ano de sua morte.

¹⁵⁶ Sousa (2006) utiliza um anacronismo em tal trecho pois a época a FID ainda se chama Instituto Internacional de Bibliografia.

sobre a necessidade da participação do Brasil na organização internacional da bibliografia científica” (FONSECA, 1973a, p. 40). Em seu texto, Freire (1901, p. 155) diz que:

O *Office* tem fornecido e continua a fornecer duplicatas do repertorio existentes a varias instituições; d’elle tira igualmente extractos referentes a questões especiaes, mediante insignificante retribuição.

Em resumo, a obra colossal e utilitaria que o Instituto tomou a seu cargo, acha-se em plena elaboração.

Para a completa realização do seu programma, dirige o Instituto um appello aos trabalhadores intellectuaes de todos os paizes.

Podemos nós, brasileiros, recusar-lhe a nossa cooperação?

Na America, depois dos Estados-Unidos, cuja parte em todo o movimento foi vista no decorrer da exposição, o Governo Mexicano, comprehendendo todo o interesse que havia no desenvolvimento da obra encetada, creou o *Instituto Bibliographico Mejicano*, instituição annexa á Bibliotheca Nacional, e cuja missão é reunir os elementos para a bibliographia geral do Mexico, abrangendo:

1.º Todas as obras escriptas por Mexicanos, seja qual fôr o logar em que tenham sido publicadas;

2.º As obras de autores estrangeiros que tenham sido impressas no Mexico.

Que processo haverá, superior a este e de mais fecundos resultados, capaz de desvendar aos olhos de todos, nacionaies e estrangeiros, os recursos naturaes de um paiz novo e mal conhecido ou injustamente apreciado, o gráu de cultura e de civilisação dos seus filhos?

Realisar um tal objectivo equivale a collaborar para seu desenvolvimento, fortalecendo ao mesmo tempo o espirito de nacionalidade.

Portanto, sob este ponto de vista, não temos o direito de regatear no nosso auxilio á obra commum; cumpre-nos o dever de contribuir para o patrimonio da humanidade com a Bibliographia Brasileira.

E finaliza declarando que:

Com um pequeno esforço de cada um, a Bibliographia Brasileira será uma realidade dentro de pouco tempo.

A’s [sic] corporações scientificas, ás escolas e academias, seria facil estabelecer, mediante insignificante despeza, duplicatas da Bibliographia Universal, que permittiriam pôr ao alcance do trabalhador as fontes de instrucção que tão grande falta hoje lhe fazem.

Finalmente, a organização racional das nossas bibliothecas transformal-as no que ellas devem ser: um instrumento de estudo ao alcance de todos (FREIRE, 1901, p. 156-157).

Freire (1900) demonstra sua afinidade com a causa de Otlet e La Fontaine, enxergando a criação de fontes de informações como um meio para o desenvolvimento e para o progresso das nações. Bem como enxerga que a organização de uma bibliografia nacional é fator preponderante para a preservação da memória do país e do mundo, enxergando o projeto de Paul Otlet e Henri La Fontaine como um modo de contribuir para o patrimônio da humanidade. O legado seria o inventário de toda a produção humana em qualquer suporte, em qualquer formato, visando que todos tenham acesso àquilo que Otlet (1908) chama de frutos do espírito humano.

O autor ainda é enfático ao lembrar que o compromisso com a organização e difusão dos frutos do espírito humano não são responsabilidades exclusivas das bibliotecas, mas sim de corporações (colocando as empresas no rol das produtoras e difusoras e conhecimento, além de sua consumidora e negociante), escolas e academias, por exemplo.

Ainda seguindo esta linha do tempo, chegamos às iniciativas da Biblioteca da Marinha e do Real Gabinete Português de Leitura, ambos situados no Rio de Janeiro.

Sob a égide do bibliotecário João Augusto dos Santos Porto, a Biblioteca da Marinha inicia seu processo de modernização, optando por adotar a Classificação Decimal de Dewey pois:

Este importante systema de classificação é hoje adoptado pelo Instituto Internacional de Bibliographia, cuja missão é estabelecer um repertorio bibliographico universal pelo qual possa-se obter reproducções parciaes que tratem, respectivamente, de assumptos concernentes à qualquer ramo do conhecimento humano, de como a collocar sempre:

1.º «Os homens de estudos ao corrente dos trabalhos de seus predecessores e de seus contemporaneos, para utilizar e levar mais longe as investigações scientificas evitando repetições involuntarias e perda de tempo.

2.º «Os profissionaes, legisladores, adminstradores, etc., na posse de documentos que lhes possam ser uteis, fornecendo preciosos elementos de successos para as lutas industriaes ou na gestão dos negocios publicos.»

Com este objectivo procura o Instituto adoptar á esta classificação certos melhoramentos, de modo a preencher mais satisfactoriamente sua missão (SILVA, Mario, 1902, p. 905-906).

Mario R. da Silva (1902) também observa que a Bibliografia, enquanto disciplina da Biblioteconomia, é elemento chave na organização do conhecimento humano, oferecendo preciosas informações sobre os livros. O que vai ao encontro aos ideais do IIB. Logo, a empreitada belga é vista como fator preponderante para o desenvolvimento científico da sociedade, mas, também, para o desenvolvimento econômico, na gestão dos negócios públicos, entendendo a informação como parte estratégica na gestão industrial e de negócios públicos.

Já o Real Gabinete Português de Leitura, cujo “Bibliothecário-Mór” era Benjamin Franklin Ramiz Galvão, promotor da grande reforma que a Biblioteca Nacional sofreu sob sua direção nas décadas de 1870 e 1880, também participa de tal empreitada. A iniciativa de Ramiz Galvão demonstra desde o século anterior sua afinidade com a construção de repertórios e/ou bibliografias nacionais, nesse sentido, sua primeira empreitada foi com a edição do *Catálogo da Exposição de História do Brasil*, visando apresentar tudo o que concerne à pátria e sua história (AMADEO; KURY, 2014).

De fato, o então bibliotecário do Real Gabinete buscava adotar o que era moderno nas instituições em que dirigia, assim, como fizera na Biblioteca Nacional (FONSECA, 1963), ao

publicar o *Catalogo do Gabinete Português de Leitura no Rio de Janeiro*, optou por organizar o:

[...] *Catalogo* segundo o systema decimal do illustre americano Melvil Dewey, acceito e preconizado pela Repartição Internacional de Bibliographia de Bruxellas, – systema que já adopataram mais de 1000 bibliothecas dos Estados Unidos e muitos dos conceituados especialistas do Velho-Mundo (RAMIZ GALVÃO, 1906, p. IX, grifo do autor).

O bibliotecário continua sua “Advertencia” do *Catalogo* enumerando as vantagens do sistema de Melvil Dewey, destacando a aproximação física de obras que tratam de assuntos semelhantes, a padronização internacional da nomenclatura, ou seja, do número de chamada do documento, a sua criação por especialistas dentre outras (RAMIZ GALVÃO, 1906). Por fim, tece a seguinte consideração: “Parece que assim teremos contribuido para tornar util esta publicação, conservando-lhe entretanto perfeito accôrdo com os trabalhos do *Instituto* de Bruxellas, que préga com optimo fundamento as vantagens da uniformização bibliographica” (RAMIZ GALVÃO, 1906, p. XIII, grifo do autor).

Por fim, em 1911¹⁵⁷ a Biblioteca Nacional brasileira lançou as bases de seu *Serviço de Bibliographia e Documentação*, estabelecendo contato¹⁵⁸ com o IIB por meio da figura de seu diretor, à época Manoel Cícero Peregrino da Silva. Fonseca (1957, p. 119) expõe:

[...] A Biblioteca Nacional teve a sorte de ser dirigida, de 1900 a 1915 e de 1919 a 1921¹⁵⁹, por Manoel Cícero Peregrino da Silva [...] Deve-se a êle, igualmente, a primeira tentativa de organização da bibliografia brasileira na base da cooperação nacional e internacional. Empolgado com as primeiras atividades do Instituto Internacional de Bibliografia, de Bruxelas, Manoel Cícero Peregrino da Silva compreendeu logo o que Fidelino de Figueiredo diria mais tarde, na primeira de suas memoráveis conferências em São Paulo: “o serviço bibliográfico já não pode ser devoção individual, nem fantasia acadêmica, tem de ser desempenhado por um organismo técnico, um Instituto Nacional de Bibliografia com pessoal especializado, com a estreita colaboração das bibliotecas e hemerotecas, não para publicar um Dicionário Bibliográfico, mas, para organizar a bibliografia geral do passado e registrar a de cada dia e cada hora”. Na reforma que introduziu na Biblioteca Nacional em 1911, Manoel Cícero Peregrino da Silva estabeleceu um “Serviço de Bibliografia e Documentação em correspondência com o Instituto Internacional de Bibliografia de Bruxelas”. [...] Por aí se vê que Manoel Cícero

¹⁵⁷ O *Bulletin de L'Institut International de Bibliographie* (1908) destaca que neste ano a Biblioteca da Marinha e a Biblioteca Nacional já eram correspondentes do Instituto. Também traz a relação de três trabalhos sobre classificação decimal publicados em língua portuguesa, sendo eles: ALVES DE SA (EDUARDO), 1893. – *Bibliographia Juridica Portugalensis* Lisboa, 1898; DA SILVA FREIRE, 1901. – *A Bibliographia Universal et a Classificação decimal*. Subsidio [sic] para a participao [sic] do Brazil na organisacas [sic] internacional da bibliographia cientifica: S. Paulo; RIBEIRO DA SILVA (MARIO), 1902. – *A Catalogacao decimal da Bibliotheca da Marinha*. Revista Marihima [sic] Brasileira Ann. 21^a, nº 7, janeiro de 1902, pag. 891, Rio de Janeiro.

¹⁵⁸ Não sabemos ao certo, ainda, se esse foi o primeiro contato entre a Biblioteca Nacional e o Instituto Internacional de Bibliografia. Mesmo assim, identificamos esse como o primeiro contato com a intenção de criação do *Serviço de Bibliographia e Documentação* na Biblioteca.

¹⁵⁹ Apesar de alguns afastamentos para dirigir de modo emergencial outras instituições, os vínculos oficiais entre Peregrino da Silva e a Biblioteca Nacional se desenvolveram entre os anos de 1900 e 1924.

Peregrino da Silva foi também precursor em matéria de serviços bibliográficos e que na sua reforma da Biblioteca Nacional estava quase profeticamente anunciando o órgão que só em 1954 se instalaria, com o nome de Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação.

Desta forma, Peregrino da Silva justifica a adesão da Biblioteca ao ideal do Instituto da seguinte maneira:

É consideravel o numero dos documentos existentes e dos que constantemente se produzem em todos os paizes adiantados. Sem uma classificação rigorosa e uniforme, essa massa de documentos graphics esparsos ficará em grande parte desconhecida dos estudiosos. [...] A inventariação e a descrição dos documentos são objecto do Repertorio Bibliographico Universal, reunião de todas as bibliographias nacionaes ou especiaes. [...] Para chegar a taes resultados é indispensavel a cooperação internacional, que só será possivel estabelecendo-se um accordo para a adopção de methodos e planos uniformes e para a formação de grupos autonomos, ligados a um instituto central que dirija os trabalhos, distribua os serviços e organize e conserve as collecções e repertorios adoptados como typo. A União Internacional de Bibliographia e Documentação que o Governo Belga procura crear permittirá realizar com a systematisação dos esforços esse vasto plano de condensação dos conhecimentos humanos (SILVA, 1910, p. 773).

Nesse sentido, ele declara ainda que:

A documentação no sentido amplo que lhe atribue o Instituto [Internacional de Bibliografia] abrange não só os textos manuscriptos e impressos, mas tudo quanto se tem empregado como meio de realisação da produção intellectual e como meio de transmissão das aquisições do homem no dominio da intelligencia. É a reunião e a coordenação de todos os documentos, conjucto que representará a experiencia universal (SILVA, 1910, p. 773).

Peregrino da Silva ainda prossegue, dizendo que “[...] A documentação vem coordenar os elementos caracteristicos dos materiaes que a intelligencia humana vae accumulando atravez dos seculos” (SILVA, 1910, p. 773).

Sua fala, assim, parece refletir seu ideal modernizador, sua busca pelo melhor meio de tratar e disponibilizar ao público os mais diversos tipos de suportes documentais. Além de indicar a afinidade de seu pensamento com o de Paul Otlet e Henri La Fontaine, sob este prisma, Fonseca (1957, p. 98) declara que “Manoel Cícero Peregrino da Silva foi um autêntico precursor brasileiro da Documentação, um homem com visão profética de Paul Otlet e Henri La Fontaine”. Fonseca (1973a, p. 41) chega a nomear Peregrino da Silva de Otlet brasileiro. Rayward (1975, p. 123) destaca que:

Talvez o maior evento na história da distribuição do RBU tenha sido o recebimento, em 1911, de um pedido da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, de 600.000 fichas para formar um repertório de assuntos gerais. A Biblioteca concordou em pagar a taxa de 15.000 francos pelas fichas. Tendo solicitado a metade do dinheiro adiantado “para recrutar pessoal para realização do trabalho”, Otlet e sua equipe garantiram juntos a organização de 230.000 fichas, que foram classificadas em 192 caixas. Uma cerimônia foi organizada para a transferência das fichas ao embaixador brasileiro, para isso foram convidados membros do

corpo diplomático da França e Bélgica, e da maioria dos países sul-americanos. No final de 1913 o total de fichas enviados chegavam a 351.697 registros. [Um envio extra] foi realizado em 1914, período no qual Masure, secretário do OIB, escreveu ao Diretor da Biblioteca sugerindo que, talvez, o Escritório devesse mandar cópias das fichas já enviadas ao Rio para que fosse construído um repertório alfabético por autor. As fichas que haviam sido enviadas eram em sua maioria provenientes de contribuições recentes à *Bibliographia Universalis*, com um ou dois itens excepcionais que remontam ao período de 1895-1900. É evidente que o problema em obter cópias das bibliografias que compõem a *Bibliographia Universalis*, mas a encomenda do catálogo [feito pela Biblioteca Nacional] em 1911, ou de qualquer outro material do RBU, foi insuperável, e a meta de entregar as 600.000 fichas contratadas aparentemente nunca foi cumprida. No entanto, o alto valor dado aos cartões recebidos no Rio do OIB, fez com que, em 1914, uma tentativa de enviar alguém do Brasil para Bruxelas com a finalidade de estudar como o OIB trabalhava fosse feita, a fim de fazer um maior uso delas. Infelizmente a Guerra fez essa visita se tornar impossível¹⁶⁰.

As considerações de Rayward (1975) são, para nós, de suma importância, primeiro porque orientaram nosso entendimento sobre a interação entre as duas instituições e, em segundo lugar, nos deu a oportunidade de complementar as informações ali arroladas, bem como questioná-las. De fato, tais aspectos serão melhor explorados nas próximas seções. Logo, conforme a figura 15 evidencia, foi possível mapear as ações de instituições e pessoas no Brasil que iam ao encontro dos ideais do IIB. Mas, como pode ser observado, as ações mais extensivas foram as da Biblioteca Nacional, que na figura de Peregrino da Silva, encampa os ideais documentalistas. Assim, referências ao seu papel podem ser encontradas também em Oddone (2004, 2005, 2006, 2010) e Ortega (2004, 2009a, 2009b) que, ao tratarem da participação brasileira no IIB, destacam sua iniciativa e a criação do *Serviço* na BN.

¹⁶⁰ “Perhaps the greatest event in the history of the distribution of the RBU was the receipt of a request in 1911 from the National Library of Rio de Janeiro for 600,000 cards to form a general subject repertory. The Library agreed to pay a fee of 15,000 francs for the cards. Having requested half of the money in advance «to recruit personnel to do the work», Otlet and his staff gathered together 230,000 cards and arranged them in classified order in 192 boxes. A reception was held for the transfer of this material to the Brazilian ambassador, and to it were invited the diplomatic staffs in France and Belgium of most of the South American states. By the end of 1913 the amount of material sent consisted of 351,697 notices. An extra 33,00 notices were dispatched in July 1914, at which point Masure, the Secretary of the OIB, wrote to the Director of the Library to suggest that perhaps the Office should send second copies of cards already sent to Rio for the construction of an alphabetic author repertory. The cards which had been sent were in the main derived from recent Contributions to the *Bibliographia Universalis*, with one or two exceptional items dating back to the period from 1895 to 1900. It is clear that the problem of obtaining copies of the bibliographies making up the *Bibliographia Universalis* but out of print by 1911 or of other material in the RBU, was insuperable and the 600,000 figure contracted for was apparently never met. Nevertheless a high value was set upon the cards received in Rio from the OIB, and in 1914 an attempt was made to send someone from Brazil to Brussels to study how the OIB worked in order to make greater use of them. Unfortunately the War supervened to make the visit impossible”.

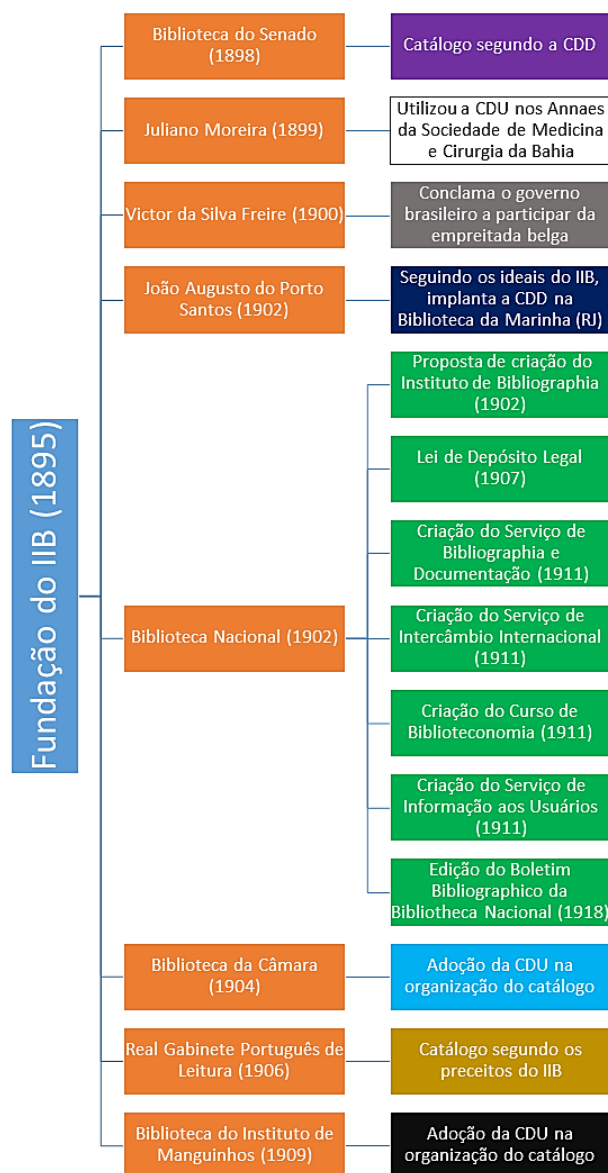


Figura 15: Mapa das primeiras instituições brasileiras a aderirem aos ideais do IIB.
Fonte: elaboração do autor.

Ortega (2004, p. 6), por exemplo, destaca que:

[...] em 1911, o professor de Direito Manoel Cícero Pelegrino [sic] da Silva, diretor-geral da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, criou o Serviço de Bibliografia e Documentação em correspondência com o IIB, com a pretensão de organizar o repertório bibliográfico brasileiro em fichas catalográficas e com uso da CDU, incluindo o tratamento dos artigos de periódicos, como uma contribuição ao controle bibliográfico internacional.

Oddone (2006, p. 47), por sua vez, observa que:

Disponível na literatura brasileira da área desde os trabalhos produzidos por Edson Nery da Fonseca na década de 1950, a ligação entre a Documentação e Biblioteconomia nos conduzia diretamente à figura de Manuel Cícero Peregrino da Silva e às iniciativas por ele implementadas na Biblioteca Nacional durante os anos de 1910 e 1920, traços seguros da entrada do conceito de Documentação no país e da nossa participação no movimento europeu liderado por Paul Otlet (FONSECA, 1957, 1973; RAYWARD, 1996). (ODDONE, 2010, p.4-5).

Nesse sentido, podemos depreender o papel desempenhado por Peregrino da Silva na institucionalização da Documentação no país e ao qual nos ateremos na próxima seção.

4.1 A BIBLIOTECA NACIONAL COMO O BERÇO DA DOCUMENTAÇÃO NO BRASIL

Podemos marcar como início da guinada da Biblioteca Nacional para sua total reformulação o *Projecto do Regulamento para a Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro* (Figura 16). Elaborado em 1902 por Peregrino da Silva, tal documento visava reorganizar os serviços oferecidos pela instituição, bem como seus espaços.

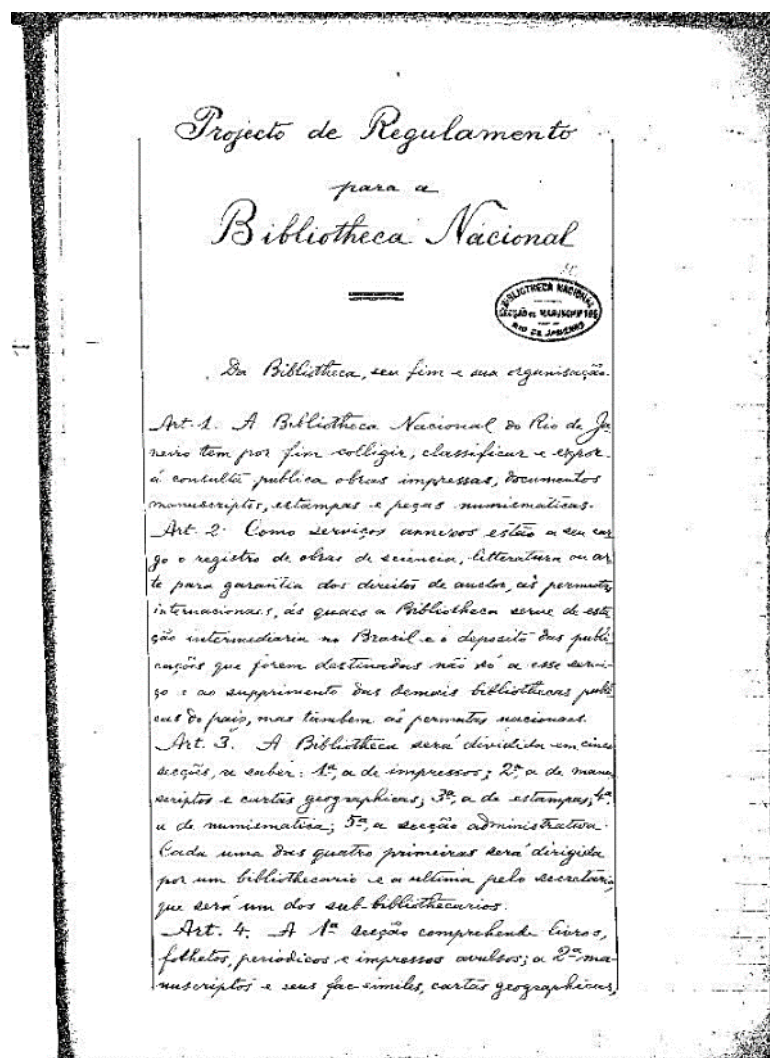


Figura 16: Projecto de Regulamento para a Bibliotheca Nacional.
Fonte: Silva (1902b).

Seguindo a linha temporal (Quadro 11), um segundo marco é o lançamento da pedra fundamental do novo prédio da instituição, em 1905, que representa o primeiro passo concreto

para a reestruturação total pelo qual a BN, segundo Peregrino da Silva frisava desde 1900, deveria passar para melhor atender seus usuários, bem como acomodar o seu acervo. Tal evento, dá início ao planejamento do então diretor da ocupação do novo espaço, sua melhor utilização e, sobretudo, ser a referência para todas as outras bibliotecas do país, refletindo os ideais modernos da reforma em curso na então Capital Federal.

Quadro 11 – Marcos da Gestão Peregrino da Silva (1900-1924)	
1900	Assume a direção da Biblioteca.
1902	Inicia-se o projeto de reformulação do regulamento da Biblioteca.
1905	Lançamento na Avenida Central da pedra fundamental do novo prédio.
1907	Viagem aos Estados Unidos e Europa onde visita as bibliotecas do Congresso Americano, de Nova Iorque, de Leipzig, do Vaticano e de Paris, o Arquivo de Marinha e Ultramar da Biblioteca de Lisboa, o Arquivo e Biblioteca de Haia, o Museu de Amsterdã e o Instituto Internacional de Bibliografia, em Bruxelas.
1907	Regulamentação da Lei de Depósito Legal.
1910	Inauguração do novo prédio.
1911	Lançamento do novo regulamento da Biblioteca. <ul style="list-style-type: none"> • Serviço de Bibliographia e Documentação • Boletim Bibliographico da Bibliotheca Nacional • Serviço de Permutas Internacionais • Serviço de Informações • Curso de Biblioteconomia
1918	Lançamento do Boletim Bibliographico da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro.
1924	Deixa a direção da instituição.

Fonte: elaboração do autor.

Um terceiro marco é a viagem de Peregrino da Silva à Europa e Estados Unidos, visando ver o que de mais moderno se construía em termos biblioteconômicos e bibliotecários em tais lugares – conforme já alertamos, os ideais brasileiros de cultura e erudição eram os da Europa e, desde o final do século XIX, os Estados Unidos começam a cobiçar tal posto.

Perpassando a inauguração do novo prédio em 1910 como quarto marco, o quinto é o lançamento, em 1911, do novo regulamento da Biblioteca, que, conforme prometido em 1902, reformula totalmente a instituição e seu serviços, buscando honrar aquele “magnífico palácio” (SILVA, 1911). Tal cenário se constitui em terreno fértil para a adoção de novas ideias e ideais, assim, o pensamento de Paul Otlet e Henri La Fontaine ganham o imaginário de Peregrino da Silva e este os coloca em prática na Biblioteca aproveitando as oportunidades que o processo oferecia. O então diretor justifica que as mudanças por ele implementadas visavam fazer a BN cumprir seu papel de maior repositório do conhecimento humano da América do Sul (SILVA, 1911). Desta forma nos parece interessante compreender o que sejam bibliotecas nacionais.

As bibliotecas nacionais derivam das antigas bibliotecas reais que, na época dos impérios europeus, serviam de ícone do poder real, sobretudo numa época onde o livro era

extremamente caro e a maioria da população era analfabeta, como símbolo do rei/imperador, sua biblioteca representava o alcance do seu conhecimento e de sua riqueza, evidenciando, através de sua coleção, o poder real – afinal, o livro, enquanto símbolo de erudição, era ao mesmo tempo, uma alegoria de poder, seja ele financeiro ou intelectual (SCHWARCZ; COSTA; AZEVEDO, 2002; BARATIN; JACOB, 2006). De fato, após a queda de grande parte dos regimes monárquicos, o papel das reais é revisto e elas são transformadas, em sua maioria, em bibliotecas nacionais – novamente um símbolo, mas dessa vez como guardiã da memória da nação, do nacional¹⁶¹. Desta forma, a moderna acepção de biblioteca nacional designa:

Uma biblioteca criada e fundada por um governo nacional para servir a nação, mantendo uma coleção abrangente da produção literária publicada ou não sobre a nação como um todo, incluindo publicações governamentais. A maioria das bibliotecas nacionais também são responsáveis pela compilação da bibliografia nacional, e, algumas vezes, servem como depositária legal para obras protegidas pela lei de direito autoral do país¹⁶² (REITZ, c2013).

Ou seja, a missão da moderna biblioteca nacional é salvaguardar a memória documental-bibliográfica de uma nação, preservando aspectos identitários e culturais daquela sociedade, sendo uma de suas atribuições a edição da bibliografia nacional, já citada quando tecemos comentários sobre os ideais de Otlet e La Fontaine.

Não fugindo à regra, a Biblioteca Nacional brasileira foi fundada em 1810, por ordem do então Príncipe Regente de Portugal, D. João VI, sob a denominação de Real Biblioteca, visando ser o espaço de estudo da monarquia e das elites do período (SCHWARCZ; COSTA; AZEVEDO, 2002). Quando o Brasil se torna independente, em 1922, a Real muda de nome, passando a se chamar Biblioteca Imperial e Pública da Corte, demonstrando maior abertura, mas ainda sob os desígnios imperiais, até que em 1878, passa a se chamar Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, o que de certa forma ainda demonstra uma incoerência em sua nomenclatura, uma vez que pertencia à nação, mas, sobretudo, à então capital, o Rio de Janeiro (BIBLIOTECA NACIONAL, 1960b).

Remontando a idos de 1900, vemos que a reforma urbanística implementada por Pereira Passos tinha por objetivo livrar o então Distrito Federal das várias doenças que sazonalmente acometiam a sua população, devido, principalmente, às condições de vida precárias que

¹⁶¹ Fazemos a ressalva de que há inúmeros estudos sobre a disputa pela construção do nacional, mas, por fugir do escopo de nosso trabalho, não nos ateremos a tal temática.

¹⁶² A library designated and funded by a national government to serve the nation by maintaining a comprehensive collection of the published and unpublished literary output of the nation as a whole, including publications of the government itself. Most national libraries are also responsible for compiling a national bibliography, and some serve as the legal depository for works protected by copyright in the country.

levavam. Sob este prisma, os antigos e centenários cortiços que abrigavam grande parte dos habitantes cariocas desde os tempos da Colônia foram derrubados, sob o argumento de que graças à grande aglomeração de pessoas em espaços diminutos o surgimento e a proliferação de doenças era facilitado¹⁶³ (KOK, 2005).

No lugar de tais construções, começam a surgir prédios erguidos de acordo com projetos pré-estabelecidos pelo governo, através de concursos para a aprovação de seus planos, desta forma surge a Avenida Central (atual Avenida Rio Branco). Outro episódio marcante no período foi o início do arrasamento do Morro do Castelo, “certidão de nascimento” da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, onde, a seus pés e em seu entorno, a urbe havia se estruturado desde o século XVI. Sua derrubada teve por justificativa a necessidade de arejar a cidade, bem como livrá-la dos cortiços que também tomavam conta do Morro. Contudo, debate-se se o real objetivo desse ato não teria sido a vontade de se afastar de vez traços urbanísticos de herança portuguesa, vinculados ao atraso e à submissão do país nos séculos anteriores (CARVALHO, 2011).

No bojo de tais mudanças urbanas, o então diretor da Biblioteca Nacional, Manoel Cícero Peregrino da Silva, passou a demandar do governo um novo espaço para a instituição, já que o prédio que ela ocupava no período já não suportava mais a quantidade de obras que a compunham.

Fazia-se necessário um prédio pensado especialmente para a acomodação do acervo. Mais que isso, que traduzisse a carga simbólica que a instituição representava para a cultura, as letras da Capital Federal e a própria identificação que a Biblioteca provia para a nação e o Estado brasileiro, além de um espaço de sociabilidade para os que a freqüentavam (BIBLIOTECA NACIONAL, 2010).

De fato, a iniciativa de Peregrino não era nova, segundo ele mesmo, desde a gestão do Frei Camilo de Monserrate (ver Quadro 12, onde são listados os antecessores de Peregrino da Silva no comando da instituição) um novo espaço para a Biblioteca era reclamado, sendo que este deveria ser condizente com sua importância e com o tamanho de seu acervo, bem como que fosse um símbolo da Nação e da República recém-proclamada (SILVA, 1911). Assim, o personagem declara a Eptácio Pessoa, Ministro da Justiça e Negócios Interiores, no relatório referente ao seu primeiro ano da administração da Biblioteca que:

[...] Não é assumpto em que seja preciso insistir da insufficiencia e má situação do edificio occupado pela bibliotheca desde 1858¹⁶⁴. A necessidade de novo

¹⁶³ Não nos ateremos às questões políticas, mas questiona-se, atualmente, se os reais motivos não eram a retirada dos mais pobres da região, considerada, àquela época, uma das mais nobres da cidade.

¹⁶⁴ Antes da mudança para o prédio atual na Avenida Rio Branco, a BN ocupou o prédio citado neste trecho, situado na atual Rua do Passeio, hoje abrigando a Escola de Música da Universidade Federal do Rio de

edifício impõe-se inilludível pela absoluta falta de espaço para acomodação das aquisições e dos volumes que voltam encadernados. Só a 2ª secção¹⁶⁵ pode por algum tempo esperar. As outras já não têm para onde se estender. Nas salas de leitura da 1ª secção¹⁶⁶, a principal das quaes é um corredor, onde não se penetra bastante luz, acham-se dispostas, ao longo das paredes, estantes repletas de livros, alguns raros, inconveniente a que urge remediar por diffcultar enormemente a fiscalisação. O mesmo acontece na passagem para essas salas.

No actual edificio não é possível dar á consulta publica as condições de commodidade que lhe são necessarias. Por outro lado continúa o edificio exposto ao risco de um incendio, situado entre estabelecimentos de natureza a justificar taes receios, perigo que o meu antecessor debalde se esforçou por fazer cessar.

Não me parece porem conveniente transferir a bibliotheca para algum predio vasto e bem situado, mas que construido para fim diverso não reuna as condições necessarias ao fim todo especial a que teria de ser destinado. Só a construcção de um edificio apropriado poderá proporcionar á Bibliotheca Nacional a installação que ella com todo o direito reclama.

De vós, Sr. Ministro, tudo espero nesse sentido, ligando mais uma vez vosso nome a um nobre commettimento que vos recommendará aos vindouros (SILVA, 1901, 632-633).

Quadro 12 – Diretores da Biblioteca Nacional entre 1810 e 1924

NOMES	PROFISSÃO	PERÍODO NO CARGO¹⁶⁷	NOMES	PROFISSÃO	PERÍODO NO CARGO⁶³
Frei Gregório José Viegas (1753-1840)	Religioso	1810-1921	Frei Camilo de Monserrate (1818-1870)	Religioso	1853-1870
Padre Joaquim Dâmaso (1777-1833)	Religioso	1810-1822	Benjamin Franklin Ramiz Galvão (1846-1938)	Médico	1870-1882
Luís Joaquim dos Santos Marrocos (1781-1838)	Bibliotecário	1824-1838	João de Saldanha da Gama (1835-1899)	Jurista	1882-1889
Frei Antônio de Arrábida (1771-1850)	Religioso	1822-1831	Francisco Leite de Bittencourt Sampaio (1834-1895)	Jurista	1889-1892
Padre Felisberto Antônio Pereira Delgado (1774-?)	Religioso	1831-1833	Francisco Mendes da Rocha (?)	Engenheiro	1892-1894
Cônego Francisco Vieira Goulart (?)	Religioso	1833-1839	Raul d'Ávila Pompéia (1863-1895)	Jurista e Escritor	1894-1895

Janeiro (UFRJ). Entre 1810 e 1858, o acervo da BN ocupou os porões do Convento do Carmo, na região próxima ao Paço Imperial, na Praça XV de Novembro (SCHWARCZ; COSTA; AZEVEDO, 2002).

¹⁶⁵ Seção de Manuscritos.

¹⁶⁶ Seção de Livros e Publicações Periódicas.

¹⁶⁷ Vale ressaltar que até a gestão do Cônego Antônio Fernandes da Silveira era permitida a gestão compartilhada da Biblioteca e, justamente por isso, algumas datas se sobrepõem.

Cônego Antônio Fernandes da Silveira (1795-1862)	Religioso	1837-1839	José Alexandre Teixeira de Melo (1833-1907)	Filósofo	1895-1900
Cônego Januário da Cunha Barbosa (1780-1846)	Religioso	1839-1846	João Carlos de Carvalho (?)	¹⁶⁸	1900
José de Assis Alves Branco Moniz Barreto (1819-1853)	Médico	1846-1853	Manoel Cícero Peregrino da Silva (1866-1956)	Jurista	1900-1924

Fonte: Elaboração do autor com base em Biblioteca Nacional (1960b).

Nessa passagem, o então diretor já evidenciava o seu desejo de um prédio projetado segundo as necessidades da instituição, que a acomodasse dignamente e permitisse aos seus usuários as condições necessárias para o desenvolvimento de suas pesquisas e para a consulta ao acervo, o que corrobora com a afirmação de Bessone (1999), citada anteriormente, de que as bibliotecas buscavam aperfeiçoar seus espaços com vistas a melhor atender o público. Ao longo dos anos, Peregrino da Silva voltou a mencionar o assunto em seus relatórios, insistindo que as condições do prédio da Rua do Passeio (Figura 17) não condiziam com a magnitude e a importância da BN, bem como não ofereciam meios adequados aos seus usuários.



¹⁶⁸ Não conseguimos recuperar informações sobre a profissão de João Carlos de Carvalho.

Figura 17: Fachada do antigo prédio da Biblioteca Nacional (Rua do Passeio).
Fonte: Ferreira (1902).

Diante da reiterada reclamação ao Ministro e do apoio recebido da imprensa¹⁶⁹ (BIBLIOTECA NACIONAL, 2010), Peregrino da Silva obteve, em 1904, autorização para a construção de um novo prédio para a instituição, desta vez de acordo com as suas necessidades, planejado para abrigar os mais variados tipos de itens que uma biblioteca nacional pudesse comportar. Assim, Peregrino da Silva redige em seu relatório de 1904 que:

Attendendo aos justos reclamos da opinião publica e ás reiteradas solicitações d'esta Directoria resolveu o Governo mandar construir o edificio apropriado em que se ha de instalar definitivamente a principal das bibliothecas brasileiras (SILVA, 1905).

O então diretor da BN parece agradecer o empenho do Ministro José Joaquim Seabra¹⁷⁰ (Apêndice A), exaltando o importante papel por ele desempenhado “a favor da nação”, no seguinte trecho:

A resolução para a qual tão poderosamente contribuistes e para cuja prompta execução tendes manifestado o mais decidido empenho é da ordem d'aquellas que recommendam os governos á gratidão nacional (SILVA, 1905).

Peregrino da Silva planejou o novo prédio em conjunto com o arquiteto Sousa Aguiar, buscando construir um edifício apto a receber um acervo do porte da Nacional (SILVA, 1905). Assim, a pedra fundamental do novo edifício da BN foi lançada em 15 de agosto de 1905 (figura 18), contando com a presença de várias autoridades de alto escalão, como o Ministro da Justiça e Negócios Interiores, já citado, e o então presidente da república, Rodrigues Alves (SILVA, 1906; Apêndice A).

¹⁶⁹ Sobre a atuação da imprensa, consultar Andrade (2008).

¹⁷⁰ O então ministro também pertenceu ao movimento da Escola de Recife, segundo Paim (1999).



Figura 18: Lançamento da pedra fundamental no edifício destinado à Biblioteca Nacional.

Fonte: Ferreira (1905).

A inauguração do edifício ocorreu pouco mais de cinco anos depois, no dia 29 de outubro de 1910 (Figura 19), data simbólica para a instituição, uma vez que, nesse mesmo dia, ela completava 100 anos¹⁷¹ de fundação em solo brasileiro pelo então Príncipe Regente, D. João VI, ainda nos tempos do Brasil Colônia¹⁷² (SILVA, 1906).

¹⁷¹ Peregrino da Silva pediu para que fossem afixados acima do frontão do novo prédio as datas em algarismos romanos “MDCCCX” e “MCMX”, como lembrança do centenário da instituição (BITTENCOURT, 1955).

¹⁷² Para mais informações sobre a fundação da Biblioteca Nacional em 1810, consultar Schwarcz, Costa e Azevedo (2002). Nesta obra os autores refazem toda a trajetória da instituição, desde a sua reconstrução após o terremoto que assolou Lisboa em 1755 até a sua compra pelo Império brasileiro, logo após a Independência.



Figura 19: Novo Edifício da Biblioteca Nacional (1910).

Fonte: Ferrez (1910).

É interessante destacar alguns aspectos do discurso de Peregrino da Silva (1911) na solenidade de inauguração do prédio. Ele declarou:

É finalmente uma fulgurante realidade a instalação da Bibliotheca Nacional num edificio para ella construido, isolado, vasto, incombustivel, apropriado.

Triumpharam todos aquelles que se bateram pela generosa idéa.

Era capital o problema do edificio. Teve de atravessar largo periodo até melhor solução, a mais consentanea com as necessidades que deveriam ser consultadas. Ideal acariciado pelos bibliothecarios que me precederam, não foi a falta de esforços que o não conseguiram ver realisado. Destacaram-se nessa campanha o sabio beneditino Frei Camillo de Monserrate, espirito clarividente que comprehendeu nitidamente a situação do estabelecimento confiado á sua superior competencia e, si não obteve que se desse satisfação a todas as necessidades deste, de nenhuma dellas se esqueceu, ao solicitar constantemente do governo providencias que se lhe afiguraram adequadas; o erudito Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, reputado bibliographo, o maior do bibliothecarios que têm passado por este estabelecimento e seu reorganizador, e finalmente, o meu egregio antecessor immediato, o Dr. José Alexandre Teixeira de Mello, poeta, historiador e bibliographo, que deixou as mais evidentes provas do seu seu muito amor á Bibliotheca.

[...]

Acceitando, em 1900, o honroso posto para o qual se dignou de me convidar o Exmo. Sr. Dr. Epitacio da Silva Pessoa, então Ministro da Justiça, impuz-me o dever de concorrer até o limite das minhas energias para o engrandecimento da Bibliotheca. Seria faltar a esse programa deixar de promover a solução do capital problema.

Não penso, porém, que tal colaboração fosse decisiva, desvaliosa como era pela sua procedencia. É que tinha ganho terreno a idéa que encontrei lançada. O momento era propicio. Remodelava-se a cidade. A necessidade, tornada cada vez mais urgente, despertou o acto do Governo. Alisto-me apenas entre aquelles que mais modestamente cooperaram na defesa da justa causa da Bibliotheca e rendo homenagem ao Governo, que, num patriotico impulso, resolveu levantar este monumento (SILVA, 1911, p. 393-394).

Devemos notar que o então diretor não esqueceu seus predecessores, exaltando a contribuição de cada um deles para a chegada daquele momento. Também nos deixa claro que tomou proveito do momento vivido pela cidade e pelo país, repleto de mudanças e transformações, para que o antigo desejo da instituição se tornasse realidade, afinal, “o momento era propicio. Remodelava-se a cidade”; o ato governamental também é lembrado e circunscrito como símbolo do seu comprometimento com a pátria. Além, é claro, de evidenciar o compromisso com o cargo o qual ocupava e com a instituição que dirigia, afinal, era seu “[...] dever de concorrer até o limite das [...] energias para o engrandecimento da Bibliotheca”, demonstrando muito do seu perfil de intelectual a serviço da nação/Estado.

Bessone (1999, p. 19) reafirma tal fato ao observar que:

O período [...] caracterizou-se por grandes transformações que marcaram diversas atividades culturais no Rio de Janeiro. Parte de seu traço arquitetônico colonial foi reformulado a fim de se criar, na administração Pereira Passos, moderno conjunto urbano, moldado nas novidades européias. A Biblioteca Nacional, que através de seus diretores reivindicava grandes transformações, foi uma das beneficiadas com a mudança.

Outro fato interessante é a ligação direta do discurso de Peregrino da Silva com a vontade governamental de transformar o país; logo, as autoridades, seguindo estritamente a “Formação das Almas” enunciada por Carvalho (2011), ergueram Monumentos, e não mais edifícios. Monumentos estes que inscrevem a todas as figuras governamentais no rol dos benfeitores da nação idealizada pelo advento da República, bem como na história desta.

Os locais de leitura foram privilegiados como monumentos urbanos e apreciados pelos mais diversos círculos de leitores. Essas ‘ilhas de letrados’ ajudaram a erigir, por meio de subscrições, a sede do Gabinete Português de Leitura e, mais tarde, puderam apreciar outra magnífica construção: a da Biblioteca Nacional. Grandes palácios, e outros mais discretos, permaneceram como exemplos do papel cosmopolita que se pensou dar à cidade (BESSONE, 1999, p. 177).

Peregrino da Silva ainda não se esquecia de planejar o futuro da instituição e aproveitava o momento para descrever suas metas, bem como para pedir o apoio governamental à nova empreitada:

Conseguida essa grande victoria, resta á Bibliotheca o problema da constituição do pessoal que lhe ha de servir com carinho, interesse e entusiasmo e sem o qual de nada valerão a solidez e a magnificencia desta construcção.

O primeiro problema não exigia mais do que persistência, tenacidade, saber querer e saber esperar. O segundo depende de tantas circunstâncias que, por maiores cautela e garantias de que se tenha de revestir o provimento dos cargos, se me afigura de difficilima solução.

Maiores esforços são agora exigidos, maiores dedicações se fazem necessarias. A constituição do pessoal que a Bibliotheca reclama como condição indispensavel de vida e sem o qual não será verdadeiramente util, precisa ser escoimada de quaesquer influencias estranhas ao seu elevado fim, á rasão de sua existencia, ao papel que lhe é reservado como repositório do saber humano e como centro de cultura e progresso.

Que esse segundo problema tenha solução na altura da que acaba de merecer o primeiro.

É necessario que a Bibliotheca seja sempre digna do monumental edificio que se inaugura (SILVA, 1911, p. 395).

Desta forma, o diretor parecia evidenciar a sua vontade por transformações, e elas não eram poucas. A mudança para o novo e moderno prédio é apenas uma das inúmeras ações implementadas por Peregrino.

Agora, mais do que nunca, se impõe a reorganização da Bibliotheca com augmento do seu pessoal. Auctorizado como se acha o Governo, estou certo de que não mais retardará uma medida que virá completar a obra encetada com a construcção do monumental edificio (SILVA, 1911, p. 396).

Como carro-chefe desse processo, Peregrino da Silva, buscando, ao que parece, oferecer condições para a implementação de seu projeto de modernização institucional, edita um novo regulamento para a Biblioteca Nacional. Publicado no *Diário Oficial da União* em 16 de julho de 1911 (BRASIL, 1911), esse documento, considerado por Fonseca (1973a) um dos mais modernos à época, institucionalizou a busca de Peregrino pela modernização e pela transformação da instituição, fazendo-a cumprir com sua missão de repositório da memória nacional. O então diretor destaca que, dentre as mudanças por ele implementadas:

Merecem destaque as seguintes: modificação na maneira de construir as secções, sendo anexadas as cartas geographicas á secção de estampas, da qual se desmembrou o gabinete de numismatica¹⁷³; separação das publicações periodicas, como um ensaio de hemeroteca; prolongamento da consulta até ás 10 horas da noite; funcionamento aos domingos; substituição do processo de provimento de cargos; curso de bibliothconomia; conselho consultivo; emprestimo domiciliar mediante caução; investigações e estudos em outras bibliothecas, archivos e museus; serviço de bibliographia e documentação; concursos bibliographicos; serviço de informações; consulta por meio de correspondencia; patrimonio; conferencias (SILVA, 1913b, p. 7).

Iniciativas essas que corroboram, também, com a visão de Bessone (1999) de que as bibliotecas visavam melhor atender seus usuários.

De fato, Peregrino também já havia aprimorado e feito aprovar a Lei de Depósito Legal (LDL) instituída pelo Decreto nº 1.825, de 20 de Dezembro de 1907 (BRASIL, 1907), que, já

¹⁷³ Este que, anos após, foi doado ao Museu Histórico Nacional.

em seu artigo primeiro, expõe que “Os administradores de officinas de typographia, lithographia, photographia ou gravura, situadas no Districto Federal e nos Estados, são obrigados a remeter a, Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro um exemplar de cada obra que executarem”. O destaque para esse decreto está no fato de que é ali que, pela primeira vez, a LDL tem alcance em todo o Brasil, pois, antes, a obrigação de cumprir tal lei se restringia apenas aos editores do então Distrito Federal (FONSECA, 1973b). Desta forma, é bem provável que o aperfeiçoamento da Lei tenha relação direta com a missão da Biblioteca de salvaguardar a memória nacional, bem como com outro objetivo institucional, já declarado por Peregrino: o de fazer a BN honrar seu título de maior repositório do saber no país, além de oferecer um acervo mais vasto e atualizado à seus consulentes.

Outro motivo para o estabelecimento da LDL tem relação com o fato do Brasil ter sido um dos primeiros signatários da Convenção de Berna, em 1886, que teve por fim a proteção dos direitos dos autores sobre as suas obras literárias e artísticas. De fato, a BN era a responsável pelo “[...] registro de obras de sciencia, litteratura ou arte para garantia dos direitos autoraes” (BRASIL, 1911) sendo “[...] formalidade indispensavel para entrar no goso dos direitos de autor o registro da Bibliotheca Nacional” (BRASIL, 1898); logo a exigência do depósito legal nos parece ser uma contrapartida com relação a proteção dos direitos dos autores.

Peregrino defende a adesão do Brasil à Convenção observando que:

Em relação ao ante-projecto de revisão da Convenção da União de Berna, remetido em aviso de 4 de Dezembro do anno passado, cabe-me informar-vos que seria para desejar que entre os paizes componentes da União de Berna, que tem por fim a protecção dos direitos dos auctores sobre suas obras litterarias e artisticas, estivesse tambem o Brasil, contribuindo assim para a uniformisação das legislações no tocante á propriedade intellectual.

A Conveção teve logar a 9 de Setembro de 1886 e a União internacional resultante começou a ter existencia a 5 de Dezembro de 1887, della fazendo parte a Allemanha, a Belgica, a Hespanha e [colonias], a França com Argelia e colonias, a Inglaterra, colonias e possessões, a Italia, a Suissa, a Tunisia e o Haiti. Adheriram posteriormente a Dinamarca, o Japão, o Luxemburgo, Monaco e Noruega.

[...]

A disposição capital da convenção é a que consta no art. 2º estabelese que os auctores, que têm seus direitos protegidos num dos paeses da União, ou seus cessionarios, gosem, nos outros paizes, em relação a suas obras, dos direitos que as leis respectivas concedem ou concederem aos [...], sujeitando-se porem ás condições e formalidades prescriptas pela legislação do pais de origem, inclusive o prazo durante o qual a protecção é ahi concedida.

O ante-projecto propõe a esse artigo as seguintes modificações:

1º. Protecção de quaesquer obras daquelles auctores ainda que editadas fora dos paeses da União, independentemente da protecção de que gosem no paiz de origem;

2º. Supressão de qualquer formalidade para o reconhecimento de direitos de auctor;

3º. Unificação do prazo de protecção em todos os países da União (protecção durante a vida do auctor e cincoenta annos depois de sua morte).

São muito diversas de taes disposições que parecem dignas de acceitação, as da lei brasileira nº 496 de 1 de Agosto de 1898.

A adhesão do Brasil á União de Berna, tal como ella é actualmente ou dadas como acceitas as modificações propostas, exigirá que se façam alterações na citada lei. Alem disto depende da solução que venha a ter consulta feita a esse Ministerio a 29 de Dezembro de 1900 pelo então Director interino desta Bibliotheca relativamente á validade da convenção realisada entre o Brasil e Portugal a 9 de setembro de 1889 para a protecção da propriedade litteraria e artística (SILVA, 29 mar. 1909).

Ademais, outro fator relacionado à adesão à Convenção de Berna é a possibilidade de Intercâmbio Internacional, pois na reformulação posta em prática por Peregrino da Silva, seria a BN a responsável por toda a permuta de instituições brasileiras com congêneres estrangeiras, isso significa dizer que a Biblioteca passa a ser o centro de distribuição e recebimento dos mais variados tipos de obras, fato que a Convenção incentivava, agora que as obras estavam protegidas por um acordo internacional. Assim, cabe:

Art. 135. Além dos documentos officiaes e das obras publicadas por ordem do Governo, conforme foi estatuido na Convenção de Bruxellas [sic] de 15 de março de 1886, a Bibliotheca enviará a cada um dos paizes, que tomaram parte na Convenção ou a ella adheriram ou ainda a outros paizes, que fôr conveniente accrescentar, publicações que possam tornar conhecido o Brazil e das quaes adquira exemplares em numere sufficiente, distribuindo-os pelas principaes instituições desses paizes, de conformidade com a natureza de cada uma.

Art. 136. Como estação intermediaria, a Bibliotheca estenderá a quaesquer paizes a sua interferencia, incumbindo-se gratuitamente de:

1º, encaminhar aos diversos estabelecimentos estrangeiros, encarregados desse serviço, as remessas provenientes de instituições scientificas, litterarias, etc., e destinadas a instituições semelhantes;

2º, enviar directamente ás instituições dos paizes, onde não houver estação intermediaria, as publicações que lhes forem destinadas;

3º, receber do estrangeiro e fazer entregar no Brazil as que procederem daquelles estabelecimentos ou instituições, dando prévio aviso aos destinatarios e enviando-as pelo correio, quando esse meio de transporte fôr autorizado (BRASIL, 1911).

Desvelam-se, assim, as permutas como uma forma de propaganda da “ciência nacional” e das instituições brasileiras, sobretudo pelo envio de publicações editadas pelo governo e seus estabelecimentos, talvez esse fato tenha relação com o ideal de construção da imagem do Brasil moderno que tanto ansejavam os homens da República (CARVALHO, 1989). Fato que Peregrino da Silva elucida em seu primeiro relatório à frente da instituição:

Além de ser necessario ampliar relações que tornam conhecido o nosso paiz e redundam em proveito da bibliotheca, que todos os annos vê o resultado vantajoso que aufere da execução d'esse serviço de que foi incumbida, é conveniente fazer deposito de taes publicações para mais tarde envia-las a outras estabelecimentos que porventura entrem para o numero dos que entretêm relações de permuta com a bibliotheca (SILVA, 1901, p. 635).

Um dos reflexos dessa ação é o aumento substancial de instituições com os quais a BN mantinha relações, conforme vislumbramos na Figura 20, onde percebemos que o número salta de 59, em 1900, para 309, em 1922¹⁷⁴, um aumento de mais de 500%.



Figura 20: Evolução do número de instituições internacionais com os quais a BN mantinha contato.

Fonte: Elaboração do autor com base nos relatórios publicados nos Anais da Biblioteca Nacional (1900-1924).

Peregrino da Silva cria, assim, uma rede de informações sob a égide da Biblioteca, cadastrando instituições parceiras nacionais e internacionais, logo, se o número de instituições estrangeiras que mantêm relacionamento com a Nacional aumenta substancialmente, algo diferente ocorre com as congêneres nacionais.

Se em 1900 a BN contava com 97 parceiros no país, tendo correspondentes em quase todos os estados e ainda com os mais variados tipos de instituições – bibliotecas, arquivos, museus, associações, escolas, faculdades, clubes e ministérios estão relacionados nesse grupo, além de pessoas –; o número não aumenta expressivamente como o das correspondentes internacionais, chegando a 142 em 1913 e a 144 em 1922, um aumento de 46%, representando cerca de 1/3 das instituições com as quais a Biblioteca se relacionava, sejam elas nacionais ou estrangeiras. Vale ainda ressaltar a escassez de dados relativos ao contato com instituições nacionais nos relatórios institucionais, sendo a informação mais consistente, a lista de 1913 (Anexo BD) a qual esmiuçamos nos Quadros 13 e 14:

¹⁷⁴ A gestão de Peregrino se dá entre os anos de 1900 e 1924, mas não conseguimos ter acesso aos seus dois últimos relatórios.

QUADRO 13 – Correspondentes por estado¹⁷⁵

Estado	Número de Correspondentes	Estado	Número de Correspondentes
Alagoas	2	Paraíba	2
Amazonas	3	Paraná	2
Bahia	11	Pernambuco	7
Ceará	4	Piauí	1
Espírito Santo	1	Rio de Janeiro	64
Maranhão	1	Rio Grande do Norte	2
Mato Grosso	1	Rio Grande do Sul	8
Minas Gerais	8	Santa Catarina	2
Pará	4	São Paulo	19
Total geral de instituições correspondentes¹⁷⁶			142

Fonte: Elaboração do autor com base em carta de Manoel Cícero Peregrino da Silva ao chefe do Service Belge des Échanges Internationaux. Rio de Janeiro, 12 nov. 1913.

QUADRO 14 – Correspondentes por tipo de instituição

Tipo de Instituição	Número de Correspondentes
Arquivos	5
Bibliotecas	30
Escolas/Faculdades	31
Institutos	18
Ministérios	7
Museus	5
Outros	48
Total	144¹⁷⁷

Fonte: Elaboração do autor com base em carta de Manoel Cícero Peregrino da Silva ao chefe do Service Belge des Échanges Internationaux. Rio de Janeiro, 12 nov. 1913.

Apesar do descaso aparente com as instituições nacionais, nos parece que tal cenário é reflexo do atraso do país com relação ao desenvolvimento da educação, tendo em vista que a carência de espaços científicos de discussão, como observou Schwartzman (2000), provavelmente afeta a construção de espaços com os quais a Biblioteca poderia dialogar. De fato, também nos parece evidente a predileção da instituição por seguir as correntes internacionalistas tão em voga no período e ser um porta-voz do país, além de símbolo da modernização pelo qual a sua capital (metonímia do país, como observa Neves (2003)) passava, além, é claro, de nos parecer que Peregrino enxergava a Nacional como uma líder natural no país, logo, serviria de espelho às outras instituições nacionais.

¹⁷⁵ À época o Brasil possuía 20 estados e o Distrito Federal, não aparecem na relação apresentada apenas o Pará e Sergipe.

¹⁷⁶ A soma de instituições apresentada no quadro é de 142, mas no total são 143. A diferença ocorre porque não conseguimos identificar no documento uma instituição em particular, por causa do frágil estado do papel.

¹⁷⁷ A soma total é de 144 porque existe um Arquivo e Biblioteca e um Museu e Biblioteca, sendo contabilizado para ambos.

Bessone (1999) já alertava que os acervos das instituições, mesmo ocupando magníficos palácios, era deficitário e era apenas uma pálida cópia das congêneres européias, assim, voltando ao tópico, a Lei de Depósito Legal vinha ser uma forma bastante interessante para a Nacional desenvolver seu acervo e cumprir seu papel de guardiã da memória da nação.

A LDL expõe que:

§ 1º Estão compreendidos na disposição legal não só livros, revistas e jornaes, mas também obras musicas, mappas, plantas, planos e estampas.

§ 2º Appicar-se-ha a mesma disposição aos sellos, medalhas e outras especies numismaticas, quando cunhadas por conta do Governo.

§ 3ª Consideram-se como obras differentes as reimpressões, novas edições, ensaios e variantes de qualquer ordem.

[...]

§ 5º No Distrito Federal a remessa de effectuar-se no dia em que a obra for publicada ou entregue a quem a mandou executar, e nos Estados até cinco dias depois da publicação ou entrega, devendo neste prazo ser levados ao Correio os exemplares a tal fim destinados.

[...]

Art. 4º. Os objectos remetidos á Bibliotheca Nacional, em observancia a esta lei, transitarão pelos Correios da Republica com isenção de franquia e gratuidade de registro. devendo o remetente declarar o titulo da obra, os nomes do editor e do autor ou o pseudonymo deste, o logar e a data da edição (BRASIL, 1907).

Desta forma, evidencia-se que a Biblioteca visava recolher obras de acordo com as suas seções, sendo incorporados por força da Lei, além de livros, jornais e revistas, também obras musicais, mapas, plantas, planos, estampas, selos, moedas e medalhas etc. Logo, se em 1900 a BN se dividia em 1ª Secção (Impressos), 2ª Secção (Manuscriptos), 3ª Secção (Estampas e Numismática), após a reforma de 1911, passa a contar com as duas primeiras seções inalteradas e desmembra da terceira seção a parte de Numismática, resultando em: 3ª Secção (Estampas e Cartas Geographicas) e 4ª Secção (Moedas e Medalhas). Tal cenário muda novamente em 1922 quando, por ocasião da fundação do Museu Histórico Nacional, do qual Peregrino foi incumbido de escrever o regulamento, a seção de Numismática é doada a tal instituição.

Assim, no espaço deixado pela seção de Numismática, Peregrino da Silva cria a de Publicações Periódicas, desmembrando-a da seção de impressos, renunciando um desejo que voltaria à tona na década de 1980, quando o Projeto de Hemeroteca Brasileira povoou o ideal dos dirigentes da instituição. Contudo, mais de 100 anos depois, a Hemeroteca Brasileira ainda não é uma realidade¹⁷⁸.

¹⁷⁸ Em 2008, por ocasião das comemorações dos 200 anos de chegada da Família Real ao Brasil, a Fundação Biblioteca Nacional novamente lançou a ideia de construção da Hemeroteca Brasileira, “que tem por objetivo constituir um repositório das coleções de publicações seriadas (jornais, revistas, anuários, boletins técnicos etc.) na zona portuária do Rio de Janeiro” (BIBLIOTECA NACIONAL, [2010]), onde está localizado o prédio anexo da instituição. Contudo, tal iniciativa ainda não saiu do papel.

A hemeroteca ou bibliotheca de publicações periodicas, conservadas em separado, é uma das creações a que nos devemos referir. Funda-se na conveniencia de não deslocar os livros para acudir ao consideravel crescimento das collecções de jornaes e revistas, na de attender ás condições em que se deve fazer a consulta dos grandes volumes, na necessidade do registro de entrada por meio das fichas e na de uma constante verificação das lacunas a preencher.

[...]

As bibliothecas do futuro terão de se dividir em ramos diversos ou occupar varios edificios, entre os quaes se estabeleça rapida communicação.

A hemeroteca constituirá necessariamente um daquelles ramos ou ainda se desdobrará por especialidades (SILVA, 1913, p. 3).

Desenvolver o acervo da Nacional e zelar por este patrimônio era uma das grandes premissas de Peregrino da Silva, mas tornar tal volume de informações acessível de forma rápida e dinâmica também o era, assim, dentre os novos produtos e serviços oferecidos pela Biblioteca podemos destacar a criação do *Serviço de Informações*:

Art. 104. Fica estabelecido um serviço de informações que será installado no vestibulo e do qual se encarregará o empregado que para tal fim fôr designado, cabendo-lhe prestar ao publico informações verbaes que estiverem a seu alcance relativamente á Bibliotheca e a outros serviços publicos, para o que disporá de guias, regulamentos, relatorios e outras publicações [...] que o auxiliem a satisfazer de prompto os pedidos que lhe forem feitos (BRASIL, 1911).

Tal serviço caracteriza, mais uma vez, a BN como um polo de informações, um ponto de paragem (COSTA, 2003) na busca pelas informações. Não por menos, o mesmo regulamento institui o *Serviço de Bibliographia e Documentação* que visava ser a estação brasileira do Repertório Bibliográfico Universal, atuando como um de seus colaboradores e se utilizando das informações ali arroladas. Por certo, a iniciativa de criação do *Serviço* remonta a 1902, onde no “*Projecto de Regulamento para a Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*”, ao qual já nos referimos, Peregrino da Silva propõe a criação:

Do Instituto Bibliographico Brasileiro

Art. 115. É creado e funcionarará annexo á Bibliotheca Nacional o Instituto Bibliographico Brasileiro, cujos fins serão: 1º organizar por meio de cartões e segundo o systema de classificação decimal um repertorio bibliographico, como contribuição brasileira para a constituição da bibliographia universal, abrangendo as obras de auctores nacionaes ou estrangeiros impressas ou editadas no paiz, as de auctores nacionaes impressos no estrangeiro ou ineditas e as de auctores estrangeiros que se occupem especialmente do Brasil, comprehendidos os artigos de periodicos e escriptos de qualquer natureza; 2º adquirir para expor ao exame dos estudiosos, como fará com o repertorio brasileiro, uma duplicata dos repertorios estrangeiros que estiverem organizados e se forem organizando (SILVA, 1902b).

Contudo, a ideia original dizia respeito a uma instituição independente, anexa à Biblioteca. Peregrino da Silva declara, em carta a Louis Masure, secretário do IIB, ao comentar sobre a criação do referido *Serviço* na BN, que “Nós não criamos um serviço independente, porque o governo não o tinha autorizado legalmente na reorganização da Biblioteca. De resto,

penso que será melhor começar modestamente”¹⁷⁹ (SILVA, 28 nov. 1911; ANEXO AN). Assim, apesar da reforma implementada ter encontrado terreno fértil para seu desenvolvimento, nem todas as ações propostas foram encampadas pelo governo; não sabemos o porquê de a criação não ter sido autorizada, mas parece-nos que a ideia de criação de um novo órgão não agradava aos governantes, além do entendimento de que a Nacional teria competência para gerir as propostas ali descritas.

Sete anos depois da criação do protótipo do novo regulamento, em 1909, e no cerne do planejamento da mudança da Biblioteca Nacional para seu novo prédio, Peregrino da Silva escreve ao ministro da Justiça e Negócios Interiores, relatando os fatos ocorridos na *Conferência Internacional de Bibliographia e Documentação*, que se realizou em Bruxelas em julho de 1908:

Sr. Ministro

Por equívoco que só agora pode ser reparado, deixou de ser respondido o Aviso nº 2045 de 9 de Novembro do anno passado¹⁸⁰.

A conferencia Internacional de Bibliographia e Documentação que se reuniu em Bruxellas em Julho de 1908 decidiu promover a organização de um Congresso Internacional de Bibliographia e Documentação, congresso que se reunirá pela primeira vez em 1910, provavelmente ao mesmo tempo que o Congresso Internacional de Bibliothecarios. Ao Instituto Internacional de Bibliographia cabe dirigir os trabalhos preliminares do congresso, constituindo uma commissão central composta dos delegados das diversas commissões nacionaes e associações internacionaes. Em cada paiz as commissões nacionaes procurarão congregar os delegados das grandes bibliothecas, das associações de bibliothecarios, bibliophilos e editores, de modo a serem expressos todos os **desiderata**¹⁸¹.

Estão comprehendidas no programma do congresso todas as questões discutidas naquella Conferencia e as questões connexas que se possam propor, assim como a organização da bibliographia e documentação numa base internacional. Neste sentido a Conferencia submetteu ao Governo Belga um ante-projecto apresentado pelo Instituto Internacional de Bibliographia para a criação de uma “União Internacional de Bibliographia e Documentação”, devendo caber áquelle a iniciativa de convidar os governos estrangeiros.

A documentação no sentido amplo que lhe atribue o Instituto abrange não só os textos manuscriptos e impressos, mas tudo quanto se tem empregado como meio de realisação da [prommoção] intellectual e como meio de transmissão das aquisições do homem no dominio da intelligencia. É a reunião e a coordenação de todos os documentos, conjuncto que representará a experiencia universal.

Mas essa coordenação deve obedecer a uma organização systematica. É consideravel o numero dos documentos existentes e dos que constantemente se produzem em todos os paizes adiantados. Sem uma classificação rigorosa e uniforme, essa massa de documentos graphicos esparsos ficará em grande parte desconhecida dos estudiosos. A documentação vem coordenar os elementos

¹⁷⁹ On n'a pas crée un office indépendant, parce que le gouvernement n'avait d'autorisation législative que pour la reorganisation de la Bibliotheque. Du reste je pense qu'il sera mieux commencer modestement.

¹⁸⁰ O referido aviso não foi recuperado em nossa pesquisa.

¹⁸¹ “As coisas que se desejam e ainda não existem. = ASPIRAÇÃO, DESIDERATO”. (DICIONÁRIO..., c2012).

caracteristicos dos materiaes que a intelligencia humana vae accumulando atravez dos seculos. Ella comprehende a formação de collecções de documentos (manuscriptos, obras impressas, jornaes, revistas, musicas, estampas, photographias, etc.) e a organização de repertorios por meio de fichas. A inventariação e a descripção dos documentos são objectos do **Repertorio Bibliographico Universal**, reunião de todas as bibliographias nacionaes ou especiaes. A coordenação e a analyse dos documentos para a extracção de resumos ou elementos essenciaes são objecto do **Repertorio Encyclopedico Universal**, que, como o repertorio bibliographico, deve estar sempre em dia com os dados obtidos.

Para chegar a taes resultados é indispensavel a cooperação internacional, que só será possivel estabelecendo-se um accordo para a adopção de methodos e planos uniformes e para a formação de grupos autonomos, ligados a um instituto central que dirija os trabalhos, distribua os serviços e organise e conserve as collecções e repertorios adoptados como typo. A **União Internacional de Bibliographia e Documentação** que o Governo Belga procura crear permittirá realizar com a systematização dos esforços esse vasto plano de condensação dos conhecimentos humanos.

Contribuindo com o seu contingente para a execução d'essa obra universal, assumirá o nosso paiz a posição que a extensa bibliographia brasileira exige. Fazendo-se representar no Congresso de 1910 e alistando-se entre os paizes que vão compor a União Internacional de Bibliographia e Documentação, collocar-se-há o Brasil á altura a que lhe dá direito a sua cultura (SILVA, 19 abr. 1909; ANEXO AD).

No momento em que a BN planejava a sua mudança para um novo espaço, enquanto suas técnicas de tratamento de acervo eram revistas, bem como seu regulamento, o termo Documentação aparece na fala do diretor, talvez servindo como guia para as ações que o mesmo colocaria em prática a partir de então. Nesse sentido, é bem provável que o desejo de modernização, aliado à vontade de internacionalização da instituição, tenha impulsionado Peregrino da Silva a fazer parte do projeto de integração mundial proposto por Otlet e La Fontaine.

Como figura interessada na cultura e na promoção do saber, Peregrino da Silva buscava oferecer aos usuários da Biblioteca Nacional o que de mais moderno a Biblioteconomia (e também a Documentação) à época apresentava. É notório que ele compreendia a Documentação como uma técnica de organização de acervo, mas, sobretudo, um projeto em escala mundial que visava ordenar todos os frutos do espírito humano por meio da sua classificação e representação em fichas catalográficas.

A missão de tal empreendimento, como nos elucida o então diretor, é tornar toda informação disponível aos estudiosos, às pessoas, estando essas organizadas segundo preceitos universais e disponíveis a todas as pessoas do mundo, independente de onde tais materiais ou pessoas estivessem. Sendo consorte da iniciativa, provavelmente a Biblioteca se consolidaria como centro de informações, buscando atender aos anseios de seus usuários, bem como às

intenções governamentais de mostrar que o país conta com instituições modernas e que em nada deixam a desejar a seus congêneres europeus.

O cunho internacionalista da proposta belga é evidenciado de forma mais clara quando Louis Masure entra em contato com o embaixador brasileiro em Bruxelas, Oliveira Lima, no ano de 1910, conclamando a participação brasileira junto ao IIB. Escreve ele:

Excelência,

O Instituto Internacional de Bibliografia, em vários congressos internacionais, acontecidos sucessivamente em Bruxelas e Paris, fez aprovar um programa abrangente, projetado para organizar a bibliografia e deixar à disposição dos estudiosos e do público em geral as coleções de obras reunidas pelas grandes bibliotecas do mundo. O programa tem sido comunicado em seu tempo a todos os governos. A ajuda que podem dar para a realização do congresso pode ser poderosa e os benefícios que podem conseguir para seus serviços bibliográficos nacionais podem ser consideráveis. Um novo Congresso está sendo organizado em Bruxelas nos dias 25, 26 e 27 deste mês, a fim de progredir na ideia de um acordo internacional. Ele visa, especialmente, discutir maneiras práticas para arquivar e multiplicar as bibliografias enviadas para a central de nosso Instituto ao longo dos anos. Temos a honra, senhor, de pedir que o vosso governo se faça representar oficialmente nesse evento.

Após um estudo aprofundado do programa preconizado pelo nosso Instituto e dos trabalhos já realizados em conexão com o programa, o governo Argentino acaba de tomar uma importante iniciativa para nós; a criação de um organismo nacional de bibliografia encarregado de estabelecer os serviços em cooperação estreita com o Instituto Internacional e com os seus métodos. Ele possuirá uma duplicata das fichas do Repertório Bibliográfico Universal cujo protótipo manuscrito está em Bruxelas, e que podem ser fornecidas a ele.

Nós temos a honra, excelência, de propor a vosso governo que examine se não seria vantajoso, também, manter relação com nosso Instituto afim de dotar vossos serviços bibliográficos de uma organização conforme os preceitos da documentação internacional, e de utilizar as coleções, que por ora, podemos oferecer para uso.

Seria muito gentil, excelência, que vós fizesse vosso governo conhecer as propostas que nós expressamos nesta carta e aceite os protestos da nossa mais elevada consideração^{182, 183} (MASURE, 23 ago. 1910; ANEXO AH).

A carta foi encaminhada ao então ministro das Relações Exteriores, o Barão do Rio Branco, e, partir daí, não foi possível identificarmos se houve alguma discussão a respeito. Decerto, a Biblioteca Nacional já buscava participar de tal empreendimento, conforme vimos na carta dirigida por Peregrino ao ministro da Justiça e Negócios Interiores.

Uma hipótese para a finalidade desta carta é a de que o IIB buscava a participação do maior número possível de instituições e, mesmo sabendo da predisposição brasileira por meio da BN, buscou diretamente o governo brasileiro. Entretanto, nos planos de modernização da instituição, Peregrino da Silva parece deixar claro o papel de liderança exercido pela Biblioteca Nacional. Nesse sentido, a BN era o órgão responsável pelo contato entre as instituições brasileiras e estrangeiras, incluindo o IIB.

Curioso notar, também, a tentativa de usar o exemplo argentino como uma forma de convencimento das autoridades brasileiras. De fato, alguns de nossos vizinhos, como Peru e Chile, além da Argentina, já haviam fundado suas oficinas bibliográficas e mantinham estreito

¹⁸² Excellence,

L'Institut international de Bibliographie, en divers congrés internationaux réunis succesivement á Bruxelles et á Paris, a fait approuver un programme général ayant pour but d'organiser la bibliographie et de methe á la disposition des savants et du public en général les collections d'ouvrages réunies dans les grandes bibliothèques du monde. Le programme a ete communiqué en son temps á tous les gouvernements. L'aide qu'ils peuvent apporter á la réalisation de l'ouvre peut être puissante et les avantages qu'ils peuvent aux-mêmes en retirer pour leur outillage bibliographique national peuvent être considérables. Un nouveau Congrés est organisé á Bruxelles les 25, 26 et 27 de ce mois, dans le but de faire faire de nouveaux progrès á l'idée d'une entente internationale. Il s'agit specialement de discuter les moyens pratiques d'archévement et de multiplications des répertoires bibliographiques muier sets envoie d'élaboration au siégi central de notre Institut depuis plus incur années. Nous avons l'honneur, Excellence, de prier cotre gouvernement de la fair représenter officiellement á ce bongoes.

Aprés une étude approfondie du programme preconisé por notre Institut et des trovans déjà réalisé en connexion avec ce programme, le gouvernement argentine vient de prendre une initiative assurément importante pour nous, de la création d'un organisme national de bibliographie charge d'établir des services en conexion étrite de méthodes et de cooperation avec l'Institut international. Il possedera notamment un duplicatte des fiches du Répertoire Bibliographique universel dont le manuscrit prototype est á Bruxelles, duplicata que nous avons affert de lui procurer.

Nous avons l'honneur, Excellence de proposer á votre gouvernement de faire examiner s'il n'aurail pas, lui aussi, avantage á entrer en rélatie avec notre Institut avec fins de donner á ses services bibliographiques une organisation conforme aux desiderata de la documentation internationale, et d'utiliser les collections dout, dés á présent, nous pouvons lui offrér l'usage.

Il nous serait agréable, Excellence, qu'il vous plaise fairé connaître á votre gouvernement les désirs que nous exprimons en cette lettre et nous vous prions d'agréeer l'assurance de notre très-haute consideration.

¹⁸³ Oliveira Lima declara na carta que encaminha ao Barão do Rio Branco, ministro das Relações Exteriores, que participará do Congresso como representante do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, mas não recuperamos nos arquivos nem na Revista da instituição informações sobre sua atuação.

relacionamento com o IIB, sobretudo pela figura de Federico Birabén¹⁸⁴, mente por detrás dos três projetos bibliográficos.

Enquanto isso, no Brasil, Peregrino da Silva tenta convencer o ministro de que a participação brasileira em tal empreitada seria de grande valia para a Biblioteca e para o país, sobretudo para a promoção de ambos no exterior, tanto que o congresso ao qual Louis Masure se refere é o mesmo citado pelo então diretor da BN no seguinte ofício, publicado no relatório referente ao ano de 1909:

A adesão á União Internacional de Bibliographia e Documentação acarretará despesas que dependem da extensão que se possa dar á organização dos repertorios brasileiros como contribuição para o repertorio universal da aquisição feita por partes ou de uma só vez de um exemplar quanto possivel completo dos repertorios estrangeiros até agora preparados, do modo pelo qual o Brasil se faça representar no Congressso Internacional de Bibliographia e Documentação a reunir-se em Bruxellas em 1910 e da quota annual venha a ser fixada.

O serviço de organização dos repertorios brasileiros poderá ficar a cargo d'esta Bibliotheca, constituindo o objecto de disposições do novo regulamento a ser expedido.

A aquisição de uma collecção das fichas impressas do repertorio bibliographico universal é-nos indispensavel. Reconhecendo essa necessidade incluí no numero dos moveis que foram encomendados para o novo edificio e já alli se acham dous armarios, cada um com 120 gavetas destinadas a guardar fichas do repertorio de accordo com o formato adoptado pelo Instituto Internacional de Bibliographia, de Bruxellas, menores do que as que são empregadas no catalogos d'esta Bibliotheca, para as quaes, outros moveis foram igualmente pedidos. Estava portanto prevista essa aquisição, que poderá começar por 700.000 fichas approximadamente, numero que poderá ser fornecido pelo Instituto de Bruxellas ao preço de 2 1/2 centimos ou seja a despesa de cerca de 17.500 francos.

Não está fixada a quota com que cada um dos paizes que irão formar a União terá de contribuir annualmente. É uma questão a ser resolvida pelo Congresso Internacional de Bibliographia e Documentação. É provavel porém que seja modica a contribuição a exemplo do que acontece com a União Internacional de Berna para a protecção da propriedade intellectual.

Em taes condições, penso que as despesas a effectuar no primeiro anno, incluída a aquisição das fichas impressas, representação e contribuição annual, não poderão exceder de Rs. 18:000\$000, devendo ficar reduzidas nos annos seguintes á quantia que for fixada pelo Congresso Internacional e a que se destinar á aquisição de novas fichas (SILVA, 1910).

¹⁸⁴ Para saber mais consultar: JUVÊNCIO, Carlos Henrique. **O Mundaneum no Brasil: o Serviço de Bibliographia e Documentação da Biblioteca Nacional e seu papel na implementação de uma rede de informações científicas**. 2014. 190 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Brasília, Faculdade de Ciência da Informação, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2014. E: JUVÊNCIO, Carlos Henrique; RODRIGUES, Georgete Medleg. **Federico Birabén e sua proposta para a Oficina Bibliográfica Brasileira: aproximações e distanciamentos da Documentação na América do Sul** (no prelo).

É nítido que Peregrino da Silva já planejava as ações a serem realizadas em conjunto entre a BN e o Instituto Internacional de Bibliografia, como a compra de fichas do RBU. Parte de um projeto de acesso à informação e de cooperação internacional, o *Serviço de Bibliographia e Documentação* parece também ter recebido atenção especial de Peregrino da Silva, uma vez que, antes mesmo de sua implementação, pelo Regulamento de 1911, o *Serviço* já dispunha de mobiliário adequado para o recebimento das fichas em padrão 7,5cm X 12,5cm, bem como espaço para consulta. Assim, o comprometimento do diretor em fazer a Biblioteca honrar o “palácio” que recebera do governo perpassa por torná-la um centro nacional de informações, seguindo o modelo preconizado por Otlet, onde a escala internacional de intercâmbio geraria um modelo hierárquico de integração, conforme evidenciado pela figura 8, na seção 2.2 (página 86). Importante notar, também, que todas ações nesse sentido foram meticulosamente planejadas e dispunham de orçamento pré-fixado.

Logo, além do serviço de organização dos repertórios, a Biblioteca, a partir do disposto no regulamento de 1911, conforme já explicitamos, seria a responsável pelo intercâmbio de instituições nacionais com as congêneres estrangeiras. Isso posto, ao observarmos a figura 8, temos ao centro o *Mundaneum* ou a União das Associações Internacionais, como organismo internacional o IIB, a Biblioteca como o organismo regional e os demais subordinados à ela, ou seja, qualquer contato com o *Mundaneum* ou IIB, por exemplo, deveria passar pelo intermédio da Nacional.

Com tal finalidade, em março de 1911, enfim, abriram-se as negociações entre a BN e o IIB, para que a Biblioteca pudesse comprar junto ao Instituto as fichas do Repertório Bibliográfico Universal. Essa ação era uma das maneiras encontradas por Otlet e La Fontaine (1895) para custear o projeto do IIB e difundir o RBU ao redor do globo. Peregrino da Silva escreve então ao secretário do Instituto, Louis Masure:

Durante minha estadia em Bruxelas [em 1907], tive o prazer de lhes fazer uma visita a fim de obter informações sobre as fichas do Repertório Bibliográfico Universal que eu desejo adquirir para esta Biblioteca.

Eu preciso, agora, de uma coleção destas fichas, sendo as mais completas possíveis e ordenadas alfabeticamente, gostaria que me dissesse o preço pelo qual podemos obtê-las e o tempo necessário para recebê-las.

Aguardando sua resposta, por favor, senhor secretário, aceite os meus protestos da mais elevada consideração¹⁸⁵ (SILVA, 21 mar. 1911; ANEXO AD).

¹⁸⁵ Pendant mon séjour a Bruxelles j'ai eu le plaisir de vous [renraindre] visite et d'obtenir quelques renseignements sur les fichas du répertoire bibliographique universel que je voulais acheter cette Bibliotheque.

J'ai besoin maintenant d'une collection de ces fiches la plus complete qu'il sera possible, ordonnés alphabétiquement et je vous prie lo me dire le prix auquel on pourra l'obtenir et le temps qui sera nécessaire pour la recevoir.

Masure responde a carta em 9 de maio de 1911, dizendo que:

Para responder à questão específica que vós me pedistes, tenho a honra de informá-lo que posso lhe fornecer uma cópia das fichas do Repertório Bibliográfico ao valor de 25 francos por cada 1000 fichas classificadas de acordo com o nome do autor, fontes, etc.

Por favor, permita-me fazer uma observação: Eu acho que seria muito benéfico para a sua biblioteca possuir, ao mesmo tempo, um repertório alfabético e um repertório metódico, assim a Biblioteca do Rio de Janeiro irá disponibilizar aos seus visitantes uma variedade maior de informações.

Quanto à questão do tempo necessário para este trabalho, ele estaria sujeito ao envio, pelo Governo brasileiro, de metade do montante a ser pago com vistas a termos maior velocidade¹⁸⁶ (MASURE, 9 maio 1911; ANEXO AK).

Percebe-se que o desejo de dispor das fichas do RBU no espaço da Biblioteca já tinha um preço: 25 Francos a cada 1.000 fichas. Restava então a autorização do governo para que tal quantia fosse empregada na compra. Brevemente Peregrino escreve ao ministro Rivadavia Corrêa em 10 de junho de 1911, declarando:

Tenho a honra de solicitar que vos digneis de me conceder auctorisación para encomendar ao Instituto Internacional de Bibliographia de Bruxellas uma collecção de fichas do repertorio bibliographico universal que vae sendo organizado pelo mesmo Instituto.

Não é preciso encarecer a importancia do repertorio nem a necessidade de que exista no Brasil e neste estabelecimento um exemplar dessa collecção de fichas. Seriam aliás necessarias duas collecções, uma disposta em ordem systematica e outra em ordem alphabetica. Poderá porem ser encomendada por ora a collecção systematica ou uma grande parte d'ella para depois ir sendo completada e pouco a pouco accrescida da collecção alphabetica.

Entre os moveis americanos, cuja aquisição foi auctorisada por esse Ministerio e effectuada antes de ser inaugurado o edificio da Bibliotheca estão dous armarios, cada um com 120 gavetas, destinados ás fichas do repertorio, para o qual foi reservada uma das salas do 2º andar.

Tendo-me dirigido por carta ao Secretario d'aquelle Instituto a fim de saber em que condições podia ser fornecida uma collecção das fichas do repertorio, acabo de ser por elle informado de que o preço será de 25 francos por 1000 fichas, sendo porem necessario que o Governo Brasileiro lhe adiante a metade da quantia em que importar a encomenda.

Em attendant votre réponse je vous prie Monsieur le Secrétaire, d'agréer l'assurance de ma parfaite consideration.

¹⁸⁶ Pour répondre à la question précise que vous me posez, j'ai l'honneur de vous faire savoir que je puis vous fournir une copie des fiches du Répertoire Bibliographique Universel à raison de 25 francs les 1000 fiches collées, classées avec retranscription des noms d'auteur, des sources, etc.

Veillez me permettre de vous faire une remarque : je crois qu'il serait très avantageux pour votre bibliothèque de posséder en même temps que le répertoire alphabétique un répertoire méthodique ; la Bibliothèque de Rio de Janeiro pourra ainsi mettre à la disposition de ses visiteurs toute une mine de renseignements.

Quant à la question du laps de temps nécessaire à ce travail ; il serait subordonné à l'envoi, par le Gouvernement Brésilien, de la moitié de la somme que pourrait l'effecteur dans les conditions de rapidité les meilleures.

Penso que poderão ser encomendadas 600.000 fichas do repertorio systematico, elevando-se assim a 15000 francos o preço total e a 7.500 francos a quantia que, no caso de ser concedida a auctorisación, peço seja adeantada ao Secretario do Instituto Internacional de Bibliographia, em Bruxellas, por intermedio da Delegacia do Thesouro Brasileiro em Londres e por conta da sub-consignação “Permutações e documentação. Investigações, etc.” da rubrica nº [84] do Orçamento d’esse Ministerio.

Na “documentação”, no sentido que lhe atribue aquelle Instituto, está comprehendido repertorio bibliographico, conforme tive occasião de expor em officio nº 73 de 19 de Abril de 1909¹⁸⁷ (SILVA, 10 jun. 1911; ANEXO AL).

Nesta carta, podemos perceber o quanto Peregrino da Silva considerava importante a aquisição das fichas: sua fala não deixa dúvidas de que a compra é de suma importância para o desenvolvimento da Biblioteca como instituição e como disseminadora da informação. Parece-nos, inclusive, que a comunicação ao ministro é uma mera formalidade, e que a decisão já estava tomada: seriam encomendadas 600.000 fichas do Repertório Bibliográfico Universal junto ao Instituto Internacional de Bibliografia.

Tal quantidade de fichas, conforme cita Rayward (1975), foi a maior encomenda recebida pelo IIB ao longo de sua história. Nesse sentido, parece-nos que o plano de Manoel Cícero Peregrino da Silva era o de mostrar ao mundo a grande instituição que o Brasil possuía, além de oferecer aos seus usuários a maior fonte de informação mundial do período¹⁸⁸.

Em 4 de julho de 1911, Peregrino da Silva escreveu novamente ao secretário do Instituto, dizendo:

Acusando o recebimento de vossa carta de 9 de maio, tenho o prazer de anunciar que fui autorizado pelo Ministro de Negócios Interiores a encomendar 600.000 fichas de vosso repertório metódico, no valor de 15.000 francos, dos quais metade (7.500 francos) lhe pagarei por meio da sucursal do Tesouro Brasileiro em Londres. A Ordem de Pagamento será emitida e eu vos avisarei.

Por não saber o número exato que vós podereis me fornecer, eu fixei o máximo de 600.000 no ano corrente. Eu preciso de uma coleção completa de fichas do repertório metódico, e outra do Repertório Alfabético que será encomendado depois.

É indispensável que, ao menos, metade da quantidade encomendada seja enviada a tempo (SILVA, 4 jul. 1911; ANEXO AM)¹⁸⁹.

¹⁸⁷ Citado anteriormente.

¹⁸⁸ Segundo Louis Masure cita, em carta de 29 de novembro de 1911, o RBU contava então com mais de 10 milhões de fichas.

¹⁸⁹ En vous accusant réception de votre honorée du 9 Mai, j’ai le plaisir de vous annoncer que je viens d’être autorisé par Monsieur le Ministre des Affaires Intérieures a vous commander 600.000 fiches du répertoire méthodique, ou scient 15.000 francs, dont la metié (7.500 francs) vous bientôt payée d’avances par l’intermédiaire de la succursale du Trésor Brésilien à Londres. Lorsoue [l’ordre] do paiement [aura] été expédié je vous en donnerai avis.

En ne connaissant pas exactement le nombre de fiches que vous pourrez fournir, j’ai fixé ce maximum (600.000) pour l’année courante. J’ai besoin d’une collection complete des fiches du répertoire méthodique, ainsi qu’une autre du Répertoire Alphabetique, laquelle sera commandée plus terd. Je vous prie de me dire combien de fiches vous pourrez fournir jusou’à la fin de 1911.

Dias após o envio desta carta, o Novo Regulamento da Biblioteca Nacional finalmente foi publicado, estabelecendo:

Art. 137. O serviço de bibliographia e documentação, em correspondencia com o do Instituto Internacional de Bibliographia de Bruxellas, abrangerá:

1º, a organização, segundo o systema de classificação decimal e por meio de fichas, do repertorio bibliographico brasileiro como contribuição para o repertorio bibliographico universal, de modo a comprehender as obras de autores nacionaes ou estrangeiros, impressas ou editadas no paiz, as de autores nacionaes, impressas no estrangeiro ou ineditas e as de autores estrangeiras que se occuparem especialmente do Brazil, incluidos os artigos insertos em publicações periodicas e os escriptos de qualquer natureza;

2º, a impressão dessas fichas para serem expostas á venda ou permutadas por fichas de repertorios estrangeiros;

3º, a aquisição de um exemplar de cada uma das fichas que constituem os repertorios estrangeiros, já organizados e que se forem organizando;

4º, a cooperação da Bibliotheca na organização do repertorio-encyclopedico universal;

5º, a organização do catalogo colectivo das bibliothecas brasileiras;

6º, o uso publico dos repertorios e do catalogo colectivo (BRASIL, 1911).

Tendo como metas as propostas do Instituto Internacional de Bibliografia, o *Serviço de Bibliographia e Documentação* surgiu para finalmente legitimar o contato profícuo que vinha se construindo entre as duas instituições. Ele ratificou a participação brasileira no ideal internacionalista de Otlet e La Fontaine, bem como colaborou com a construção de uma rede de informações no Brasil, principalmente por meio de catálogos coletivos e das fichas do RBU.

Encomendadas as fichas, Peregrino da Silva envia nova carta ao IIB em 12 de agosto de 1911 (ANEXO AN), informando que a ordem de pagamento da primeira metade do valor já tinha sido emitida pelo Tesouro Brasileiro. Em carta do dia 19 de setembro de 1911, confirmado o recebimento do valor enviado ao Instituto, Louis Masure dizia que enviaria as fichas classificadas segundo o repertório metódico (CDU) e ressaltava, novamente, que “Elas deverão ficar à disposição do público do Brasil¹⁹⁰” (ANEXO AO).

A insistência de Masure para que as fichas fossem disponibilizadas ao público tem relação com o ideal de acesso e disseminação da informação apregoados por Otlet e La Fontaine; desta forma, ele está em consonância com os objetivos do RBU, que traz a noção de que o Repertório devia ser um instrumento de pesquisa a ser disponibilizado em todos os centros intelectuais, além de estipular que ele deveria estar totalmente disponível ao público (OTLET; LA FONTAINE, 1895).

Il est indispensable que la moitié, au moins, de la quantité commandée soit envoyée jusqu'a a temps-la.
¹⁹⁰ Elles pourront ainsi et telles qu'elles être mises à la disposition du public intellectuel du Brésil.

Na carta seguinte, Peregrino da Silva comentou a criação do *Serviço de Bibliographia e Documentação*, que, apesar de se materializar a partir dos planos que o diretor tivera há anos, só se institucionalizou com a publicação do Decreto nº 8.835, de 11 de julho de 1911, já citado, que aprova o novo regulamento da Biblioteca Nacional. Peregrino diz que:

Acredito que você não tem tempo para me entregar este ano as outras 300.000 fichas que completariam a primeira encomenda, mas não importa, porque vou tentar renovar para o próximo ano, já que o pagamento se encontra autorizado e posso fazê-lo assim que for necessário. Me envie as primeiras fichas (300.000) assim que estiverem prontas, este ano ou no próximo.

Você recebe uma cópia do nosso regulamento em vigor desde 11 de julho, com o Serviço de Bibliografia implementado. Nós não criamos um serviço independente, porque o governo não o tinha autorizado legalmente na reorganização da Biblioteca. De resto, penso que será melhor começar modestamente (SILVA, 28 nov, 1911; ANEXO AP)¹⁹¹.

É importante ressaltar, nesta carta, que Peregrino da Silva deixava clara a intenção da Biblioteca de comprar mais fichas do Repertório, já que a BN dispunha de verba reservada a esse fim, evidenciando a vontade do dirigente de tornar a instituição brasileira um centro de informações da estirpe do *Mundaneum*, aquilo que que o IIB se tornaria mais tarde, obviamente, resguardadas as devidas proporções, contextualizando-se a situação brasileira.

Peregrino ainda declarava que a parte do regulamento da Biblioteca referente à Bibliografia e Documentação estava em consonância com o que ele teve contato, por ocasião da sua visita ao Instituto.

Masure respondeu em correspondência de 29 de dezembro de 1911, declarando que havia convidado o embaixador do Brasil em Bruxelas à época, Oliveira Lima, para receber a primeira remessa de fichas do RBU ao Brasil, que totalizava àquela altura 192 caixas, com um total de 230.000 fichas (ANEXO AR). O secretário ainda explicava que as caixas seriam enviadas pelo serviço de intercâmbio internacional¹⁹², e que tinha recebido o Regulamento da

¹⁹¹ Je crois bien que vous n'avez pas le temps pour fournir cette année les autres 300000 fiches qui completeront la première commande, mais ça ne fait rien, parce que je tacherai de la renouveler l'année prochaine, que le paiement déjà autorisé ait [ou] lieu ou se fasse bientôt voila ce qu'il est nécessaire. Vous m'enverrez les premières fiches (300000), lorsqu'elles seront prêtes, cette année ou l'année prochaine. Vous recevrez sous bande un exemplaire de notre règlement en vigueur, expédie le 11 juillet, le Service de Bibliographie y étant compris. On n'a pas crée un office indépendant, parce que le gouvernement n'avait d'autorisation législative que pour la reorganisation de la Bibliotheque. Du reste je pense qu'il sera mieux commencer modestement.

¹⁹² A literatura não indica, mas nossas pesquisas nos fazem crer que o serviço de intercâmbio internacional ao qual Louis Masure se refere é o da *Commission Royale Belge des Echanges Internationaux*, ligado ao *Ministère des Sciences et des Arts* do país.

Biblioteca citado na carta anterior, expondo que esse seria um dos temas do próximo número do *Bulletin de l'Institut International de Bibliographie*¹⁹³. Dizia ainda que:

Carregamentos adicionais serão enviados.

Peço-lhe, que me faça o favor de marcar todas as sugestões sobre o trabalho que assumi pessoalmente a direção.

Eu não queria, de fato, enviar-vos essas fichas classificadas por partes do mesmo índice, mas sem serem classificadas, contudo quero lhe enviar um trabalho abrangente que demandará um longo tempo para verificação, tenho certeza que vós e o seu governo ficarão satisfeitos com o trabalho apresentado.

Já recebi a soma de 7.500 francos (MASURE, 29 dez. 1911, ANEXO AR)¹⁹⁴.

O recebimento das fichas pelo embaixador brasileiro se tornou um evento diplomático. Rayward (1975) comenta que vários embaixadores, principalmente dos países sul-americanos, notadamente os do Uruguai, da Argentina, do Paraguai e do Chile, foram convidados para o evento. A carta enviada aos embaixadores dizia:

Temos a honra de convidá-lo para vir à sede de nosso Instituto (Rua do Museu, 1), assistir à partida para o Brasil das duplicatas do Repertório Bibliográfico Universal destinadas à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, cuja remessa será recebida por Sua Excelência senhor Oliveira Lima, dia 1º de dezembro às 2 horas da tarde.

Desde 1895, data da fundação do Instituto Internacional de Bibliografia, o trabalho tem sido contínuo e na base da ampla cooperação com vistas a fornecer um inventário completo de todos os trabalhos produzidos, por meio de duplicatas, em todos os grandes centros, como parte de um inventário que pode ser muito útil. O Repertório Bibliográfico Universal inclui hoje cerca de 10 milhões de entradas em fichas classificadas por assunto e nomes de autor. A duplicata que o governo brasileiro encomendou para a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro é a primeira cópia do repertório que nós estabelecemos de forma mais ampla. A experiência parece-nos concluída. Ela nos coloca, enfim, como capazes de oferecer condições vantajosas àqueles Estados que desejem duplicatas semelhantes para que suas Bibliotecas Nacionais sejam dotadas de um instrumento de trabalho que concentra todo o esforço no domínio do pensamento.

Acreditamos, senhor, que possa vos interessar em verificar o trabalho, assim, vos convidamos a vir e que possa sugerir a vosso governo à aderir oficialmente aos congressos internacionais sobre a cooperação dentre aqueles que são interessados nas coleções documentárias internacionais.

Esta nos é, pessoalmente, uma circunstância especial que nos permite enviar-lhe este convite.

¹⁹³ Não conseguimos acesso a tal obra porque a Biblioteca da Câmara dos Deputados, em Brasília (DF), não conter o número supracitado.

¹⁹⁴ Les envois complémentaires suivront très prochainement.

Vous aures, je vous prie, la bienveillance de me faire toutes les remarques que vous suggéront le travail dont j'ai assumé personnellement la direction.

J n'ai pas voulu, en effet, vou envoyer ces fiches classées par partie et même indexées mais non classées, mais j'ai tenu à vous adresser un travail d'ensemble qui a demandé un long temps pour la vérification et la mise en ordre et j'ai tout lieu de croire que vous Gouvernement et vous-mem serez satisfait du travail présenté.

Bien reçu également la some de 7500 francs.

Queira aceitar, excelência, os protestos de nossa mais elevada consideração (MASURE, 29 nov. 1911; ANEXO AQ)¹⁹⁵.

Esta carta reafirma o desejo do IIB de construção de uma rede de informações em nível mundial, dado o seu tom propagandista evidente. Também nos soa intencional a escolha dos destinatários, pois, ao que parece, a articulação entre países fronteiriços também era interessante ao Instituto, principalmente se observarmos novamente o modelo de organização e de cooperação internacional de Paul Otlet (1934). Sendo assim, a todo momento o Instituto reforçava o seu caráter internacionalista, buscando mais adeptos aos seus ideais.

A carta-convite parece também corroborar com a nossa tese de que o Instituto desejava ter o maior número possível de correspondentes, uma vez que, dos países aos quais a correspondência foi destinada, apenas o Uruguai parecia não ter uma oficina ou serviço bibliográfico.

Após alguns meses de silêncio, em 11 de junho de 1912 Peregrino da Silva voltou a escrever ao secretário do Instituto, dizendo:

As fichas que vós enviastes e havia mencionado na sua carta de 29 de dezembro de 1911 chegaram em boas condições.

Eu gostaria de saber se as outras fichas do repertório metódico estão sendo preparadas e se posso esperar que elas me sejam remetidas em breve.

Tendo feito o pedido de 600.000 fichas, gostaria imensamente de receber até dezembro aquelas que completam essa quantidade (SILVA, 11 jun. 1912; ANEXO AS)¹⁹⁶.

¹⁹⁵ Excellence,

Nous avons l'honneur de vous inviter à venir, au siège de notre Institut (1, rue du Musée), ayant son départ pour le Brésil, le duplicata du Répertoire Bibliographique Universel destiné à la Bibliothèque Nationale de Rio de Janeiro, et dont remise sera faite à Son Excellence Monsieur de Oliveira Lima, le vendrait 1er décembre à 2 heures de l'après-midi.

Depuis 1895, date de la fondation de l'Institut International de Bibliographie, des travaux se poursuivent sur la base d'une coopération très étendue afin de constituer un inventaire général de la production de tous les travailleurs, par voie de duplicata, dans tous les grands centres, les parties de cet inventaire qui peuvent leur être utiles.

Le Répertoire Bibliographique Universel comprend à ce jour environ 10 millions de notices sur fiches classées par matières et par noms d'auteur. Le duplicata que le Gouvernement du Brésil nous a demandé pour la "Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro" est la première copie du répertoire prototype que nous ayons établie jusqu'à ce jour sur une base aussi étendue. L'expérience nous paraît conclure. Elle nous met enfin à même de pouvoir offrir dans des conditions évantageuses des duplicatas similaires à tous les Etats qui voudraient doter leur Bibliothèque Nationale d'un instrument de travail qui concentre tout l'effort dans le domaine de la Pensée.

Nous estimons, Excellence, que vous prenez intérêt à examiner le travail que nous vous invitons à venir voir et qu'il vous suggérera certainement des propositions à faire à votre Gouvernement Celui-ci a adhéré officiellement à plusieurs des Congrès Internationaux avec la coopération desquels sont entreprises nos collections documentaires internationales.

Ce nous est, persons-nous, une circonstance qui nous autorise spécialement à vous adresser la présente invitation.

Nous vous prions d'agréer, excellence, l'assurance de notre haute considération.

¹⁹⁶ Les fiches que vous avez envoyées et dont vous avez parlé dans votre honorée du 29 Décembre 1911 ont été reçues on bonnes conditions.

Peregrino da Silva obtém como resposta do secretário Masure, em 10 de julho de 1912, o seguinte:

Acabo de receber vossa carta me informando que as fichas chegaram bem. Espero que essa remessa, depois de um longo tempo de espera, seja igualmente recebida por vós e peço que me avise sobre o estado das fichas quando elas chegarem e a sua satisfação com o trabalho.

Gostaria muito de saber em qual data a remessa chegou, a fim de saber qual o tempo necessário para a entrega.

[...]

PS: Eu estou preparando a segunda parte da encomenda e ela será enviada em pouco tempo, eu esperava notícias suas para enviar essa segunda parte¹⁹⁷ (MASURE, 10 jul. 1912; ANEXO AT).

A última carta enviada pela BN que tivemos acesso foi enviada por Peregrino da Silva a 29 de julho de 1912, dizendo:

Acusando o recebimento de sua carta do dia 10 do corrente, faço-o saber que as caixas que contém as fichas que vós me enviastes através do intermediário do Serviço Belga de Intercâmbio foram recebidas em 2 de março de 1912.

Espero que me envie em breve a segunda parte da minha primeira encomenda e queira aceitar, senhor Secretário, os protestos de nossa mais elevada consideração¹⁹⁸ (SILVA, 29 jul. 1912; ANEXO AU).

A carta foi respondida em 2 de setembro daquele ano, confirmando a remessa, por meio do Serviço Belga de Intercâmbio Internacional, em 19 de agosto, de 71 caixas, compreendendo 1.400 fichas cada. Na ocasião, o secretário também avisava que em breve enviaria o inventário¹⁹⁹ do que foi remetido à Biblioteca (MASURE, 12 set. 1912; ANEXO AV).

Je viens vous prier de me faire savoir si les autres fiches du répertoire méthodique sont en préparation [et] si je peux espérer qu'elles me soient envoyées cette année.

Ayant fait une première commande de 600.000 fiches, je [désirerais] beaucoup recevoir jusqu'à Décembre celles qui compléteront cette quantité.

¹⁹⁷ J'ai bien reçu votre lettre m'informant de ce que les fiches vous sont bien parvenues. J'attendais cette nouvelle depuis longtemps et espérais également recevoir votre avis sur l'état des fiches à l'arrivée et la satisfaction que vous aviez le travail.

Je serais heureux de savoir à quelle date le colis vous est parvenu afin de pouvoir me rendre compte du laps de temps nécessaire aux envois.

[...]

PS: Je fais préparer la seconde partie de la commande et elle vous sera envoyée très prochainement, je comptais l'attendre de vos nouvelles pour l'envoi de cette deuxième partie.

¹⁹⁸ En accusant réception de votre lettre du 10 courant, je viens vous [faire] savoir que les caisses qui contenaient les fiches que vous avez envoyées par l'intermédiaire du Service Belge des Échanges Internationaux ont été reçues le 2 Mars 1912.

J'espère que vous m'enverrez bientôt la seconde partie de ma première [commande] et vous prie d'agréer, Monsieur le Secrétaire, l'assurance de ma [parfaite] considération.

¹⁹⁹ Segundo nossa pesquisa tal inventário só foi remetido à Biblioteca em 1914, anexo à carta escrita por Louis Masure em 27 de julho, ao diretor da Biblioteca Nacional (ANEXO BG).

Pelos nossos cálculos, pouco menos de 330.000 fichas chegaram à Biblioteca Nacional, ou seja, 55% do montante encomendado em 1911. Como prova histórica a Biblioteca ainda conserva, na Divisão de Manuscritos, parte do conjunto de fichas que um dia compuseram o seu *Serviço de Bibliographia e Documentação*. São aproximadamente 1.800 fichas acondicionadas numa caixa feita de papelão simulando uma gaveta de fichário, com 31 cm de profundidade, 15 cm de largura e 10 cm de altura, classificadas pela CDU entre os números 016:292 e 016:59.82 (Figura 21).

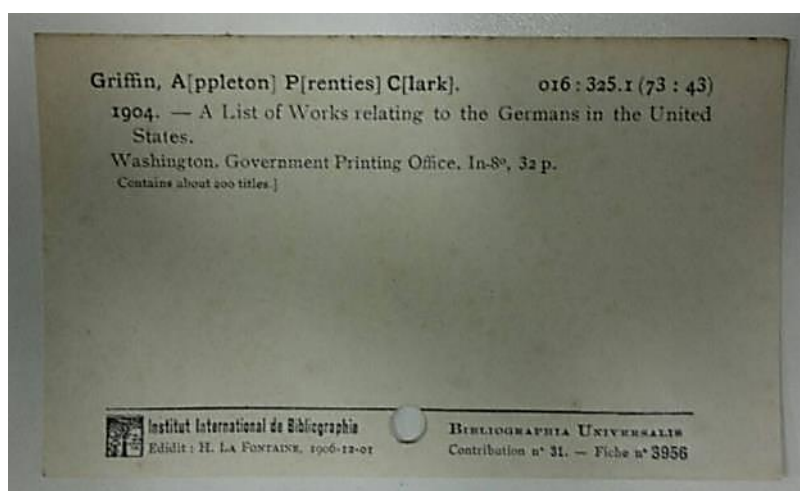


Figura 21: Ficha do Repertório Bibliográfico Universal enviada à Biblioteca Nacional.

Fonte: FICHAS do Instituto... (Divisão de Manuscritos).

Por fim, Peregrino estabeleceu, por meio do Regulamento de 1911, ainda seguindo a proposta de Otlet e La Fontaine (1895), os Concursos Bibliográficos:

Art. 130. A Bibliotheca abrirá de dous em dous annos um concurso bibliographico e premiará o melhor trabalho inedito de bibliographia nacional que lhe fôr apresentado, premio que consistirá em ser por ella adquirido o manuscrito e em ser este por sua conta impresso, cabendo ao autor cincoenta exemplares (BRASIL, 1911).

Talvez tal concurso tivesse em vista manter em dia a Bibliografia Nacional e organizar bibliografias especializadas, em consonância ao projeto de inventário de toda a produção do espírito humano propagado pela dupla de advogados belgas. De fato, percebemos uma grande influência dos ideais documentalistas de Otlet e La Fontaine na Biblioteca Nacional, para além da construção de seu *Serviço de Bibliographia e Documentação*, conforme Otlet (1934) professa, a instituição adere à movimentos internacionais, como a União de Berna, coloca-se como ponto de paragem com a fixação do seu papel como estação intermediária do contato entre estabelecimentos brasileiros e estrangeiros, cujo maior expoente é o Serviço de

Intercâmbio Internacional. Seguindo a premissa internacionalista, edita uma nova Lei de Depósito Legal que, por outro lado, também assegura o enriquecimento de seu acervo.

Como um centro de informações, a Biblioteca cria um serviço específico para auxiliar as pessoas a acharem o que desejam, mesmo que não seja na própria instituição. Reorganiza seus acervos, de modo a melhor acomodá-los e a trata-los sob os preceitos da Documentação. Estimula a criação de bibliografias seja pela proposta dos concursos bibliográficos, seja por estar previsto na LDL e nas obrigações do *Serviço de Bibliografia e Documentação*, fato que melhor detalharemos à frente.

É inegável, então, o quão as ideias e os ideais difundidos por Otlet, La Fontaine e o IIB tiveram forte influência na Nacional, fato esse que pode ser explicado pela tendência de Peregrino da Silva de se inspirar/espelhar no moderno, bem como o fato de que o momento vivido pela instituição favorecia o florescimento e a adoção de novos pensamentos. Contudo, o então diretor vai além e propõe a criação do Curso de Biblioteconomia; não que tal ideia nunca tivesse sido discutida no âmbito do IIB, mas é a única das iniciativas a não figurar no *Traité* (OTLET, 1934). Ele cria o Curso visando preparar profissionais aptos aos serviços executados pela instituição (SILVA, 1910, p. 772), sendo assim organizado:

Art. 34. O curso de biblioteconomia constará das seguintes materias que constituirão uma só serie e de cujo ensino serão encarregados os directores de secção:

- a) bibliographia;
- b) paleographia e diplomatica;
- c) iconographia;
- d) numismatica.

Art. 35. O ensino deverá ser theorico e pratico, cada materia abrangendo todo o objecto de uma secção, inclusive a parte administrativa e a pratica dos diversos serviços (BRASIL, 1911).

Considerado o primeiro curso de Biblioteconomia do Brasil²⁰⁰ por grande parte dos teóricos da área, como Fonseca (1957), Castro (2000) e Robredo (2003), sua matriz curricular buscava atender às necessidades de cada uma das seções da Biblioteca à época, o que parece evidenciar seu caráter de formar pessoal apto à tarefa de organizar a própria instituição em seu novo espaço.

Peregrino da Silva justificava a criação do curso argumentando que a BN necessitava de funcionários comprometidos com a instituição e com as tarefas que se deveriam realizar.

²⁰⁰ Esse curso hoje constitui a Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

Necessitava, portanto, de pessoas que realmente (re)conhecessem a importância da Biblioteca Nacional e a riqueza de seu acervo, bem como compreendessem suas formas de tratamento.

A honestidade é condição essencial a ser exigida daquelles a cuja guarda são confiados os livros, que de outra sorte estariam expostos a serios perigos. Não é sufficiente, porém, ser honesto: é indispensável estar verdadeiramente compenetrado da noção do dever, sem a qual os cargos são sinecuras e as bibliothecas logares de ocio.

A ausencia dessa noção clara e precisa causa os maiores desastres. Ha quem pretenda ser admittido numa bibliotheca com o unico intento de dispôr de muitos livros, romances talvez, talvez livros de sciencia, para os ler nas *horas de trabalho*. É tão inaceitavel essa classe de candidatos, como a dos que têm aversão ao livro e se vão entreter com os jornaes noticiosos e as illustrações ou passar o tempo em palestra, a impedir o trabalho alheio.

Sem a convicção de que lhe corre o dever de produzir uma somma apreciavel de trabalho, de que para outro fim não foi admittido e não é mantido, de que de outro modo se transforma em pensionista e se reduz a verdadeiro parasita, sem essa nitida comprehensão, o empregado de bibliotheca é, não só uma perfeita inutilidade, mas um estorvo ao engrandecimento, ao progresso da instituição (SILVA, 1913b, p. 4).

O trecho acima, proclamado na abertura da série de conferências que a Biblioteca Nacional passou a realizar em seu novo prédio, como mostrado no quadro 8, realça o compromisso de Peregrino da Silva com o serviço à nação e à instituição que dirigia. Assim, o curso de Biblioteconomia visava formar profissionais comprometidos com o ideal do então diretor e com o ideal de progresso da BN.

Castro (2000), Fonseca (1973a), Robredo (2003) e outros discorrem sobre as origens do curso da BN, alguns declarando que ele foi inspirado na *École des Chartes* (Paris), fato que sempre nos incomodou dada a ausência de documentos e/ou relatos para embasar tal suposição. Assim, no curso de nossa pesquisa nos deparamos com o texto *Écoles du Livre et la Création d'une École du Livre à Bruxelles*, de Eugène Lameere e Charles Sury. Publicado no *Bulletin de L'Institut International de Bibliographie* (1897), o texto professa que essa instituição visava “[...] principalmente fazer com que os estudantes da escola do livro conheçam todos os aspectos concernentes aos serviços das bibliotecas, tendo como base a organização das grandes bibliotecas do mundo inteiro²⁰¹” (LAMEERE; SURY, 1897, p. 241).

Apesar de Peregrino não nos deixar pistas sobre o modelo que o guiou, dadas as origens e inspirações para suas ideias, não nos parece absurdo pensar que a instalação do curso na BN foi motivada pelo modelo de Lameere e Sury (1897). Os autores preconizavam que o curso compreenderia, dentre outras coisas, a teoria da bibliografia, sua história e regras para a

²⁰¹ [...] principalement pour but de faire connaître aux élèves des écoles du livre tout ce qui concerne le service des Bibliothèques en prenant pour base l'organisation des grandes bibliothèques du monde entier.

organização dos documentos, bem como de repertórios; a organização e a função de serviços tais como depósito legal, publicações oficiais, institutos e escritórios bibliográficos; os princípios da coordenação bibliográfica; a redação de fichas; os diferentes sistemas de classificação adotados; a história do livro e demais suportes de informação, bem como aspectos ligados à sua materialidade, tais como a fabricação do papel, identificação de edições; história da imprensa etc (LAMEERE; SURY, 1897, p. 239-240).

De fato, ao observarmos os pontos da prova de Bibliografia de 1916 (ALVES, 20 ago. 1916), vemos inúmeras semelhanças entre os ideais dos autores e os implementados na Biblioteca:

Pontos de Bibliographia

- 1º A invenção da imprensa. – Transição do livro manuscripto para o impresso.
- 2º O papel. História e fabricação
- 3º Incunabulos. Livros raros e preciosos.
- 4º Ornamentação do Livro impresso. A ilustração. O ex-Libris.
- 5º Características do Livro antigo e do moderno. Falsificações bibliographicas.
- 6º Classificação – sistemas principaes.
- 7º Classificação decimal. Suas modificações.
- 8º O formato dos livros
- 9º A catalogação. Catalogos. A ficha. Arrumação dos livros e preparo para catalogação.
- 10º O Catalogo. Fontes de informação. Repertorio.

Fato que continua em 1919:

- 1º Typographia – composição e impressão
- 2º O livro. Ornamentação – Ilustração – Ex-Libris – Formato.
- 3º Encadernação.
- 4º O papel. História e fabricação.
- 5º Conservação e restauração dos livros.
- 6º Invenção da imprensa. – Transição do livro manuscripto para o impresso. – Primeiros impressores.
- 7º Características do Livro antigo e do moderno. – Incunabulos e cimeléos – Livros raros e preciosos. - Falsificações bibliographicas.
- 8º Classificação – sistemas principaes.
- 9º Catalogação – arrumação dos livros e preparo para a catalogação – o bilhete sistematico – A ficha.
- 10º O Catalogo – Fontes de informação – Repertorio (ALVES, 31 dez. 1919).

Assim, a criação do Curso de Biblioteconomia na BN pode ter sido, também, uma inspiração advinda dos ideais belgas de erudição e cultura.

Mais inovador ainda foi em 1922, quando o Ministério da Justiça e Negócios Interiores lança a ideia de um curso conjunto entre a Biblioteca Nacional, o Arquivo Nacional e o Museu Histórico Nacional, onde, de acordo com o acervo de cada instituição, seriam ministrados aspectos do curso visando formar bibliotecários, arquivistas e museólogos. Tal ideia, segundo Sá (2013), era inédita no mundo e se constituía em:

Curso tecnico

(COMMUN AO MUSEU HISTORICO NACIONAL, Á BIBLIOTHECA NACIONAL E AO ARCHIVO NACIONAL)

Art. 55. O curso tecnico, destinado a habilitar os candidatos ao cargo de 3º official do Museu Historico Nacional e ao de amanuense da Bibliotheca Nacional e do Archivo Nacional, constará das seguintes materias, distribuidas por dois annos:

1º ANNO: historia litteraria, paleographia e epigraphia, historia politica e administrativa do Brasil, archeologia e historia da arte.

2º ANNO: bibliographia, chronologia e diplomatica, numismatica e sigillographia, iconographia e cartographia.

Art. 56. O ensino das materias será dividido entre os estabelecimentos a que é commum o curso tecnico, cabendo ao Museu Historico Nacional o de archeologia e historia da arte e de numismatica e sigillographia, á Bibliotheca Nacional o de historia litteraria, de bibliographia, de paleographia e epigraphia e de iconographia, e cartographia e ao Archivo Nacional o de historia politica e administrativa do Brasil e de chronologia e diplomatica.

Art. 57. Como professores das materias do curso tecnico servirão os funcionarios designados pelos directores dos estabelecimentos a que taes materias corresponderem ou, em caso de necessidade, outras pessoas para esse fim convidadas (BRASIL, 1922).

Tal reformulação, de fato, nunca foi posta em prática, o que causou a estagnação dos três cursos, só retomando suas atividades na década de 1930 e de forma isolada. Curioso observar a divisão das matérias segundo as instituições, bem como a carga de matérias relacionadas ao entendimento do Brasil, algo semelhante à ideia de Lameere e Sury (1897), se convertendo num curso mais completo do ponto de vista técnico. Ademais, o principal motivo, segundo Sá (2013), para o curso não ter se desenvolvido foi a não previsão de adicional à remuneração dos funcionários que atuariam como professores.

Logo, tendo como metas as propostas do Instituto Internacional de Bibliografia, os mais variados serviços implementados na BN surgem para finalmente legitimar o contato que vinha sendo estabelecido entre as duas instituições. Ratifica, também, a participação brasileira no ideal internacionalista de Otlet e La Fontaine, bem como, seu maior expoente, o *Serviço de Bibliographia e Documentação*, colaborou com a construção de uma rede de informações no Brasil, principalmente por meio da ideia de criação de catálogos coletivos e das fichas do RBU.

O então diretor ainda reflete sobre vários aspectos do projeto Otletiano e sua intenção de criação de uma rede universal de informações. Ele, inicialmente, observa que:

Os documentos comprehendem tudo o que representa ou exprime por meio de quaesquer signaes graphics (escripta, imagem, schema, algarismos, symbolos) um objecto, um factu, uma idéa ou uma impressão. Os textos impressos constituem hoje a sua categoria mais numerosa. Pode-se dizer de um modo geral que os doc.^{tos} de qualquer natureza, estabelecidos desde seculos e que continuám incessantemente a produzir-se em todos os paizes, têm registrado tudo o que se há descoberto, pensado, imaginado, projectado. Constituem a maneira de transmissão, de geração a geração e de logar a logar, das acquisições intellectuaes accumuladas pelo homem. Em seu conjuncto, os doc.^{tos} formam pois a memoria

graphica da humanidade, o corpo material de nossos conhecim.^{tos} e de nossa sciencia (SILVA, s. d.; Anexo AB).

Logo, sua acepção de documento foge da materialidade do livro e chega a qualquer resgistro do pensamento humano, exaltando sua capacidade de transmitir informações ao longo dos tempos, de geração para geração, ultrapassando as barreiras do tempo e do espaço. Já sobre a Documentação, Silva (s. d., Anexo AB) discorre que:

[...] é a reunião e a coordenação dos doc.^{tos} de modo a constituir conjunctos organisados. Ella tem seu logar ao lado do Ensino e da Pesquisa scientifica. Tem por fim fornecer rapidamente e facilmente a todos os pesquisadores, quaesquer que seja seu grau de cultura, materiais de estudo que totalisam a experiencia universal ou informações detalhadas sobre pontos particulares. Ella realisa a informação documentada, isto é a destribuição dos esclarecimentos pelo livro, a revista, o jornal, o manuscripto, a musica, a imagem (photographias, desenhos) [...]

Tal noção se aproxima bastante do ideal apregoado por Otlet e enunciado por nós ao longo da seção 2. De fato, organizar, tratar e tornar disponíveis para consulta todos os frutos do espírito humano é a orientação principal do projeto da dupla belga encampado por Peregrino da Silva, logo, as informações contidas nos mais variados tipos de suporte devem ser utilizadas visando o desenvolvimento da educação e da pesquisa, bem como promover a erudição. A citação a seguir, apesar de longa, evidencia-nos muito do pensamento do então diretor sobre relação com o projeto documentalista:

Necessidade de uma organização systematica

As collecções de doc.^{tos}, sem os repertorios, constituem thesouros [inalcansaveis]. Os repertorios, sem doc.^{tos} são inventarios de thesouros quasi fora de nosso alcance.

Por outro lado as sciencias são todas auxiliares uma das outras. As [diversas] especies de documentos graphicos são meios varios de exprimir as mesmas cousas; pouco importam as formas documentarias que assume a consignação dos factos, o essencial para os que estudam um assumpto é recolher, sobre o objecto de seus estudos, dados preciosos, abundantes, certos e em dia.

A necessidade de dar á Documentação uma organização systematica, funda-se nos factos seguintes:

1º os livros são utilizados por todos. Saber é poder. São os órgão por excellencia da conservação, da concentração e da diffusão do pensamento. Todos os homens formam um só que aprende sempre, sem cessar.

2º Publicam-se cada dia mais massas consideraveis [de documentos] dando á extensão da custura em todos [...mento] das sciencias das [artes], etc.

3º Os doc.^{tos} não são centralisados em algumas grandes bibliothecas, mas estão esparsos pelas bibliothecas do mundo inteiro, que sobem a alguns milhares.

4º O inventario de taes doc.^{tos} deixa m.^{to} a desejar. Faltam catalogos a um grande numero de bibliothecas ou são publicados com atrazos consideraveis. Esses catalogos limitam-se a certas collecções e não abrangem o [dépouillement] das revistas. As collecções de bibliographias nacionaes ou especiaes não obedecem a um plano conjuncto que permita consideral-os como parte da Bibliographia Universal = O mesmo acontece com os catalogos de bibliothecas, cada um segundo um plano. [...]

5° Os antigos métodos de documentação são impotentes. Domina nelles o ponto de vista individual e particularista.

6° A necessidade da informação documentada cresce à medida que as relações se multiplicam e os esforços se internacionalizam.

7° Os documentos, mesmo que estejam à disposição dos estudiosos nas bibliothecas, são mantidos no estado bruto. É necessário fornecer-lhes, através da massa de documentos esparsos, guias seguros e lhes coordenem a elementos mais característicos (SILVA, s. d., Anexo AB).

Sob este prisma, a ideia de tesouros inalcançáveis volta a esta tese, tal aspecto, já citado como justificativa pela Biblioteca do Senado à adoção dos ideais Otletianos, agora é utilizado pela BN, fundamentando o seu projeto documentalista.

Tesouros e preciosidades, assim são descritos os acervos, por conseguinte, seu poder se faz como símbolo de erudição. E mais, são tesouros que devem estar acessíveis a todos, pois, a visão de conhecimento como um bem da Humanidade perpassa que ele esteja disponível para todos, sem exceção. Assim, das diversas peças que compõem a intrincada rede de informações proposta por Otlet e La Fontaine, às quais já nos referimos, os bibliotecário, então, são as figuras por detrás da adoção da classificação sistemática e por colocar os documentos no ciclo informacional, seja por meio dos ainda escassos catálogos ou das bibliografias. Logo, ao pensarmos a formação bibliotecária, tanto na BN quanto na *École du Livre* (LAMEERE; SURY, 1897), proposta para funcionar em Bruxelas, percebemos a preocupação com o entendimento por parte de tais profissionais sobre a história das bibliotecas e sua atenção à causa mundialista em voga no início do século XX. Assim, simplesmente criar catálogos ou bibliografias não atendia aos anseios do fazer documentalista, os serviços e ações bibliotecárias deveriam estar em consonância com a construção da Bibliografia Universal, obedecendo regras internacionais.

Os editores, são convocados à empreitada por conta da sua tradição bibliográfica e, sobretudo, pela sua obrigação com o Depósito Legal. Assim, se por um lado são produtores de bibliografias, por outro, é o seu trabalho fomentar a incrementação de tais listas.

Nesse bojo, os usuários são os maiores beneficiados, pois poderiam ter acesso a toda produção intelectual mundial, seja ela do passado ou do presente e numa escala que jamais havia sido imaginada e das mais variadas formas possíveis, seja por meio do livro físico ou o microfilme, por exemplo (OTLET; LA FONTAINE, 1895).

Assim, Peregrino da Silva (s. d., Anexo AB) continua suas explanações observando as:

Bases gerais e caracteres da organização

Bases:

I- Universalidade: A organização deve estender-se aos docum.^{tos} de todas as formas e materiaes, tomando individualm^{te}, [somma] dos trabalhos de conjuncto sobre esses documentos.

Quando Otlet (1934) coloca todos os documentos, sem se importar com sua forma e suporte, como frutos do espírito humano, ou seja, portadores de informação, ampliando a acepção do termo que, além dos registros escritos, passam a abarcar as fotografias, os objetos tridimensionais, filmes, pinturas etc, sendo cada um o “átomo”, a palavra, a frase que compõe a totalidade do pensamento humano; uma verdadeira revolução acontece no seio das pesquisas, já que tudo passa a ser passível de se constituir em fonte de informação.

O então diretor dá prosseguimento às suas observações:

II- Coordenação: Os doc.^{tos} (escriptos, livros, imagens, photographias) devem ser recrutados e classificados com a preocupação de formar collecções , i. é. conjunctos systematicos seriados e ordenados (bibliotheca, econotheca, etc.), devem estabelecer-se entre as collecções existentes relações de permuta e [setolisação] reciproca. Os repertorios que tiverem por objecto esses doc.^{tos} devem ser variados, cada um considerando um aspecto da documentação integral e combinados de modo que se completem uns aos outros.

Os repertorios devem ser formados de noticias individuais redigidas de modo analytico e constituindo elementos simples, identicos em fichas separadas, devem ser indefinidamente extensiveis e conservados em dia com a produção corrente: o seu conteudo deve ser acessivel por meio de remissões multiplas e variadas. Para isto é preciso consideral-o sob os pontos de vista seguintes:

1º Os trabalhos de documentação devem antes de tudo ter por objecto o inventario e a descripção dos documentos (bibliographia). O seu objecto ultimo é crear pela reunião de todas as bibliographias particulares um instrumento de pesquisas centralizado o Repertorio Bibliographico Universal, expressando o total da Sciencia e do Pensamento.

2º Os trabalhos de documentação devem ter igualm^{te} por objecto a analyse e o resumo dos docum^{tos} ([comptas, rendas], relatorios) e a coordenação e codificação do conteudo delles. É possivel extrahir os elementos essenciaes esparsos [ou ...caveis] escriptos e fundir os dados originaes (factos, theorias, methodos, [...tados], projectos) nos quadros uniformes duma especie de livro universal. Repertorio Encyclopedico Universal, cadastro manuscripto posto sempre em dia com os dados recolhidos, compilação systematica fraccionada em tantas partes quantas sciencias.

3º Os trabalhos de documentação devem ter por objecto applicar ás proprias publicações certas regras que determinem as relações existentes entre cada publicação em particular e á organização geral dada á documentação (noticia, bibliographia, indices de classificação, notas analyticas, taboa de materias, etc.).

III- Unidade dos methodos. Devem ser uniformes e de applicação internacional os methodos que digam respeito á forma dos docs. sua redacção, classificação, conservação e comunicação. As duas bases principiapes dos methodos documentarios são: a ficha e a classificação por materias com a notação numerica, que permite attribuir a cada doc^o e a cada ficha um nº de classificação invariavel a designar o seu logar nos quados encyclopedicos da documentação geral (SILVA, s. d., Anexo AB).

Percebemos assim que os ideais do projeto universal otletiano mostra sua face mais latente e sua total assimilação pelo então diretor da BN. A ideia de formar uma rede de trocas e compartilhamentos de informações, presente no processo de reestruturação da instituição, é

exaltada e tinha por objetivo organizar os documentos nos mais variados tipos de entidades, abarcando todas as suas tipologias. Seus produtos – catálogos, bibliografias, fichas etc – devem ser construídos segundo uma norma internacional a fim de padronizar as descrições, bem como suas classificações e demais representações. De fato, o grande ideal por trás dessas ações é contribuir com a organização do RBU e da Enciclopédia Universal, assim a cooperação:

[...] deve ser mundial. É necessaria a collaboração mais extensa dos particulares e das instituições de todos os paizes e de todos os ramos do saber e de actividade. A organização internacional da documentação deve ser impregnada de um espirito verdadeiramente universal.

V- Concentração e descentralisação. Federação dos serviços. Rede internacional: Plano de conjuncto e methodos unificados. Os resultados [postos] à mais [larga] disposição de todos. Organização a cargo dos grupos autonomos nos grandes centros ligados a um Ins. Intern^{al} Central, organismos federativos, que dirige os trabalhos, estabelece os programas, distribui as tarefas, vela pela formação, conservação e uso dos exemplares prototypos das collecções e repertorios. O patrocínio official dos Estados é necessario numa empreza que exceda as forças dos particulares. Uma União Int.^{al} para a Documentação (permutações int.^{aes}, empréstimos de pais a pais) vizara o desenvolvimento dos interesses intellectuaes/collectivos da humanidade no que diz respeito ao livro e ao documento, como

já existe visando o desenvolvi^{to} dos interesses economicos e privados dos auctores e editores a União int.^{al} para a protecção da propriedade artistica e litteraria (SILVA, s. d., Anexo AB).

Por fim, Peregrino da Silva corrobora com Otlet (1934) ao enxergar que o projeto só teria continuidade com o apoio dos diversos setores da sociedade, desde os governos, perpassando editores, chegando aos usuários, trabalhando com as mais variadas instituições de cunho mundialista, bem como com a construção e manutenção de redes colaborativas e de acordos internacionais. O então diretor da Nacional evidencia, assim, toda a sua afinidade com os ideais de Paul Otlet, Henri La Fontaine e do Instituto Internacional de Bibliografia, afinal o que ele tece é um extrato das ações que os belgas estavam realizando e vinham sendo implementados na instituição. Logo:

Assim organizada a Documentação universal realis com suas collecções e seus repertorios uma Memoria Mundial. Registra os factos e desperta [automaticamente] a todo instante a recordação delles. É um vasto mecanismo intellectual destinado a captar e a condensar os conhecimentos esparsos e diffusos e a distribuil-os depois por toda a parte onde seja necessario.

Sob o ponto de vista scientifico, a organização descripta constitue uma vasta applicação das ideias de cooperação, divisão e coordenação de esforços. Introduz mais unidade e solidariedade nos trabalhos scientificos futuros.

Sob o ponto de vista internacional ella é de importancia capital, pois assegura a extensão e a continuidade das relações intellectuaes (SILVA, s. d., Anexo AB).

Sob um duplo viés podemos compreender a fala de Peregrino da Silva, já que por um lado, a Memória seria um registro das ações do espírito humano, por outro, um Monumento (LE GOFF, 2003) dos frutos dos espírito humano.

Cercado de um arcabouço teórico e legislativo que lhe permitiu realizar mudanças que, a seu ver, eram necessárias para a Biblioteca, Peregrino pôs em prática uma revolução no modo como a BN era vista e concebida por seus contemporâneos, graças, também, ao “palácio” que, segundo o então diretor, a instituição passou a ocupar. Sambaquy (1956, p. 235) destaca que:

Cícero Peregrino merece um carinho todo especial do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação [IBBD] e de todos aqueles interessados em bibliografia e documentação. Além de político, administrador, educador e historiador, Cícero Peregrino foi sobretudo emérito bibliotecário e bibliógrafo. Foi êle, sem dúvida, pioneiro da Biblioteconomia moderna no Brasil, quando de sua fecunda administração na direção geral da Biblioteca Nacional, cargo que exerceu no período de 1900 a 1924 .

Assim, Peregrino da Silva insere a BN num dos maiores projetos de organização e difusão da informação de que temos notícia. As reformas que ele comandou visavam inscrever a Nacional no rol das instituições mais modernas à época e como protagonista no cenário nacional e internacional (Figura 22). Rayward (1975) destaca a encomenda ao Instituto como a maior realizada e jamais equiparada. Numa espécie de sumário da atuação de Peregrino da Silva a frente da BN, Otavio (1911, p. 785) escreve para a revista *Ilustração Portuguesa* o artigo “O Brasil Moderno: a Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro”, cujo início já denota o apreço da instituição e a visão que dela tinham: “A Biblioteca Nacional, instalada no seu suntuoso palacio da Avenida Central, é uma das mais admiraveis instituições do Brazil”.

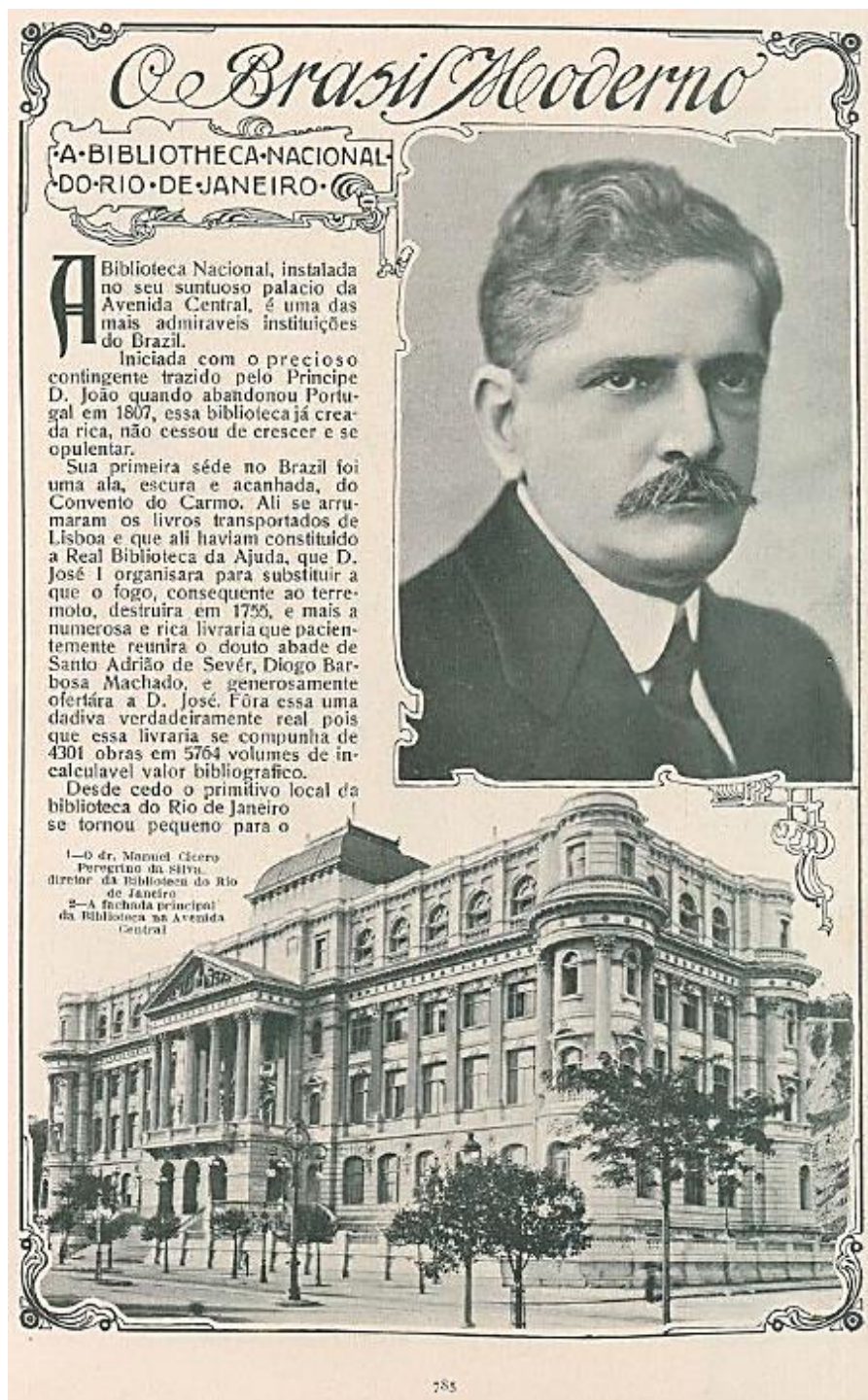


Figura 22: Página do periódico *Ilustração Portuguesa*.
Fonte: Otavio (1911, p. 785).

O autor prossegue, observando que:

Era desde muito, porém, aspiração dos diretores d'essa instituição dotal-a de um edificio proprio e condigno das riquezas ali acumuladas. Coube ao actual diretor o dr. Manuel [sic] Cicero Peregrino da Silva a gloria de vêr realisado sob sua fecunda administração o grato acontecimento [...].
[...]

O atual diretor da Biblioteca o dr. Manuel [sic] Cícero foi nomeado em 1895 [sic]²⁰², sendo trazido da Biblioteca da Faculdade de Direito do Recife pelo ministro do Interior Epitacio Pessoa, que fôra seu condiscípulo e lhe conhecia os meritos. E foi realmente um grande serviço que prestou á nação o ilustre ministro. O dr. Manuel [sic] Cicero é um funcionario modelar. Modesto, preocupado, sem espalhafato, com o seu serviço, ele vae com calma porem resolutamente revisando o seu programa de engrandecimento da Biblioteca cuja direção lhe foi confiada. Inteligente, ele sabe sar ao seu trabalho uma orientação conveniente; culto e estudioso ele tem todos os elementos para fazer melhor. [...]
Grande e proveitosa já tem sido a sua ação, firme e consciente, na direção da preciosa biblioteca.
Muito ha ainda a esperar da sua competencia e disposição para o trabalho. Com o novo regulamento que acaba de ser dado á biblioteca serviços novos foram creados, por inspiração do dr. Manuel Cicero, e ele melhor do que ninguém está apto para presidir ao desenvolvimento, a que sob os novos moldes, póde chegar a biblioteca do Rio de Janeiro (OTAVIO, 1911, p. 787-790).

Otavio (1911) evoca a moderna instituição que a Biblioteca Nacional se tornou sob a égide de Peregrino da Silva, fazendo-a um cartão de visitas do país, ademais, o lado intelectual do então diretor é novamente exaltado, bem como sua capacidade de fazer as instituições que dirigiu cumprirem seu papel perante o social. De fato, a BN de Peregrino da Silva representava o pioneirismo que os homens da República tanto almejavam.

4.2 O MOVIMENTO BIBLIOGRÁFICO BRASILEIRO

Como Otlet e La Fontaine já vinham propagando desde a fundação do IIB, em 1895, a construção de bibliografias seria a base do projeto internacionalista, a base do *Mundaneum*. Conforme já mencionamos, a tradição bibliográfica é milenar, sendo suas técnicas cunhadas para a organização dos frutos do espírito humano. Contudo, no Brasil, a bibliografia se faz de maneira diferente, graças, sobretudo, à proibição da impressão ou importação livros imposta por Portugal ao país durante mais de quatro séculos, como observamos na seção 3.

Fundada em 1808, a Imprensa Régia parece ser o primeiro indicativo de que a situação bibliográfica brasileira poderia ter um cenário menos nebuloso no alvorecer do século XIX, se antes, com a censura, a existência de casas editoriais ou de maquinário de impressão representava a prisão de seu(s) dono(s) e a destruição desta, com a chegada da Corte o panorama se torna oportuno e o Príncipe Regente, D. João VI, permite que sejam realizadas as primeiras impressões em solo brasileiro com autorização de Portugal²⁰³.

²⁰² Na realidade, Peregrino da Silva é empossado, conforme já abordamos, em 1900.

²⁰³ Permita-nos tecer aqui duas observações. A primeira diz respeito ao fato de que durante a ocupação holandesa do nordeste brasileiro, no século XVII, imprimiu-se livros no Brasil. Segundo, suspeita-se, também, da existência de oficinas tipográficas clandestinas no país, mas, até hoje, nada foi provado.

Apesar de imaginarmos a grande explosão bibliográfica com o advento da prensa no Brasil, a primeira obra que intenta ser um inventário da produção intelectual nacional só surge em 1881, ou seja, 73 anos após a instalação da Imprensa Régia, quando Ramiz Galvão, então diretor da Biblioteca Nacional, edita o *Catálogo de Exposição da História do Brasil*. Donde parte-se da premissa de que toda, ou grande parte, da memória bibliográfica brasileira estaria ali arrolada, uma vez que a Biblioteca era a responsável pela guarda dos registros relativos à história da nação.

Ainda como parte das ações da Biblioteca Nacional, é editado entre 1886 a 1888 o *Boletim das Aquisições mais Importantes feitas pela Bibliotheca Nacional*, organizado por João de Saldanha da Gama e classificado segundo as três Seções em que estava organizada a Biblioteca Nacional: Imprensos, Manuscritos, Estampas e Numismática (FONSECA, 1972). Como o nome explicita, essa publicação era uma forma da BN mostrar o que havia recebido por DL (BRASIL, 1847²⁰⁴) ou adquirindo por compra e/ou doação no período.

Após este período, em 1888, no cerne do antagonismo entre Republicanos e Monarquistas, surge, pelas mãos do *Centro Bibliographico Vulgarizador*, a *Bibliographia Brasileira* (Figura 23).

O Centro Bibliographico Vulgarizador

Compra e vende livros raros e preciosos; restos de edições e edições inteiras; bibliothecas particulares e livrarias para liquidar.

Permuta obras estrangeiras e nacionaes, e serve de intermediario para com as livrarias da provincia e do estrangeiro.

Encarrega-se de liquidar por meio de vendas, leilões geraes e parciaes, livrarias, bibliothecas e edições. Organizando para isso catalogos e encarregandp-se da sua publicação e vulgarisação. Encarrega-se de mandar vir de qualquer mercado livros, mappas e estampas, raras, preciosas ou vulgares e de remetter para o interior.

Encarrega-se de publicações por conta dos autores, do governo geral ou provincial; da distribuição pela imprensa nacional e estrangeira bem como da respectiva venda e propaganda. A commissão depende da importancia do encargo e dos meios necessarios á sua realisação variando de 20% a 40%.

A todas as Bibliothecas do imperio, quer mantidas pelos cofres publicos, quer por associações particulares, remetteremos gratuitamente esta Revista, desde que seja reclamada por escripto. Pedimos em troca unicamente uma noticia da Bibliotheca e da instituição a que pertencer, bem como uma nota estatistica do movimento mensal, trimensal, semestral ou anual (BIBLIOGRAPHIA Brasileira, 1888, p. 7).

²⁰⁴ Até a LDL de 1907, o depósito legal no país era regido pelo Decreto nº 433, de 3 de julho de 1847, que “Obriga os impressores a remetter na Côrte á Bibliotheca Publica Nacional, e nas Provincias á Bibliotheca da Capital, hum exemplar de todos os impressos que sahirem das respectivas Typographias”. Sendo assim, a BN não recebia todos os exemplares editados no país, somente aqueles impressos na Côrte (depois Distrito Federal), tal situação só muda em 1907.



Figura 23: Revista Sul-Americana.
Fonte: Revista Sul-Americana, v. 1, n. 1.

Visando ser um retrato da produção bibliográfica nacional e um mapa da situação das bibliotecas brasileiras, tal sociedade objetivava:

[...] a compra e venda, publicação e vulgarização de livros, principalmente de autores brasileiros e a fundação de uma bibliotheca technica para servir de base ao estudos da imprensa no Brazil. Para isto a sociedade fará a publicação mensal de um boletim com o titulo de Bibliographia Brasileira (BIBLIOGRAPHIA Brasileira, 1888, p. 10).

De fato, tal bibliografia ganha repercussão internacional, sendo arrolada no *Bulletin de L'Institut International de Bibliographie* em 1908 e nomeada como a bibliografia corrente brasileira, editada mensalmente na Revista Sul Americana²⁰⁵. Cumpre-nos esclarecer que a *Bibliographia* surge como edição independente em 1888, mas é incorporada à Revista Sul Americana em 1889, ano de sua extinção, o que não impede de, quase 20 anos depois, o Instituto Internacional de Bibliografia (IIB) a reconheça como a Bibliografia Nacional do Brasil.

²⁰⁵ Bibliographie: Revista Sul Americana (contenant la Bibliographie courant du Brésil) (BULLETIN de L'Institut International de Bibliographie, 1908).

Ademais, só após dez anos da menção no *Bulletin* que uma nova Bibliografia Nacional seria editada em nosso país com a criação do *Boletim bibliographico da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*. Organizada por Cícero de Britto Galvão, a bibliografia foi editada entre os anos de 1918 e 1921, contando com 14 volumes produzidos conforme as normas do IIB, concebidas por Paul Otlet e Henri La Fontaine, com as informações preenchendo apenas o anverso da folha, com espaço suficiente para que fossem recortadas e coladas em fichas padrão 7,5 cm X 12,5 cm. Assim, “O Boletim Bibliographico, finalmente vem á luz publica sem originalidade de maior, porquanto para elle se adoptou o melhor modelo conhecido que é o do Institut Internationale de Bruxelles” (MAGALHÃES, 1918).

A citação a seguir, embora longa, é necessária para que possamos compreender efetivamente o alcance dessa iniciativa. Magalhães (1919-1920, p. 292-293, grifo nosso), diretor interino da BN e autor do relatório institucional referente ao ano de 1918, escreveu que:

Devo fazer menção especial do "Boletim Bibliographico", porque, embora para a sua organização definitiva houvesse eu apenas contibuido com ligeiros retoques, veiu elle a lume sob a minha administração interina, e o reputo de um dos mais consideraveis melhoramentos ultimamente introduzidos nesta Bibliotheca.

Era uma obrigação estatuida pelo Decreto n. 1.825 de 20 de dezembro de 1907, e pelo Regulamento da Bibliotheca Nacional, de 11 de Junho de 1911. Não tinha sido, porém, cumprida, o que dava aso a reclamações procedentes e curiosas, qual a de certo editor estabelecido na Bahia, o qual, toda vez remettia á Bibliotheca nacional cada exemplar das obras que estampava, dizia e interrogava: - "Eu estou cumprindo o dever a que força a lei. Quando é, entretanto, que a Bibliotheca se dispõe a cumprir o seu?".

Não reiterarei aqui as longas explicações que, firmadas por mim e pelo director da 1.^a secção, servem de prefacio ao numero do "Boletim Bibliographico". Limitar-me-ei a corroborar a justa asserção do dr. Constancio Alves – de que o "Boletim Bibliographico", desde que a Bibliotheca effectivamente receba, por virtude do decreto n. 1. 1825, um exemplar de cada obra editada em nosso paiz, será o "**registro completo da actividade intellectual do Brasil**", além de "proporcionar a quantos estudam um instrumento de trabalho como nunca possuimos e cuja utilidade é desnecessaria apontar".

Ficou encarregado da organização do "Boletim Bibliographico"; para qual se adoptou o melhor modelo conhecido, que é o do Institut de Bibliographie International de Bruxelles, o official Cicero de Brito Galvão, não ha muito chegado de uma viagem de estudos e pesquisas na Europa, especialmente na Belgica.

Tendo-se resolvido que a publicação fosse trimestal, os numeros I e II sairam dos prelos com regularidade; mas, em consequencia da epidemia que alteou esta Capital no mezes de outubro e novembro e ainda por motivos da deficiencia da pressão por parte do gaz de que se servem os nossos linotypos, ficaram bastante atrasados os numeros III e IV, os quaes, formando um tomo unico, serão distribuidos em começo do corrente anno.

Nesse sentido, com a edição do Boletim Bibliographico da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro os esforços de cooperação e intercâmbio entre a Biblioteca Nacional brasileira e o Instituto Internacional de Bibliografia ficam mais evidentes. Não sendo a produção do boletim

uma iniciativa pioneira, pois, como já apresentamos, gestões anteriores da instituição já haviam publicado bibliografias nacionais (FONSECA, 1973), a novidade dessa edição, em particular, foi sua consonância com os ideais do IIB. Além de, todavia, configurar um retrato vivo do profícuo contato mantido entre a Biblioteca Nacional Brasileira e os ideais de Paul Otlet e Henri La Fontaine.

Logo, construção do repertório bibliográfico brasileiro, ou seja, da bibliografia nacional, foi um dos objetivos propostos para a criação do *Serviço de Bibliografia e Documentação* da Biblioteca Nacional e pela Lei de Depósito Legal, servindo, como explicitado na citação, de um "registro completo da actividade intellectual do Brasil".

Além disso, havia também o compromisso legal da BN com a construção de uma fonte de informação nesses moldes, tendo em vista que o Decreto nº 1.825, de 20 de dezembro de 1907, que rege o depósito legal de publicações editadas no país na Biblioteca Nacional, em seu artigo 5º, diz que: "A Bibliotheca Nacional publicará regularmente um boletim bibliographico que terá, por fim principal registrar as aquisições effectuadas em virtude desta lei" (BRASIL, 1907). Ou seja, antes mesmo do Regulamento de 1911, a Biblioteca já se comprometia a publicar um boletim (ou repertório) bibliográfico com vistas ao cumprimento da lei, bem como a inventariar a produção intelectual brasileira.

Nesse ponto, Rayward (1975) observa que houve um esforço do governo brasileiro para que algum funcionário da BN fosse a Bruxelas para estudar as técnicas empregadas pelo Instituto. Entretanto, ainda segundo o mesmo autor, tal tentativa falhou, em virtude do início da Primeira Guerra Mundial. Essa tese, contudo, não encontra amparo em nossa pesquisa, que, ao contrário, aponta para uma situação diferente (ver citação página 132).

De fato, em 1913, Peregrino da Silva articulava com o Ministério da Justiça e Negócios Interiores o envio de um funcionário da BN ao Instituto Internacional de Bibliografia, com o objetivo de aprender as técnicas empregadas na construção do Repertório Bibliográfico Universal. Tal ação demonstrava um esforço para melhor entender as técnicas utilizadas pelo Instituto, bem como um meio para a edição da Bibliografia Brasileira.

Cícero de Britto Galvão era o oficial encarregado das fichas do Repertório Bibliográfico Universal e o nome pensado por Peregrino da Silva para a ida a Bruxelas. Aliás, o funcionário, sobre o qual não conseguimos muitas informações, fez parte do conto de Lima Barreto "*Duas relíquias*". No conto, o protagonista, um alterego de Lima Barreto, encontra dois livros e, indeciso sobre o que fazer com eles, decide doá-los a Britto Galvão:

Andei assim de resolução em resolução, hesitante, sem saber a quem dar os dois bedengós, quando me lembrei do meu amigo Cicero de Britto Galvão.

Cícero é moço, é dado á bibliographia, publica uma interessante revista mensal — “Livros Novos”²⁰⁶ — sobre esse assumpto que é a única existente no Brasil; está ahi — pensei eu — pessoa capaz de dar apreço aos livreços ou encaminhá-los a um destino digno de suas tenções e delles, dos livros.

Empacotei os volumes e escrevi uma carta a Cicero. A minha vaidade pedia que a missiva fosse publicada; mas vi que Cicero a não publicaria.

Não está nos moldes de sua revista, é extensa — logo adivinhei essas suas objecções.

Resolvi publicá-la aqui, porque quero que o maior numero de pessoas saiba os motivos porque me separei de tão sábios livros [...].

[...]

28-2-20 (BARRETO, 1923, p. 142)

Sendo a bibliografia uma especialidade de Britto Galvão, naturalmente recairia nele a escolha, por Peregrino da Silva, para estudar no Instituto. Dessa forma, o diretor, em carta ao ministro da Justiça e Negócios Interiores datada de 17 de julho de 1913, dizia:

Sr. Ministro,

Sendo conveniente que o official Cicero de Britto Galvão, encarregado de por em ordem as fichas do repertorio bibliographico universal que tem sido fornecidas pelo Instituto Internacional de Bibliographia de Bruxellas, estude a organização do mesmo repertorio e se familiarise com o systema de classificação decimal nelle adoptado, de modo a poder organizar o repertorio brasileiro, tenho a honra de submeter á vossa aprovação a designação que fis do mesmo official para proceder áquelles estudos no referido Instituto de Bruxellas.

A comissão que será confiada ao official Cicero de Britto Galvão poderá ser desempenhada nos mezes de Agosto a Dezembro mediante a gratificação de quinhentos mil reis mensaes e um conto de reis para passagens, sem prejuizo dos seus vencimentos, despesa que correrá pela sub-consignação “Investigações e estudos em bibliothecas, etc.” da consignação “Material” do n.º 27 do orçamento deste Ministerio.

Por conta dessa gratificação extraordinaria e para occorrer ás primeiras despesas que o desempenho da comissão irá acarretar, solicito que vos digneis de ordenar seja paga ao referido official a quantia de dois contos e quinhentos mil reis (SILVA, 17 jul. 1913; ANEXO AW).

Ao que o ministro, à época Rivadavia Corrêa, respondeu:

Em referência ao officio n.º 145, de 17 de julho corrente, declaro-vos que por Aviso de 24 do mesmo mez foram solicitadas ao Ministerio da Fazenda as necessarias providencias afim de que seja paga ao official dessa Bibliotheca Cicero de Britto Galvão, commissionado para estudar no Instituto Internacional de Bruxellas a organização do repertorio bibliographico universal, a gratificação mensal de ... 500\$000, alem da quantia de 1:000\$000 para as passagens, sem prejuizo de seus vencimentos, correndo a despesa por conta da subconsignação “Investigações, e estudos, etc”, da consignação “Material” do n.º 27 do vigente orçamento do Ministerio a meu cargo.

Para as primeiras despesas resultantes dessa comissão, que deve ser desempenhada nos mezes de agosto a dezembro vindouros, será paga áquelle funcionario a quantia de 2:500\$000, por conta da referida gratificação (CORRÊA, 25 jul. 1913; ANEXO AX).

²⁰⁶ Tentamos, em vão, consultar tal publicação, mas ela encontra-se “perdida”, ou melhor, com o paradeiro desconhecido, tanto na Biblioteca Nacional quanto na Fundação Casa de Rui Barbosa, únicas duas instituições onde a localizamos.

Tendo a autorização de seu superior, Peregrino da Silva ainda pediu ao ministro que intercedesse junto ao Ministério das Relações Exteriores para que “[...] seja elle [Cícero de Britto Galvão] recomendado ao Ministro do Brasil em Bruxellas afim de mais facilmente poder desempenhar-se da comissão que lhe foi confiada” (SILVA, 30 jul. 1913, ANEXO AY). Atendendo ao pedido, Rivadavia Corrêa escreveu ao ministro de Relações Exteriores que:

Tendo sido encarregado o official da Bibliotheca Nacional Cicero de Britto Galvão de estudar no Instituto Internacional de Bibliographia de Bruxellas, a organização do repertorio internacional bibliographico, afim de poder organizar o repertorio brasileiro, rogo vos digneis providenciar afim de que a Legação do Brazil na Belgica proporcione ao mesmo funcionario as facilidades que lhe puderem ser dispensadas para completo exito de sua commissão (CORRÊA, 09 ago. 1913; ANEXO BB).

Os trechos acima parecem evidenciar um esforço governamental no sentido de promover o contato brasileiro com instituições estrangeiras, bem como a integração do país a um ideal internacional, na figura do Repertório Bibliográfico Universal. Resolvidas as questões burocráticas brasileiras, em 4 de agosto de 1913, Peregrino da Silva escreveu ao secretário do IIB, Louis Masure, dizendo:

Tenho o prazer de anunciar que acabei de encarregar o Sr. Britto Galvão, funcionário desta Biblioteca, para ir a Bruxelas para estudar no Instituto Internacional de Bibliografia a organização do repertório bibliográfico Universal. Ao funcionário, peço, por gentileza, que o acolha bem, ele deve permanecer em Bruxelas até o fim de novembro ou primeiros dias de dezembro, desta forma tendo tempo suficiente para compreender o mecanismo do repertório (SILVA, 04 ago. 1913; ANEXO AZ)²⁰⁷.

Assim, Cícero de Britto Galvão foi à Bélgica estudar no Instituto, permanecendo lá até o final de dezembro, conforme nos relata Silva (1914), ao declarar em seu relatório referente ao ano de 1913 que o oficial iria permanecer em comissão na Europa entre os dias 06 de agosto e 31 de dezembro.

Com o hiato de alguns anos – há um verdadeiro silêncio dos arquivos; a falta de fontes nos impediu de traçar a trajetória do oficial da Biblioteca –, em 1918 foi lançada, de acordo com os padrões estipulados pelo IIB, a Bibliografia Brasileira, chamada de *Boletim bibliographico da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*. Na figura 24 apresentamos um detalhe da primeira página do *Boletim*.

²⁰⁷ J’ai le plaisir de vous annoncer que je viens de charger Monsieur Britto Galvão, fonctionnaire de cette Bibliothéque, d’aller à Bruxelles dans le but d’étudier à l’Institut International de Bibliographie l’organisation du répertoire bibliographique universel. Le fonctionnaire que je vous prie [d’accueillir] avec [bienveillance] restera à Bruxelles jusqu’s la fin de Novembre [or] aux première jours de Décembre, en disposant ainsi du temps suffisant pour bien comprendre lé mécanisme du répretoire

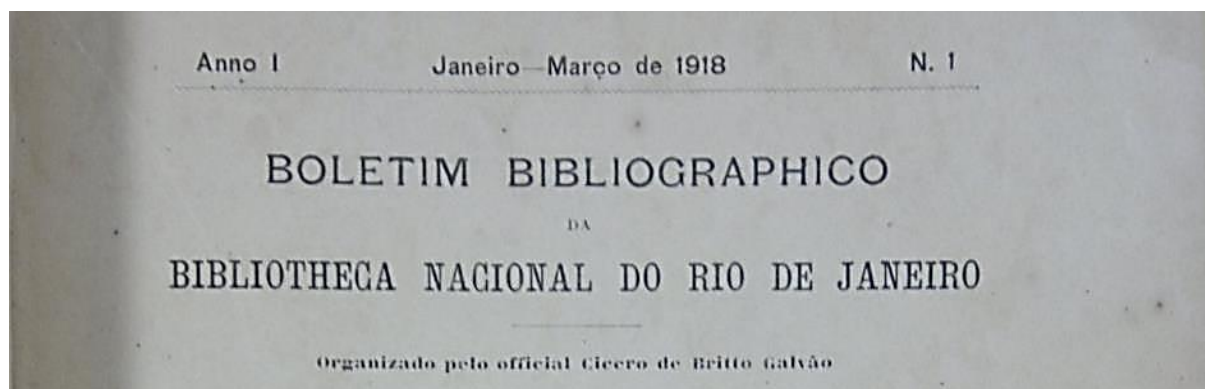


Figura 24: Detalhe da primeira página do Boletim Bibliographico da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro.

Fonte: Boletim Bibliographico da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, jan./mar. 1918.

Nesse sentido, com a edição do *Boletim Bibliographico da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro* os esforços de cooperação e intercâmbio entre a Biblioteca Nacional brasileira e o Instituto Internacional de Bibliografia ficam mais evidentes. O próprio Cícero de Britto Galvão, ao escrever um memorial solicitando promoção (1918), corroborava essa tese:

Foi por acto expontaneo do Director, commmissionado para ir estudar, no Instituto Internacional de Bruxellas, o systema decimal e a prova de seu aproveitamento se patentea com o apparecimento do Boletim Bibliographico que obedece a esse systema de classificação.

O *Boletim Bibliographico*, como já dissemos, foi publicado por quatro anos (entre 1918 e 1921) e, muito provavelmente, sua descontinuidade se deveu à morte de Cicero de Britto Galvão, em 1920 (SILVA, 1921-1922). A figura 25 apresenta a primeira página do *Boletim*, de 1918.

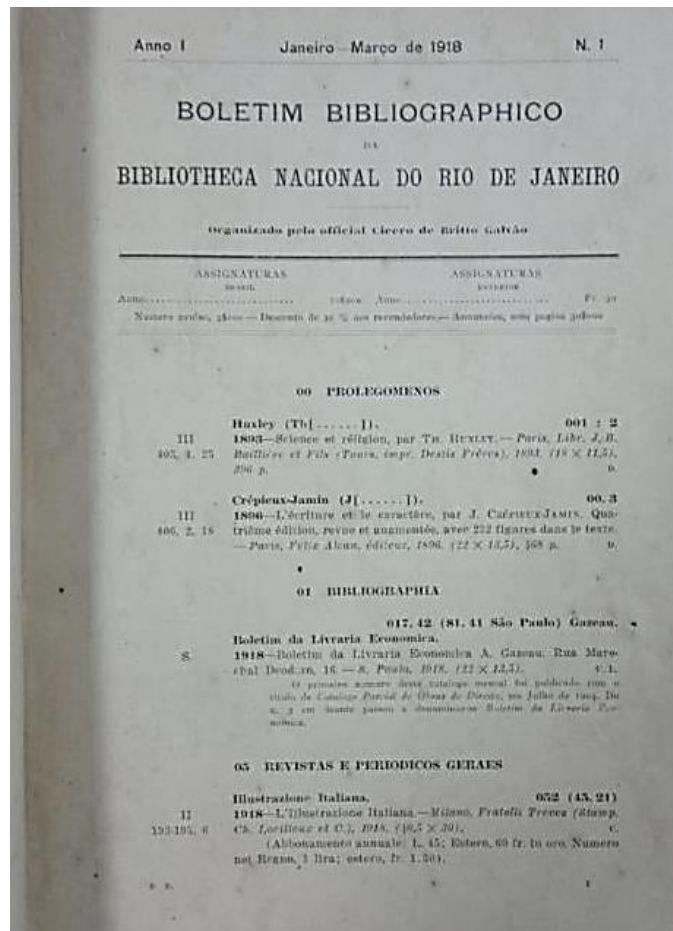


Figura 25: Primeira página do Boletim Bibliographico da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro.

Fonte: Boletim Bibliographico da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, jan./mar. 1918.

Por fim, podemos destacar a fala de Fonseca (1973a, p. 41) sobre a importância do *Boletim* e do papel desempenhado por Manoel Cícero Peregrino da Silva:

O **Boletim Bibliographico da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro** dos anos de 1918 a 1921 é o que resta do Serviço de Bibliografia e Documentação criado por iniciativa de Manuel Cícero Peregrino da Silva: uma publicação da qual podemos dizer [...] que honra a biblioteconomia brasileira da época. Organizado por Cícero de Brito Galvão, ele tem arranjo sistemático de acordo com a CDU e de cada número existem duas edições, sendo uma impressa de um só lado, para que as referências bibliográficas pudessem ser recortadas e montadas nas fichas do repertório Bibliográfico Universal.

Assim, o *Boletim* surgiu como uma obrigação legislativa, que visava a edição de uma bibliografia nacional pura e simples. A iniciativa parecia convergir, de fato, para um ideal maior, de cooperação internacional e de articulação com as ideias para a área em discussão, no mundo, sendo o maior ícone da relação existente entre os ideais belgas e a Biblioteca Nacional brasileira.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Manoel Cícero Peregrino da Silva foi a inteligência por trás das grandes transformações que a Biblioteca Nacional sofreu no alvorecer do século XX. Inspirado, sobretudo, nos ideais de Paul Otlet e Henri La Fontaine, o jurista pernambucano promove, entre os anos de 1900 e 1924, uma série de mudanças nos métodos de organização e difusão da informação na instituição.

Àquela época, a BN já era a maior biblioteca brasileira, mas sofria com o descaso e a falta de estrutura, tendo seu acervo negligenciado pelo Estado por anos. Apesar de se constituir num símbolo, seu papel era secundário e, até mesmo, desconhecido. Ao se tornar diretor, Peregrino da Silva encampa o ideal da época, e coloca a instituição a “serviço do Estado”, buscando fazê-la cumprir sua missão de símbolo do país, o maior repositório dos frutos do espírito humano da América Latina, transpondo para o País a máxima de Otlet.

Dotado do espírito “*Culturalista*” da “Escola de Recife”, o então diretor põe a BN no centro de uma extensa rede de informações no Brasil, dotando-a do aparato técnico e legislativo para tal. Nesse sentido, edita um novo regulamento, maior expoente das mudanças sofridas pela instituição, além de buscar compor um corpo de funcionários aptos ao trabalho hercúleo de organização do acervo. Surge, assim, o Serviço de Informações, que visa fornecer subsídios às pesquisas rápidas, independente do acervo da Biblioteca; cria, ainda, o Serviço de Permutas Internacionais, que passa a ser o órgão central no contato entre instituições de informação brasileiras e o exterior, sendo a ponte para o envio de publicações – sobretudo as governamentais, que serviam de propaganda à modernização que o Estado Republicano ansiava e colocava em prática na então Capital Federal – e para o recebimento do que era publicado nos outros países, como pode ser observado no Decreto nº 1.159, de 3 de Dezembro de 1892 (BRASIL, 1892), para saber o que se fazia de novo nas nações mais adiantadas nesse domínio. Não podemos esquecer que a BN ainda busca enriquecer seu acervo por meio da pesquisa em instituições estrangeiras, onde documentos a respeito do Brasil são copiados e enviados para compor o acervo da instituição.

Ademais, a criação do curso de Biblioteconomia nos salões da instituição é emblemática, uma vez que evidencia a intenção do então diretor de formar pessoal familiarizado às atividades desenvolvidas pela BN e comprometido com seus ideais.

Até o novo prédio, inaugurado em 1910, parece ser uma forma de evidenciar o processo de transformações pelos quais o país passava. Nele estão presentes as técnicas mais modernas

de construção e foram adotados inúmeros instrumentos com vistas a facilitar sua organização. A título de exemplo podemos citar a introdução do *Book-Carrier*²⁰⁸ (Figura 26), de um sistema de telefonia e a máquina de escrever (SILVA, 1913b).

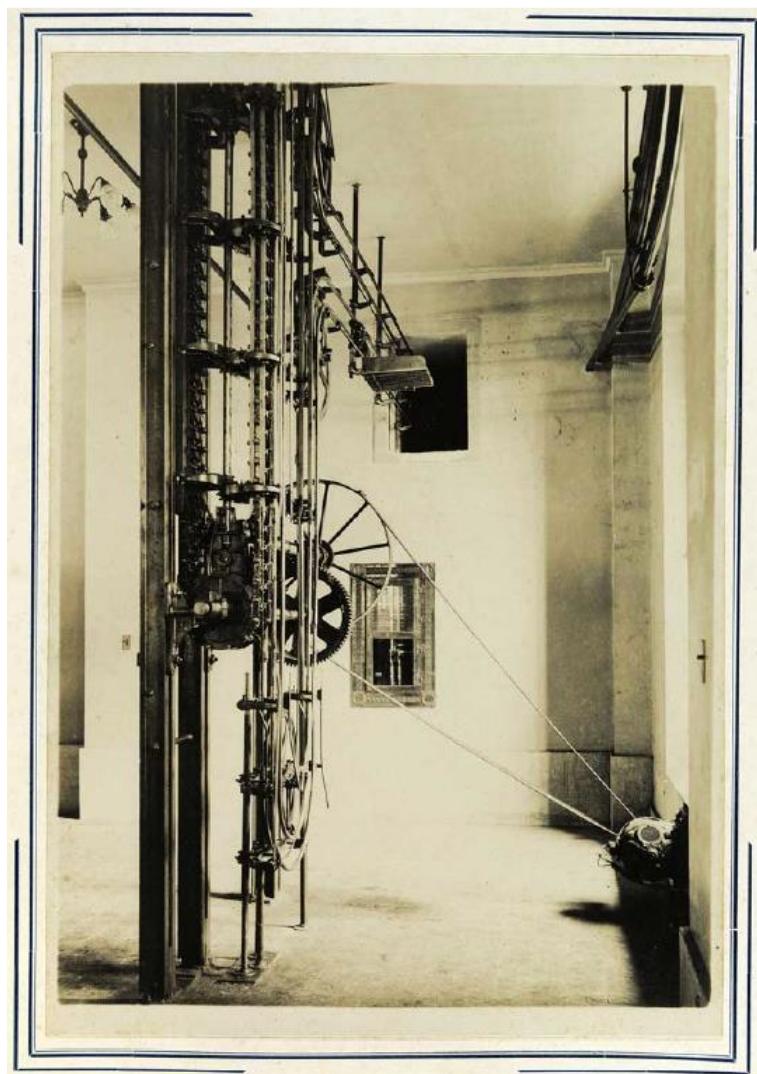


Figura 26: Mecanismo do book-carrier.
Fonte: Biblioteca Nacional (1911).

Aí surge um momento de inflexão. Afinal, bem como o governo brasileiro, a BN espelha seus esforços de transformação nos ideais em voga, sobretudo, na Europa. Peregrino da Silva até visita os Estados Unidos, mas a maior contribuição que identificamos das instituições daquele país à BN foi a adoção do elevador de transporte de livros acima mencionado.

De fato, o perfil intelectual de Peregrino da Silva é bastante curioso, não afeito a escrita de livros ou textos sobre os temas de seu interesse, sua produção baseia-se, como citamos ao

²⁰⁸ Em tradução livre, seria um transportador de livro, ou melhor, um sistema de elevadores para transportar livros.

longo do nosso texto, sobretudo, em relatórios de gestão, onde reflete sobre suas propostas de gerência e organização institucional. A esse intelectual, como já nos referimos, Pécaut (1990) chama de “intelectual a serviço do Estado”, comprometido com o ideal em voga na esfera governamental em que se insere, nesse sentido, o então diretor é participante ativo do processo de construção e organização da recém-proclamada República (BARUCH; DUCLERT, 2000).

Com traços do intelectual experto de Bobbio (1997) – compromissado com a responsabilidade que lhe é atribuída – e do orgânico de Gramsci (1979) – cujo caráter se assemelha ao de um técnico a serviço do desenvolvimento de uma atividade –, o intelectual a serviço do Estado (PÉCAUT, 1990) vai além ao se colocar não a serviço de um grupo ou apenas de uma ideia, mas ao buscar servir a um projeto de Estado. Peregrino da Silva age como tal intelectual por meio das organizações que dirigiu, fazendo-as cumprir seu papel perante o social. Seu compromisso é notório, tanto que em 1930, com o início da Era Vargas²⁰⁹, se retira da vida pública por não se ver mais representado ou representante daquele novo regime.

Assim, outra característica desse intelectual a serviço do Estado é ser um intelectual peregrino, que viaja pelo mundo em busca de soluções para os problemas que enfrenta no desempenho de suas tarefas. Logo, como observam Costa (2003), Ribeiro (1989), Doratioto (2012) e Neves (2003), a Europa era o polo intelectual que inspirava as elites brasileiras. De modo geral, tudo era copiado do modelo europeu de sociedade e cultura, não por menos, cria-se a ideia de uma “civilização parisiense nos Trópicos”, da “Belle Époque” carioca, onde, os fraques sobrepujavam o calor, a ebulição das confeitarias promovia o contato entre a nata intelectual e os governantes – deveras amigos e a serviço do Brasil moderno – sempre sob os auspícios da Ordem e do Progresso, tão caros hoje, como fora nos idos de 1900.

Assim, o intelectual peregrino, aquele que viajava para ver o que de moderno se construía no mundo e fazer do Brasil um retrato fiel e tão desenvolvido quanto as nações do “primeiro mundo”. De fato, pesa a ausência de universidades e a falta de vontade governamental para mudar tal cenário, assim, bibliotecas, arquivos, museus, associações científicas, grêmios etc, surgem como solução para a construção da “ciência brasileira”, sendo os espaços de

²⁰⁹ A década de 1930 é caracterizada no Brasil por uma série de golpes de Estado, tais como a Revolução de 1930, golpe de Estado que depôs o então presidente Washington Luís e elevou ao poder Getúlio Vargas; a Revolução de 1932, na qual políticos do estado de São Paulo que se opunham ao governo pediam o afastamento de Getúlio Vargas da presidência e a promulgação de uma nova Constituição; e, por fim, a criação do chamado Estado Novo, mais um golpe de Estado que visou prolongar o mandato de Getúlio Vargas e derrubar a oposição. Getúlio Vargas, nome central destes eventos permaneceu por 15 anos ininterruptos à frente do governo, de 1930 a 1945 (ABREU, 2001).

construção e interlocução dos saberes no Brasil do período, como observam Schwartzman (2001) e Bessone (1999).

Em nossa acepção, para além de cumprir seu papel perante a sociedade, Peregrino da Silva vai além ao encampar os projetos da República, ao se colocar a serviço do moderno que ela ansejava. Logo, articulando o perfil de vários intelectuais, o então diretor da BN coloca-se na posição de promotor do Brasil em desenvolvimento, cujas aspirações vinham do que era adiantado, assim, as instituições que dirigiu e, sobretudo, a Biblioteca Nacional, são um exemplo claro do potencial do país e de sua riqueza.

Parte dos seus planos é dotar a Biblioteca do capital intelectual (BOURDIEU, 1980) que pensa e faz a nação republicana, participando de projeto moderno. Destacamos aqui, o quão personagens envolvidos na Academia Brasileira de Letras e no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro participam de forma ativa da política e cultura nacional, sendo as cabeças por detrás do ideário do Estado da Primeira República. Administradores argutos, literatos de relevo, políticos clássicos, eles serviam à construção da nova imagem que o governo ansiava, seja gerindo suas instituições ou promovendo a cultura nacional, sempre perpetuando o pensamento das elites que, desde a Colônia, e, sobretudo, no Império, comandaram os destinos do Brasil.

Não podemos deixar de pensar que o projeto de Peregrino da Silva servia a uma nação, que, como um todo, era eminentemente analfabeta; “o povo” (a massa a ser ordenada, segundo o preceito Positivista) era excluído desses espaços, seja por não conhecê-lo, seja porque a entrada nos magníficos palácios construídos por Pereira Passos e seus confrades só era permitida àqueles que atendessem aos bons modos de vestimenta, por exemplo.

A Biblioteca Nacional teve sua reforma pensada para atender aos homens da política e das letras, àqueles que não possuíam seu espaço para discussão, como alerta Bessone (1999), e que precisavam de uma casa à altura dos seus planos de modernidade. Convém ressaltar que, como observa Oliven (2001, p. 3):

O tema da modernidade é uma constante no Brasil e tem ocupado a intelectualidade em diferentes épocas. Trata-se de saber como estão os brasileiros em relação ao “mundo adiantado”: primeiro a Europa e, mais tarde, os Estados Unidos. No Brasil, a modernidade, freqüentemente, é vista como algo que vem de fora e que deve ou ser admirado e adotado, ou, ao contrário, considerado com cautela tanto pelas elites como pelo povo. A importação se dá por meio dos intelectuais que vão ao centro buscar as idéias e modelos lá vigentes, aclimatando-os num novo solo, que é a sociedade brasileira. A modernidade também se confunde com a idéia de contemporaneidade, uma vez que aderir a tudo que está em voga nos lugares adiantados é, muitas vezes, entendido como moderno.

O moderno, então, teria relação com aquilo que poderia ser copiado dos “países mais adiantados”, adaptados (ou não) à realidade brasileira, favorecendo o desenvolvimento de um

projeto de país e do ideário de nação moderna e civilizada nos trópicos. Assim, participar de uma iniciativa mundialista como a de Otlet e La Fontaine coloca a BN na rota de paragem internacional (COSTA, 2003), evidenciando que o Brasil também pode ter instituições em pé de igualdade com as do Velho Continente, mas ainda sofrendo com os percalços dos anos de descaso com a construção científica e a promoção cultural. Não que o cenário tenha se modificado, mas instituições com tal intento foram construídas e/ou modernizadas, talvez pela euforia trazida pela República recém-proclamada.

Otlet e La Fontaine, por sua vez, constroem um projeto de escala global que visava a representação total dos frutos do espírito humano, não só livros, mas materiais tridimensionais, documentos de arquivo, fotografias, obras cinematográficas, pinturas etc. O intento belga visava tornar disponível a todos os pesquisadores, estudantes e interessados em geral, a representação dos mais variados suportes de informação e, para isso, editam normas e regras, adotando padrões universais para a construção de uma fonte de informação mundial, o Repertório Bibliográfico Universal (RBU).

O projeto dos juristas caminha lado a lado com os ideais de paz propagados por diversas associações mundiais criadas no final do século XIX, início do XX, a bandeira levantada por eles era de que o conhecimento levaria a um tempo de paz e mútuo entendimento entre as nações. O Prêmio Nobel da Paz de La Fontaine ilustra bem o compromisso das instituições que ele, em conjunto com Otlet, lideravam.

Pioneira em múltiplos aspectos, a iniciativa belga é das mais destacadas tentativas humanas de organização da produção do intelecto, desde Alexandria, quando Calímaco organiza as *Pinakes*, passando por Conrad Gesner e sua *Bibliotheca Universalis*, Otlet e La Fontaine idealizam uma rede mundial de troca de informações, por meio da representação em fichas 7,5cm X 12,5cm a representação dos inúmeros documentos espalhados pelo mundo, o RBU seria, assim, o inventário de toda a produção humana, funcionando como uma espécie de Google.

A base da ideia era de que os pesquisadores pudessem ter acesso ao catálogo universal por meio da venda de fichas, sendo que cada instituição poderia adquirir um RBU e contribuir para ele elaborando suas bibliografias e/ou ordenando catálogos impressos de acordo com os preceitos propagados pelo Instituto Internacional de Bibliografia.

De fato, a Bibliografia é a base daquilo que viria a se constituir na Documentação, disciplina que surge no bojo da revolução comandada por Otlet. Os preceitos bibliográficos traziam os ditames para a organização de uma fonte de informação que suprisse a necessidade

dos mais variados tipos de pesquisadores. Instrumento de grande difusão do saber desde o Medievo, as bibliografias funcionam como uma espécie de inventário da produção intelectual de um ramo do saber ou região geográfica, por exemplo.

Contudo, o intento Otletiano não seria realizado apenas com os ditames acima descritos, sendo adicionados novos elementos como a classificação e as mais variadas formas de organização e disponibilização do saber, como as fichas catalográficas e a organização de entradas por autor ou assunto. Otlet ainda idealiza um mundo interconectado, àquela altura, pelas novas tecnologias de informação e comunicação, como o telégrafo, o cinema e o rádio. Para ele, seria possível localizar a informação desejada por meio do RBU e acessar o documento remotamente utilizando-se de uma tecnologia de transmissão via cabos de telégrafo e exibição em tela do conteúdo dos microfilmes, algo muito semelhante ao que fazemos ao acessar um documento digital.

A Documentação, então, surge no bojo da ideia de disseminação do saber universal, com regras bem específicas e contando com um arcabouço teórico legislativo consolidado. Entendemos que ela se aproxima mais de uma política de informação do que de uma mera técnica de organização e difusão. Para sua efetivação, recomendações diversas são feitas, como a adesão à Convenção de Berna, com vistas a salvaguardar a propriedade intelectual do autor, a edição de leis de depósito legal e de bibliografias especializadas ou nacionais, a criação de escritórios ou serviços de bibliografia, além, é claro, da adoção das técnicas documentalistas.

Desta forma, a BN faz aprovar uma nova lei de depósito legal, em nível nacional, edita um novo regulamento criando um *Serviço de Bibliographia e Documentação* em consonância com os ideais do IIB, onde prevê, assim como na LDL, a edição da bibliografia nacional, adere à Convenção de Berna e se põe, conforme já referenciamos, como estação intermediária entre as instituições brasileiras e as do exterior, por meio do Serviço de Permutas Internacionais.

E não só isso. Instituições como o Senado Federal, a Câmara dos Deputados e o Real Gabinete Português de Leitura aderem aos ideais documentalistas, se não em sua totalidade, pelo menos em parte, quando passam a organizar seus catálogos de acordo com as diretrizes do IIB, bem como buscam divulgá-los de forma ampla, colocando-os na rota do RBU.

Contudo, a descontinuidade de projetos em nosso país é um traço marcante, ao sabor de intenções e personalismos e da constante desconstrução, remodelação ou finalização de ações que se fazem presentes até hoje. O *Serviço de Bibliographia e Documentação*, descontinuado logo após a gestão de Peregrino da Silva à frente da Biblioteca Nacional e núcleo da interação

com os ideais de Paul Otlet e Henri La Fontaine, não foge à regra, fato este corroborado por Fonseca (1957).

De fato, as duas guerras mundiais foram cruciais para que o projeto do IIB não fosse à frente. Seu acervo fora danificado diversas vezes ao longo dos dois combates, bem como pereceu perante a falta de recursos e o desinteresse governamental, sobretudo, como observa Rayward (1975), a partir da nomeação da Suíça como território neutro, com a qual Bélgica concorria. A partir de então, os projetos de cunho internacionalista que se situavam em territórios belga perderam prestígio e não foi diferente com os intentos dos juristas.

Contudo, tal situação não explica, por si só, o abandono brasileiro dos ideais documentalistas, pois, apesar de contar com o IIB como consorte, as iniciativas brasileiras tinham um compromisso firmado com a criação de uma rede de catálogos nacionais, por exemplo, ou com a edição da Bibliografia Brasileira, além, é claro, do constante intercâmbio e permuta com instituições diversas.

“Refundado” 40 anos depois sob o nome de Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação, como nos fala Sambaquy (1956), o IBBD surge da iniciativa da UNESCO de fomentar a organização das informações, sobretudo científicas, por meio de institutos de informação, outrora chamados de oficinas bibliográficas, às quais Otlet já promovia e incentivava a instalação desde o final da década de 1890. Lembrando que a ONU seria a sucessora da Sociedade das Nações (SDN), cujas bases foram lançadas por Otlet e La Fontaine, cujo projeto foi intensamente debatido durante a Primeira Guerra Mundial, visando a criação de uma sociedade internacional que reuniria intelectuais e militantes da causa pacifista, numa associação universal em prol do desenvolvimento das nações. A SDN tem seu fim com a eclosão da Segunda Guerra Mundial e a Organização das Nações Unidas (ONU), criada em 1945, seria a sua herdeira direta. Assim, examinando o projeto Otletiano, podemos perceber a matriz do pensamento preconizado pela ONU, uma vez que o jurista, bem como La Fontaine, ajudou a fundar, ou participaram, ambos, de diversas associações mundiais visando ao mútuo entendimento entre as nações e a difusão do conhecimento.

A SDN seria a alternativa de Otlet ao fracasso da sua proposta de criação da *Cité Mondiale*, ou, até mesmo do seu *Mundaneum*, assim, a UNESCO promove parte dos ideais do jurista ao fomentar a criação dos institutos bibliográficos nacionais, como vimos acima.

Podemos, assim, perceber que Manoel Cícero Peregrino da Silva, apesar de ser uma figura quase que esquecida pelos pesquisadores da Ciência da Informação, Documentação e Biblioteconomia, em muito contribuiu para o desenvolvimento das áreas no país. Fruto de seu

tempo, um intelectual que serviu ao propósito nacional, o personagem foi um visionário no sentido de promover a organização e disseminação do acervo da BN, bem como ao adotar técnicas que seriam lembradas novamente somente 40 anos após com a fundação do IBBD. Tal fato é ratificado por meio dos diversos documentos recuperados ao longo de nossa pesquisa; guiados por pistas e rastros deixados por outros pesquisadores das origens da Documentação no Brasil, conseguimos desvelar a influência da Peregrino da Silva no surgimento da disciplina no país e seu papel precursor. De fato, devemos atentar para o papel preponderante exercido por essas fontes documentais, sendo determinantes para o desenvolvimento e conclusão desse trabalho.

Por fim, terminamos essa tese chamando atenção para dois trechos escritos por Otlet e que tem total relação com o projeto documentalista universal:

Toda civilização é um produto artificial, ela realiza-se sob a influência do conhecimento desenvolvido pela inteligência em ciências sistematizadas. Quanto mais esses conhecimentos foram predominantes no corpo social, maior será o avanço da civilização. Daí a necessidade de distribuí-los amplamente, e isso deve ser feito através dos canais da Educação, da Informação, da Documentação²¹⁰ (OTLET, 1934, p. 284).

E mais adiante observa que “Grande parte das bibliografias começam com grande entusiasmo e não são continuadas. Individualidades são dadas para fazer o trabalho, mas eles não têm os meios²¹¹” (OTLET, 1934, p. 287), reforçando nossa ideia de descontinuidade das ações e do forte personalismo que as marcaram e marcam ainda hoje. Logo, podemos depreender o entendimento da Documentação como uma ciência a serviço do desenvolvimento das sociedades, mas cujo primeiro passo fora promissor, contudo que perece diante da descontinuidade dos projetos que incentivou ao longo do tempo.

²¹⁰ Toute civilisation est un produit artificiel, elle se réalise sous l’empire des connaissances élaborés en sciences systématiques par l’intelligence. Plus ces connaissances seront répandues dans les corps social, plus pourra progresser la civilisation. D’où la nécessité de le distribuer largement, et ceci doit se faire par les canaux de l’Education, de l’Information, de la Documentation.

²¹¹ La grande pitié des bibliographies, c’est qu’elles sont commencées avec enthousiasme et ne sont pas continuées. Des individualités sont indiquées pour faire le travail, mais elles ne disposent pas de moyen

6 RECOMENDAÇÕES DE PESQUISA

Acreditamos que nossa pesquisa cumpriu os objetivos aos quais se propôs. Contudo, no decorrer dos últimos quatro anos, várias novas questões foram suscitadas e, dado nosso tempo exíguo ou as delimitações de pesquisa, não pudemos nos debruçar sobre elas. Nesse sentido, apresentamos algumas recomendações de pesquisa, buscando favorecer o desenvolvimento de alguns pontos explorados apenas superficialmente ao longo dessa tese ou oferecer novas perspectivas para as pesquisas sobre a gênese da Ciência da Informação, Documentação, Biblioteconomia ou sobre os ideais de Paul Otlet e Henri La Fontaine:

1) Apesar de percebermos avanços nesse sentido, como os trabalhos de Mendes (2014) e Moura (2015), ainda percebemos que os documentos produzidos por Paul Otlet, Henri La Fontaine e o Instituto Internacional de Bibliografia ainda são pouco lidos e debatidos academicamente. Apesar de muito citados, parece-nos que o conhecimento sobre os personagens e o(s) seu(s) projeto(s) ainda é insipiente no Brasil, sendo baseado mais em citações do que na leitura dos originais. Nesse sentido, parece-nos altamente recomendável a leitura de seus textos, hoje facilmente acessíveis pela internet. Novas interpretações poderão surgir a partir daí.

2) O acervo do *Mundaneum* ainda é um nicho muito rico a ser explorado por pesquisadores brasileiros. Nossa tentativa frustrada de visitar a instituição limitou alguns possíveis progressos com relação a esse tema, pois acreditamos que há ainda muito a ser desvelado sobre a relação entre brasileiros e o *Mundaneum*. Nesse sentido, o contato permanente com a instituição belga é de suma importância para a solução de hiatos relativos à participação brasileira no projeto, bem como para entender melhor o que Otlet e La Fontaine propunham.

3) O papel das bibliotecas, arquivos e museus na vida da Primeira República ainda é obscuro. Apesar dos textos de Bessone (1999) e Gomes (1983) ainda há um nicho muito grande a ser explorado com relação à atuação dessas instituições e o contato delas com os intelectuais e políticos da época. De fato, dada a ausência de universidades, o papel dessas instituições se sobressai, mas ainda não são alvo de pesquisas que tragam luz aos seus projetos ou trabalhos desenvolvidos.

4) Apesar da estrutura precária e dos percalços diários que as instituições arquivísticas, biblioteconômicas e museológicas enfrentam em nosso país, elas ainda se constituem, tomando a fala de Otlet e La Fontaine (1895), em tesouros ainda pouco explorados, cujo volume de

material inédito é expressivo. Assim, acreditamos que debruçar-se sobre os labirintos de estantes e arquivos pode render bons frutos, além dos prazeres e vitórias aos quais nossa epígrafe se refere.

5) Por fim, acreditamos que o maior nicho de pesquisa seja o período cronológico posterior à nossa pesquisa, mais precisamente entre a década de 1930 e 1950, quando a Documentação de Paul Otlet e Henri La Fontaine dá lugar à Ciência da Informação norte-americana. Destacamos aqui a atuação do Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP) que, a partir de sua criação, em 1938, passa a editar diretrizes para as mais variadas instituições do governo, incluindo bibliotecas. Parece-nos que em tal período, o papel de liderança da Biblioteca Nacional é sobrepujado pela atuação dessa instituição. Assim, a atuação do DASP parece ser um diferencial nos ideais da CI no país. Quanto a essa última recomendação, já submetemos um projeto com esse tema ao CNPq para a obtenção de uma bolsa de Pós-Doutorado Júnior.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ABREU, Alzira Alves de. **Dicionário histórico-biográfico brasileiro: pós 1930 (2nd ed.)**. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Biografia do Conde de Afonso Celso**. Rio de Janeiro: ABL, [200-a]. Disponível: <<http://www.academia.org.br/academicos/afonso-celso/biografia>>. Acesso em: 10 maio 2015.

_____. **Biografia de Ramiz Galvão**. Rio de Janeiro: ABL, [200-b]. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/ramiz-galvao-barao-de-ramiz-galvao/biografia>>. Acesso em: 10 maio 2015.

_____. **Biografia de Oliveira Lima**. Rio de Janeiro: ABL, [200-c]. Disponível: <<http://www.academia.org.br/academicos/oliveira-lima/biografia>>. Acesso em: 10 maio 2015.

_____. **Biografia do Barão do Rio Branco**. Rio de Janeiro: ABL, [200-d]. Disponível: <<http://www.academia.org.br/academicos/barao-do-rio-branco-jose-maria-da-silva-paranhos/biografia>>. Acesso em: 10 maio 2015.

_____. **Biografia de Joaquim Nabuco**. Rio de Janeiro: ABL, [200-e]. Disponível: <<http://www.academia.org.br/academicos/joaquim-nabuco/biografia>>. Acesso em: 10 maio 2015.

_____. **Biografia de Afrânio Peixoto**. Rio de Janeiro: ABL, [200-f]. Disponível: <<http://www.academia.org.br/academicos/afranio-peixoto/biografia>>. Acesso em: 16 jun. 2016.

_____. **Biografia de Alberto de Oliveira**. Rio de Janeiro: ABL, [200-g]. Disponível: <<http://www.academia.org.br/academicos/alberto-de-oliveira/biografia>>. Acesso em: 16 jun. 2016.

_____. **Biografia de Aaulfo de Paiva**. Rio de Janeiro: ABL, [200-h]. Disponível: <<http://www.academia.org.br/academicos/ataulfo-de-paiva/biografia>>. Acesso em: 16 jun. 2016.

_____. **Biografia de Hélio Lobo**. Rio de Janeiro: ABL, [200-i]. Disponível: <<http://www.academia.org.br/academicos/helio-lobo/biografia>>. Acesso em: 16 jun. 2016.

_____. **Biografia de José Veríssimo**. Rio de Janeiro: ABL, [200-j]. Disponível: <<http://www.academia.org.br/academicos/jose-verissimo/biografia>>. Acesso em: 16 jun. 2016.

_____. **Biografia de Olavo Bilac**. Rio de Janeiro: ABL, [200-k]. Disponível: <<http://www.academia.org.br/academicos/olavo-bilac/biografia>>. Acesso em: 16 jun. 2016.

_____. **Biografia de Roquette-Pinto**. Rio de Janeiro: ABL, [200-]. Disponível: <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm%3Fsid%3D198/biografia>>. Acesso em: 16 jun. 2016.

AFFONSO CELSO, Affonso Celso de Assis Figueiredo, Conde de; POMBO, Rocha; FLEIUSS, Max. A Comissão... **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, tomo 68, parte 2, 1907. Disponível em: <<http://www.ihgb.org.br/rihgb.php?s=p>>. Acesso em: 15 jun. 2015.

ALBERTO do Rego Rangel. PE-AZ, [200-]. Disponível em: <<http://www.pe-az.com.br/editorias/biografias/a/501-alberto-do-rego-rangel>>. Acesso em: 16 jun. 2016.

ALTMAN, Max. Hoje na História: Igreja acaba com o index de livros proibidos. **Opera Mundi**, 09 abr. 2010. Disponível em: <<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/3594/conteudo+opera.shtml>>. Acesso em: 10 jun. 2016.

AMADEO, Maria Eliza; KURY, Lorelai. O catálogo de exposição de história do Brasil (1881). **Biblioteca Nacional Digital**, 29 jun. 2014. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/artigos/o-catalogo-de-exposicao-de-historia-do-brasil-1881/>>. Acesso em: 22 set. 2015.

ANDRADE, Rosane Maria Nunes. **Biblioteca Nacional: “monumento de aço e granito” na Avenida Central**. 2008. 117 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2008.

ARAÚJO, André Vieira de Freitas. Pioneirismo bibliográfico em um polímata do séc. XVI: Conrad Gesner. **Informação & Informação**, v. 20, n. 2, p. 118-142, maio/ago. 2015.

ARQUIVO NACIONAL (Brasil). **Dicionário de terminologia arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. Disponível em: <<http://www.arquivonacional.gov.br/Media/Dicion%20Term%20Arquiv.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2013.

AULETE, Caldas. **IDicionário Aulete**. Rio de Janeiro: Lexikon, [2013]. Disponível em: <http://aulete.uol.com.br/site.php?mdl=aulete_digital>. Acesso em: 24 jul. 2015.

BALSAMO, Luigi. **La bibliografia**: historia de uma tradición. Gijón: Trea, [200-].

BARATIN, Marc; JACOB, Christian (Org.). **O poder das bibliotecas**: a memória dos livros no ocidente. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

BARRETO, Lima. Duas Relíquias. In: _____. **Bagatelas**. Rio de Janeiro: Empresa de Romances Populares, 1923.

BARUCH, Marc Olivier; DUCLERT, Vincent (Orgs.). **Serviteurs de l'Etat**: une histoire politique de l'administration française (1875-1945). Paris: La Découverte, 2000.

BESSONE, Tania Maria. **Palácios de destinos cruzados**: bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro : 1870-1920. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999.

BIBLIOTECA DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Biografia de Epitácio Pessoa**.

[Brasília: Presidência da República], c2015. Disponível em:

<<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/ex-presidentes/epitacio-pessoa/biografia>>. Acesso em: 29 jul. 2015.

BITTENCOURT, Feijó. Vida de Manuel Cícero Peregrino da Silva. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, v. 229, out./dez. 1955.

BLANQUET, Marie-France. **Documentalistas: leur histoire de 1900 à 2000**. Mayenne : Canopé, 2014.

BOBBIO, Norberto. **Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea**. São Paulo: UNESP, 1997.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política**. Brasília: Editora UnB, 1998.

BORGES, Jorge Luís. A Biblioteca de Babel. In : _____. **Ficções**. São Paulo: Globo, 1999.

BOURDIEU, Pierre. Le capital social. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, v. 31, p. 2-3, jan. 1980. Disponível em:

<http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/arss_0335-5322_1980_num_31_1_2069>. Acesso em: 10 maio 2015.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. FIGUEIREDO, Janaina P. Amado Baptista de; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 183-191.

BRASIL. Decreto nº 433, de 3 de julho de 1847. **Coleção de Leis do Império do Brasil**, p. 22, 1847. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-433-3-julho-1847-560144-publicacaooriginal-82761-pl.html>>. Acesso em: 28 mar. 2016.

_____. Decreto nº 1.159, de 3 de Dezembro de 1892. **Coleção de Leis do Brasil**, v. 1, pt. 2, 1892. Disponível em:

<<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/18241899/decreto11593dezembro1892520752publicacaooriginal1pe.html>>. Acesso em: 14 maio 2015.

_____. Lei nº 496, de 1º de agosto de 1898. **Coleção de Leis do Brasil**, v. 4, p. 4, 1898.

Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/18241899/lei4961agosto1898540039publicacaooriginal39820pl.html>>.

<<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/18241899/lei4961agosto1898540039publicacaooriginal39820pl.html>>. Acesso em: 31 maio 2016.

_____. Decreto nº 1.825, de 20 de dezembro de 1907: Dispõe sobre a remessa de obras impressas á Bibliotheca Nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, 21 dez. 1907.

Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1900-1909/decreto-1825-20-dezembro-1907-509239-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 23 maio 2012.

_____. Decreto n. 8.835, de 11 de Julho de 1911: Approva o regulamento da Bibliotheca Nacional. **Diário Oficial da União**, 16 jul. 1911. Disponível em:

<<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1910-1919/decreto-8835-11-julho-1911-502890-republicacao-102224-pe.html>>. Acesso em: 23 maio 2012.

_____. Decreto nº 15.596, de 2 de agosto de 1922. *Diário Oficial da União*, 16 ago. 1922. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/19201929/decreto155962agosto1922568204publicacaooriginal91597pe.html>>. Acesso em: 17 jun. 2015.

_____. Decreto nº 35.124, de 27 de Fevereiro de 1954. **Diário Oficial da União**, 4 mar. 1954. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/19501959/decreto3512427fevereiro1954323012publicacaooriginal1pe.html>>. Acesso em: 20 maio 2015.

BRAUNSTEIN, Jean-François; BOURDEAU, Michel; KREMER-MARIETTI, Angèle. Auguste Comte. **France Culture**, 12 mar. 2009. Disponível em: <<http://www.franceculture.fr/emission-auguste-comte-2009-03-12.html>>. Acesso em: 29 set. 2015.

BRITO, Raimundo de Farias. **A verdade como regra das ações**: ensaio de filosofia moral como introdução ao estudo do direito. Brasília: Senado, 2005. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/1115/752954.pdf?sequence=4>>. Acesso em: 16 jun. 2016.

BUCKLAND, Michael K. Information as thing. **Journal of the American Society for information Science**, v. 42. n. 5. p. 351-360, 1991.

CANFORA, Luciano. **A Biblioteca desaparecida**: histórias da biblioteca de Alexandria. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CARVALHÊDO, Shirley do Prado. **O “mito” da destruição total de documentos**: um estudo dos arquivos relacionados à guerrilha do Araguaia à luz de princípios e noções arquivísticas. 2012. 203 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

CARVALHO, José Murilo de. **Os Bestializados**: o Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. A Humanidade como Deusa. **Revista de História**, 21 set. 2009. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigosrevista/ahumanidadecomodeusa>>. Acesso em: 10 maio 2015.

_____. **A formação das almas**: o imaginário da república no Brasil. São Paulo: Cia. das Letras, 2011.

CASTRO, César Augusto. **História da Biblioteconomia brasileira**. Brasília, DF: Thesaurus, 2000.

COSTA, Wilma Peres. Viagens e peregrinações: a trajetória de intelectuais de dois mundos. In: BASTOS, Elide Rugai; RIDENTI, Marcelo; ROLLAND, Denis. **Intelectuais**: sociedade e política, Brasil-França. São Paulo: Cortez, 2003.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2008.

DICIONÁRIO Priberam de Língua Portuguesa. [Portugal]: Priberam, c2012. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/>>. Acesso em: 24 jan. 2013.

DORATIOTO, Francisco. O Brasil no mundo. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. **A abertura para o mundo: 1889-1930**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. (História do Brasil Nação: 1808-2010; v. 3).

ENCICLOPAEDIA BRITANNICA. **Dreyfus affair**. [S. l.]: Enciclopaedia Britannica, c2015a. Disponível em: <<http://global.britannica.com/EBchecked/topic/171538/Dreyfus-affair>>. Acesso em: 01 maio 2015.

_____. **Kulturkampf**. [S. l.]: Enciclopaedia Britannica, c2015b. Disponível em: <<http://global.britannica.com/EBchecked/topic/324668/Kulturkampf>>. Acesso em: 01 maio 2015.

_____. **Jesuits**. [S. l.]: Enciclopaedia Britannica, c2015c. Disponível em: <<http://www.britannica.com/topic/Jesuits>>. Acesso em: 21 out. 2015.

ENDERS, Armelle. **Os vultos da nação: fábrica de heróis e formação dos brasileiros**. Rio de Janeiro: FGV, 2014.

FAUSTO, Boris (Org.). **O Brasil Republicano: 2º volume: sociedades e instituições (1889-1930)**. São Paulo: Difel, 1985. (História Geral da Civilização Brasileira; tomo III).

FAYET-SCRIBE, Sylvie. **Histoire de la documentaion en France: Culture, Science et technologie de l'information: 1895-1937**. Paris: CNRS, 2000.

FERNANDES, Ana Maria. **A construção da ciência no Brasil e a SBPC**. 2. ed. Brasília: UnB, 2000.

FERNANDES, Carlos. **João Batista Ribeiro de Andrade Fernandes, o João Ribeiro**. Campina Grande: UFCG, [200-a]. Disponível em: <<http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/JoaoBRAAF.html>>. Acesso em: 16 jun. 2016.

FERNANDES, Carlos. **Manuel Ida Said Ali**. Campina Grande: UFCG, [200-b]. Disponível em: <<http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/JoaoBRAAF.html>>. Acesso em: 16 jun. 2016.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucila de Almeida Neves. **O tempo do liberalismo excludente: da Proclamação da República à Revolução de 1930**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. (O Brasil Republicano; 1).

FONSECA, Edson Nery da. Desenvolvimento da Biblioteconomia e da Bibliografia no Brasil. **Revista do Livro**, ano 2, n. 5, p. 95-124, mar. 1957.

_____. **Ramiz Galvão: bibliotecário e bibliógrafo**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1963.

_____. Origem, evolução e estado atual dos serviços de Documentação no Brasil. **Revista do Serviço Público**, Brasília, v. 108, n. 1, p. 37-52, jan./abr. 1973a.

_____. Bibliografia Estatística e Bibliometria: uma reivindicação de prioridades. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 5-7, 1973b.

FONSECA, Maria Rachel Fróes. **Aloysio de Castro**. In: CASA DE OSWALDO CRUZ. Dicionário histórico-biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930). Rio de Janeiro: FIOCRUZ, [200-]. Disponível em: <<http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/index.php>>. Acesso em: 16 jun. 2016.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **Liga das Nações**. Rio de Janeiro: FGV, c2015. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos20/CentenarioIndependencia/LigaDaSNacoes>>. Acesso em: 16 jun. 2016.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Biografia de Oswaldo Cruz**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, [200-]. Disponível em: <<http://portal.fiocruz.br/pt-br/content/oswaldo-cruz>>. Acesso em: 16 jun. 2016.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Cia. das Letras, 2011.

GOMES, Sônia de Conti. **Bibliotecas e sociedade na Primeira República**. [Brasília]: INL, 1983.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

HAESBAERT, Rogério; BRUCE, Glauco. A Desterritorialização na Obra de Deleuze e Guattari. **GEOgraphia**, v. 4, n. 7, 2002.

HENRI La Fontaine. Bruxelas, [191-]. Disponível em: <<http://archives.mundaneum.org/en/henri-la-fontaines-personal-papers>>. Acesso em: 16 jun. 2016.

HOMERO Pires. Rio de Janeiro: FGV, [200-]. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/PIRES,%20Homero.pdf>>. Acesso em: 16 jun. 2016.

IGREJA POSITIVISTA DO BRASIL. **Importância histórica**. [Rio de Janeiro]: Igreja Positivista, [200-b]. Disponível em: <<https://blogdaipb.wordpress.com/postivismo-e-republica/>>. Acesso em: 15 jun. 2015.

_____. **O templo da Humanidade**. [Rio de Janeiro]: Igreja Positivista, [200-a]. Disponível em: <<https://blogdaipb.wordpress.com/o-templo-da-humanidade/>>. Acesso em: 15 jun. 2015.

INFOISIS. **O que é MicroISIS?**. [S. l.], c2004. Disponível em: <<http://www.infoisis.com.br/html/cdsisis.html#oquee>>. Acesso em: 28 ago. 2016.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO. Extractos dos Estatutos do Instituto Historico e Geogrphico Brasileiro. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, tomo 1, 1. trim. 1839, n. 1. Disponível em: <<http://www.ihgb.org.br/rihgb.php?s=p>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

INSTITUTO NACIONAL DE PROPRIEDADE INDUSTRIAL. **Institucional**. [Rio de Janeiro]: INPI, [200-]. Disponível em: <<http://www.inpi.gov.br/sobre/estrutura>>. Acesso em: 27 out. 2015.

INSTITUT INTERNATIONAL DE BIBLIOGRAPHIE. Statuts. **Bulletin de L'Institut International de Bibliographie**, ano 1, n. 1, p. 12-14, 1895.

INSTITUT INTERNACIONAL DE BIBLIOGRAPHIE. Le Dépôt Légal dans ses rapports avec les besoins de la Bibliographie et de la Documentation. **Bulletin de L'Institut International de Bibliographie**, ano 3, 1908.

INTERNATIONAL PEACE BUREAU. **About IPB**: over a century of peace-making. Genebra: IPB, c2012. Disponível em: <http://www.ipb.org/web/index.php?mostra=content&menu=about%20ipb&submenu=History&id_nom=Over+a+century+of+Peace-Making>. Acesso em: 21 jan. 2013.

JOSÉ Leopoldo de Bulhões Jardim. **A história da humanidade a um click**, 15 maio 2008. Disponível em: <<http://fazendoahistoriacelb.blogspot.com.br/2008/05/jos-leopoldo-de-bulhes-jardim.html>>. Acesso em: 16 jun. 2016.

JOSÉ SUÁREZ, Reinaldo. El ingeniero D. Federico Biraben y su accion bibliographica en el ambito americano. **Documentation Bibliotecologica**, n. 1, p. 1-10, 1970.

JUVÊNCIO, Carlos Henrique. **O Mundaneum no Brasil**: o Serviço de Bibliographia e Documentação da Biblioteca Nacional e seu papel na implementação de uma rede de informações científicas. 2014. 190 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Brasília, Faculdade de Ciência da Informação, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2014.

JUVÊNCIO, Carlos Henrique; RODRIGUES, Georgete Medleg. A internacionalização da Biblioteca Nacional: Identificação das ações nos relatórios institucionais (1905-1915). **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 18, n. 3, p. 149-159, jul./set. 2013.

_____. Os arquivos da Biblioteca Nacional: contribuições para o desenvolvimento de um projeto de pesquisa sobre a construção de uma rede de informações científicas. In: MATOS, Maria Tereza Navarro de Britto et al. (Org.). **Perfil, evolução e perspectivas do ensino e da pesquisa em Arquivologia no Brasil**. Salvador: EDUFBA, 2015. p. 541-554.

KOK, Glória. **Rio de Janeiro na época da Av. Central**. São Paulo: Bei Comunicação, 2005.

LAEMMERT, Eduardo. **Almanak administrativo, mercantil e industrial do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, 1893. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/almanak-administrativo-mercantil-industrial-rio-janeiro/313394>>. Acesso em: 21 out. 2015.

LAMEERE, Eug.; SURY, Charles. Écoles du livre et la création d'une école du livre à Bruxelles. **Bulletin de L'Institut International de Bibliographie**, p. 217-244, 1897.

LATOURE, Bruno. Redes que a razão desconhece: laboratórios, bibliotecas, coleções. In: BARATIN, Marc; JACOB, Christian. **O poder das bibliotecas: a memória dos livros no ocidente**: Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

LE DEUFF, Olivier. Conrad Gesner, le père de la bibliographie (1516-1565). **Savoirs CDI**, nov. 2015. Disponível em: <<https://www.reseau-canope.fr/savoircdi/societe-de-linformation/le-monde-du-livre-et-des-medias/histoire-du-livre-et-de-la-documentation/biographies/conrad-gesner-le-pere-de-la-bibliographie-1516-1565.html>>. Acesso em: 16 jun. 2016.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5. ed. Campinas: UNICAMP, 2003.

LOPEZ YEPES, Jose. **La Documentacion como disciplina: teoria e historia**. 2. ed. Pamplona: Ediciones Universidad de Navarra, 2995.

MANFROID, Stephanie. As realidades de uma aventura documentária. **Informação & Informação**, v. 20, n. 2, p. 1-19, ago. 2015. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/23123>>. Acesso em: 13 jun. 2016.

MARTINS, Wilson. **História da inteligência brasileira: volume V (1897-1914)**. 2. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 1996. (Coleção Coroa Vermelha: Estudos Brasileiros; 23D).

MATTELART, Armand. **Histoire de l'utopie planétaire: de la cité prophétique à la société globale**. Paris: La Découverte, 2009.

MENDES, Luciana Corts. **Do tecer do algodão ao tecer da informação: organizando a explosão informacional do século XIX**. 2014. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade de São Paulo, 2014.

MICELI, Sergio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

MOURA, Amanda Pacini de. **Documentação e internacionalismo em Paul Otlet**. 2015. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade de São Paulo, 2015.

MUNDANEUM. **Historique**. Mons: Mundaneum, c2016. Disponível em: <<http://archives.mundaneum.org/fr/historique>>. Acesso em: 16 jun. 2016.

MUSÉE DE LA MUTUALITÉ. **Léopold Mabilleau**. França, c2005. Disponível em: <<http://www.musee.mutualite.fr/musee/musee-mutualite.nsf/PopupFrame?openagent&Etage=perso&Piece=1&Nb=1&Ref=mabilleau>>. Acesso em: 22 jun. 2016.

NASCIMENTO, Jaime Oliveira do. **Castro Rebelo**. Rio de Janeiro: FGV, [200-]. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/REBELO,%20Castro.pdf>>. Acesso em: 16 jun. 2016.

NEVES, Margarida de Souza. Os cenários da república: o Brasil na virada do século XIX para o século XX. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucila de Almeida Neves. **O tempo do liberalismo excludente**: da Proclamação da República à Revolução de 1930. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. (O Brasil Republicano; 1).

ODDONE, Nanci Elizabeth. A Documentação no Brasil e seu impacto durante o Estado Novo. ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 11. Rio de Janeiro, 2010. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: ENANCIB, 2010.

_____. **Ciência da Informação em perspectiva histórica**: Lydia de Queiroz Sambaquy e o aporte da Documentação (Brasil, 1930-1970). 2004. 157 f. Tese (Doutorado) - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

_____. Lydia de Queiroz Sambaquy e a Ciência da Informação no Brasil. ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 6., 2005, Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Florianópolis: ENANCIB, 2005.

_____. O IBBD e a informação científica: uma perspectiva histórica para a ciência da informação no Brasil. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 1, p. 45-56, jan./abr. 2006.

OLIVEN, Ruben George. Cultura e modernidade no Brasil. **São Paulo em Perspectiva**, v. 15, n. 2, p. 3-12, 2001.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA. **Memory of the world**. [S. l.] : UNESCO, c2015. Disponível em : <<http://www.unesco.org/new/en/communication-and-information/flagship-project-activities/memory-of-the-world/about-the-programme/objectives/>>. Acesso em: 03 jul. 2015.

ORTEGA, Cristina Dotta. A documentação como uma das origens da ciência da informação e base fértil para sua fundamentação. **Brazilian Journal of Information Science**, v. 3, n. 1, p.3-35, jan./jun. 2009a.

_____. Surgimento e consolidação da Documentação: subsídios para compreensão da história da Ciência da Informação no Brasil. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 14, n. especial, p. 59-79, 2009b.

_____. Relações históricas entre Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação. **DataGramaZero**, v. 5, n. 5, out. 2004.

OTLET, Paul. L'Office International de Bibliographie. In: LE MOUVEMENT scientifique en Belgique : 1830-1905: tomo II. Bruxelas: Société Belge de Librairie, 1908. p. 358-374. Disponível em: <<http://ia701200.us.archive.org/1/items/lemouvementscien02over/lemouvementscien02over.pdf>>. Acesso em: 13 jan. 2012.

_____. **Cité Mondiale**: Geneva, World Civic Center, Mundaneum. Bruxelas: Union des Associations Internationales, 1929.

_____. **Traité de Documentation**: le livre sur le livre, théorie et pratique. Bruxelles: Mundaneum, 1934. Disponível em : <http://lib.ugent.be/fulltxt/handle/1854/5612/Traite_de_documentation_ocr.pdf >. Acesso em 13 set. 2012.

_____. Documentos e Documentação. **BITI**, Rio de Janeiro, 2009.

_____. **Traité de documentation**: Le livre sur le livre. França: Impressions Nouvelles, 2015. Fac-símile.

PAIM, Antônio. **A Escola do Recife**. Londrina: UEL, 1999. (Estudos Complementares à História das Idéias Filosóficas no Brasil; v. 5).

PAUL Otlet (young). Bruxelas, [188-]. Disponível em: <<https://www.google.com/culturalinstitute/asset-viewer/paul-otlet-young/RQGTBNaRGDOhPQ?exhibitId=QQ8iak0D&hl=pt-BR&projectId=historic-moments>>. Acesso em: 16 jun. 2016.

PÉCAUT, Daniel. **Os intelectuais e a política no Brasil**: entre o povo e a nação. São Paulo: Ática, 1990.

PEREIRA, Maria de Nazaré Freitas. Bibliotecas virtuais: realidade, possibilidade ou alvo de sonho. **Ciência da Informação**, v. 24, n. 1, 1995.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. Gênese da Ciência da Informação ou sinais anunciadores da nova área. In: AQUINO, Mirian de Albuquerque (Org.). **O campo da Ciência da Informação**: gênese, conexões e especificidades. João Pessoa, UFPB, 2002. p. 61-86.

PETIT, Annie. L'héritage du positivisme dans la création de la chaire d'histoire générale des sciences au Collège de France. **Revue d'histoire des sciences**, v. 48, n. 4, p. 521-556, 1995. Disponível em: <http://www.persee.fr/doc/rhs_0151-4105_1995_num_48_4_1241>. Acesso em: 29 set. 2015.

RAMA, Angel. **A cidade das letras**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

RANGANATHAN, Shiyali Ramamritam. **The Five Laws of Library Science**. London: Edward Goldston. 1931.

RAYWARD, W. Boyd. Boyd. **The universe of information**: the work of Paul Otlet for Documentation and international organisation. Moscow: VINITI; FID, 1975.

_____. **International Organisation and Dissemination of Knowledge**: Selected Essays of Paul Otlet. Amsterdã: FID; Elsevier, 1990.

_____. The case of Paul Otlet, pioneer of Information Science, internationalist, visionary: reflections on biography. **Journal of Librarianship and Information Science**, n. 23, p. 135-145, set. 1991.

_____. Visions of Xanadu: Paul Otlet (1868-1944) and hipertext. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 45, n. 4, p. 235-259, maio 1994a.

_____. The International Federation for Information and Documentation (FID). In: WIEGAND, Wayne A.; DAVIS JR., Don G. **Encyclopedia of Library History**. New York: Garland Press, 1994b.

_____. The History and Historiography of Information Science: some reflections. **Information Processing & Management**, v. 32, n. 1, p. 3-17, 1996.

_____. The Origins of Information Science and the International Institute of Bibliography/International Federation for Information and Documentation (FID). **Journal of the American Society for Information Science**, v. 48, n. 4, p. 289-300, 1997.

_____. Mundaneum: Archives of knowledge. **Occasional Papers**, n. 215, maio 2010. Disponível em: <http://web.simmons.edu/~watkins/Rayward_215_WEB>. Acesso em: 21 mar. 2015.

REALE, Miguel. **Horizontes do direito e da história**: estudos de filosofia do direito e da cultura. São Paulo: Saraiva, 1956. (Coleção Direito e Cultura; 4).

_____. **Figuras da inteligência brasileira**. 2. ed. São Paulo: Siciliano, 1994.

REITZ, Joan M. **Online Dictionary for Library and Information Science**. [Estados Unidos]: ABC-CLIO, c2013. Disponível em: <http://www.abc-clio.com/ODLIS/odlis_A.aspx>. Acesso em: 25 jan. 2013.

RESENDE, Maria Efigênia Lage de. O processo político da Primeira República e o liberalismo oligárquico. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucila de Almeida Neves. **O tempo do liberalismo excludente**: da Proclamação da República à Revolução de 1930. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. (O Brasil Republicano; 1).

REYES GÓMEZ, Fermín de los. **Manual de bibliografía**. Madrid: Castalia Instrumenta, 2010.

RIBEIRO, Edgard Telles. **Diplomacia cultural**: seu papel na política externa brasileira. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 1989.

RIEUSSET-LEMARIÉ, Isabelle. P. Otlet's Mundaneum and the International Perspective in the History of Documentation and Information Science. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 48, n. 4, p. 301-309, 1997.

ROBREDO, Jaime. **Da Ciência da Informação Revisitada aos sistemas humanos de informação**. Brasília, DF: Thesaurus, 2003.

ROLLAND-THOMAS, Paule; COULOMBE, Victor; CHABOT, Juliette. **Vocabulaire technique de la Bibliothéconomie et de la Bibliographie**. Montreal: Association Canadienne des Bibliothécaires de Langue Française, 1969.

ROMANOS DE TIRATEL, Susana. La bibliografía nacional argetina: una deuda pendiente. In: WORLD LIBRARY AND INFORMATION CONGRESS: IFLA GENERAL

CONFERENCE AND CONCIL, 70., Buenos Aires, 2004. **Anais...** Buenos Aires: IFLA, 2004.

SÁ, Ivan Coelho de. As matrizes francesas e origens comuns no Brasil dos cursos de formação em Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia. **Acervo**, v. 26, n. 2, p. 31-58, jul./dez. 2013.

SAMBAQUY, Lydia de Queiroz. Manuel Cícero Peregrino da Silva. **Boletim Informativo do IBBD**, v. 2, n. 5, p. 235-239, set./out. 1956.

SANTOS, Marcelo Tadeu dos. **O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. 2016. Aula expositiva.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; COSTA, Angela Marques; AZEVEDO, Paulo Cesar de. **A longa viagem da Biblioteca dos Reis: do terremoto de Lisboa à Independência do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SCHWARTZMAN, Simon. **Um espaço para a ciência: a formação da comunidade científica no Brasil**. Brasília: Ministério da Ciência e da Tecnologia, 2001. (Coleção Brasil, Ciência e Tecnologia; 1).

SOUSA, Alexandre Medeiros Correia de. **Estudo de uma experiência de fluxo informacional científico no Instituto Oswaldo Cruz: a “Mesa das Quartas-Feiras”**. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação; Universidade Federal Fluminense, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, 2006.

SUPERIOR TRIBUNAL FEDERAL (Brasil). **Amaro Cavalcanti**. Brasília: STF, [200-]. Disponível em: <<http://www.stf.jus.br/portal/ministro/verMinistro.asp?periodo=stf&id=200>>. Acesso em: 25 maio 2015.

THE NOBEL Peace Prize 1913: Presentation Speech. **Nobelprize.org**. Disponível em: <http://www.nobelprize.org/nobel_prizes/peace/laureates/1913/press.html>. Acesso em: 21 jan. 2013.

TORRES, Marcos Paulo. **Esmeraldino Bandeira**. Rio de Janeiro: FGV, [200-]. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/BANDEIRA,%20Esmeraldino.pdf>>. Acesso em: 16 jun. 2016.

UNION OF INTERNATIONAL ASSOCIATIONS. **UIA's History**. Bélgica: UIA, 2015a. Disponível em: <<http://www.uia.be/history>>. Acesso em: 27 abr. 2016

_____. **Purpose and objectives**. Bélgica: UIA, 2015b. Disponível em: <<http://www.uia.org/about/objectives>>. Acesso em: 27 abr. 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. Centro de Ciências Jurídicas. **História**. Recife: UFPE, c2009.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. **A UFRJ**: história. Rio de Janeiro: UFRJ, [200-]. Disponível em: <http://www.ufrj.br/pr/conteudo_pr.php?sigla=HISTORIA>. Acesso em: 20 jun. 2015.

VASCONCELOS, Cláudio Beserra de. **Aurelino Leal**. Rio de Janeiro: FGV, [200-]. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/LEAL,%20Aurelino.pdf>>. Acesso em: 16 jun. 2016.

WESTIN, Ricardo. Esquecidos por 125 anos, desenhos originais da bandeira do Brasil são encontrados no Rio. **Senado Notícias**, 31 out. 2014. Disponível em: <<http://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2014/10/31/esquecidos-por-125-anos-desenhos-originais-da-bandeira-do-brasil-sao-encontrados-no-rio>>. Acesso em: 10 maio 2015.

WRIGHT, Alex. **Cataloging the world**: Paul Otlet and the birth of the information age. New York: Oxford, 2014.

ZABOLOTNY, Sibeles. Qual a origem do Prêmio Nobel?. **Galileu**, n. 187, fev. 2007. Disponível em: <<http://revistagalileu.globo.com/Galileu/0,6993,ECT545744-1716-7,00.html>>. Acesso em: 16 jun. 2016.

ZARUR, George de Cerqueira Leite. **A arena científica**. Campinas: Autores Associados; Brasília: FLACSO, 1994.

REFERÊNCIAS DA PESQUISA DOCUMENTAL

ALVES, Constâncio. **Pontos para a prova de Bibliografia**. Rio de Janeiro, 20 dez. 1916. 1 doc. (1 p.). Original. Manuscrito. Serie [Curso de Biblioteconomia]. Coleção Biblioteca Nacional. 66,1,003 n°033.

_____. **Pontos para a prova de Bibliografia**. Rio de Janeiro, 31 dez. 1919. 01 doc. (1 p.). Original. Manuscrito. Serie [Curso Biblioteconomia]. Coleção Biblioteca Nacional. 66,1,003 n° 032.

ANAIIS DA BIBLIOTECA NACIONAL. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1986- . Anual.

ANDERSEN, Hendrik. **An International World Center**. Bélgica, 1912. Disponível em: <<https://www.google.com/culturalinstitute/beta/asset/an-international-world-center/IgGe8NJ2jsZLfQ?hl=fr>>. Acesso em: 16 jun. 2016.

BEHRING, Mario. A Bibliotheca Nacional em 1923. **Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro**, v. 45, p. 459-478, 1923. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/anais/anais_045_1923.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2013.

BIBLIOGRAPHIA Brasileira. **Revista Sul Americana**, ano 1, n. 2, fev. 1888.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **Correspondência expedida**. Rio de Janeiro, 26/10/1908 - 31/12/1909. 510 doc. (500 f.). 36,0 x 24,5 cm. Original. Diretor da Biblioteca Nacional: Manuel Cícero Peregrino da Silva. Contém índice. Serie Gabinete. Coleção Biblioteca Nacional. 69,4,009.

_____. **Correspondência expedida**. Rio de Janeiro, 14/01/1911 - 03/01/1912. 498 doc. (500 f.). 36,0 x 24,5 cm. Original. Diretor da Biblioteca Nacional: Manuel Cícero Peregrino da Silva. Contém índice. Serie Gabinete. Coleção Biblioteca Nacional. 69,4,010.

_____. **Correspondência expedida**. Rio de Janeiro, 02/01/1912 - 08/03/1913. 489 doc. (500 f.). 35,0 x 24,0 cm. Original. Diretor da Biblioteca Nacional: Manoel Cícero Peregrino da Silva. O documento não possui índice. Serie Gabinete. Coleção Biblioteca Nacional. 69,4,011.

_____. **Correspondência expedida**. Rio de Janeiro, 08/03/1913 - 24/07/1914. 490 doc. (500 f.). 36,0 x 23,0 cm. Original. Datilografado. Diretor da Biblioteca Nacional: Manuel Cícero Peregrino da Silva. O documento não possui índice. Serie Gabinete. Coleção Biblioteca Nacional. 69,4,012.

_____. **Correspondência expedida.** Rio de Janeiro, 24/07/1914 - 02/12/1915. 498 doc. (500 f.). 36,0 x 24,0 cm. Original. Datilografado. Diretor da Biblioteca Nacional: Manuel Cícero Peregrino da Silva. Não contém índice. Serie Gabinete. Coleção Biblioteca Nacional. 69,4,013.

_____. **Album de photographias.** Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1911. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon393014/icon393014.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2013.

_____. **Exposição comemorativa: Sesquicentenário (1810-1960).** Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1960a.

_____. **Guia da Biblioteca Nacional: Sesquicentenário (1810-1960).** Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1960b.

_____. **Cinquenta anos de Biblioteconomia (1915-1965).** Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1965. Catálogo de Exposição. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon1285846.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2013.

_____. **Manuel Cícero Peregrino da Silva: 1866-1966.** Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1966. Catálogo de Exposição. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon1285806.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2013.

_____. **Manuel Cícero Peregrino da Silva.** Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2010. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/dossies/biblioteca-nacional-200-anos/?sub=os-personagens%2Fmanuel-cicero-peregrino-da-silva%2F>>. Acesso em: 1 jun. 2013.

_____. **Guia de Coleções da Divisão de Manuscritos.** Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, c2013. Disponível em: <http://catcrd.bn.br/scripts/odwp032k.dll?t=bs&pr=manuscritos_guia_pr&db=manuscritos_guia&use=ti&disp=list&ss=NEW&arg=marilia|vellosolpinto>. Acesso em: 10 out. 2013.

_____. **Missão.** Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, [200-]. Disponível em: <<http://www.bn.br/biblioteca-nacional/missao>>. Acesso em: 14 jun. 2015.

_____. **Hemeroteca brasileira: a biblioteca da mídia impressa.** Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, [2010]. (Folheto de divulgação).

BULLETIN DE L'INSTITUT INTERNATIONAL DE BIBLIOGRAPHIE. Bruxelas, 1895-?.

COMMISSION ROYALE BELGE DES ÉCHANGES INTERNATIONAUX. **Carta ao diretor da Biblioteca Nacional.** Bruxelas, 04 abr. 1911. (Biblioteca Nacional, Mss 68,2,006).
CORRÊA, Rivadávia. **Ofício a Manoel Cícero Peregrino da Silva.** Rio de Janeiro, 25 jul. 1913. (Biblioteca Nacional, Mss 68,3,001-002).

CORRÊA, Rivadávia. **Ofício ao ministro das Relações Exteriores.** Rio de Janeiro, 9 ago. 1913. (Arquivo Histórico do Itamaraty, 301,4,11).

CORRESPONDÊNCIA recebida. Rio de Janeiro, 12/01/1898 - 14/12/1898. 252 doc. (306 p.). 36,5x26,0cm. Original. Manuscrito. Diretor da Biblioteca Nacional, na época: José Alexandre Teixeira de Melo. Serie Gabinete. Coleção Biblioteca Nacional. 68,1,002.

CORRESPONDÊNCIA recebida. Rio de Janeiro, 04/01/1899 - 30/12/1899. 275 doc. (368 p.). 36,0x26,0cm. Original. Manuscrito. Diretor da Biblioteca Nacional na época: José Alexandre Teixeira de Melo. Serie Gabinete. Coleção Biblioteca Nacional. 68,1,003.

CORRESPONDÊNCIA recebida. Rio de Janeiro, 04/01/1900 - 16/01/1901. 352 doc. (1901 p.). 36,5x26,0cm. Original. Manuscrito. Diretor da Biblioteca Nacional: José Alexandre Teixeira de Melo e Manuel Cícero Peregrino da Silva. Serie Gabinete. Coleção Biblioteca Nacional. 68,1,004.

CORRESPONDÊNCIA recebida. Rio de Janeiro, 05/01/1901 - 30/12/1901. 364 doc. (394 p.). 36,0x26,0cm. Original. Manuscrito, datilografado e impresso. Diretor da Biblioteca Nacional: Manuel Cícero Peregrino da Silva. Serie Gabinete. Coleção Biblioteca Nacional. 68,1,005.

CORRESPONDÊNCIA recebida. Rio de Janeiro, 11/04/1902 - 31/12/1902. 423 doc. (534 p.). 36,5x26,5cm. Original. Manuscrito, datilografado e impresso. Diretor da Biblioteca Nacional: Manuel Cícero Peregrino da Silva. Serie Gabinete. Coleção Biblioteca Nacional. 68,1,006.

CORRESPONDÊNCIA recebida. Rio de Janeiro, 05/01/1903 - 31/12/1903. 501 doc. (648 p.). 35,0x24,0cm. Original. Manuscrito, datilografado e impresso. Diretor da Biblioteca Nacional: Manuel Cícero Peregrino da Silva. Documentos pertencentes a diversas instituições tais como: Biblioteca Nacional do Chile, Consulado Americano, Smithsonian Institution, United States Geological Survey e Biblioteca Nacional de Cuba. Serie Gabinete. Coleção Biblioteca Nacional. 68,1,007.

CORRESPONDÊNCIA recebida. Rio de Janeiro, 30/01/1904 - 31/12/1904. 491 doc. (180 f.). 36,0x25,0cm. Original. Manuscrito, datilografado e impresso. Diretor da Biblioteca Nacional: Manuel Cícero Peregrino da Silva. Coleção Biblioteca Nacional. 68,1,008.

CORRESPONDÊNCIA recebida. Rio de Janeiro, 02/01/1905 - 15/10/1905. 487 doc. (282 f.). 36x18cm. Original. Manuscrito, datilografado e impresso. Diretor da Biblioteca Nacional: Manuel Cícero Peregrino da Silva. Serie Gabinete. Coleção Biblioteca Nacional. 68,1,009.

CORRESPONDÊNCIA recebida. Rio de Janeiro, 02/01/1906 - 04/12/1906. 484 doc. (239 f.). 36x25cm. Original. Manuscrito. Diretor da Biblioteca Nacional: Manuel Cícero Peregrino da Silva. Coleção Biblioteca Nacional. 68,2,001.

CORRESPONDÊNCIA recebida. Rio de Janeiro, 04/01/1907 - 16/12/1907. 710 doc. (889 p.). 36x25cm. Original. Manuscrito, datilografado e impresso. Diretor da Biblioteca Nacional: Manuel Cícero Peregrino da Silva. Serie Gabinete. Coleção Biblioteca Nacional. 68,2,002.

CORRESPONDÊNCIA recebida. Rio de Janeiro, 11/01/1908 - 10/12/1908. 780 doc. (963 p.). 36,0x25,0cm. Original. Manuscrito, datilografado e impresso. Diretor da Biblioteca Nacional: Manuel Cícero Peregrino da Silva. Serie Gabinete. Coleção Biblioteca Nacional. 68,2,003.

CORRESPONDÊNCIA recebida. Rio de Janeiro, 20/01/1909 - 28/12/1909. 571 doc. (865 p.). 36,0x25,0cm. Original, cópia. Manuscrito, datilografado e impresso. Diretor da Biblioteca Nacional: Manuel Cícero Peregrino da Silva. Serie Gabinete. Coleção Biblioteca Nacional. 68,2,004.

CORRESPONDÊNCIA recebida. Rio de Janeiro, 01/01/1910 - 31/12/1910. 474 doc. (591 p.). 36,0x25,0cm. Original. Manuscrito, datilografado e impresso. Diretor da Biblioteca Nacional: Manuel Cícero Peregrino da Silva. Serie Gabinete. Coleção Biblioteca Nacional. 68,2,005.

CORRESPONDÊNCIA recebida. Rio de Janeiro, 01/01/1911 - 31/12/1911. 598 doc. (748 p.). 36,0x26,0cm. Original. Manuscrito, datilografado e impresso. Diretor da Biblioteca Nacional: Manuel Cícero Peregrino da Silva. Serie Gabinete. Coleção Biblioteca Nacional. 68,2,006.

CORRESPONDÊNCIA recebida. Rio de Janeiro, 02/01/1912 - 12/12/1912. 788 doc. (1004 p.). 36,0x26,0cm. Original. Manuscrito, datilografado e impresso. Diretor da Biblioteca Nacional: Manuel Cícero Peregrino da Silva. Serie Gabinete. Coleção Biblioteca Nacional. 68,2,007-008.

CORRESPONDÊNCIA recebida. Rio de Janeiro, 25/01/1913 - 16/12/1913. 752 doc. (1084 p.). 36,0x25,0cm. Original. Manuscrito, datilografado e impresso. Diretor da Biblioteca Nacional: Manuel Cícero Peregrino da Silva. Serie Gabinete. Coleção Biblioteca Nacional. 68,3,001-002.

CORRESPONDÊNCIA recebida. Rio de Janeiro, 01/01/1914 - 31/12/1914. 493 doc. (646 p.). 36,0x25,0cm. Original. Manuscrito, datilografado e impresso. Diretor da Biblioteca Nacional: Manuel Cícero Peregrino da Silva. Documentos pertencentes a diversas instituições tais como: Instituto Histórico e Geográfico de Minas, Biblioteca Pública da Bahia, Biblioteca Nacional de Handuras, Bibliotheque Communale de Lille, etc. Serie Gabinete. Coleção Biblioteca Nacional. 68,3,003.

CORRESPONDÊNCIA recebida. Rio de Janeiro, 02/01/1915 - 30/12/1915. 751 doc. (1136 p.). 36,0x25,0cm. Original. Manuscrito, datilografado e impresso. Diretor da Biblioteca Nacional: Manuel Cícero Peregrino da Silva. Documentos pertencentes a diversas instituições tais como: Instituto Nacional de Música, alfândega do Rio de Janeiro, Instituto Histórico e Geográfico Paraibano e etc. Serie Gabinete. Coleção Biblioteca Nacional. 68,3,004-005.

FERREIRA, Antonio Luiz. **Album de vistas da Bibliotheca Nacional**. 1902. Fotografia. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon326080/icon326080.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2013.

_____. **Lançamento da pedra fundamental do novo edifício da Bibliotheca Nacional na Avenida Central em 15 de agosto de 1905, sendo Presidente da República o Dr. Rodrigues Alves, Ministro do Interior Dr. J. J. Seabra e Diretor da Bibliotheca o Dr. Manuel C. Peregrino da Silva**. 1905. Fotografia. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon1285453/icon1285453.jpg>. Acesso em: 25 jul. 2013.

FERREZ, Marc. [**Fachada da Biblioteca Nacional**]. 1910. Fotografia. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon1231184/icon1231184.jpg>. Disponível em: 28 mar. 2013.

FICHAS do Instituto Internacional de Bibliografia em classificação decimal enviadas à Biblioteca Nacional (caixa modelo série nº 31). I-19,19,1.

FREIRE, Victor da Silva. A Bibliographia universal e a Classificação decimal. **Anuario da Escola Polytechnica de São Paulo**, n. 2, p. 125-157, 1901.

FREITAS, Herculano. **Ofício ao diretor da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro, 4 nov. 1913. (Biblioteca Nacional, Mss 68,3,001-002).

GALVÃO, Cícero de Britto. **Memorial que apresenta o official Cicero de Britto Galvão ao Conselho Consultivo da Bibliotheca Nacional**. [Rio de Janeiro], 19 nov. 1918. Original, manuscrito, autógrafo, 1 p. 65,5,002 nº 023.

INSTITUT INTERNATIONAL DE BIBLIOGRAPHIE. **Statuts**. Bulletin de L'Institut International de Bibliographie, ano 1, n. 1, p. 12-14, 1895.

INSTITUTO INTERNACIONAL DE BIBLIOGRAFIA. **Cartão Postal à Biblioteca Nacional**. Bruxelas, [12 de janeiro] de 1910. (Biblioteca Nacional, Mss 68,2,005).

LA FONTAINE, Henri; OTLET, Paul. La Vie Internationale et l'effort pour son organisation. **La Vie Internationale**, tomo 1, p. 9-34, 1912.

LIMA, oliveira. **Ofício ao ministro das Relações Exteriores, Barão do Rio Branco**. Bruxelas, 23 ago. 1910. (Arquivo Histórico do Itamaraty, 205,1,03).

MAGALHÃES, Basílio de. **Prefácio**. Boletim bibliographico da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, jan./mar. 1918.

_____. A Bibliotheca em 1917. **Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro**, v. 40, p. 354-375, 1918. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/anais/anais_040_1918.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2013.

_____. A Bibliotheca em 1918. **Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro**, v. 41-42, p. 270-303, 1919-1920. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/anais/anais_041-042_1919_20.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2013.

MASURE, Louis. **Carta ao diretor da Biblioteca Nacional**. Bruxelas, 9 maio 1911. (Biblioteca Nacional, Mss 68,2,006).

_____. **Carta ao diretor da Biblioteca Nacional**. Bruxelas, 19 set. 1911. (Biblioteca Nacional, Mss 68,2,006).

_____. **Carta ao diretor da Biblioteca Nacional**. Bruxelas, 29 dez. 1911. (Biblioteca Nacional, 68,2,006).

_____. **Carta ao diretor da Biblioteca Nacional**. Bruxelas, 10 jul. 1912. (Biblioteca Nacional, Mss 68,2,007-008).

_____. **Carta ao diretor da Biblioteca Nacional**. Bruxelas, 2 set. 1912. (Mundaneum, Dossiê 504).

_____. **Carta ao diretor da Biblioteca Nacional**. Bruxelas, 27 jul. 1914. (Biblioteca Nacional, Mss 68,3,003).

_____. **Carta enviada aos embaixadores em Bruxelas convidando-os para a cerimônia de entrega das fichas do RBU ao embaixador brasileiro, Oliveira Lima**. Bruxelas, 29 nov. 1911. (Mundaneum, Dossiê 504).

MÜLLER, Lauro. **Ofício ao ministro da Justiça e Negócios Interiores, Herculano de Freitas**. Rio de Janeiro, 29 ago. 1913. (Arquivo Histórico do Itamaraty, 302,4,11).

O PAIZ, 26 ago. 1910. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DOCREADER/docmulti.aspx?BIB=178691>>. Acesso em: 15 nov. 2013.

OTAVIO, Rodrigo. O Brasil Moderno: A Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro. **Ilustração Portuguesa**: revista semana dos acontecimentos da vida portuguesa, 2a. série, v. 11, 2. sem. 1911.

OTLET, Paul; LA FONTAINE, Henri. Création d'un Répertoire Bibliographique Universel: note préliminaire. **Bulletin de L'Institut International de Bibliographie**, ano 1, n. 1, p. 15-38, 1895.

RAMIZ GALVÃO, Benjamin Franklin Ramiz Galvão, Barão de. **Catalogo do Gabinete Português de Leitura no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Typ. do "Jornal do Commercio" de Rodrigues & C., 1906. (v. 1).

_____. Fr. Camillo de Monserrate: estudo biographico. **Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro**, v. 12, 1884-1885.

REVISTA Sul-America, v. 1, n. 1.

SACRAMENTO BLAKE, Augusto Victorino Alves. **Diccionario Bibliographico Brasileiro** (v. 1-7). Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1893-1902. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/search?fq=dc.contributor.author:%22Blake,+Augusto+Victorino+Alves+Sacramento,+1827-1903%22>>. Acesso em: 22 jun. 2015.

SERVICE BELGE DES ÉCHANGES INTERNATIONAUX. **Carta ao diretor da Biblioteca Nacional**. Bruxelas, 08 ago. 1913. (Biblioteca Nacional, 68,3,001-002).

SERVICE BELGE DES ÉCHANGES INTERNATIONAUX. **Carta ao diretor da Biblioteca Nacional**. Bruxelas, 14 out. 1913. (Biblioteca Nacional, Mss 68,3,001-002).

SILVA, Manoel Cícero Peregrino da. Relatório apresentado ao sr. Dr. Epitácio da Silva Pessoa: 1900. **Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro**, v. 23, p. 587-639, 1901. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/anais/anais_023_1901.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2013.

_____. Relatório apresentado ao sr. Dr. Sabino Barroso Junior: 1901. **Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro**, v. 24, p. 356-391, 1902a. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/anais/anais_024_1902.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2013.

_____. **Projecto de Regulamento para a Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro: 1902**. [Rio de Janeiro], 1902b.

_____. Relatório apresentado ao ar. Dr. José Joaquim Seabra: 1902. **Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro**, v. 25, p. 309-366, 1903. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/anais/anais_025_1903.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2013.

_____. A Bibliotheca Nacional em 1903. **Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro**, v. 26, p. 480-524, 1904. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/anais/anais_026_1904.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2013.

_____. A Bibliotheca Nacional em 1904. **Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro**, v. 27, p. 377-420, 1905. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/anais/anais_027_1905.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2013.

_____. A Bibliotheca Nacional em 1905. **Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro**, v. 28, p. 497-532, 1906. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/anais/anais_028_1906.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2013.

_____. A Bibliotheca Nacional em 1906. **Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro**, v. 29, p. 288-318, 1907. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/anais/anais_029_1907.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2013.

_____. A Bibliotheca Nacional em 1907. **Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro**, v. 30, p. 319-343, 1908. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/anais/anais_030_1908.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2013.

_____. A Bibliotheca Nacional em 1908. **Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro**, v. 31, p. 654-678, 1909. Disponível em:
<http://objdigital.bn.br/acervo_digital/anais/anais_031_1909.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2013.

_____. A Bibliotheca Nacional em 1909. **Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro**, v. 32, p. 746-774, 1910. Disponível em:
<http://objdigital.bn.br/acervo_digital/anais/anais_032_1910.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2013.

_____. A Bibliotheca Nacional em 1910. **Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro**, v. 33, p. 367-397, 1911. Disponível em:
<http://objdigital.bn.br/acervo_digital/anais/anais_033_1911.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2013.

_____. A Bibliotheca Nacional em 1911. **Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro**, v. 34, p. 648-684, 1912. Disponível em:
<http://objdigital.bn.br/acervo_digital/anais/anais_034_1912.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2013.

_____. A Bibliotheca Nacional em 1912. **Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro**, v. 35, p. 419-442, 1913a. Disponível em:
<http://objdigital.bn.br/acervo_digital/anais/anais_035_1913.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2013.

_____. Da remodelação por que passou a Bibliotheca Nacional e vantagens d'ahi resultantes. **Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro**, v. 35, p. 1-9, 1913b. Disponível em:
<http://objdigital.bn.br/acervo_digital/anais/anais_035_1913.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2013b.

_____. A Bibliotheca Nacional em 1913. **Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro**, v. 36, p. 664-689, 1914. Disponível em:
<http://objdigital.bn.br/acervo_digital/anais/anais_036_1914.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2013.

_____. A Bibliotheca Nacional em 1914. **Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro**, v. 37, p. 669-689, 1915. Disponível em:
<http://objdigital.bn.br/acervo_digital/anais/anais_037_1915.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2013.

_____. A Bibliotheca em 1919. **Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro**, v. 41-42, p. 304-331, 1919-1920. Disponível em:
<http://objdigital.bn.br/acervo_digital/anais/anais_041-042_1919_20.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2013.

_____. A Bibliotheca Nacional em 1920. **Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro**, v. 43-44, p. 226-246, 1921-1922. Disponível em:
<http://objdigital.bn.br/acervo_digital/anais/anais_043-044_1921-1922.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2013.

_____. **Carta ao secretário do Instituto Internacional de Bibliografia**. Rio de Janeiro, 21 mar. 1911. (Biblioteca Nacional, Mss 69,4,010).

_____. **Carta a Louis Masure, secretário do Instituto Internacional de Bibliografia**. Rio de Janeiro, 4 ago. 1913. (Biblioteca Nacional, Mss 69,4,012).

_____. **Carta ao chefe do Service Belge des Échanges Internationaux**. Rio de Janeiro, 12 nov. 1913. (Biblioteca Nacional, Mss 69,4,012).

_____. **Carta ao secretário do Instituto Internacional de Bibliografia.** Rio de Janeiro, 04 jul. 1911. (Biblioteca Nacional, Mss 69,4,010).

_____. **Carta ao secretário do Instituto Internacional de Bibliografia.** Rio de Janeiro, 12 ago. 1911. (Biblioteca Nacional, Mss 69,4,010).

_____. **Carta ao secretário do Instituto Internacional de Bibliografia.** Rio de Janeiro, 28 nov. 1911. (Biblioteca Nacional, Mss 69,4,010).

_____. **Carta ao secretário do Instituto Internacional de Bibliografia.** Rio de Janeiro, 11 jun. 1912. (Biblioteca Nacional, Mss 69,4,011).

_____. **Carta secretário do Instituto Internacional de Bibliografia.** Rio de Janeiro, 29 jul. 1912. (Biblioteca Nacional, Mss, 69,4,011).

_____. **Ofício ao ministro da Justiça e Negócios Interiores, Augusto Tavares de Lyra.** Rio de Janeiro, 29 mar. 1909. (Biblioteca Nacional, Mss 69,4,010).

_____. **Ofício ao ministro da Justiça e Negócios Interiores, Augusto Tavares Lyra.** Rio de Janeiro, 19 abr. 1909. (Biblioteca Nacional, Mss 69,4,010).

_____. **Ofício ao ministro da Justiça e Negócios Interiores, Rivadávia Corrêa.** Rio de Janeiro, 30 jul. 1913. (Biblioteca Nacional, Mss 69,4,012).

_____. **Ofício ao ministro da Justiça e Negócios Interiores, Rivadávia Côrrea.** Rio de Janeiro, 17 jul. 1913. (Biblioteca Nacional, Mss 69,4,012).

_____. **Ofício ao ministro da Justiça e Negócios Interiores, Rivadávia Corrêa.** Rio de Janeiro, 10 jun. 1911. (Biblioteca Nacional, Mss 69,4,010).

SILVA, Mario R. da. A catalogação decimal da Bibliotheca de Marinha. **Revista Marítima Brasileira**, v. 21, n. 7, p. 891-911, jan. 1902.

SOUZA, Aurelio Lopes de. A Bibliotheca em 1915. **Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro**, v. 38, p. 348-372, 1916. Disponível em:

<http://objdigital.bn.br/acervo_digital/anais/anais_038_1916.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2013.

_____. A Bibliotheca em 1916. **Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro**, v. 39, p. 656-681, 1917. Disponível em:

<http://objdigital.bn.br/acervo_digital/anais/anais_039_1917.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2013.

_____. A Bibliotheca Nacional em 1921. **Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro**, v. 43-44, p. 226-246, 1921-1922. Disponível em:

<http://objdigital.bn.br/acervo_digital/anais/anais_043-044_1921-1922.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2013.

VILLA-LOBOS, R. **Bibliotheca do Senado Federal da Republica dos Estados Unidos do Brazil**: I: Catalogo Alfabético. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1898.